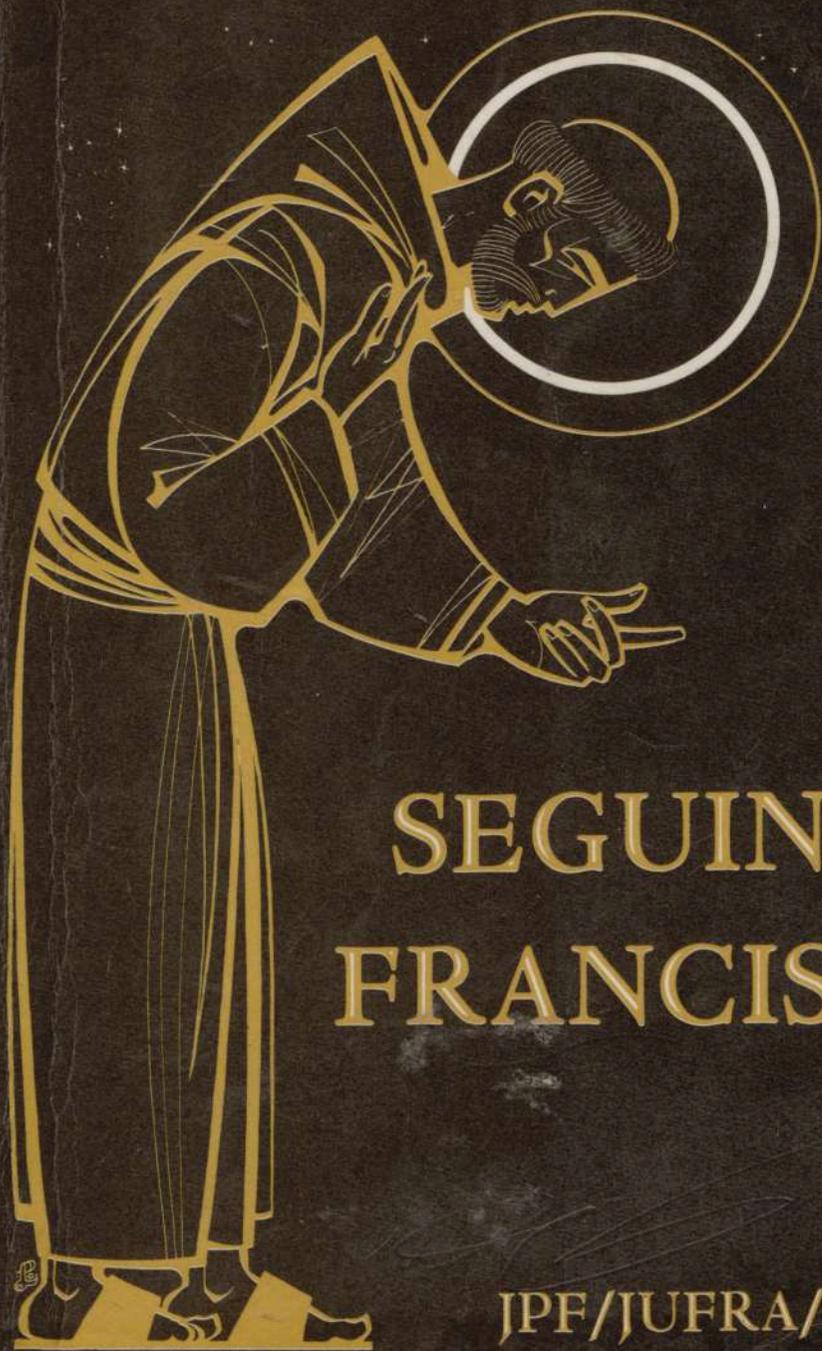


Frei Eurico de Mello



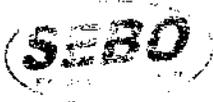
SEGUINDO
FRANCISCO

JPF/JUFRA/SEARA

Dentro da Ordem Franciscana Secular (OFS), a Juventude Franciscana (JUFRA) representa um impulso novo e vigoroso: é a própria multiseular Terceira Ordem de São Francisco que, na pujança de sua espiritualidade, abre as janelas de sua característica, continua a penetrar no seu recinto. No Brasil, esse trabalho já conhece 10 anos de um esforço, no qual a alegria de felizes descobertas estiveram aliadas às durezas de suados itinerários, cheios de longas procuras e, até, de dolorosos tateamentos.

Frei Eurico de Mello nasceu aos 22.8.1936, tornando-se capuchinho aos 25.3.1956, sendo ordenado sacerdote aos 28.7.1963. Em 1966, iniciou em Ponta Grossa uma experiência local de Juventude Franciscana. Em 1971, o Conselho Nacional da OFS, no Brasil, confiou-lhe o encargo de Assistente da JUFRA nacional, com a missão de articular, dentro da OFS, um esquema de organização e de formação de Juventude Franciscana. Formada a Equipe Nacional em 1971, a mesma se deu ao trabalho de treinar 12 Equipes Regionais que, depois, alastrariam o movimento junto às fraternidades locais do país. Presidiu aos três primeiros congressos nacionais de Juventude Franciscana, — os Congressos da Formação da JUFRA nacional, — entregando o cargo de Assistente Nacional no final do terceiro Congresso, celebrado em Salvador (Bahia), em janeiro de 1977. Atualmente, desenvolve intensa atividade junto à Juventude Franciscana da 9ª Região (Paraná e Santa Catarina).

SEGUINDO FRANCISCO



COMPRA VEN e TROCA

Limpeza

SEBO

PHS

SEBO

FONE

E-mail: sebo@sebo.com.br

PONTA GROSSA

FICHA CATALOGRÁFICA

Mello, Eurico de. SEGUINDO FRANCISCO.
M 477 t Ponta Grossa, Instituto de Previdência Fraternal, 1979.
228 p. ilustr. Col. Poverello,17

CDU271.3
271.3 O.F.S.

SEGUINDO FRANCISCO

I. Postulado dos jovens na OFS

Primeiro Nível

**IPF – Instituto de Previdência Fraternal
JUFRA – Juventude Franciscana.**

**SEARA
Rua Teixeira Mendes, 315 - Fone: 24.1130
84.100 - Ponta Grossa - Bairro Uvaranas - PR**

Coleção Poverello

Coordenação: Rovílio Costa

1. Irineu Costella. *Seja louco como Francisco*, 3ª ed., 1977.
2. Maria Lopez Vigil. *Francisco, um homem alegre e livre*, 1976.
3. SERPAL. *Mensagens para o nosso tempo*, 1976.
4. Luís Carlos Susin. *Altíssimo, onipotente, bom Senhor*, 3ª ed., 1979.
5. Maria L. Vigil. *Francisco, um homem alegre e livre*, 1977.
6. JUFRA. *Em Francisco a natureza tem coração*, 1976.
7. Achylles N. Chiappin. *A admirável personalidade psicológica de Francisco*, 1976.
8. CEFEPAL SUL - 3. *Correspondência franciscana*, 3ª ed., 1978.
9. Irineu Costella e Pedro Salame. *Irmã Clara Maria*, 1977.
10. Irineu Costella. *Seja louca como Clara*, 2ª ed., 1979.
11. Adelino G. Pilonetto. *Francisco de Assis, 750 anos após*, 1978.
12. Ildo Giordani. *Vocação, o caminho de todos*, 1977.
13. Pascoal Riwalski. *Quero falar com meus irmãos*, 1977.
14. Omer Englebert. *Vida de São Francisco de Assis*, 1978.
15. JUFRA. *Caminhos da juventude franciscana*, 1978.
16. Lázaro Iriarte. *Letra e espírito da Regra de Santa Clara*, 1979.
17. Mello, Eurico de. *Seguindo Francisco*, 1979.

APRESENTAÇÃO

Após alguns anos de experiência em que TESTAMOS nossos instrumentos, OUVIMOS a CRÍTICA de muitos observadores, e pudemos APALPAR RESULTADOS os mais diversos de nosso trabalho, estamos em condições de elaborar novo modelo de T. B. J. com mais realismo e com muito maior adaptabilidade à situação de nossos jovens nas Fraternidades de JUFRA da Ordem Franciscana Secular.

Entregamo-nos, portanto, a esse trabalho, elaborando NOVO MODELO de Treinamento e Tirocínio Básico, que representa a fase de iniciação, ou POSTULADO na ordem. Pareceu-nos que o Treinamento e Tirocínio Básico deva ser ministrado de maneira mais progressiva, para que a assimilação do mesmo seja mais eficaz. Dessa forma, julgamos melhor elaborá-lo para ser ministrado em vários níveis, ou etapas. Para tanto, fizemos algumas experimentações, e dividimos o Básico em quatro níveis. Ao mesmo tempo buscamos franciscanizá-lo mais e evitamos algumas dificuldades que nosso primeiro modelo vinha apresentando, como, por exemplo, um excessivo tecnicismo, ou, pelo menos, a aparência de excessivo tecnicismo.

Nosso NOVO MODELO de T. B. J. e seu Tirocínio é mais prático, mais "nosso", mais penetrado de vivência, elabora do mais a partir de nossa própria experiência e reflexão. Imitamos menos e criamos mais. Buscamos adatar o Treinamento à situação e à capacidade de nossos jovens, e não os jovens à elaboração preconcebida de nossos esquemas. Dependemos menos da realidade de outras experiências de Treinamento semelhantes à nossa, e apoiamo-nos mais em nós mesmos, nos resultados de nossas descobertas.

Nosso trabalho de re-elaboração procurou levar em consideração a decisão tomada pelo III Congresso Nacional da JUFRA no Brasil que assim diz: "As Equipes Pilotos devem ter liberdade para modificar e alterar o roteiro do T. B. J., desde que saibam o que estão fazendo e porquê estão fazendo, levando em conta que o T. B. J. não é um aglomerado eclético de assuntos vários, mas se articula interiormente co-

mo um TODO unitário no qual cada parte supõe e implica simultaneamente todos os demais fatores que compõem o Treinamento.. Procuramos um T.B.J. melhor... e procurá-lo-emos sempre. Nossos métodos, nossas técnicas, nossos roteiros e nossas temáticas são sempre relativos. É uma riqueza para a JUFRA a pluralidade de roteiros, temáticas e dispositivos metodológicos, desde que o espírito de nossos treinamentos se mantenha em sua unidade interior". (Cfr. Atas do III Congresso Nacional da JUFRA no Brasil).

Fazemos essa re-elaboração em vista do trabalho que desenvolvemos na IXa. Região (= Paraná e Santa Catarina) da OFS no Brasil, mas a colocamos ao dispôr da própria Equipe Nacional da JUFRA, para que a divulgue, se julgar oportuno, entre outras Regiões de nosso país. Esperamos, com isso estar servindo a todos com alegria, com humildade, despreendimento e indo ao encontro das reais necessidades de nossas fraternidades de JUFRA na Ordem Franciscana Secular do Brasil.

Ponta Grossa, dia 22 de agosto de 1979

FREI EURICO DE MELLO, OFMCap.

Assistente Regional da JUFRA na Nona Região

PRINCÍPIOS QUE JUSTIFICAM A JUFRA DENTRO DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

1. A JUFRA existe por INICIATIVA da OFS. Foi criada pela OFS como MODALIDADE que permitisse aos JOVENS, dentro da mesma, viver o IDEAL FRANCISCANO SECULAR com ESTILO e CARACTERÍSTICAS próprias, inclusive com CERTA AUTONOMIA de governo. Em última instância, porém, o governo sobre a JUFRA compete ao governo da própria OFS, o qual, nesse caso, governa a JUFRA mediante SECRETARIADOS executivos. A JUFRA também realiza suas próprias assembleias - os Congressos - mas o poder legislativo sobre a mesma compete, de igual modo, à própria assembleia da OFS. Por conseguinte, é preciso que se tenha bem firme essa tese: NÃO TEM SENTIDO UMA JUFRA DESLIGADA DA OFS ou QUE NÃO LEVA À OFS. X

2. A OFS não é um "movimento" como os movimentos de Igreja que hoje conhecemos, extraordinariamente florescentes, mas é uma FRATERNIDADE, uma ORDEM, ou seja, uma comunidade eclesial que possui personalidade jurídica em foro eclesiástico. Como verdadeira ORDEM, - embora constituída por leigos seculares, e não por religiosos - rege-se pelo direito da Igreja Universal, e não pelo direito da Igreja Particular. Exerce, é verdade, sua ação na Igreja Particular, e, nesse campo, deixa-se conduzir pela orientação de seus agentes, mas sua espiritualidade característica é uma espiritualidade de Igreja Universal, que deve marcar sua ação na Igreja Particular. É confiada à assistência pastoral dos Ministros da 1.ª Ordem de São Francisco, e, como a 1.ª Ordem, liga-se diretamente à jurisdição da Sé Romana. A Jurisdição, portanto, sobre a OFS compete à própria Sé Romana, que a exerce mediante os Ministros da 1.ª Ordem de São Francisco, os quais nomeiam ASSISTENTES da OFS, que exercem esse cargo em seu nome.

3. O governo da Ordem Franciscana Secular compete a os próprios irmãos da Ordem Secular, e não aos irmãos da

1a. Ordem. A esses compete a assistência pastoral. E' um compromisso de família, e, como se trata de uma Ordem constituída por leigos, a presença do presbítero em sua hierarquia é necessária para a existência válida da fraternidade. A presença do prebítero, membro da 1a. Ordem (= que age em nome de seu ministro provincial) faz a ligação da Ordem Secular, seja com a Hierarquia da 1a. Ordem, seja com a Hierarquia da Igreja, e isto lhe dá condições para existir juridicamente como verdadeira Ordem de Leigos na Igreja.

4. A vida na 3a. Ordem, embora se trate de uma Ordem Secular, supõe nos membros verdadeira vocação para a radicalidade evangélica. Os fiéis, em geral, mesmo fervorosos, não são convidados à vida na Ordem Secular, mas tão somente aqueles que apresentam sinais de verdadeira vocação para viverem em Fraternidade. Na mente de São Francisco, a Ordem Secular é um ideal de radicalidade evangélica análogo ao ideal da vida religiosa. E' um ideal de vida secular que se aproxima do ideal da vida religiosa. Na Ordem Secular, como na vida religiosa, os leigos seculares também são chamados a um "estado de perfeição", ou seja, de radicalidade evangélica.

5. À partir dos 15 anos o leigo secular que revela sinais de vocação para a vida franciscana em fraternidade, pode ser admitido na OFS. A JUFRA - que exige a idade mínima de 17 anos - é uma modalidade interna da fraternidade que agrupa e organiza seus membros jovens (= antes do casamento) de tal forma que o grupo deles viva com ESTILO e CARACTERÍSTICAS próprias, bem como certa autonomia de governo. Nos lugares onde funciona os grupos dos adultos e dos jovens, o que existem não são duas fraternidades, mas uma só fraternidade pluriforme. E nos lugares onde a fraternidade, transitóriamente, é constituída só de jovens, à partir do momento em que eles passam a preencher todas as condições para a existência legal de uma fraternidade de OFS, eles são também verdadeira fraternidade de OFS.

6. A JUFRA é uma categoria de faixa interna da Fraternidade de OFS. JUFRA e OFS são, na verdade, a única OFS, com unidade pluriforme. Fica mais correto, portanto, se o termo "JUFRA" fôr empregado apenas em faixa interna da fraternidade. Na faixa externa, "JUFRA" e "jufristas" devem ser apresentados e conhecidos como "OFS" e "franciscanos seculares", ou seja, a 3a. Ordem de São Francisco e seus membros.

7. Embora com estilo e características próprias e com

certa autonomia de governo, a JUFRA faz tudo o que precisa ser feito para que uma fraternidade de OFS seja legalmente fraternidade, e o jufrista assume tudo o que o franciscano secular assume para ser legalmente membro da 3a. Ordem de São Francisco.

8. Na JUFRA o jovem faz o postulado, o noviciado e a profissão, conforme se faz na ala adulta da OFS. Em se tratando de jovens, porém, esse itinerário é feito com mais exigências, mais aprofundamentos. Durante o postulado, o jovem faz o TREINAMENTO BÁSICO e seu TIROCÍNIO; durante o noviciado, o TREINAMENTO de INICIAÇÃO e seu TIROCÍNIO; e com a profissão, ele realiza, anualmente, um TREINAMENTO de Renovação com correspondente TIROCÍNIO





O INTINERÁRIO DE FORMAÇÃO DOS JOVENS NA ORDEM SECULAR

Na Juventude Franciscana (= JUFRA) o jovem jufris-
ta percorre um itinerário constante de CONSCIENTIZAÇÃO
e ENGAJAMENTO, que corresponde a três etapas. Cada uma
dessas etapas inicia-se por um TREINAMENTO específico e
é acompanhado por um TIROCÍNIO de engajamento e interio-
rização, correspondente à tríplice fase tradicionalmente
conhecida na Ordem Franciscana Secular (= OFS): o POSTU-
LADO, o NOVICIADO e a PROFISSÃO.

O III Congresso Nacional da Juventude Franciscana,
celebrado em Janeiro de 1977 em Salvador, Bahia, decla-
rou que, no Brasil, "todo o trabalho de Juventude Fran-
ciscana até hoje realizado e a se realizar, teve e deve-
rá continuar tendo os seguintes objetivos:

1º Despertar os jovens para a vivência do carisma
franciscano, criando-lhes condições para que vivam o Evan-
gelho no contexto da realidade atual, tentando imitar o
que fez São Francisco no contexto de sua realidade sócio-
religiosa, pois cremos que, dessa forma, estamos indo
ao encontro dos anseios do homem moderno. Como Francisco,
apoiados na graça de Deus, que se revela na fraqueza da
criatura humana, buscaremos editar de novo o Evangelho.

2º Renovar o franciscanismo secular, criando uma
autêntica figura sócio-religiosa da personalidade fran-
ciscana secular em meio aos valores da sociedade atual".
(Cfr Atas do III Congresso Nacional da JUFRA).

Para atingir esses objetivos, o III Congresso da
JUFRA diz que escolhemos os seguintes caminhos:

1º O Itinerário de Formação do Tríplice Treinamen-
to - T.B.J., T.I.F. e T.R.F. - com seus respectivos Ti-
rocínios, aos quais devemos constanemente questionar, re-
visar e adaptar às novas situações que forem surgindo.

2º A constituição, dentro do Franciscanismo Secular, de uma Fraternidade específica para Adolescentes, Jovens e Adultos com INDOLE e CARACTERÍSTICAS próprias. Essa Fraternidade quer estar unida a todas as famílias franciscanas na UNIDADE do mesmo carisma de Francisco, mas, ao mesmo tempo, deseja ser AUTÔNOMA na PLURIFORMIDADE de expressões próprias da natureza desse mesmo carisma.

3º Assumindo, na linha de frente, o trabalho pastoral da Igreja, marcando as iniciativas da pastoral local com as características de universalidade de nosso carisma franciscano." (Cfr. Atas do III Congresso Nacional da JUFRA).

Nosso trabalho com a JUFRA, no Brasil, faz parte de um PLANO NACIONAL de implantação, elaborado pelo II Congresso Nacional, visualizado no assim chamado itinerário da Tríplice Pirâmide, e que não se limita apenas à JUFRA, mas começa com a MINI-JUFRA e caminha para a formação de Fraternidades de Adultos da OFS.

O Itinerário da Tríplice Pirâmide visualiza, em primeiro plano, a Mini-JUFRA com seus três Mini-Treinamentos e respectivos Mini-Tirocínios. Entre a Mini-JUFRA e a pirâmide dos adultos, situa-se a JUFRA, com seus Treinamentos e Tirocínios conforme já falamos. Nesse plano a JUFRA foi a ponta-de-lança. Partimos da JUFRA para chegar à Mini-JUFRA e à OFS (= adultos).

Cada etapa do Itinerário de formação na JUFRA inicia-se por um Treinamento que assim se distinguem:

1º TREINAMENTO BÁSICO (= T.B.J.), que representa o início da Etapa de PRIMEIRO CONTATO ou POSTULADO, na qual o Franciscanismo é assimilado enquanto HUMANISMO;

2º TREINAMENTO DE INICIAÇÃO (= T.I.F.), que representa o início da Etapa de DESCOBERTA E APRENDIZAGEM ou NOVI-CIADO, na qual o Franciscanismo é assimilado enquanto Cristianismo;

3º TREINAMENTO DE RENOVAÇÃO (= T.R.F.), que representa a Etapa de COMPROMISSO DE VIDA, ou FORMAÇÃO PERMANENTE, quando o jovem é recebido à profissão franciscana. Aí o Franciscanismo começa a ser assimilado como Franciscanismo.

O Treinamento é um PONTO DE PARTIDA, momento INICIAL

INTENSIVO e PRIVILEGIADO de formação e vivência, ao qual segue-se um TIROCÍNIO de interiorização e vivência, de duração aproximada de um ano. O TIROCÍNIO compreende um programa triplo:

1º DOCTRINA - Os jovens se reúnem para estudo de determinada matéria. Busca conhecer a doutrina cristã e franciscana sobre Deus, o mundo e o homem.

2º FRATERNIDADE - Os jovens se reúnem em reuniões cujo objetivo é o desenvolvimento da vida em fraternidade, o cultivo dos valores fraternos.

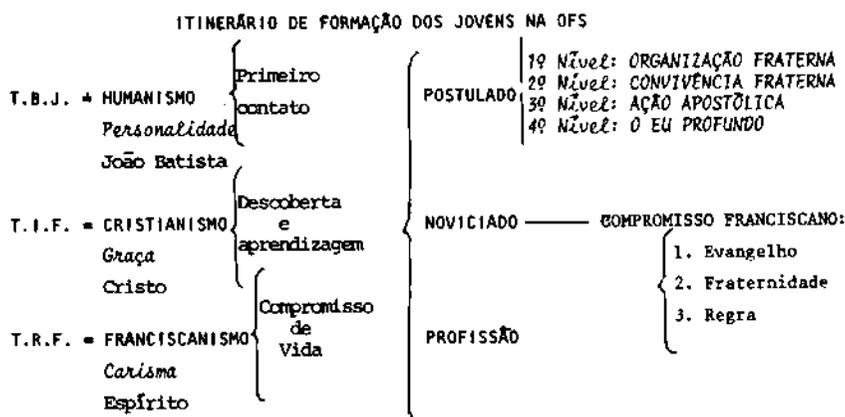
3º AÇÃO PASTORAL - Os jovens são engajados na pastoral da Igreja local. Para tanto são-lhes ministrados conhecimentos de ação apostólica, metodologia de apostolado, planos de ação apostólica, em modo particular com os próprios jovens e com os pobres.

Normalmente o T.B.J. e o T.I.F. são feitos uma só vez. O T.R.F. realiza-se sempre de novo, uma vez por ano, e por esse recurso aprofunda-se, progressivamente, a cosmovisão filosófico-teológica recebida no T.I.F. e seu tirocínio.

O T.B.J. treina a dimensão humana da personalidade do jovem, buscando harmonizá-la para a convivência fraterna profunda, porque nós, franciscanos, somos os MÍSTICOS da fraternidade. O T.I.F. treina a dimensão cristã. E o T.R.F. treina a dimensão franciscana. O T.B.J. põe em funcionamento a dinâmica da PERSONALIDADE humana. O T.I.F. põe em funcionamento a dinâmica da GRAÇA. E o T.R.F. põe em funcionamento a dinâmica do carisma que o Senhor deu à sua Igreja por meio de Francisco.

O T.B.J. é trabalho de João Batista, que prepara no deserto os caminhos do Senhor. O T.B.J. lida com o terreno humano da personalidade, para remover os obstáculos aí existentes à invasão do Reino de Deus. Prepara o terreno para a sementeira. O T.I.F. é trabalho de Jesus que invade os territórios da personalidade humana a fim de cristificar o homem com a intervenção da graça. É a sementeira. Finalmente, o T.R.F. é o trabalho do Espírito Santo que age na Igreja através dos carismas, entre os quais o carisma de Francisco de Assis. É a colheita. É um trabalho de "especialização" cristã em determinada maneira de "seguir Cristo", a maneira seráfica, franciscana.

O jovem franciscano secular deve ser um líder de vivência cristã em profundidade. Mas não só: deve assumir um carisma específico, o carisma franciscano, que ESPECIALIZA, ou EXPLICITA uma "certa maneira" de ser cristão. Esse carisma nós o definimos, geralmente (= sem exotá-lo nessa definição), como FRATERNISMO MINORÍTICO. Ele conduz a uma profunda maneira de viver em Fraternidade e nos impele a servir a Igreja e o mundo principalmente lá onde essa prestação de serviço é mais difícil, mais árdua, e onde outros geralmente se recusam.



INSTRUÇÕES SOBRE A MANEIRA DE MINISTRAR O TREINAMENTO EM 1º NÍVEL

1. Quando se trata de treinar um grupo novo em lugar onde não existe JUFRA nem fraternidade de OFS, é necessário que se verifiquem as seguintes condições:

a) Negociação com a FRATERNIDADE da 1a. Ordem junto à qual se deseja criar uma Fraternidade de OFS. As Fraternidades de OFS são criadas junto às fraternidades da 1a. Ordem de São Francisco. É absolutamente indispensável que a decisão para treinar um grupo de jovens da 3a. Ordem, nesse caso, seja tomada pela própria Fraternidade, em não por este ou aquele religioso em particular. A Equipe Piloto poderá exigir um comprovante escrito dessa decisão.

b) Quando a Fraternidade Local de 1a. Ordem deu seu voto favorável ao treinamento do grupo de jovens da 3a. Ordem, o superior Local deverá obter do Bispo Diocesano uma declaração de que nada impede, da parte do mesmo, que se crie, naquele lugar o grupo de jovens da 3a. Ordem o qual, finalmente, será erigido canonicamente em Fraternidade oficial da 3a. Ordem. A Equipe Piloto também poderá exigir cópia dessa declaração diocesana. Não é o Bispo que "autoriza" a criação da fraternidade, mas cabe a ele declarar que nada impede que isso seja feito.

c) Com a declaração diocesana, segundo a qual nada impede que inicie a criação da fraternidade, o Superior Local recorre ao seu Ministro Provincial, e pede a "AUTORIZAÇÃO". Compete ao Ministro Provincial "autorizar" a criação de uma nova fraternidade de OFS. Seu rescrito é essencial. A Equipe Piloto poderá, de igual modo, exigir cópia desse rescrito dado pela autoridade da 1a. Ordem.

2. A negociação dos treinamentos é feita pelo Sub-Secretário do Departamento de Assessoria Técnica da Equipe Nacional, Regional ou Distrital. Nenhum Treinador credenciado

pela Equipe Piloto pode assumir um Treinamento independentemente da decisão do Departamento de Assessoria Técnica.

3. Quando se trata de treinar um grupo de JUFRA num lugar onde já existe a fraternidade de OFS, essa decisão, bem como a seleção dos jovens para o treinamento é feita pela própria fraternidade de OFS e não pela fraternidade da 1ª Ordem, e, nesse caso, a assistência dos jufristas, de direito, compete ao próprio Mestre de Noviços da Ordem, a não ser que o Conselho decida diversamente.

4. A seleção dos jovens para o treinamento é um ponto que exige muita cautela. Esse trabalho é da responsabilidade e competência dos Departamentos de Vivência Fraterna e Formação do Secretariado Executivo Local, os quais, para tanto, precisam ouvir o parecer do Assistente e da própria fraternidade. Nenhum jovem pode ser aceito ao treinamento se não trazer sua ficha devidamente credenciada por esses dois departamentos. As condições são as seguintes:

- 1a. Idade mínima de 17 anos.
- 2a. Boa saúde psicológica e bom nível de integração social.
- 3a. Jovens que estão levando a vida a sério do ponto de vista de preparação para o futuro.
- 4a. Jovens que possuem bom nome no lugar em que são conhecidos no dia a dia.
- 5a. Jovens que revelam bom nível de vivência cristã, possivelmente jovens que já foram iniciados em movimentos leigos de vivência cristã profunda.
- 6a. Jovens que se revelam idôneos para a vida em fraternidade, disponibilidade para servir, fervorosa disposição de doação a Deus, amor aos pobres, sobriedade de vida.

5. O Treinamento Básico é ministrado em 4 níveis. O 1º nível exige 24 horas de treinamento, isto é, três dias de estudo com cinco sessões diárias, sendo que cada sessão pode ocupar o espaço de até 90 minutos. Não é necessário que os três dias do treinamento sejam consecutivos, nem que os jovens sejam internados, embora essa fosse a solução ideal e, quando possível, deve ser preferida. Pode-se ministrar o treinamento em dias alternados, ou em períodos noturnos, total ou parcialmente, como, por exemplo, em três domingos consecutivos, ou em dois fins de semana, começando-se as sessões após o meio dia dos sábados.

6. Nas primeiras cinco sessões (* primeira parte do treinamento) o MONITOR (= treinador) assume todas as lideranças e basaa desempenha-as de maneira didática, ministrando, incidentalmente, oportunas instruções sobre a maneira de exercer lideranças em grupos. A partir da 6a. sessão (= início da segunda parte), as lideranças passam a serem desempenhadas pelos participantes, exceto as de Explícitador e de Monitor. Tenha o Monitor especial cuidado, nas primeiras cinco sessões, quando exerce a liderança de Secretário, para que o grupo tome consciência muito exata e muito séria quando vota as normas de vida em fraternidade.

7. O Treinador é EXPLICITADOR e MONITOR. Como Explícitador serve ao grupo na dinâmica de PENSAMENTO. Como Monitor serve ao grupo na dinâmica de REUNIÃO FRATERNA. O mais difícil para o Treinador é a liderança de Monitor, sobretudo quando o grupo tende a ser indisciplinado, quando cai em impasses, ou quando custa assimilar e traduzir na prática a dinâmica de reunião e de pensamento.

8. O primeiro nível do Básico compreende três partes:

a) *Exigências elementares da vida em fraternidade (= da 1a. à 5a. sessão)*

b) *Dinâmica de Reunião e Pensamento, ou seja, aprender a fazer reunião e a tratar assuntos em reunião (= da 6a. à 8a. sessão).*

c) *A articulação de um grupo fraterno, ou seja, articulação da vida numa fraternidade franciscana (= da 9a. à 15a. sessão).*

NOTA - Quando o treinamento é ministrado em dias alternados, não convém que as sessões que compõem cada uma dessas três partes fiquem distantes uma da outra no tempo em que são dadas.

9. O Treinador, no treinamento, e mesmo antes de iniciá-lo, precisa ter bem presente uma série de cautelas importantes:

a) *Que cada participante tenha sua ficha preenchida devidamente, e esteja credenciado pelos Departamentos de Vivência Fraterna e Formação. Caso contrário não poderá ser aceito ao Treinamento. Não faça excessões.*

b) Que o Assistente participe do Treinamento, nos casos em que se treina um grupo novo, a não ser que esse Assistente, alhures, já tenha sido treinado. Ao fazer a negociação, a Equipe Piloto deve ter bem presente esse detalhe, exigindo, inclusive, uma declaração do Assistente, em que se compromete a participar integralmente.

c) Examine antecipadamente a sala do Treinamento. O ambiente deve ser suficientemente espaçoso, confortável, agradável, com quadro negro, espaço para movimentação dos participantes, cadeiras que facilitem os apontamentos e as deslocamentos exigidas pelas recreações grupais.

d) Cadeiras dispostas em semi-círculos de modo que os participantes possam ver-se comodamente.

e) Nunca se dirija a um participante sem chamá-lo pelo nome. Se não conhece os participantes pelo nome, ou, mais ainda, se os próprios participantes não se conhecem a todos ou a alguns pelo nome, providencie para que todos usem um crachá bem visível e legível.

f) Treinando pessoas para a vida grupal fraterna, o Treinador precisa ser modelo de tratamento interpessoal, na vida grupal fraterna.

g) O número ideal de participantes no treinamento de 1º nível fica entre 12 e 17 participantes.

h) O Treinador jamais deverá deixar de fazer o relatório do Treinamento, conforme ficha-modelo fornecida pelo Departamento de Assessoria Técnica.

GLOBOGRAMA DO PRIMEIRO NÍVEL

Primeira Parte:

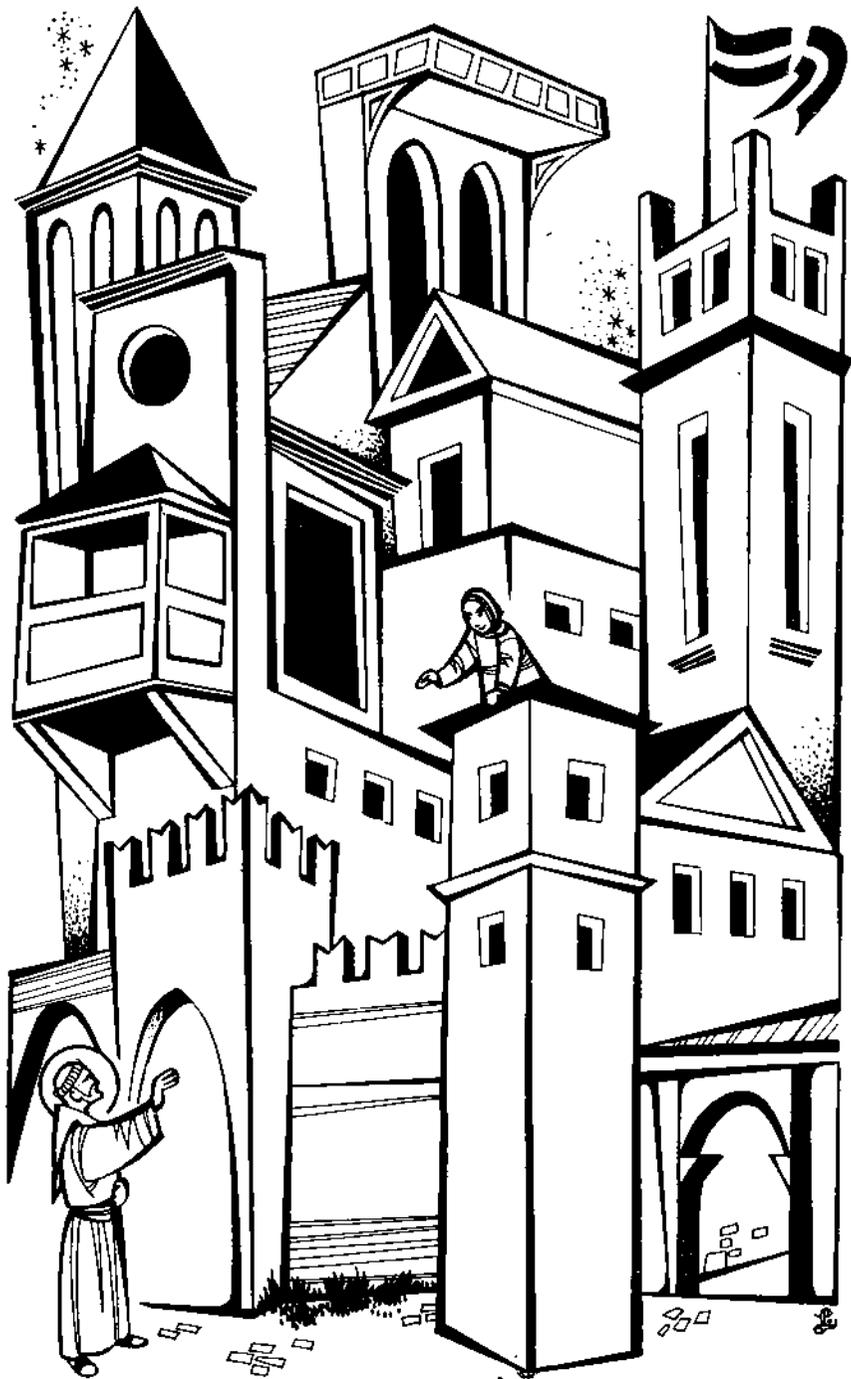
1. Introdução à Mística Franciscana
2. Introdução ao Treinamento Básico
3. O Ideal Franciscano de Vida
4. Equipes de Entre-Ajuda fraterna
5. A Regra de jogo do fraternismo franciscano

Segunda Parte:

6. Dinâmica de Reunião do grupo fraterno
7. Dinâmica de Pensamento do grupo fraterno
8. Para explicitar assuntos e programar atividades

Terceira Parte:

9. A JUFRA no quadro geral da Ordem Franciscana
10. O Compromisso Franciscano de Vida.
11. O governo da JUFRA na Ordem Secular.
12. Fluxograma de Admissão na Ordem
13. Treinamentos e Tirocínios na Ordem
14. As crises na vida de um grupo
15. O quadro de irmãos e eleição do Secretariado.



Primeira Parte:

EXIGÊNCIAS ELEMENTARES DA VIDA EM FRATERNIDADE

1. *Introdução à Mística Franciscana*
2. *Introdução ao Treinamento básico*
3. *O Ideal Franciscano de Vida.*
4. *As Equipes de Entre-Ajuda fraterna*
5. *A Regra de jôgo do Fraternismo Franciscano*

*Primeira Sessão***INTRODUÇÃO À MÍSTICA FRANCISCANA**

Fazemos, com esse treinamento, aos que estiverem interessados, a proposta do MODELO FRANCISCANO DE VIDA, porque cremos nesse modelo e o amamos, e estamos convencidos de que ele vai ao encontro dos anseios do homem moderno. O modelo franciscano de vida, descoberto por São Francisco de Assis, é o MODELO FRATERNO. Diz-se "modelo fraterno", porque nele a FRATERNIDADE é um valor central, e possui finalidade INTRINSECA. Não fazemos proposta para uma VIDA EM GRUPO, mas para uma VIDA EM FRATERNIDADE. Que significa isso?

O GRUPO é uma realidade social possível em base às forças naturais do homem. Os homens se agrupam, de modo geral, por um dos cinco motivos que agora vamos expor, ou melhor, levando em conta uma dessas cinco fontes de atração interpessoal:

1. Afetividade sexualizada: duas pessoas de sexo diferente se unem para as alegrias da vida conjugal. É o grupo dos namorados, dos noivos, dos esposos. É o grupo conjugal. A força que os une é o afeto sexualizado.

2. Consangüineidade: aqueles que nascem do grupo conjugal, sentem entre si um tipo de atração que os une de maneira muito forte. A força é o sangue comum. Os une no grupo familiar: irmãos e irmãs, pais e filhos.

3. Afinidade: pessoas, mesmo de sexo diferente, sentem-se atraídas por um sentimento que não é o sexo e nem o sangue. Em base a esse sentimento, formam o grupo de AMIZADE, que nasce da AFINIDADE. A afinidade é uma espécie de parentesco espiritual. Os que possuem afinidade entre si são pessoas cujas "vibrações psíquicas" vibram segundo um mesmo ritmo. Por isso sentem-se atraídas umas para as ou-

tras por uma força poderosíssima, profundamente coesiva, e esta é a amizade. Formam o grupo dos AMIGOS.

4. Raça e Pátria. A experiência de pátria e de raça também se transforma em força coesiva que une pessoas. Pessoas da mesma pátria, sobretudo quando se encontram em pátria estranha, sentem profunda força que as une entre si.

5. Interesses. Pessoas cujos interesses são comuns, de igual modo, tendem a se aproximarem e se agruparem. Os que gostam do esporte unem-se aos que sentem o mesmo gosto. Os que gostam da arte procuram os que praticam a arte. Os que trabalham na mesma firma, os que dirigem a mesma indústria unem-se e dividem, embora essa seja uma forma de união entre pessoas muito superficial.

Todos esses cinco tipos de agrupamentos entre pessoas derivam de forças naturais que nascem com o homem. A FRATERNIDADE é uma realidade social que não pode ser construída unicamente em base às forças naturais do homem. O homem, naturalmente, não é capaz de se unir fraternalmente aos outros homens. Para "ser fraterno", o homem precisa de uma intervenção sobrenatural de Deus - Ser Libertador - que intervenha nas suas energias psíquicas, fazendo aí um processo de transformação, de revolução, de páscoa. A vida em fraternidade só é possível porque fora e acima de nós existe este SER LIBERTADOR, que pode invadir-nos. Se nós fechamos para Ele, e impedimos sua invasão em nós, se não deixamos que Ele tome conta de nós, a vida em fraternidade é impossível.

Por conseguinte, se o objetivo de nosso treinamento é treinar pessoas para a VIDA EM FRATERNIDADE, significa que, em última análise, o que visamos é treinar pessoas para a abertura à invasão do Deus de Nosso Senhor Jesus Cristo, Deus Pascal que nos liberta verdadeiramente. A Experiência fraterna só é possível na medida em que fazemos profunda experiência de Deus em nossa vida, aceitando uma dinâmica intensa de conversão e penitência.

Propomos, pois, o MODELO FRATERNAL descoberto por São Francisco de Assis!

Em que consiste o modelo fraterno de Francisco?

Esse Modelo nasceu nas MONTANHAS (= tempos longos e frequentes gastos na solidão total com Deus) e nas ESTRADAS (= pregação da penitência, da conversão, e dedicação

ao serviço dos necessitados (= leprosos). Mas entre a MONTANHA e a ESTRADA bem depressa surgiu a CABANA (= vida entre os irmãos, construindo juntos a novidade de um lar feliz). Essa cabana chamava-se ERMITÉRIO, e, bem no começo, era apenas uma espécie de barraco, muito pobre. Nele, Francisco e seus primeiros companheiros viviam muito apertadamente, mas viviam como num LAR, onde cada um se esmerava por amar e cuidar do outro como a mãe ama e cuida do seu filho segundo a carne.

Essa "tríade" formada pela MONTANHA e pela ESTRADA, girando ao redor do eixo da CABANA, constituía a faixa interna do modelo fraterno de Francisco. O Modelo, porém, comportava uma faixa externa, isto é, a tríade do modelo fraterno de Francisco assentava-se sobre uma SAPATA de concreto armado, muito sólida, rochedo inabalável; a obediência e reverência aos "pastores" da Igreja. A SAPATA, no modelo franciscano, representa o compromisso com a IGREJA, como a CABANA representa o compromisso com os irmãos, a MONTANHA o compromisso com DEUS e a ESTRADA, o compromisso com o MUNDO.

Na elaboração desse modelo Francisco inspirou-se naquilo que há de essencial na experiência de Jesus e os Doze. Com o Modelo que descobriu, Francisco quis pagar o preço de uma vida evangélica radical. Ele quis assumir pura e simplesmente o gênero de vida de Jesus, tal como se observa no Evangelho.

O Itinerário de formação que se inicia com esse treinamento Básico, tem por finalidade formar pessoas que se sentem atraídas a encarnar em nossos dias, o Modelo de Vida Fraterna de São Francisco de Assis. O Compromisso de Fraternidade é o EIXO ao redor do qual giram os demais compromissos franciscanos: o compromisso com Deus, com a Igreja e com o Mundo.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Que significa a expressão: "a fraternidade possui FINALIDADE INTRÍNSECA"?
2. Por que motivo "ser grupo" não é o mesmo que "ser fraternidade"?
3. Quantas e quais as fontes de energia em base às quais, no plano natural, as pessoas se agrupam?
4. Qual a fonte de energia em base a qual a vida em fraternidade.

se torna possível entre os homens?

5. Qual a condição pela qual a experiência fraterna entre nós, se torna possível?
6. Em que consiste o Modelo Fraternal de São Francisco?
7. O que se quer indicar com os conceitos MONTANHA, ESTRADA, CABANA e SAPATA no Modelo Fraternal de São Francisco?
8. Quais elementos constituem o Modelo Fraternal de São Francisco em faixa interna?
9. Qual o elemento de faixa externa do Modelo Fraternal de São Francisco?

Segunda Sessão

INTRODUÇÃO AO TREINAMENTO BÁSICO

O Treinamento Básico se diz "básico" porque centraliza seu esforço no compromisso básico do Ideal Franciscano: o compromisso de vida fraterna! Ele compreende quatro níveis, ou melhor, é ministrado em quatro níveis:

1º Nível - conhecimento das exigências elementares da vida de fraternidade, aprender a fazer reunião e a tratar assuntos em reunião, articulação de um grupo fraterno.

2º Nível - os relacionamentos interpessoais de irmão para irmão dentro da Fraternidade.

3º Nível - a ação apostólica na Igreja e no mundo.

4º Nível - os problemas íntimos da fraternidade, digo, da personalidade.

Em cada um desses níveis, o T.B.J. treina três dinâmicas:

PESSOAL - Por dinâmica pessoal entendemos o treinamento para a mudança de vida do indivíduo. Buscamos fazer de cada indivíduo um centro de energias, uma fonte inexgotável, uma chama que ilumina e que arde, um foco irradiador, uma

consciência pensante e uma vontade enérgica, um centro libertador. Conduzimos pessoas a se emanciparem e se libertarem dos laços que as amarram. O treinamento desenvolve dons talentos, capacidades que estão amortecidas: é um trabalho de desalienação. A prossecução desse objetivo, na filosofia franciscana, chama-se MINORISMO. Minorismo é a capacidade para servir com eficiência, competência, humildade, alegria e despreendimento.

GRUPAL - A dinâmica grupal é o ponto alto do primeiro e segundo níveis do Treinamento Básico. É o treinamento para a convivência interpessoal profunda. Nele desenvolvemos o dom para ser "UM COMO O PAI E O FILHO SÃO UM". Desenvolvemos lideranças, aprendemos a lidar com pessoas, a acolher pessoas, a influir nas pessoas, a compreender as pessoas, a se comunicar com as pessoas, a amar as pessoas. Buscamos superar as dificuldades pelas quais nos tornamos molestos na convivência com os outros. A prossecução desse objetivo, na filosofia franciscana, chama-se FRATERNISMO. Nós, franciscanos, não apenas procuramos viver em GRUPO, mas em FRATERNIDADE. "Ser fraternidade" é mais que "ser grupo". Supomos, é claro, uma dinâmica de grupo, mas somos mais que isso: somos fraternidade! A vida de um grupo é possível só pela dinâmica de grupo; se não existe um Ser libertador fora e acima de nós, e que possa invadir os territórios de nossa personalidade para fazer aí um verdadeira processo de páscoa, não é possível viver em fraternidade. Ou então, se esse Ser existe, e pode invadir nossa personalidade para transformar com sua força sobrenatural nossas energias psíquicas, mas não nos abrimos para Ele, e nos fechamos o coração à sua ação libertadora, então também não é possível a vida em Fraternidade. Por esse motivo o T.B.J., para nós, é um Treinamento insuficiente, incompleto. Ele exige o T.I.F. e o T.R.F. como consequência.

SOCIAL - O Reino de Deus (* Cristo) só entra no mundo mediante a pessoa humana que se mantém unida às outras pessoas (= Fraternidade). Um grupo de pessoas transformadas influi na história, mudando-lhe os rumos, dando-lhe novo dinamismo, desenvolvimento, impedindo os estagnamentos que paralisam, as intalações que empobrecem. Na dinâmica social um grupo é treinado para o acelaramento da escatologia. A prossecução desse objetivo, na filosofia franciscana, chama-se INSERÇÃO NO MUNDO ou APOSTOLICIDADE.

Você poderá perguntar: - Por que o Treinamento Básico

treina três dinâmicas?

Respondemos: Porque essa tríplice dinâmica é uma lógica que observamos na vida de Francisco, o qual, por sua vez, inspirou-se na vida de Cristo!

PESSOAL - Francisco começou pela MUDANÇA de SUA vida! Começou a mudar, retirando-se paulatinamente da vida vazia, recolhendo-se nos arredores de sua cidade (= MONTANHA), onde se entregava a longos tempos de solidão total, no silêncio, na oração, na meditação. Seguiu com fidelidade aos sucessivos impulsos que sentia no seu interior. Começou a ser diferente daquilo que era, e daquilo que, em geral, era vivido por todos. O mesmo comportamento observamos em Jesus: antes de iniciar a transformação do mundo pela pregação do Reino, passou trinta anos no silêncio de Nazaré. E, mais proximamente, passou quarenta dias no deserto. E mesmo no decorrer de seu apostolado de três anos, retirava-se repetidamente a sô para o monte, no coração da noite, para a concentração em Deus.

GRUPAL - Transformando-se a si mesmo, Francisco despertou em alguns colegas o desejo de se entregarem à mesma transformação: Bernardo e Silvestre foram os primeiros que deixaram aquela vida vazia, e começaram aquela vida diferente, buscando simplesmente viver com toda a radicalidade o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, numa vida profundamente fraterna, conforme uma Regra, que Francisco, por inspiração divina, havia elaborado. Quando atingiram o número de Doze, foram a Roma. O mesmo comportamento observamos em Jesus: ele começou a agir reunindo primeiro um grupo: os Doze!

SOCIAL - Francisco e seus discípulos, partindo da profunda transformação de suas vidas em nível pessoal, e endossando certo tipo de dinâmica de grupo (= Fraternidade minoritária), influenciaram profundamente na história da Igreja e do mundo, e a transformaram profundamente. Hoje ainda continua a exercer uma influência profundamente impressionante. Com Jesus e os Doze esse exemplo foi muito mais vigoroso: os Doze, transformados pela força do Espírito, mudaram a face da terra, e o Cristianismo se implantou sobre as cinzas do paganismo. O exemplo de Jesus e de Francisco nos dão a dinâmica do T.B.J., cujo "dogma" fundamental assim enunciaremos: QUANDO UM HOMEM RESOLVE VERDADEIRAMENTE SE TRANSFORMAR E LEVA ESSA RESOLUÇÃO A VIAS DE FATO, COMEÇA A TRANSFORMAÇÃO DO MUNDO!

QUESTIONAMENTO POSSÍVEL

1. Que significa "escatologia"?
2. Quantas dinâmicas treinamos no T.B.J.?
3. Por que, no T.B.J., as dinâmicas são "três"? Não poderíamos admitir outras dinâmicas?
4. O Treinamento Básico, com isso, não se torna um treinamento excessivamente bitolado, enquadrado?
5. Qual o "dogma" fundamental do T.B.J.?
6. Que entendemos nós por Dinâmica Pessoal?
7. Que entendemos nós por Dinâmica Grupal?
8. Que entendemos nós por Dinâmica Social?
9. Existe algum nexu lógico entre essas "três dinâmicas", e se existe, qual é esse nexu?
10. Que posso fazer para começar a mudança de minha vida?

Terceira Sessão

O IDEAL FRANCISCANO DE VIDA.

Creemos que, quando alguém realmente resolve mudar, aceita uma dinâmica de verdadeira transformação, de autêntica conversão segundo o Evangelho, o mundo começa a mudar! Para nós, então, o nervo do calcanhar de Aquiles está aqui! Por onde é que você vai começar a mudar, e quando você vai começar a mudar?

Para você começar a mudar, iniciando sua dinâmica pessoal, grupal e social, nós apresentamos aqui o IDEAL FRANCISCANO DE VIDA, ou, como dizia São Francisco, a Regra de Vida Franciscana, distilada em alguns pontos fundamentais, acessíveis ao seu nível no presente, expressa em categorias acessíveis à sua sensibilidade. O T.B.J. está todo aqui: se você viver o que agora vamos dizer, você fez T.B.J. Se você não tentar viver isso, estamos perdendo tempo.

O Ideal Franciscano de Vida, ou a Regra de Vida segundo São Francisco, para você, nós a exprimimos, por enquanto, em cinco pontos:

1. AMAR ATÉ O FIM! - Que entendemos por "amar até o fim"? Antes de tudo buscaremos fundamentar essa REgra de Vida no Evangelho e na própria Regra de São Francisco. No Evangelho, São João abre o capítulo XIII com essas palavras: "Jesus... tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim!", isto é, até o extremo. À partir da ceia sabemos a que extremos Jesus levou o amor aos seus.

São Francisco, em sua Regra, para que atuássemos esse exemplo de Jesus, deu-nos o seguinte critério de conduta: "Se a mãe ama e nutre o filho segundo a carne, quanto mais cada um de nós deve amar e nutrir seu irmão segundo o espírito!"

Cada um de nós, normalmente, tem idéia e experiência do que significa o amor com o qual a mãe AMA e NUTRE seu filho. O amor da mãe é o amor terno, delicado, não inspira temor mas nos deixa à vontade, em liberdade, com espontaneidade e criatividade. É o amor que sabe dizer a palavra certa no momento justo, que sabe dar o carinho no momento justo, que intui nossas necessidades mais simples, que sabe penetrar nas dobras de nossa alma... que ama o filho mesmo quando este, por infelicidade, se tornou ingrato, que compreende tudo, e tudo perdona no filho... Francisco de Assís, quando escreveu essas palavras, fazia-o com toda a carga extraordinária da experiência de mãe que lhe foi dada, e sabemos, pela história, alguma coisa que nos fala da grandeza feminina da mãe de Francisco.

- Praticamente, no dia a dia, que significa "amar até o fim", ou seja, "AMAR" e "NUTRIR" o irmão segundo o espírito, da mesma forma que a mãe ama e nutre o filho?

- Significa exatamente isso que Francisco está dizendo: significa assumir praticamente, em qualquer circunstância de nossa vida, com as pessoas que convivem conosco em faixa interna, a atitude que a mãe assume com o filho, buscando fazer pelas pessoas de faixa interna, aquilo que minha mãe faria comigo, aquilo que a mãe de Francisco faria por Francisco, aquilo que Francisco fazia, imitando sua mãe pelos seus.

- Quem é o pessoal de nossa faixa interna?

- É o pessoal que mora comigo no dia a dia, que trança comigo dentro de casa: pai, mãe, irmãos, irmãos na Ordem, colegas do esporte, do trabalho, namorado, namorada, esposo,

filho, filha, etc. Amar até o fim é amar e nutrir a cada uma dessas pessoas como a mãe ama e nutre seu filho. É ser carinhoso, afetuoso, bondoso, simples, espontâneo, natural, nos gestos, nas atitudes, nas palavras, nas situações mais ordinárias da vida.

Pergunte a você mesmo, sempre que se encontra em relacionamento com as pessoas de sua faixa interna: Que faria a minha mãe por mim, nesta circunstância? Que faria por Francisco a mãe de Francisco? Que faria a mulher mãe, que é verdadeiramente mãe, pelo seu filho?

- Ela faria isso ou isso! Pois é exatamente isso que vou tentar fazer!

2. AMAR PRIMEIRO - São João diz que "Deus é aquele que nos amou primeiro", isto é, Deus não apenas nos amou até o fim, mas nos amou primeiro, porque nós ainda não existíamos, e ele já nos conhecia e nos chamava pelo nome. Desde toda a eternidade ele nos atraiu com grande doçura. E nos ama mesmo quando nos revelamos ingratos diante de seu amor, quando respondemos a esse amor com a frieza, a indiferença, o esquecimento, ou, quiçá, com a ruptura voluntária! É como o pastor que deixa noventa e nove ovelhas no deserto para ir ao encalço da única que se perdeu. É como o pai que aguarda ansiosamente a volta do filho ingrato que rompeu com a casa paterna e se foi para longe a fim de esbanjar sua fortuna, vivendo dissolutamente com as prostitutas. Deus nos ama com a gratuidade de um amor cujo mistério nos transborda absolutamente!

E São João diz, então: "Se Deus assim nos amou, assim devemos nós amar-nos uns aos outros". Isto é, se Deus é aquele que nos ama por primeiro, assim também nós devemos buscar amar primeiro ao nosso irmão.

- Que significa "amar primeiro"?

Significa nunca esperar que outros tomem iniciativa. Significa sempre tentar fazer alguma coisa, mesmo quando os outros não estão dispostos a fazer nada. Significa acolher também quando não se é acolhido. Significa abrir-se também quando todo o mundo anda fechado. Significa usar o tratamento de alegria, otimismo, bom humor, carinhoso, atencioso, também quando os outros ficam presos em sua tristeza, pessimismo, mau humor, e são secos, frios, desatencio-

sos. Significa colaborar também quando ninguém colabora. Significa "mexer-se" também quando ninguém se mexe. Significa assumir também quando os outros se omitem. Significa ir em frente também quando ninguém dá apoio. Esta é a filosofia característica do Irmão Francisco e da Irmã Clara de Assis! É a filosofia da super maturidade. A filosofia dos grandes homens de Deus. Jesus dirá no Evangelho: "Se amais só aos que vos amam, que mérito tendes nisto? Se fazeis bem só aos que vos fazem o bem, que mérito tendes nisto? Se em prestais só aos que também vos emprestam, que mérito tendes nisto? Porque os pagãos também fazem isso. Eu, porém, vos digo: amai vossos inimigos, abençoai aos que vos perseguem, emprestai aos que não vos emprestam, e quando fizerdes um banquete, não convideis aos que, por sua vez, vos convidarão ao seu banquete, mas convidai os pobres que não têm com que vos retribuir. Assis sereis filhos de vosso Pai celeste que manda seu sol sobre justos e injustos".

Essa norma de vida é terrível. Porque geralmente todo o mundo se cansa quando procura amar e não é amado, procura colaborar mas não encontra colaboração, procura fazer alguma coisa e ninguém se mexe para fazer nada, procura abrir-se e todo o mundo continua fechado, procura ser afeitoso, carinhoso e atencioso e todo o mundo anda frio, seco, duro, amargo e não sabe o que é ter respeito pelos outros! Mas esta é a filosofia de Francisco de Assis e de Clara de Assis!

3. FAZER BEM FEITO TUDO O QUE FÔR FEITO - Essa norma de vida, carregada de profunda sabedoria, é fácil de ser entendida. "Fazer bem feito tudo o que fôr feito" significa três coisas:

a) Antes de tudo significa fazer COM PERFEIÇÃO, ou tentar fazer com perfeição qualquer coisa que se tenha para fazer, mesmo em se tratando da ação mais insignificante do dia à dia, como o fazer uma casa, espanar um móvel, descascar batatas na cozinha, ouvir a queixa de uma criança, escrever uma linha etc. "Fazer com perfeição" é tentar fazer tudo com grande diligência, atenção, cuidado, esmero, sensibilidade, bom gosto.

b) "Fazer com perfeição", porém, ainda não é tudo, ou melhor, é apenas o primeiro passo. Para lá do "fazer com perfeição, você deve lutar para fazer COM AMOR. Nem sempre você conseguirá fazer as coisas com perfeição. Mas poderá

fazer com amor, ou melhor, a verdadeira "perfeição", ou a perfeição definitiva que você deve procurar naquilo que você faz, é o AMOR com o qual você busca fazer tudo o que tem para fazer. Porque você pode desligar a PERFEIÇÃO do AMOR. Você poderá ser muito "perfeito" naquilo que faz, mas sem deixar que essa perfeição seja manifestação de amor. Procura, portanto, fazer bem feito tudo o que você faz, colocando sempre grande dose de amor em tudo o que fizer.

c) Entretanto, para nós Franciscanos, o procurar fazer, fazer com perfeição carregando de amor tudo o que fazemos ainda não é tudo. Para lá do "fazer com amor", se assim nos é lícito expressar-nos, devemos fazer fazer COM A LEGRIA. Não é suficiente que você procure fazer tudo com amor. Você deve buscar, em definitivo, FAZER COM ALEGRIA tudo o que você faz. É nesse ponto que você se torna franciscano, em definitivo. O testemunho definitivo de sua ação, como franciscano, será o testemunho da alegria. A essa altura você percebe como é duro "ser franciscano". Por que para viver concretamente esse ideal de vida, você precisa de longa e dura caminhada na renúncia de si mesmo, na doação a Deus e aos outros, na purificação do coração, no calor de um diálogo íntimo e afetuoso com Cristo. Franciscano foi o homem que conheceu a alegria que nasce da cruz. Abraçou a cruz e encontrou a alegria. Você não encontrará jamais essa ALEGRIA se não abraçar a cruz com o impulso de Francisco.

4. FAZER POUCAS COISAS - Você conhece no evangelho as palavras de Jesus sobre as "vãs preocupações" que se agitam no coração do homem. Essa norma não significa que você deve deixar de fazer certas coisas que são de sua obrigação de ofício fazê-las. Você precisa fazer cuidadosamente aquilo que lhe cabe fazer, por dever de ofício. Essa fidelidade é um dever muito sério em sua vida. Mas, para lá disso existe no coração do homem uma tendência instintiva para "engolir o mundo", em virtude da qual o homem se lança à atividade desenfreada e se deixa engulir pela voragem das preocupações com muitas coisas. O Franciscano abraça uma pobreza que consiste em viver preocupado com poucas coisas, o mínimo possível, o estritamente necessário. Essa norma pede que você elimine de sua vida o superfluo e declare guerra sem trégua contra a avareza, a cobiça, os desejos vãos, as preocupações fúteis, a vontade de acumular tesouros na terra, onde a traça rói e os ladrões

assaltam e roubam. "Buscai primeiro o reino dos céus e sua justiça, disse Jesus, e tudo o mais vos será dado por acréscimo." "Olhai as aves do céu, olhai os lírios do campo, e não vos preocupeis demasiadamente com o que haveis de comer e com o que haveis de vestir, porque o Pai celeste cuida de vós".

Essa quarta norma do ideal franciscano de vida, como as demais, é também uma norma terrível, desconcertante. Ela vulnera o homem, naquilo que ele tem de profundamente vital: o instinto "de se apropriar". Ela exige duro itinerário de renúncia e grande purificação da vida de fé.

5. CONSTROI DEVAGAR O TEU SEGREDO - Essa norma também se refere à maneira de agir no mundo. Ao lado da tendência para "se apropriar de muitas coisas", há no homem a tendência para agir sôfregamente, desenfreadamente, apressadamente, nervosamente. A fonte que alimenta esse movimento é a mesma avidez cípida que o leva a querer "muitas coisas". Essa norma nos convida a viver e agir com calma, tranquilidade, doçura, ritmo sereno. Cada ação deve ser saboreada, interiorizada, realizada em paz. De São Francisco se disse que ele "vivia a vida como quem mordida um pedaço de pão." A ação não deve tirar a paz contemplativa que o homem conquista quando abraça a pobreza. Cada ação que fazemos é portadora de uma mensagem profunda, um segredo íntimo que construímos. Precisamos realizá-la na paz, na calma, no silêncio, no domínio sobre qualquer extroversão esvasiadora do espírito.

CONCLUSÃO - Ao assumir esse programa de vida para tentar traduzi-lo em FATOS, você não precisa que vai conseguir muito ou pouco, ou, quem sabe, resultado algum. O importante é você garantir que vai TENTAR SEMPRE, ou TENTAR DE NOVO, cada vez que percebeu ter-se esquecido de suas metas. Tente uma vez. Se não conseguir, tente duas vezes. Se ainda as sim não conseguir, tente quatro vezes. Depois tente oito, dezesseis, trinta e duas vezes, .. e assim por diante. Se você for capaz dessa medida, adquirirá extraordinária força para transformar o mundo, como aconteceu com Francisco de Assis.

Para você garantir a vivência desse ideal, entretanto, uma coisa é indispensável: a formação de uma EQUIPE DE ENTRE-AJUDA FRATERNA. Dessa falaremos na sessão seguinte.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Que significa "amar até o fim"? Que atitude prática de comportamento sugere?
2. Que se entende por pessoal de "faixa interna"?
3. Qual o fundamento evangélico da norma "amar até o fim"?
4. Qual o fundamento bíblico da norma "amar primeiro"?
5. Que significa "amar primeiro"? Que atitudes práticas sugere no dia a dia?
6. Que significa "fazer bem feito tudo o que fôr feito"?
7. Que significa "fazer com perfeição"?
8. Que significa "fazer com amor"?
9. Que significa "fazer com alegria"?
10. Qual o fundamento evangélico da norma "fazer poucas coisas"?
11. Que tipo de renúncia exige de nós a norma "fazer poucas coisas"?
12. Que significa a norma "constrói devagar o teu segredo"?

Quarta SEssão

AS EQUIPES DE ENTRE-AJUDA FRATERNA

São Francisco, quando enviou seus discípulos ao mundo, pediu que andassem em dois ou três. O mesmo fez Jesus quando enviou seus discípulos a pregar o Evangelho do Reino. São Francisco insistia que, andando pelo mundo, jamais polemizassem um com o outro, mas que se corrigissem fraternalmente, isto é, que se preocupassem com o crescimento um do outro, que levassem a sério esse crescimento.

Por outro lado, os atletas que praticam o alpinismo, quando escalam as altas montanhas, buscam fazê-lo sempre em grupo: se alguém resvala, o outro segura! Inclusive amarram-se com cordas um ao outro, para tornar mais segura a escalada.

O Ideal Franciscano de vida, além de ser um ideal on

de um irmão ajuda o outro irmão, é um ideal de altas montanhas, isto é, apela para subir muito alto na vivência do Evangelho. A Escritura diz que o irmão que ajuda o outro irmão é como uma cidade fortificada. Por isso nós, Franciscanos, ainda hoje, buscamos "ir pelo mundo" em grupos de dois ou três, reunidos em nome de Cristo.

O Treinamento Básico, então, faz um apelo aos seus participantes que deseja comprometer-se com uma vida franciscana, para que formem Equipes de dois ou três. A Equipe deve ser formada em base a critérios que cada qual estabelece, e pode ser muito flexível, podendo-se trocar de Equipe ou formar nova equipe sempre que se desejar fazê-lo.

O esforço da Equipe conta com dois focos energéticos de força tremenda. O primeiro está no dinamismo psicológico que se desencadeia sempre que duas ou mais pessoas começam a se abrir em profundidade e, como consequência, começam a criar laços de profunda amizade, espírito de confiança e confiança. O segundo é uma graça especial, ou seja, uma presença e uma assistência especial de Cristo que disse: "Onde dois ou três se reunirem em meu nome, aí estarei eu no meio deles".

Formar uma Equipe e fazê-la funcionar é nossa garantia de perseverança e nossa grande força de sucesso. No primeiro nível do T.B.J., o trabalho da Equipe consiste em dois pontos:

a) CONHECIMENTO PROFUNDO dos colegas de Equipe. Veja no final desse Treinamento o Apêndice nº 1, que traz um Roteiro para facilitar esse trabalho. Os membros da Equipe conversarão entre si, seguindo o roteiro proposto. O Roteiro é um subsídio. É claro que, a partir do mesmo, os membros da Equipe poderão abordar muita outra coisa.

b) REVISÃO DE VIDA sobre os cinco itens do Ideal Franciscano de Vida. Essa revisão consiste em cobrar um do outro a vivência do Ideal de Vida, e pode se desenrolar em três momentos:

V E R - Cada membro da Equipe relata suas vivências, os fatos acontecidos, os esforços, os resultados, as omissões em cada um dos cinco itens.

J U L G A R - Os membros da Equipe auxiliam-se mutuamente para ver as causas, os porquês, as razões pe-

nas quais este e aquele membro da Equipe registra tais e tais vivências, tais e tais fatos, tais e tais lutas, tais e tais resultados, tais e tais dificuldades etc.

A G I R - Finalmente os membros da Equipe auxiliam-se mutuamente na busca de soluções para tais e tais situações de cada um, tais e tais dificuldades, problemas etc.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Por que motivo precisamos formar equipes de entre-ajuda fraterna?
2. Qual o fundamento evangélico das Equipes de Entre-ajuda fraterna?
3. Quais os focos energéticos com os quais o esforço da Equipe de entre-ajuda pode contar?
4. Em que consiste o trabalho da Equipe de Entre-Ajuda no primeiro nível do T.B.J.?
5. Em que consiste o trabalho de Revisão de Vida da Equipe?
6. Em quantos e quais momentos pode se desenrolar o trabalho de revisão de vida da Equipe?
7. Que significa "VER" na revisão de vida?
8. Que significa "JULGAR" na revisão de vida?
9. Que significa "AGIR" na revisão de vida?

Quinta Sessão

A REGRA DE JOGO

DO FRATERNISMO FRANCISCANO

A vida em fraternidade tem sua própria regra de jogo. São exigências da vida em que os relacionamentos interpessoais seguem essa filosofia. A regra de jogo, entretanto, é uma regra que não deve bitolar, do contrário deixa de valer. Aqueles que conduzem o grupo fraterno às vezes precisam urgí-la com mais exigência, outras vezes podem ou devem ser mais transigentes. Saber aplicá-las com mais ou menos urgência, é uma questão de sensibilidade dos líderes. De modo geral é preciso que se evitem dois extremos: a "moleza da minhoca" e a "dureza da tartaruga". É preciso que se aprenda

a casar a oportuna flexibilidade com a oportuna firmeza do vertebrado. Essas normas são dez:

1. **SÕ VALE RELACIONAR-SE E TRATAR-SE DE IGUAL PARA IGUAL** - Isto é, de irmão para irmão. São Francisco queria que seus discípulos se relacionassem como os "Cavaleiros da Tavola Redonda" do Rei Artur. Ela via a maneira de ser dos relacionamentos interpessoal de seus irmãos sob o prisma dessa famosa lenda medieval. Os cavaleiros da Tavola Redonda eram homens distintos, respeitosos ou do outro, corajosos, leais, nobres de sentimentos e gestos, e se reuniam ao redor de uma mesma em forma de círculo, juntamente com o Rei Artur, para discutirem os problemas da conquista do Santo Graal. Essa conquista exigia coragem e audácia, mas somente aquele cavaleiro cujo coração fosse verdadeiramente puro é que, finalmente, conseguiria arrebatá-lo o precioso tesouro. Outras características dos Cavaleiros da Tavola Redonda: O cavaleiro jamais atacava o inimigo pelas costas; o cavaleiro jamais atacava o inimigo desarmado; o cavaleiro desembainhava suas espadas para defender os fracos e os oprimidos; o cavaleiro jamais faltava ao respeito a quem quer que seja; o cavaleiro era leal a toda a prova; o cavaleiro jamais faltava à palavra dada; o cavaleiro era homem de fina delicadeza com as mulheres, e jamais admitia mesmo que fosse um pensamento inconveniente em relação às mesmas; a cavaleiro não esmorecia nas dificuldades, fossem lá quais fossem; o cavaleiro era digno, delicado, respeitoso.

2. **PARA ASSUMIR LIDERANÇAS VALE, EM PARTICULAR, O "AMAR PRIMEIRO"** - À partir da próxima sessão os participantes desempenharão todas as lideranças, exceto as de Monitor e Explicador. Exercer uma liderança é prestar um serviço ao grupo. É um ato de amor. Cada qual se compromete a prestar esse serviço, buscando "FAZER BEM FEITO", isto é, desempenhar com PERFEIÇÃO, AMOR e ALEGRIA a liderança que assumiu. Ao fazer a programação da próxima sessão, cada qual se compromete não esperar que outro assuma, mas buscará ele mesmo atuar seu ideal de "amar primeiro".

3. **NÃO VALE PREOCUPAR-SE EM NÃO FAZER FIASCO** - Essa norma se refere ao exercício das lideranças. A demasiada preocupação em não fazer fiasco, quando se assume uma liderança, impede que a mesma seja exercida como se deve, isto é, levando-se em conta os interesses do grupo. Quem se preocupa demais em não fazer fiasco está por demais comprometido com a própria imagem. Isso bloqueia profundamente a

vida fraterna, e frustra a alegria do exercício da liderança assumida.

4. QUALQUER DECISÃO É TOMADA DE MANEIRA EXPLÍCITA E POR MAIORIA ABSOLUTA. - Por "maioria absoluta" entende-se ao menos a metade mais um dos votos dos participantes. Por "maneira explícita" entende-se que a decisão é expressa por um gesto previamente determinado como expressão de voto. No grupo fraterno, quem toma decisões é o próprio grupo fraterno. Ninguém "impõe" decisões. Todo o mundo tem liberdade para "propor", não para "impor". A proposta é discutida, ponderada, e votada. Só aí poderá tornar-se verdadeiramente uma decisão, se conseguir "maioria absoluta" de votos a favor.

5. QUALQUER DECISÃO TOMADA PELO GRUPO FRATERNO PASSA A SER DECISÃO DE CADA UM - Esta é uma regra que às vezes exige dura renúncia desse ou daquele participantes. Em certas ocasiões não poderá ser vivida realmente, se não houver grande dose de amor no coração. Aquele que deseja viver em fraternidade, antes de dar sua adesão, precisa pensar muito as conseqüências que está assumindo com essa norma.

6. SÓ VALE O QUE É EXPLÍCITO - NO grupo fraterno, uma coisa (= exposição, questionamento, pareceres, conclusões, votações) só é explícito quando percorreu as seguintes etapas da dinâmica de pensamento:

- a) Foi exposto globalmente ao grupo
- b) O grupo fraterno foi estimulado e teve amplas chances para questionar o assunto.
- c) Ouvi-se a opinião de todos os participantes sobre o assunto.
- f) Foi elaborado um texto de conclusão, o qual, depois, foi discutivo, emendado, corrigido, e votado pelo grupo fraterno.

7. NÃO VALE MEXER NA "ROUPA SUJA" DE QUEM NÃO ESTÁ PRESENTE - Na vida fraterna a correção fraterna de que fala o Evangelho é algo muito sério. Mas, por outro lado, o cavaleiro da tavola redonda jamais "ataca pelas costas", e não ataca o inimigo que não pode defender-se. Na nossa vida isso significa: jamais abordamos defeitos, falhas, erros, sem que a pessoa que tem o defeito, que falhou ou que errou não esteja presente. Jamais dizemos isso pelas costas, como jamais o dizemos de qualquer maneira.

8. TEMOS UM MOMENTO NEGOCIADO PARA LAVAR OS PANOS DA CASA - Num grupo fraterno é normal que existam falhas, e se cometam erros, e que esses fiquem muito à tona da vida. Mas nós nos cuidamos para não viver "denunciando" tudo isso a qualquer momento, pegando tudo "em flagrante". Deixamos as coisas correrem, e, de vez em quando, temos um momento negociado para tratar desse assunto. Na reunião isso acontece quando intervêm as lideranças do Avaliador e do Monitor. E na vida real, de vez em quando convocamos Berlinda, ou seja, a reunião de correção fraterna, onde nos desabafamos, falamos o que temos para falar, ouvimos o que temos para ouvir, e nos perdoamos mutuamente na dileção do Senhor.

9. SÕ TEMOS PONTOS DE PARTIDA PARA SOLUÇÕES, E CADA PROBLEMA TEM MIL SOLUÇÕES - Na vida fraterna esforçamo-nos para não gastar tempo em acusar erros e descobrir culpados, mas empenhamo-nos de imediato na procura de soluções. São Francisco nos adverte para que evitemos irritar-nos ou perturbar-nos com o pecado de alguém, "porque a ira e a indignação impede a caridade em si e nos outros". O cultivo de um ambiente esportivo, para nossa vida fraterna, é um assunto de grande importância.

10. MEU DIREITO TERMINA ONDE COMEÇA O DIREITO DO OUTRO - Na vida fraterna somos livres para fazer o que queremos, mas também somos responsáveis para reconhecer a mesma liberdade dos outros. Treinamo-nos para a capacidade de respeitar profundamente o outro.

POSSIVEL QUESTIONAMENTO

1. Quantas e quais as regras de jogo do fraternismo franciscano?
2. Qual o sentido da regra "sõ vale o que é explícito"?
3. Qual o sentido da regra "não vale preocupar-se em não fazer fiasco"?
4. Que exige de nós a regra "não vale mexer na roupa suja de quem não está presente"?
5. Que significa a norma "temos um momento negociado para lavar os panos da casa"?

Segunda Parte:

**APRENDER A FAZER REUNIÃO E A TRATAR
ASSUNTOS EM REUNIÃO**

1. *Dinâmica de Reunião do grupo
fraterna.*
2. *Dinâmica de Pensamento do grupo
fraterno*
3. *Como explicitar um assunto e pro-
gramar atividades*

Sexta Sessão

DINÂMICA DE REUNIÃO DO GRUPO FRATERNAL

Um grupo fraterno, entre outras coisas, precisa saber REUNIR-SE, e, em reunião, precisa saber CONDUZIR UM ASSUNTO de maneira ordenada, proveitosa, eficiente, racional. Ao "saber reunir-se" denominamos DINÂMICA DE REUNIÃO. Ao "saber conduzir um assunto", denominamos DINÂMICA DE PENSAMENTO. Nessa sessão abordaremos apenas a DINÂMICA DE REUNIÃO.

No âmbito da DINÂMICA DE REUNIÃO um grupo tem suas exigências elementares, suas condições "sine qua non" de boa reunião. Trataremos aqui apenas daquelas exigências elementares e fundamentais. Quais são?

1. ANIMADOR - O grupo precisa, antes de tudo, de alguém que lhe preste o serviço de ABRIR e ENCERRAR a reunião, ORGANIZANDO, DISCIPLINANDO, PROPONDO objetivos, ESTIMULANDO a participação no questionamento e na manifestação de opiniões, ACIONANDO a reunião, COMANDANDO os demais líderes, FACULTANDO a palavra aos que a solicitam, BUSCANDO SOLUÇÕES para impasses diversos, CUIDANDO do grupo para que proceda de maneira racional, coerente, lógica, e não perca tempo. Sem o animador o grupo não inicia a reunião, ou termina a reunião, ou, durante a reunião, todo o mundo pode falar ao mesmo tempo, ou então só falam os "linguareiros" e os tímidos ficam calados, Ou então não se procede de maneira ordenada, não se evolui, fica-se patinando no mesmo lugar, ou as emoções tomam conta dos raciocínios. Detalhando:

- a) Como a palavra diz, ANIMADOR é aquele que ANIMA a reunião.
- b) Distribui o uso da palavra, quando esta não está com outro líder.
- c) Estimula e controla a participação de todos, espe

cialmente quando se trata de QUESTIONAR um assunto ou OPINAR sobre o mesmo.

- d) Evita dispersão de tempo e de atenção.
- e) Mantém o grupo DENTRO da PAUTA em estudo.
- f) Toma providências para que tudo funcione e ande!
- g) Fica atento em especial aos demais líderes, ajuda-os, quando necessário, em especial ao se tratar do RECEPCIONISTA e do CRONOMETRISTA.
- h) O bom animador FALA ALTO e devagar, PENSA BAIXO e depressa.

2. RECEPCIONISTA - O grupo precisa de alguém que cuide de seu bem estar, do sentir-se à vontade, descontraído, que providencie pelas necessidades mais simples e espontâneas dos participantes. O serviço do recepcionista não aparece tanto, mas é de extraordinária importância. Que faz o recepcionista?

- a) Prepara o lugar da reunião. Toma providências para que o lugar da reunião seja acolhedor, agradável, atraente, harmonioso, confortável. A sala deve estar bem arrumada, arejada, limpa...
- b) Acolhe os participantes de maneira informal à medida que vão chegando ao local da reunião. Isto supõe que o recepcionista chegue antecipadamente ao local. Entretém os participantes durante o tempo que antecede à abertura da sessão. Acolhe-os, depois, de maneira mais formal, quando a sessão foi aberta.
- c) Cuida do bem estar dos participantes, atende-os em suas necessidades: material didático, cinzeiros, circulação de ar... dá especial atenção aos que chegam atrasados...
- d) Faz apresentação dos novos participantes, dos visitantes, coloca-os à vontade.
- e) Durante a sessão, fica atento particularmente ao ANIMADOR, e procura resolver os problemas de emergência.
- f) Procura desinibir, desfazer tensões, criar ambiente de integração grupal.
- g) Despede os participantes, convida-os para a próxima reunião, faculta a palavra aos que tiverem avisos ou comunicações.

3. CRONOMETRISTA - O grupo precisa de alguém que lhe

preste o serviço de cuidar do tempo, do horário, administrar a distribuição do tempo com inteligência, equilíbrio, bom senso, de acordo com a importância das coisas, e as possibilidades dos participantes. Compete ao cronometrista:

- a) Administração geral do tempo.
 b) Negociar o tempo a ser empregado pelos titulares das lideranças. Planeja, assim, a distribuição do tempo de acordo com o seguinte roteiro:

- | | |
|---------------------|---|
| 1. Espiritualizador | 7. Outros titulares, se houver: Memória, Recriador, |
| 2. Explicitador | Sensibilizador, Futurólogo, |
| 3. Questionamento | Concedorador, Biógrafo. |
| 4. Opiniões | |
| 5. Comentários | |
| 6. Conclusão | 8. Avaliador |
| 7. Cochicho. | 9 Monitor |

10. Próxima programação

- c) No início da sessão apresenta o planejamento elaborado, pede emendas, e submete a proposta à aprovação do grupo.
 d) Se for solicitado, e se ele mesmo, o cronometrista, julgar oportuno, pede prorrogação de tempo. Não deve ser fácil, entretanto, em conceder prorrogação de tempo. Faz isso quando percebe que o grupo tem interesse em prorrogar.
 e) Não permite que a sessão, de modo geral, ultrapasse, no seu conjunto, 90 minutos de duração. Se o assunto exigir mais tempo, pede o planejamento de outra sessão, a fim de continuá-lo.
 f) Adverte, discretamente, os titulares das lideranças, quando seu tempo está para terminar, em especial em se tratando do EXPLICITADOR, do QUESTIONAMENTO e das OPINIÕES ou depoimentos.

4. ESPIRITUALIZADOR - O grupo fraterno precisa de alguém que lhe preste o serviço de criar um clima de encontro com Deus. Porque, para sermos fraternos, não dispomos, naturalmente, da força adequada. É preciso que os territórios de nossa personalidade sejam franqueados à invasão de Deus. O espiritualizador, precisamente, é aquele que, no início da Sessão, conduz o grupo a criar uma disposição de abertura para Deus. O Espiritualizador pode levar o grupo a esse escopo, de diversas maneiras:

- a) Fazendo uma prece em nome dos participantes.

- b) Convidando os participantes a recitarem uma prece
- c) Convidando o grupo ao canto religioso.
- d) Fazendo uma meditação sobre determinado tema.
- e) Convidando este ou aquele participante a fazer uma prece em nome do grupo.
- f) Recitação de salmos, leitura de texto bíblico, com ou sem reflexão sobre o mesmo, celebração eucarística, adoração ao Cristo do Sacrário etc.

5. LIDERANÇAS DE CULTIVO - Podem não serem programadas numa reunião. Servimo-nos das mesmas como recursos secundários, embora muito preciosos. Ajudam o grupo a crescer. Além das lideranças fundamentais, podemos sempre introduzir uma ou outra dessas lideranças de cultivo, não demasiadamente, porém. São elas:

a) MEMÓRIA - útil nas reuniões de estudo. O titular procura fazer o grupo lembrar o que foi estudado. Apresenta resumos, faz perguntas etc.

b) MONITOR - É o técnico em dinâmica grupal. Aperfeiçoa e completa o trabalho do avaliador. Intervém sempre que o grupo, por si só, não consegue superar seus impasses.

d) CONDECORADOR - Observa o esforço dos participantes, anota progressos feitos e distribui prêmios, medalhas, elogios.

e) BIÓGRAFO - Entrevista os novos participantes do grupo e apresenta biografia dos mesmos, para que os desconhecidos sejam conhecidos.

f) SENSIBILIZADOR - Procura conduzir o grupo a desenvolver a percepção sensível da realidade que nos cerca no ambiente de pessoas e coisas.

g) FUTURÓLOGO - Procura prognosticar o futuro dos participantes a curto, médio e longo prazos, em base aos dados e potencialidades atuais.

h) RECREADOR - Procura descontrair o grupo com brincadeiras, cantos, jogos etc. Serve-se da recreação como meio de integração. Organiza comemorações, músicas, letras, encenações etc.

i) AVALIADOR - Observa o desempenho das lideranças durante a sessão. Analisa o desempenho de cada um, anotando falhas, acertos, dando sugestões para melhorar. Observa como os líderes e os participantes do grupo estão ou não

estão traduzindo em FATOS as normas assumidas como compromisso.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Que se entende por "dinâmica de reunião"?
2. Que se entende por "dinâmica de pensamento"?
3. Que aspetos da reunião ficam ao encargo do Animador?
4. Que aspetos da reunião ficam ao encargo de Recepcionista?
5. Que aspetos da reunião ficam ao encargo do Cronometrista?
6. Qual a função do Espiritualizador na reunião?
7. Qual o roteiro de programação do tempo na reunião?
8. Que faz o memória?
9. Quais as lideranças de cultivo?
10. Qual a função do Monitor?
11. Qual a função do Condecorador?
12. Qual a função do Biógrafo?
13. Em que circunstância a liderança do Biógrafo é oportuna?
14. Qual a função do Sensibilizador?
15. Qual a função do Futurólogo?
16. Qual a função do Recriador?
17. Qual a função do Avaliador?

Sétima Sessão:

DINÂMICA DE PENSAMENTO DO GRUPO FRATERNAL

Dentro da reunião, o Grupo Fraternal precisa saber conduzir um assunto ou vários assuntos, no plano teórico ou no plano prático. Conforme o tipo de assunto que se tem para tratar, usam-se modalidades diversas, basicamente duas: a REUNIÃO DE ESTUDO (= técnica de Seminário) e a REUNIÃO DE FRATERNIDADE (= técnica de Mesa Redonda). Mas, seja lá qual for a modalidade ou tipo de assunto, existe sempre uma dinâmica de pensamento constituída por alguns elementos fundamentais, elementares, comuns. Quais?

1. **EXPLICITAÇÃO** - O assunto, seja lá qual for, antes de tudo precisa ser apresentado, exposto, explicitado. A liderança que faz isso chama-se CONFERENCISTA ou EXPLICITADOR ao se tratar de assuntos teóricos, ORADOR ou PROPONENTE, ao

se tratar de assuntos práticos. Orador ou Proponente é o que tem algo para dizer ou para propor ao grupo, de interesse pessoal ou grupal. Conferenciasta ou Explicitador é alguém convidado para falar sobre determinado assunto, por se tratar de pessoa capacitada na matéria. É alguém que tem algo para ensinar. Podemos simplificar o emprego desses vários nomes, reduzindo-os a um só: o EXPLICITADOR. Compete ao Explicitador:

a) Saber falar, saber influir nos outros pelas idéias, saber comunicar-se, ser claro, global, explícito, rápido no uso do raciocínio, ter domínio do assunto em pauta.

b) Saber responder a qualquer questionamento sobre o assunto.

c) Saber comentar as opiniões dos participantes, englobando-as no quadro geral do assunto em pauta.

d) Saber servir o grupo no que se refere a estar por dentro do assunto.

2. QUESTIONAMENTO - Sempre que um assunto é exposto ou proposto, o grande segredo da dinâmica de pensamento é o QUESTIONAMENTO daquilo que foi exposto ou proposto. Quem estimula o questionamento é o ANIMADOR e quem responde ao questionamento é o EXPLICITADOR. O questionamento é tanto mais importante quanto mais o assunto for existencial. Nas reuniões de Fraternidade é preciso que se dê ao questionamento tanto tempo quanto for necessário. Nessas reuniões é errado prosseguir adiante quando ainda há perguntas no ar, que não foram formuladas e não foram respondidas. O questionamento tem a virtude de evitar que os participantes se deixem dominar pelo emocional, e os condicione para que procedam de maneira racional e objetiva. Porque o questionamento faz os participantes "ligarem o ADULTO". Quando determinado assunto mexe com passionalidades e interesses pessoais dos participantes, o Animador deve ter grande cautela em conduzi-lo com maestria, calma e segurança.

3. OPINIÕES - Dar uma "opinião" é explicitar o próprio ponto de vista, é dar um "depoimento", um "testemunho", um "parecer". O momento das opiniões é o momento da "abertura" dos participantes, da "resposta" de cada um ao assunto em pauta, a reação íntima da liberdade e da interioridade de cada um. Depois que um assunto foi explicitado e questionado é muito importante que cada participante "se

abra", dizendo o que pensa, o que acha, o que sente, o que sugere, o que propõe ou aquilo a que se propõe. Quando um grupo desenvolve bem sua dinâmica de pensamento, esse é o momento em que, de ordinário, a reunião atinge seu clímax, seu momento de conversão e plenitude. É o momento da resposta.

4. COMENTÁRIOS - Depois que os participantes se manifestaram, de ordinário o Explicitador tem algo a comentar ou a acrescentar, ou a esclarecer. OU melhor, terá também e le o próprio DEPOIMENTO a fazer. É o COMENTÁRIO do assunto-

5. CONCLUSÃO - A essa altura o grupo está maduro para decidir, para assumir compromisso. Toda a conclusão é boa na medida em que engendra compromisso. O compromisso consiste na decisão que se toma para traduzir em FATOS aquilo que foi debatido. É o Secretário que lidera o grupo na hora de fazer a conclusão. O Secretário, então, elabora um texto de conclusão, o propõe a emendas e à votação do grupo. O momento da conclusão é um momento de parto. O grupo, de ordinário, sofre. Por isso a liderança de Secretário é uma liderança difícil. O Secretário, porém, não faz apenas a conclusão, mas serve o grupo com a Ata de Reunião. Funções do Secretário:

a) Lê a programação no início da Sessão. Faz a programação da próxima sessão no final da sessão.

b) Está sempre ao par do assunto que deverá ser abordado em seguida e sabe quem deve fazer o que.

c) Mantém em dia a Ata, de acordo com formulário próprio, conforme se verá em seguida.

d) Cuida do Livro-Atas, mantendo-o sempre em dia.

FORMULÁRIO DE ATA

Modelo Seminário

Sessão nº _____ dia _____ de _____ de _____ Horário _____ Local _____

Agenda _____

Técnica _____ LIDERANÇAS: _____

Animador _____ Monitor _____

Explicitador _____ Condecorador _____
 Recepcionista _____ Biógrafo _____
 Secretário _____ Sensibilizador _____
 Cronometrista _____ Futurólogo _____
 Memória _____ Recriador _____
 Espiritualizador _____ Avaliador _____

EXPLICITAÇÃO: idéias principais _____

QUESTIONAMENTOS: perguntas importantes _____

OPINIÕES: idéias principais _____

CONCLUSÃO: transcrição "ad litteram" do texto votado.

PARTICIPANTES: Lista dos nomes dos membros da fraternidade que estiveram ausentes nessa sessão.

Assinatura do Secretário. _____

FORMULÁRIO DE ATA

Modelo Mesa REDonda

Sessão Nº _____ dia _____ de _____ de _____ Horário _____ Local _____

Técnica _____ Lideranças: _____

Animador: _____

Secretário _____

Recepcionista _____

Cronometrista _____

Espiritualizador _____

Assuntos: 1º _____ PROPONENTE: _____

2º _____ PROPONENTE: _____

3º _____ PROPONENTE: _____

etc _____ etc _____

CONCLUSÕES: 1a. _____

2a. _____

3a. _____

Nomes dos nomes dos membros da Fraternidade que não estiveram presente à reunião

ASSINATURA do Secretário

Apêndice I

TIPOS DE REUNIÃO

Há dois tipos de reunião, e, conseqüentemente, duas técnicas de reunião: a REUNIÃO DE ESTUDO e a REUNIÃO de FRATERNIDADE. Para a reunião de estudo emprega-se a TÉCNICA DE SEMINÁRIO. Para a REUNIÃO DE FRATERNIDADE emprega-se a TÉCNICA DE MESA REDONDA. Na reunião de estudo o grupo se reúne para ouvir um explicitador: há uma palestra ou conferência que trata de determinado assunto. Na reunião de Fraternidade o grupo se reúne para tratar assuntos diversos, do interesse das pessoas ou do próprio grupo: em geral são propostas que se fazem ao grupo, são ante-projetos que os vários departamentos propõem à votação do grupofraterno. São, às vezes, aberturas pessoais, desabafos que este ou aquele irmão deseja fazer, ou são combranças de compromissos assumidos, reuniões de avaliação de resultados, acertos no que se refere à distribuição de tarefas etc.

Em ambos os tipos de reunião o PREÂMBULO e o EPÍLOGO são iguais. O que varia é o corpo da Sessão.

A técnica de reunião é determinada seqüência lógica que se observa, seja no que se refere à dinâmica de reunião, seja no que se refere à dinâmica de pensamento.

Esses dois tipos de reunião são os tipos ordinários, empregados numa fraternidade. Além desses, há mais dois tipos, um ESPECIAL e outro EXTRAORDINÁRIO.

O tipo especial é a REUNIÃO LITÚRGICA, ou Assembléia litúrgica, assembléia eucarística, que possui sua própria dinâmica, ao redor dos quatro pontos que constituem a ALIANÇA entre Deus e os homens: a) Deus REÚNE o povo; b) Deus FALA ao povo; c) O povo RESPONDE à proposta de Deus; d) Deus celebra um PACTO com seu povo.

O tipo EXTRAORDINÁRIO é a reunião do CONGRESSO ou da ASSEMBLÉIA propriamente dita. A assembléia é a mesma mesa redonda reduplicada, isto é, o percurso da dinâmica de pensamento é percorrido duas vezes, ou seja, as conclusões são submetidas a duas votações.

Apêndice II

TÉCNICA DE SEMINÁRIO - Roteiro

PREAMBULO DA SESSÃO

1. O ANIMADOR abre a Sessão.
2. O RECEPCIONISTA acolhe os participantes e faculta a palavra para avisos e comunicações.
3. O SECRETÁRIO lê a programação.
4. O CRONOMETRISTA apresenta a programação do tempo, pe de emendas e aprovação.
5. O ESPIRITUALIZADOR conduz o grupo ao encontro com Deus.

CORPO DA SESSÃO:

6. O EXPLICITADOR expõe o assunto.
7. Em alguns casos, o ANIMADOR pede ao grupo que faça cochicho a dois, sobre o tema a ser questionado. Em alguns casos, pede, inclusive, que se reúnam grupos de estudo sobre o assunto.
8. QUESTIONAMENTO - O animador estimula o questionamento. O Explicitador responde ao questionamento.
9. OPINIÕES - O animador busca conhecer o pensamento de cada participante sobre o assunto em pauta.
10. COMENTÁRIOS - O explicitador comenta as opiniões dos participantes.
11. CONCLUSÃO - O Secretário apresenta texto de conclusão, ou coordena a elaboração de um texto. Pede emendas, vota o texto.

EPILOGO DA SESSÃO

12. O ANIMADOR passa a palavra as demais lideranças de cultivo que foram programadas, na seguinte ordem:

a) Memória	e) Sensibilizador
b) REcreator	f) Condecorador
c) Biografo	g) Avaliador
d) Futurólogo	h) Monitor
13. PROGRAMAÇÃO - O animador passa a liderança ao secretário para fazer a programação da próxima sessão.
14. O ANIMADOR encerra a Sessão.
15. Recepcionista despede o grupo

Apêndice III

TÉCNICA DE MESA REDONDA - Roteiro

PREAMBULO DA SESSÃO - O mesmo da Técnica de seminário, cfr. pag. 46.

CORPO DA SESSÃO

6. LEVANTAMENTO - O animador abre o debate para o levantamento de assuntos.
7. O Secretário pergunta quem tem assuntos para propor. Anota o título dos assuntos que vão sendo propostos, com o nome do proponente.
8. PRIORIDADE - O animador abre o debate para estabelecer a prioridade dos assuntos.
9. O Secretário coordena o debate para estabelecer a prioridade de assuntos.
10. O ANIMADOR abre o debate do 1º assunto.
11. O Secretário anuncia o título do primeiro assunto e o nome de seu proponente.
12. O Animador autoriza o proponente do 1º assunto a falar. Coordena o questionamento, as opiniões, o comentário do proponente e o Secretário, finalmente, coordena a conclusão.
13. O Animador abre o debate do 2º assunto, e assim por diante, até o último assunto da agenda votada.

EPÍLOGO DA SESSÃO - O mesmo da Técnica de Seminário, cfr. pag. 46.

- NOTAS - 1a. No que se refere à PRIORIDADE, o Secretário, conforme o caso, sugere a prioridade com que os assuntos foram propostos. Ou pode ele mesmo sugerir outra prioridade, ou pede que os participantes sugiram uma outra solução.
- 2a. O Animador deve ter muita cautela quanto ao QUESTIONAMENTO de assuntos práticos.
 - 3a. Quando um assunto esquentar demais, o Animador pode intervir com lideranças de cultivo, interrupção da Sessão, momento de encontro com Deus, ou algo que ajude o grupo a manter a calma.
 - 4a. Na Mesa REDonda o cronometrista cuida do tempo global, sem precisar distribuí-lo.

Apêndice IV

RECURSOS DIDÁTICOS PARA O
EXPLICITADOR

O Explicitador de um assunto teórico, nas reuniões de Estudo, poderá utilizar diversas modalidades de explicitação, além da palestra propriamente dita. Conforme o tipo de assunto a ser estudado, podem variar os recursos didáticos de explicitação, com maior vantagem de aproveitamento. Aqui trazemos uma série desses recursos.

1. AULINHA - O Explicitador, após ligeira explanação, distribui uma ficha entre os participantes, ou entre sub-grupos de participantes, com um aspeto do tema. Dá tempo para cada qual redigir seu sub-tema. Em plenário, a seguir, cada qual expõe o aspeto do tema que redigiu.

2. GRUPO DE ESCUTA - O Explicitador confia a cada sub-grupo um aspeto do tema a ser explicitado. Durante a explicitação, cada sub-grupo fica atento ao aspeto que lhe foi confiado. Terminada a explicitação, os sub-grupos têm breve espaço de tempo para elaborar o questionamento, cada qual sobre o aspeto que lhe foi confiado. No questionamento cada qual apresenta suas perguntas, dentro do tema que lhe foi confiado.

3. GRUPO DE ESTUDO - Após a explicitação, o explicitador confia aos sub-grupos perguntas para serem respondidas e as perguntas são, em seguida, apresentadas em plenário.

4. PAINEL DE BERLINDA - Após a explicitação, o explicitador sorteia os sub-grupos, para que um deles defenda certo assunto, ou certa tese, e o outro ataque. Pode sortear um grupo para defender e outro para atacar, enquanto que os demais ficam expectadores, ou pode apenas sortear um para defender, e todos os demais são atacantes.

5. SYMPOSION - Um ou vários explicitadores apresentam um tema, e, em seguida, os sub-grupos se reúnem para debater-lo, buscando tirar conclusões. Depois, em plenário, as conclusões são apresentadas.

6. TELE-ESCUTA - O Explicitador confia aos sub-grupos a tarefa de pesquisar um assunto em jornais, rádio, T.V., livros e revistas. No final, em plenário, os sub-grupos apresentam resultados das pesquisas.

7. AUTO-REVELAÇÃO - O Explicitador, antes de pronunciar sua palestra, distribui uma papeleta entre os participantes, para que cada qual escreva o que pensa sobre o assunto em pauta. Dá tempo para que os participantes façam a redação. Em seguida os participantes lêem o que redigiram. Finalmente o Explicitador faz sua palestra tomando como ponto de partida as idéias expostas pelos participantes, em sua auto-revelação.

8. GINKANA - O Explicitador, após a explicitação, sorteia tarefas ou perguntas entre os participantes ou sub-grupos. Dá tempo para a execução da tarefa. No final, cada qual apresenta a tarefa executada perante uma mesa julgadora.

9. CABEÇA-FRIA - Um ou mais participantes, ou determinado sub-grupo é encarregado de questionar o assunto, buscando pressionar o grupo, incomodá-lo com oposições sistemáticas, a fim de que este se treine para ouvir serenamente os que nos contradizem, e aprenda a negociar soluções com os que não topam com o nosso ponto de vista. Com isso nos treinamos para nos fazer ajudar pelos que nos atacam.

10. ZUM-ZUM - Feita a explicitação, antes de partir para o questionamento, o Explicitador convida os participantes a cochicharem entre si sobre o tema, dois a dois ou em grupinhos. Em seguida só um deles apresenta o questionamento ou dá a opinião sobre o assunto.

NOTA - Esses recursos didáticos são usados pelo Explicitador, na Técnica de Seminário, em reuniões de Estudo.

Apêndice V

ROTEIRO DOS CONGRESSOS DE JUFRA

Modelo Assemblêia

PREPARAÇÃO DO CONGRESSO

1. O Secretariado Executivo da faixa em que se realizará o Congresso (= Nacional, Regional ou Distrital) coordena o levantamento de assuntos junto à faixa que será convocada ao Congresso (= Os Regionais são convocados ao Congresso Nacional, os Distritais são convocados ao Congresso Regional e os Locais são convocados ao Congresso Distrital).
2. Procede à triagem do material levantado.
3. Elabora minuta de assuntos e a envia a faixa de convocação, para ouvir o parecer das mesmas.
4. Recebidas as emendas, e ouvido o parecer da faixa a ser convocada, elabora ANTE-PROJETO de Agendas do Congresso.
5. Entrega o texto do ANTE-PROJETO aos fruitivos da faixa a ser convocada.

INTRODUÇÃO AO CONGRESSO

1. Abertura do Congresso pela Equipe Anfitriã. Nomeia-se o Secretário Provisório para a fase Introdutória.
2. Relatório do Secretariado Executivo, prestando contas de seu governo e colocando os congressistas ao par da realidade da JUFRA em âmbito nacional, regional ou distrital.
3. Os Congressistas QUESTIONAM o relatório.
4. Os Congressistas OPINAM sobre o relatório.
5. Escolhem-se candidatos ao cargo de SECRETÁRIO GERAL Do Congresso.
6. Votação e tomada de posse do Secretário Geral do Congresso. Cessa o cargo do Secretário Provisório.
7. Reunião do Secretário Geral com o CONSELHO DO CONGRESSO. O Conselho do Congresso é formado pelos membros do Secretariado cessante e pelos Secretários Executivos convocados ao Congresso ou seus representantes. Nomeiam EQUIPES DE LIDERANÇA, ESCRUTINADORES, NOTÁRIOS, EXPLICITADORES, SERVIDORES DO CONGRESSO.

Os servidores do Congresso são dactilógrafos, impressores, relações públicas, liturgistas etc, e de ordinário já estão escalados pela equipe anfitriã. Nesse caso o Conselho apenas ratifica o que foi feito pela equipe anfitriã, pedindo emendas, se for o caso.

8. Em plenário, o Secretário Geral apresenta à apreciação dos congressistas os prestadios nomeados pelo Conselho: Equipes de Liderança, Escrutinadores, Notários, Explicitadores e Lideranças de Serviço.

NOTA - Equipes de Liderança são as Equipes que dirigem as sessões do Congresso: animadores, recepcionistas, secretários, cronometristas, espiritualizadores, recreadores etc.

9. A AGENDA DO CONGRESSO

- 9.1. Apresentação do Ante-Projeto de Agendas.
- 9.2. Questionamento do Ante-Projeto de Agendas.
- 9.3. Opiniões sobre o Ante-Projeto de Agendas.
- 9.4. Apresentação de emendas pelas Equipes Congressistas.
- 9.5. Elaboração do Projeto de Agendas pelo Conselho
- 9.6. Apresentação do Projeto de Agendas ao congresso.
- 9.7. Votação do Projeto de Agendas, e proclamação da Agenda do Congresso, ou seja da PAUTA OFICIAL de Agendas do Congresso.

NOTA - Equipes de Congresso são Equipes formadas para o estudo em grupo.

0 CORPO DO CONGRESSO

1. O Secretário Geral anuncia a agenda nº 1 da pauta.
2. O Explicitador encarregado, aquece o assunto.
3. Os congressistas questionam o assunto. O Explicitador coordena a resposta ao questionamento.
4. Os Congressistas opinam sobre o assunto. O explicitador faz a síntese das opiniões manifestadas.
5. As Equipes de Congresso se reúnem para elaborar texto de conclusão para a primeira votação.
6. As Equipes de Congresso apresentam em plenário as conclusões elaboradas.
7. O Secretário Geral e o Conselho unem num só texto, ou dois textos alternativos as conclusões propostas.
8. Apresentação do texto para a 1ª. votação. Passa-se para a agenda seguinte da pauta, até que todos os assuntos

- tos da pauta tenham sido votados pela primeira vez. Após a eleição do novo SECRETARIADO EXECUTIVO e do novo ASSISTENTE, procede-se ao trabalho ulterior sobre a Pauta de Agendas, com vistas à segunda e definitiva votação. Sorteiam-se as agendas entre as equipes.
9. Apresentação de emendas aos textos votados pela primeira vez.
 10. Reunião das Equipes de Congresso, cada qual recebendo determinadas agendas para fazerem as emendas que foram sugeridas, deixando o texto pronto para a última votação.
 11. Votação das emendas feitas pela Equipe.
 12. Votação definitiva do texto da Agenda.
 13. Redação final do Texto de Conclusões do Congresso.
 14. Encerramento do Congresso.
 15. Divulgação das conclusões do Congresso.

ROTEIRO DE ELEIÇÃO DO SECRETÁRIO E DO ASSISTENTE

1. Negociação de candidatos.
2. Questionamento sobre os candidatos.
3. Opiniões sobre os candidatos.
4. Proclamação do número de votantes pelos escrutinadores.
5. Votação para o Cargo de Assistente. Exige-se maioria absoluta em 1º ou 2º escrutínio. Vale maioria relativa em 3º escrutínio.
6. Votação para o Cargo de Secretário Executivo, valendo o mesmo critério usado na eleição do Assistente.
7. Elaboração da Ata de Eleição
8. Leitura da Ata de Eleição. Assinatura da Ata e tomada de posse dos eleitos.
9. Confraternização franciscana!

Apêndice VI

ROTEIRO DE ASSEMBLÉIA EUCARÍSTICA

PRINCÍPIOS

1. Nesse tipo de reunião os relacionamentos são verticais (= De Deus para o homem) e não horizontais, como nos tipos precedentes.
2. O esforço humano é condição muito importante, mas não é a CAUSA do EFEITO. Esse depende do derramamento do sangue da cruz de Cristo.
3. O efeito da Assembléia Eucarística é a celebração da ALIANÇA entre Deus e o homem, e dos homens entre si.
4. Nessa Assembléia, tudo o que se faz, porque feito sob a presidência do ministro ordenado (= sinal-pessoa de Cristo-Cabeça na vida terrena da Igreja), tem valor de SINAL, isto é, faz o que significa. Não é representação teatral de um acontecimento, mas renovação do acontecimento. O acontecimento significado, realmente acontece, aqui e agora. Assim, por exemplo:
 - a) O ministro ordenado significa e realiza a presença de Cristo-Cabeça, ou Esposo da Igreja.
 - b) O povo reunido pela fé em Cristo, significa e realiza a presença da Igreja, Corpo de Cristo, Esposa de Cristo.
 - c) A palavra proclamada, não é leitura de algo que se escreveu há muito tempo, mas realiza a presença de Deus que AQUI e AGORA realmente fala ao seu povo. Os lábios do leitor ou do Presidente que profere a homilia são realmente os lábios de Deus, falando ao povo.
 - d) O pão e o vinho consagrados significam e realizam o corpo e o sangue de Cristo, corpo que foi dado como alimento e sangue que foi derramado pela remissão dos pecados. Pelas palavras do ministro ordenado, que age na pessoa de Cristo, o pão se torna corpo e o vinho se faz sangue. Este é admirável mistério de fé.
 - e) Para a eficácia do mistério celebrado, o que se exige, da parte do homem, é a reta intensão, o espírito de fé, a humildade e o estado de comunhão com todos os homens.

LIDERANÇAS

1. Presidente: Bispo ou Presbítero.
2. Serviço da Presidência: Diácono.
3. Serviço do Altar: acólitos.
4. Serviço do povo: recepcionistas.
5. Serviço da palavra: leitores e comentaristas.
6. Serviço do canto: salmistas, instrumentistas e cantores.

PREPARATIVOS

1. O p o v o

- | | |
|--------------------|------------------------------|
| 1. Ofertas | 4. Canto |
| 2. Aclamações | 5. Diálogo com o Presidente. |
| 3. Preces comunit. | |

2. O m i n i s t r o

- | | |
|------------|-----------|
| 1. Amito | 4. Estola |
| 2. Alva | 5. Casula |
| 3. Cingulo | |

3. O a l t a r

- | | |
|-------------|-----------------------|
| 1. Toalha | 8. Pala |
| 2. Corporal | 9. Sanguinho |
| 3. Galhetas | 10. Manustêrgio |
| 4. Lâmpadas | 11. Pão, Vinho, Água. |
| 5. Flores | 12. Lavabo |
| 6. Cálice | 13. Lecionário |
| 7. Patena | 14. Presbiteral |

SEQÜÊNCIA DOS RITOS

1. Ritos introdutórios

- | | |
|---------------------------|-------------------|
| 1. Acolhida do Presidente | 4. Hino de Louvor |
| 2. Saudação do Presidente | 5. Oração |
| 3. Rito penitencial | |

2. Liturgia da Palavra

1. Primeira leitura: Antigo Testamento ou profeta
2. Cântico ou Salmo de meditação.
3. Segunda leitura: Novo Testamento ou apóstolo.
4. Aclamação ao Evangelho

5. Terceira leitura: Evangelho ou Jesus Cristo.
6. Homília
7. Profissão de fê.
8. Oração universal: resposta dos fiéis.

3. Liturgia eucarística

- | | |
|----------------------------|--------------------|
| 1. Procissão das ofertas | 6. Pai Nosso |
| 2. Ofertório | 7. Oração pela paz |
| 3. Oração sobre as oblatas | 8. O abraço da paz |
| 4. Prefácio | 9. A comunhão |
| 5. Cãnon | 10. O silêncio |

5. Ritos de conclusão ou despedida

1. Antífona
2. Oração final
3. Notícias da Igreja
4. Bênção presidencial

CELEBRAÇÃO DA ALIANÇA

1. APELO - Deus convida seu povo e o reúne.
2. PALAVRA - Deus fala ao seu povo e propõe seu plano
3. RESPOSTA - O povo responde ao apelo de Deus.
4. PACTO - Deus e o Povo celebram o pacto da ALIANÇA, com um banquete.

Oitava sessão

COMO EXPLICITAR UM ASSUNTO E PROGRAMAR ATIVIDADES

Em sessões precedentes temos relevado muito a importância do questionamento, sobretudo quando se tratam de assuntos práticos que engendram compromisso. Os depoimentos dos participantes, também, ao lado do questionamento, representam um momento decisivo no debate do assunto. Entretanto, também a explicitação tem sua importância. Quando se tratam de assuntos doutrinários, o problema facilmen

te se resolve porque, nesses casos, de modo ordinário, o assunto é explanado por pessoa competente. Mas, ao se tratar de assuntos práticos, de propostas concretas, de elaborar programas, a maneira como o proponente explicita o assunto pesa muito, depois, quando o grupo fôr votar a conclusão.

É importante saber reexpor, quando se quer convencer, quando se deseja "vender o peixe". Daremos aqui um roteiro metodológico bastante completo para facilitar o trabalho de programar atividades e explicitar assuntos práticos. Seguindo esse roteiro, evitamos ser parciais, e não corremos o risco de deixar para traz aspectos que depois influem na execução prática. O roteiro é o seguinte

1. ONDE?

1. Ligeira descrição das coisas que compõem o lugar.
2. Equipamentos necessários ou úteis no lugar.

2. QUANDO?

1. Datas
2. Horários - Início - Término - Etapas.

3. QUEM?

1. Frutivos (= os que se beneficiam da agenda)
2. Prestadios (= os que proporcionam a agenda)
3. Responsável ou responsáveis.
4. Grupos, pessoas ou situações implicadas na agenda em um ou outro dos seguintes 14 sistemas da realidade humana:

- | | |
|------------------------------------|--|
| 1. Família | 8. Dinheiro, bens. |
| 2. Saúde | 9. Trabalho, produção. |
| 3. Manutenção, alimentos
vestes | 10. Religião |
| 4. Amizade, amor | 11. Segurança |
| 5. Lazer | 12. Administração, governo,
organização |
| 6. Comunicação, transportes | 13. Leis, direitos, deveres |
| 7. Estudos | 14. Prestígio, bom nome. |

4. O QUE SERÁ FEITO ou SE PROPÕE A FAZER: AGENDAS!

Descrição da Agenda, ou das Agendas

5. COMO SERÁ COMUNICADO?

1. Comunicação com os frutivos

2. Comunicação com os prestadios
3. Comunicação com os responsáveis
4. Comunicação com grupos ou pessoas implicadas
5. COMO SERÁ FEITO? - Jeitos - métodos - técnicas.
6. COM QUE SERÁ FEITO?
 1. Recursos em dinheiro
 2. Recursos em energias
 3. Recursos em outros valores
8. POR QUE SERÁ FEITO?
 1. Objetivos, metas em nível pessoal, grupal ou social.
 2. Argumentos em prol da validade desses motivos.
9. DIFICULDADES ESPERADAS ou que poderão ser encontradas neste ou naquele sistema da realidade.
10. RESULTADOS ESPERADOS, neste ou naquele sistema da realidade.
11. MODO DE VERIFICAÇÃO. Dia, local e hora em que se fará a revisão daquilo que foi feito.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Qual a função da Explicitação?
2. Qual a função do Questionamento?
3. Qual a função das Opiniões?
4. O que é "concluir" um assunto?
5. Como se faz uma ata de reunião?
6. Quantos e quais tipos de reunião existem?
7. Como é o roteiro de reunião na Técnica de Seminário?
8. Como é o roteiro de reunião na Mesa Redonda?
9. De quais recursos didáticos pode valer-se o Explicitador?
10. Como se faz um Congresso de JUFRA?
11. Como se faz uma reunião Eucarística?
12. Que princípios regem a reunião Eucarística?
13. Quais as etapas da celebração da aliança?
14. Como se explicita de maneira global um assunto?

Terceira Parte:

A ARTICULAÇÃO DO GRUPO FRATERNAL

9. *A JUFRA no quadro geral da Ordem Franciscana*
10. *O Compromisso Franciscano de vida.*
11. *O governo da JUFRA na Ordem Secular.*
12. *Fluxograma de admissão na Ordem.*
13. *Treinamentos e Tirocínios na Ordem*
14. *As crises na vida de um grupo.*
15. *O quadro de irmãos e eleição do
Secretariado*

*Nona Sessão***A JUFRA NO QUADRO GERAL DA ORDEM
FRANCISCANA**

A Juventude Franciscana (= JUFRA) é uma PROPOSTA DE VIVÊNCIA CRISTÃ e FRATERNIDADE EVANGÉLICA destinada a jovens que, por ÍNDOLE e por CARISMA, se comprometem com um IDEAL DE EXISTÊNCIA inspirado na filosofia franciscana de vida. Como tal, a JUFRA é a ala jovem da ORDEM FRANCISCANA SECULAR (= OFS), com ESTILO E CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS, por que, nessa Fraternidade de jovens, os jufristas assumem todos os deveres e, por conseguinte, gozam de todos os direitos inerentes ao COMPROMISSO FRANCISCANO DE VIDA SECULAR (= Profissão franciscana).

A Ordem Franciscana Secular, por sua vez, é a Terceira das Ordens que tiveram origem na experiência carismática de São Francisco de Assis. Uma Ordem é uma organização que, na Igreja, possui publicamente uma personalidade jurídica reconhecida pelos sucessores de Pedro na Sé Romana. A Primeira Ordem de São Francisco, constituída de Frades, compreende, atualmente, três ramos: Franciscanos, Capuchinhos e Conventuais. Todos eles têm o nome comum de IRMÃOS MENORES. A segunda Ordem, basicamente, é constituída de quatro ramos de religiosas de vida contemplativa (= vida em mosteiros). A primeira Ordem é para homens que escolhem viver no Celibato pelo Reino, muitos dos quais, também, optam pelo sacerdócio. A segunda Ordem é para mulheres que, de igual modo, escolhem viver no Celibato pelo Reino, iniciada por Clara, que logo em seguida foi acompanhada por suas irmãs, Inês e Beatriz, e depois por sua própria mãe, ao tornar-se viúva.

A primeira Ordem nasceu em 1209. Francisco, ao se converter, e sendo deserdado da herança paterna, ao romper com a família, pagou, inicialmente, o preço de uma solidão humana. Passou mais ou menos dois anos sozinho. Era vaiado e desprezado por seus próprios amigos, atiravam-lhe lama ao passar pela rua e chamavam-no de louco. Passado esse tempo, Bernardo de Quintavale, seu antigo companheiro e cavaleiro nobre e rico, começou a se impressionar com Francisco. Pa-

ra tirar a dúvida, convidou Francisco a vir cear e pousar em sua rica mansão. Bernardo queria "abrir-se" com Francisco e observar mais de perto o mistério que o envolvia. Uma convicção se lhe acendia no íntimo: Seu amigo não era um louco, como diziam, mas algo de extraordinário nele estava acontecendo! Durante a conversa Francisco lhe falava seguido de um certo "segredo". Falava misteriosamente desse "segredo". Bernardo ficava até intrigado com esse mistério. À noite, pediu que arrumassem a cama de Francisco em seu próprio quarto, para poder observá-lo melhor. Ambos se deitaram. Bernardo, logo que se deitou, fingiu dormir e respirava fortemente. Francisco também deitou-se e fingiu dormir. Quando acreditou que Bernardo dormia profundamente, levantou-se, pôs de joelhos, levantou os braços para o céu, e começou rezar profundamente, mas seus lábios apenas repetiam essas mesmas palavras: "Meu Deus e meu Tudo!" Dizendo isso o rosto de Francisco brilhava em celeste claridade, e seus olhos derramavam copiosas lágrimas, enquanto pela noite adentro rezava o tempo todo repetindo sempre as mesmas palavras. E Bernardo, fingindo dormir, observava tudo. Então era aquele o "segredo" de Francisco?

Pela manhã Bernardo contou tudo a Francisco, e se dispôs a segui-lo em pobreza, e ambos imediatamente se puseram a vender os bens de Bernardo, que eram muitos, e distribuí-los aos pobres. Enquanto distribuíam os bens de Bernardo, outro colega de Francisco, Silvestre reclamou pelo fato de o mesmo não lhe haver ainda pago as pedras que tomara em sua propriedade a fim de reconstruir a Igreja de São Damião. Francisco enfiou a mão na sacola de Bernardo e tirou um punhado de moedas. Atirou-as na sacola de Silvestre e disse: "Se você quiser mais, peça, que ainda temos bastante!" Silvestre retirou-se satisfeito. À noite não conseguia dormir. A imagem de Francisco e de Bernardo não lhe saía da cabeça. E essa imagem lhe tocou na alma. Silvestre também resolveu fazer o mesmo e no dia seguinte dirigiu-se a Francisco e Bernardo e se pôs, com eles, a distribuir entre os pobres os próprios bens. Francisco então convidou a ambos, para que com ele se dirigissem à Igreja de São Nicolau. Francisco jamais pensava que um dia teria a companheiros para viver a vida que vivia. Na Igreja de São Nicolau assistiriam à missa. E, depois da missa, pediriam ao Padre que, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, abrisse o missal por três vezes, para saber o que Deus queria deles.

À tríplice abertura do Texto Sagrado, apareceram as seguintes passagens: 1a. "Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres e depois vem e segue-me!" (Mt 19,21) - 2a. "Não leveis pelo caminho nem outro, nem prata..." (Lc 9,23); - 3a. "Se alguém quiser seguir-me, tome sua cruz...renuncie-se a si mesmo..." (Mt 16,26).

Isso foi no dia 16 de abril de 1209. Nascia a primeira Ordem Franciscana. Em seguida Francisco recebeu mais alguns irmãos. Foram a Roma e pediram ao Papa Inocência III que aprovasse a Regra da Ordem. O Papa relutou. Muitos cardeais diziam ser loucura aquela forma de vida. Foi o sonho de Inocência III, vendo a Igreja de São João do Latrão ruindo, e sendo socorrida por um homem pobre e franzino, que levou o papa a anuir aos desejos de Francisco.

A Segunda Ordem nasceu com Clara de Assis, 12 anos mais nova que Francisco, que se sentiu atraída a seguir Cristo imitando o que fazia Francisco. Francisco, a princípio, recusava-se atendê-la. Aquela forma de vida não era para mulheres. Mas Clara acabou convencendo-o: "Não quero que me amem, eu quero amar! Não quero que compreendam, eu quero compreender; não quero que me aceitem, eu quero aceitar!" Foi logo seguida por suas duas irmãs, Inês e Beatriz. Logo mais, também, a mãe, tendo viuvado, a seguiu. Clara foi a plantinha predileta de Francisco, sua mais fiel discípula e intérprete de seu espírito, a aquela a quem ele consultava nos momentos mais difíceis.

A Terceira Ordem nasceu em 1221. O entusiasmo que Francisco suscitou no muito foi incrível, tanto que muitos casais pensavam em separar-se, para seguir Francisco, ele na primeira, e ela na segunda Ordem. Francisco viu que isso não estava de acordo com o Espírito do Senhor. Existe um estado de perfeição, de radicalidade evangélica para os que vivem no mundo, no matrimônio. E idealizou esse modo de viver uma vida de perfeição evangélica no matrimônio, e assim nasceu a Ordem da Penitência, para os casados, que hoje conhecemos como Ordem Franciscana Secular. Entre a vida dos religiosos nos conventos e a vida dos leigos no mundo, existe um ideal de perfeição de quem fica no mundo, mas vive a perfeição buscada nos conventos. Santo Elzeário e Santa Delfina foram o exemplo mais contrastante dessa possibilidade: casaram-se, e viveram o seu casamento em estado de virgindade escatológica.

A JUFRA é a ala jovem dessa terceira Ordem que, juntamente com as famílias da Primeira e Segunda Ordem, e muitas congregações religiosas que surgiram dentro da própria Terceira Ordem ou a ela foram agregadas, formam a maior agremiação cristã do mundo. Todo esse mundo variado de discípulos de São Francisco - os "franciscanos" - em cifras numéricas, entre as três Ordens, conta com 2.538.345 membros, assim distribuídos:

1a. Ordem: Franciscanos, Conventuais e Capuchinhos.....	40.920
2a. Ordem.....	19.527
3a. Ordem: Seculares, Regulares e religiosas.....	2.477.898
TOTAL.....	2.538.345

Ao longo de 8 séculos essas três Ordens se ramificaram continuamente, à semelhança de grande árvore, tão vigorosa que sempre faz brotar novos rebentos. Ainda hoje essa árvore vigorosa continua soltar novos rebentos. Dentro da própria JUFRA, no Brasil, já nasceu, há dez anos um movimento de vida consagrada, a SEARA, onde seus membros escolhem o celibato pelo Reino, à maneira dos religiosos, mas vivem em meio ao mundo, à maneira civil, conforme a vida que o povo vive. Vivem a mesma realidade sociológica dos homens de hoje, apenas adotando em relação ao mundo as rupturas que são consequência, não apenas da consagração batismal, mas também da consagração virginal.

Pela Terceira Ordem São Francisco interveio poderosamente na vida do mundo, traçando outros rumos para a história: influiu na arte, na sociologia, na política, na guerra, na economia, e acelerou o advento da democracia. Ao longo desses séculos alistaram-se em suas fileiras pessoas de todas as procedências e classes sociais: papas, reis, imperadores, príncipes, cientistas, artistas, literados, militares... Luiz IX da França, Isabel da Hungria, Isabel de Portugal, Dante Alighieri, Cristóvão Colombo, Pasteur, D. Pedro II do Brasil, Garcia Moreno do Equador, papas como Pio X, Leão XIII, Pio XI, Pio XII, João XXIII. Mais de 400 foram os franciscanos canonizados, elevados à honra dos altares, entre os quais destacam-se nomes eminentes na história da Santidade, como Santo Antônio de Pádua, São Benedito, São Bernardino de Siena, São Boaventura, São Félix de Cantalício. Além desses, mais de dois mil foram beatificados, e cujos processos de canonização estão em andamento,

sem contar os inúmeros servos de Deus, com processos de beatificação em andamento.

No Brasil a Ordem Franciscana SEcular (= Terceira Ordem, se articula para Mini-JUFRA (= adolescentes de 15 e 16 anos), JUFRA (= jovens de 17 anos até o casamento) e ala adulta (= casados ou solteiros com mais de 30 anos), e dentro dela, seus membros seguem um itinerário de formação e engajamento formado de três etapas: POSTULADO, NOVICIADO e PROFISSÃO. Com o Treinamento Básico nós iniciamos o postulado. Com o treinamento de iniciação entremos no NOVICIADO. E com o treinamento de renovação, somos convidados à PROFISSÃO franciscana de vida secular.

A Ordem Franciscana SEcular não é apenas um MOVIMENTO carismático. Ela possui características de movimento, mas decisivamente ela é mais que movimento, porque se articula em FRATERNIDADE, isto é, movimento que adquire estabilidade e perenidade.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Que é a Juventude Franciscana?
2. A quem se destina a Juventude Franciscana?
3. Porque os jovens na JUFRA são membros da OFS?
4. Que é a Ordem Franciscana SEcular?
5. Que é uma Ordem na Igreja?
6. Quantas e quais as Ordens Franciscanas?
7. Como e de quem nasceu a Primeira Ordem Franciscana?
8. Como e de quem nasceu a Segunda Ordem Franciscana?
9. Porque nasceu a Terceira Ordem Franciscana?
10. Qual a importância da Terceira Ordem na História?
11. Como se articular a Ordem Franciscana SEcular no Brasil?

Décima Sessão

O COMPROMISSO FRANCISCANO DE VIDA

Todo o trabalho de formação contínua, ao longo de toda a vida, levam o franciscano secular ao COMPROMISSO FRANCISCANO DE VIDA. Por isso nossa proposta só é feita às pessoas que DESEJAM COMPROMETER-SE com um ideal, e que são capazes de se comprometer. Mais ainda: nossa proposta é feita só àqueles que acreditam na importância de "se comprometer", na validade de "se comprometer". Não o fazemos aqueles que não acreditam nessa importância e validade, ou aqueles que não desejam se comprometer, ou que não são capazes de compromisso. Essa, para nós, é uma REGRA DE JOGO simplesmente essencial.

- Em que consiste o COMPROMISSO FRANCISCANO de vida?

- Tradicionalmente chama-se PROFISSÃO FRANCISCANA. Ele consiste em três pontos essenciais:

1. *VIVER O EVANGELHO de Nosso Senhor Jesus Cristo...*
2. *... EM FRATERNIDADE,*
3. *... traduzindo, na prática, a REGRA DA ORDEM FRANCISCANA, ou seja o Ideal Franciscano de Vida.*

1. VIVER O EVANGELHO - Todo o cristão se compromete viver o Evangelho. Há, porém, muitas maneiras de ler e interpretar o Evangelho, porque o Evangelho nós nunca o esgotamos, ele é imenso, e há sempre possibilidades de perceber nele novos aspetos. O Franciscano lê o Evangelho e o interpreta de certo "jeito". - Qual? - O de Francisco de Assis? - E qual foi o "jeito" de Francisco de Assis? - Foi o "jeito seráfico", ou seja, a maneira radicalizada, aquela maneira onde não entra cálculo, aquela maneira que vai para lá das determinações morais ou moralizantes, que é toda impulso de mística: "Amar mais que ser amado; compreender mais que ser compreendido; acolher mais que ser acolhido; consolar mais que ser consolado; colaborar mais que esperar que outros colaborem; levar amor onde há ódio; levar alegria onde há tristeza; levar fé onde há dúvida; levar esperança onde há desespero; levar luz onde há trevas." Por

que é dando que se recebe. E' perdoando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna!" A maneira franciscana de ler o evangelho lança o homem no absoluto de Deus, na adesão mais louca ao Cristo do presépio e do calvário, o Cristo da vida pública e da solidão do sacrário!

2. VIVER EM FRATERNIDADE - E' a marca mais nitidamente franciscana, porque é a marca que forma certo tipo de "grupo" social: o grupo social fraterno! O Franciscanismo nasce como fraternidade. E a fraternidade, para o franciscano, é algo que possui "finalidade intrínseca". O frater-nismo franciscano é o compromisso-eixo de todos os demais compromissos: a montanha, a estrada e a sapata.

3. ASSUMIR A REGRA DA ORDEM - Que é a "Regra" da Ordem de São Francisco? E' uma explicitação de alguns pontos que constituem o Ideal Franciscano de Vida. Para os franciscanos em nível básico, nós apresentamos esse Ideal Franciscano de vida naqueles cinco itens de que falamos na sessão nº 3 desse treinamento, a saber:

- a) Amar até o fim! Isto é, procura fazer pelo outro, seja lá quem for, aquilo que sua mãe faria por você!
- b) Amar primeiro! Isto é, procura dar também quando não recebe. E, para dar, não espere que os outros também façam o mesmo, ou que os outros comecem!
- c) Fazer bem feito! Isto é, com PERFEIÇÃO, com AMOR e com ALEGRIA
- d) Fazer poucas coisas! Ter poucas coisas! Você vive rá assim na bem-aventurança da pobreza!
- e) Constrói devagar o teu segredo! Você deve saber saborear a vida! Você deve viver a vida como quem morde um pedaço de pão!

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Em que consiste o compromisso franciscano de vida?
2. Qual é a "maneira franciscana" de viver o evangelho?
3. Qual a marca própria do franciscanismo enquanto "grupo social"?
4. Em que consiste a Regra da Ordem Franciscana?

*Décima Primeira Sessão***O GOVERNO DA JUFRA NA ORDEM SECULAR**

O governo da JUFRA compete aos Conselhos da OFS, os quais se distinguem em MUNDIAL (= para todo o mundo), NACIONAL (= para o Brasil), REGIONAL (= para cada uma das 12 regiões que integram nosso país), DISTRITAL (= para cada grupo de fraternidades relativamente vizinhas) e LOCAL (= para cada fraternidade). Os Conselhos da Ordem, entretanto, possuem dentro de si vários secretariados, entre os quais, o Secretariado para a ALA PACIENTE (= para velhos e doentes), o Secretariado para o CLERO SECULAR (= para os sacerdotes do clero secular membros da OFS) e o Secretariado Executivo da JUFRA, o qual, por sua vez, no Brasil, também se distingue em NACIONAL, REGIONAL, DISTRITAL e LOCAL. Portanto, o governo da JUFRA compete ao Conselho da OFS através um Secretariado Executivo próprio.

O Secretariado Executivo da JUFRA, em âmbito LOCAL, é composto, essencialmente, do ASSISTENTE, do SECRETÁRIO EXECUTIVO, do Sub-Secretário de VIVÊNCIA FRATERNA e do Sub-Secretário de FORMAÇÃO. São cargos essenciais. Nos lugares em que a JUFRA existe ao lado da Fraternidade de OFS já constituída canonicamente, o MESTRE de Novícios do Conselhos é assistente nato da JUFRA. Cada Fraternidade, além disso, poderá optar por mais Sub-Secretários à frente de outros departamentos úteis ou até necessários, como, por exemplo: Departamento de LITURGIA, de EVANGELIZAÇÃO, de PROMOÇÃO HUMANA, de LAZER, de FAIXA EXTERNA (= ou "relações públicas"), de ECONOMIA, de IMPRENSA, de ESCRITURAÇÃO e ARQUIVO.

O ASSISTENTE DA JUFRA - O Assistente representa a ligação da CABANA (= fraternidade) com a SAPATA (= Igreja). Sua função é "ASSISTIR PASTORALMENTE", isto é, estar ao lado, estar presente em nome da Igreja e da Ordem. É o elemento moderador. Presta à fraternidade o serviço de "discernir", em nome de Deus e da Igreja, o espírito das opções que a fraternidade faz. Porque o Assistente, sendo presbí-

tero, em virtude do sacramento da Ordem que lhe deu o ministério para ser na Igreja o SINAL-PESSOA de Cristo-Cabeça na vida terrena da Igreja, possui o Espírito para santificar, ensinar e conduzir o povo de Deus em nome de Cristo. Por meio dele a fraternidade coloca sempre suas opções na luz de Deus. E' muito importante na fraternidade franciscana esse "espírito de fé" nos ministros da Igreja. Essa atuação do Assistente pode ser até muito discreta e silenciosa. Ele pode "intervir" poucas vezes. Além disso deve o Assistente agir também como "moderador", isto é, aquele que busca moderar os entusiasmos excessivos e animar nas depressões de de sãimo.

O SECRETÁRIO EXECUTIVO - E' o ANIMADOR GERAL da fraternidade. Dizendo que é o "Animador" já dizemos tudo, porque sabemos o que é um ANIMADOR. Suas funções, basicamente, são três:

1º REunir-se seguidamente com seu SECRETARIADO para e laborar planos, revisar condutas, estudar propostas à fraternidade, fazer "feedbacks" de coisas decididas, estudar pedidos de admissão à fraternidade etc.

2º Submeter ao Assistente ante-projetos e projetos, e manter o Assistente informado sobre todas as vicissitudes da Fraternidade. Antes que qualquer proposta seja apresentada à Fraternidade, é preciso apresentá-la ao Assistente: com pete a ele o "discernimento" não apenas de Moderador, mas também de pastor da Igreja.

3º Dialogar constantemente com CADA irmão da Fraternidade, ouvir, solicitar a abertura, receber queixas, reivindicações, estar atento ao problema de cada um, acalentar, animar, consolar, entusiasmar. Nesse caso o Secretário Executivo precisa "conhecer cada ovelha pelo nome", isto é, precisa se aproximar profundamente de cada irmão, com espírito de bondade, humildade, compreensão, carinho, respeito, atenção, solicitude.

Ao Sub-Secretário do DEPARTAMENTO DE VIVÊNCIA FRATERNA compete cuidar da vida fraterna, exercendo as seguintes funções:

1º A aceitação de novos membros na Fraternidade, liderando os passos do fluxograma de admissão na fraternidade.

2º Coordena freqüentes reuniões de Berlinda, onde os irmãos buscam a correção fraterna de que fala o Evangelho.

Na Berlinda a palavra é dada ao irmão que deseja desabafar-se, abrir-se, reivindicar, cobrar. Dá-se, em seguida, oportunidade para que o grupo possa questioná-lo. Ouve-se depois a opinião dos participantes sobre o assunto, é, finalmente, tira-se uma conclusão.

3º Coordena os trabalhos das Equipes de Entre-ajuda, isto é, estimula esse trabalho, não permite que as equipes desanimem, desistam.

Compete ao Sub-Secretário do DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO cuidar de todos os treinamentos e Tirocínios.

1º Convoca os irmãos para os treinamentos, quando ficar provado que estão em condições de fazê-lo;

2º Mantém em dia a ficha de cada irmão, na qual se possa conferir a participação integral de cada um nos treinamentos e tirocínios.

3º Toma providências para suprir a participação deste ou daquele irmão nas reuniões ordinárias, com estudos e trabalhos práticos feitos à parte.

Quanto aos demais departamentos que podem ser criados numa fraternidade (= Liturgia, Evangelização, Promoção Humana, Lazer, Faixa externa, Economia, Imprensa, Escritação e Arquivo) suas funções são obviamente entendidas pela própria denominação que se dá a cada um deles.

À frente de cada departamento podem ser colocados um ou mais Sub-Secretários, conforme cada Fraternidade achar conveniente, ou conforme a opção do Assistente e do Secretário Executivo.

ELEIÇÕES DE GOVERNO - O Assistente é nomeado pelo Superior Provincial da Província da Ordem de São Francisco. É um dever sério que lhes assiste. A Ordem Secular, entre tanto, deve manter freqüentes contatos com a Primeira Ordem, porque se trata de um compromisso de família muito importante e porque, além disso, seus membros, sendo leigos seculares, precisam da presença do Assistente membro da hierarquia eclesiástica, para que sua personalidade jurídica de Ordem seja completa.

O Secretário Executivo é eleito pelos irmãos da fraternidade, sempre que o atual pedir demissão, ou sempre que o prazo de seu governo estiver expirado. Cada Fraternidade é que determina o prazo de governo para o Secretário

Executivo. A eleição é feita por voto secreto, exigindo-se, para tanto, em primeiro ou segundo escrutínio, que o eleito alcance pelo menos a maioria absoluta dos votos (= meta de mais um). Não conseguindo maioria absoluta em primeiro ou segundo escrutínio, faz-se um terceiro, em que será considerado eleito aquele que conseguir maioria relativa ou simples.

Antes da Assembléia de eleição é conveniente que a Fraternidade faça escolha de alguns candidatos, dou ou três, conforme desejar. No dia da eleição apenas os candidatos escolhidos possuem voz passiva (= podem ser votados).

Os Sub-Secretários à frente dos Departamentos são nomeados pelo Assistente e pelo Secretário Executivo, e apresentados à Fraternidade. Se não houver objeção da parte da mesma (= objeção que alcance pelo menos metade mais dos votos da fraternidade), o nome indicado, "ipso facto", fica aprovado para aquele cargo. Os Sub-Secretários podem ser trocados a qualquer momento, sempre que isso for oportuno fazê-lo, a critério dos próprios titulares ou do Assistente ou do Secretário Executivo, ou da própria Fraternidade.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. A quem compete o governo da JUFRA?
2. Como se distinguem os Conselhos da OFS?
3. Como se distinguem os Secretariados da JUFRA?
4. De que elementos é composto o Secretariado Executivo local da JUFRA?
5. Quais os encargos essenciais do Secretariado Executivo local da JUFRA?
6. Qual o papel, o significado e a função do Assistente na JUFRA?
7. Que é o Secretário Executivo e quais as suas funções?
8. O que compete ao Departamento de Vivência Fraternal?
9. O que compete ao Departamento de Formação?
10. De que maneira se procede nas eleições dentro da JUFRA?
11. De que maneira se escolhem os Sub-Secretários?

*Décima Segunda Sessão***FLUXOGRAMA DE ADMISSÃO NA ORDEM**

A Ordem Franciscana SEcular é FRATERNIDADE é não simplesmente um movimento. Destina-se a leigos seculares que revelam verdadeira vocação para um "estado de perfeição" na vida secular, e não para os cristãos em geral. Por esse motivo, a admissão na Ordem precisa ser feita dentro de certos critérios e obedecer a certas exigências. Trata-se, na verdade, de mais um irmão que nasce na família. E' preciso que esse acontecimento se revista de muita consciência, tanto da parte de quem pede para ser admitido, como da parte de quem admite.

Num MOVIMENTO os membros podem ser muito oscilantes, e seu quadro pessoal pode ser bastante flúido, de contornos não muito bem definidos. Na Fraternidade não é assim: os membros que pertencem à mesma são bem definidos, cada qual possui seu registro específico, seu quadro oficial consta de tantos e tantos, de tais e tais, isto é, seus contornos são bem definidos.

Não se entra na Fraternidade de qualquer maneira. Não se vai chegando, e se vai entrando, e já se vai sendo membro da fraternidade. E' preciso que certo fluxograma de admissão seja seguido. E' o seguinte:

1. DIÁLOGO COM O DEPARTAMENTO DE VIVÊNCIA FRATERNA - Antes de tudo a pessoa interessada conversa com o Sub-Secretário do Departamento de vivência fraterna, ao qual faz o pedido de admissão na fraternidade. Geralmente essa apresentação é feita por alguém que já pertence à fraternidade

2. APRESENTAÇÃO À FRATERNIDADE - Se julgar oportuno admitir o candidato à Fraternidade, para que a mesma possa ouvi-lo, questioná-lo, opinar sobre sua idoneidade e votar a favor ou contra sua admissão, o Sub-Secretário faz isso em reunião de mesa redonda, na qual se pede ao Candidato que fale ao grupo sobre seu desejo e suas metas.

3. TEMPO DE EXPERIÊNCIA - Obtido o voto favorável da

Fraternidade, o Sub-Secretário de Vivência Fraternal instrui o candidato, e lhe propõe um tempo de experiência, durante o qual o mesmo ainda não é membro da Fraternidade, mas busca estar em contato com a mesma. Aos candidatos em tempo de experiência é facultado participar nas reuniões de estudo e nas atividades. Só não deve ser admitido às reuniões de Fraternidade.

4. TREINAMENTO BÁSICO - Transcorrido o tempo de experiência, que pode ser mais ou menos longo conforme o caso, o candidato é convidado, pelo Departamento de Formação, a participar no TREINAMENTO BÁSICO em 1º Nível, durante o qual tomará conhecimento das exigências mais elementares da vida em fraternidade, e votará suas normas de vida. O candidato que aceita as normas de vida em Fraternidade propostas pelo 1º Nível do Básico, começa a vida na Fraternidade como POSTULANTE.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Porque na Ordem Secular se exige um quadro oficial de membros bem definidos?
2. Que se entende por fluxograma de admissão?
3. Quais os passos do fluxograma de admissão na JUFRA?
4. Quando o jufrista começa sua vida na OFS como postulante?

*Décima Terceira Sessão***TREINAMENTOS E TIROCÍNIOS NA ORDEM**

Na JUFRA o jovem franciscano secular percorre um itinerário constante de Descoberta e Aprendizagem do dom do Evangelho, o qual itinerário compreende as seguintes etapas, formadas por Treinamentos e Tirocínios:

TREINAMENTO BÁSICO - Representa o início da Etapa de Primeiro contato, ou **POSTULADO**, no qual o Franciscanismo é assimilado como humanismo fraterno. Ele abrange, como vimos, quatro níveis. Ao Treinamento segue-se o Tirocínio, o qual consta de: a) **REUNIÕES DE ESTUDO**; - b) Reuniões de **FRATERNIDADE**; c) Atividades apostólicas, conforme o plano de ação.

TREINAMENTO DE INICIAÇÃO - Representa a Etapa de **DESCOBERTA** e **APRENDIZAGEM** ou **NOVICIADO**, na qual o Franciscanismo é assimilado enquanto cristianismo, dentro de uma cosmovisão teológica especial. Ao Treinamento segue-se o tirocínio de um ano, o qual, como na etapa precedente, consta de reuniões de estudo, reuniões de fraternidade e atividades apostólicas.

TREINAMENTO DE RENOVAÇÃO - Representa a Etapa de **COMPROMISSO** de vida, ou **PROFISSÃO** franciscana, com um programa permanente de formação, no qual, cada ano, se realiza um treinamento ao qual segue-se um Tirocínio.

O Treinamento Básico treina mais a **DIMENSÃO HUMANA** da personalidade; o Treinamento de Iniciação treina mais a **dimensão CRISTÃ** da personalidade; o Treinamento de Renovação, finalmente, treina a **DIMENSÃO FRANCISCANA** da personalidade. No Básico há um trabalho de **JOÃO BATISTA**; no de Iniciação há o trabalho de **JESUS**; e no de Renovação, finalmente, há o trabalho do **ESPÍRITO** que age na Igreja através muitos carismas, entre os quais o de São Francisco.

O Tirocínio, em qualquer dessas etapas, como dissemos, é constituído por Reuniões de Estudo, Reuniões de Fra

ternidade, e REuniões Apostólicas, ou atividades apostólicas.

REUNIÕES DE ESTUDO - Têm por objetivo o conhecimento da Vida e Espiritualidade de São Francisco, a Espiritualidade cristã em geral, o aprofundamento filosófico e teológico, Deus, Cristo, Igreja, Mundo e Homem.

REUNIÕES DE FRATERNIDADE - São reuniões em que a Fraternidade se reúne para tratar de assuntos práticos como: planejamentos, revisões, admissão de novos membros, problemas que surgem na fraternidade e que exigem tomada de posição, principalmente reuniões para enfrentar as crises de grupo, para a correção fraterna.

ATIVIDADES APOSTÓLICAS - São as atividades apostólicas da Igreja local, de ordinário dentro dessas nove agendas:

a) **FORMAÇÃO** - É a atividade fundamental. Lutamos para formar pessoas, cristãos e franciscanos, líderes de santidade secular em meio ao mundo. O programa de formação é constituído pelos Treinamentos e Tirocínios. Responsável por essa agenda é o Sub-Secretário do Departamento de Formação.

b) **VIVÊNCIA FRATERNA** - É ação que possui finalidade intrínseca. É a ação fundamental, especificamente franciscana. Esse trabalho consiste principalmente no desempenho das Equipes de Entre-Ajuda. É coordenada pelo Sub-Secretário de Vivência fraterna.

c) **VIVÊNCIA PESSOAL** - Ação que consiste num programa de Vida Espiritual Pessoal, compromisso de cada irmão dentro da Ordem. No primeiro nível do Básico esse programa é constituído pelos cinco itens do Ideal Franciscano de Vida. A Vivência Pessoal é assunto a ser cobrado pelo próprio Secretário Executivo e pelo Assistente.

d) **TESTEMUNHO FRANCISCANO** - É ação constituída pelo exemplo de MUDANÇA DE VIDA, pela piedade, pela doação a Deus, ao próximo, pela vida de simplicidade, humildade, pobreza e despreendimento. Também ela é assunto a ser cobrado especialmente pelo Secretário Executivo e pelo Assistente.

e) **VIVÊNCIA LITÚRGICA** - Ação constituída pelo cultivo da espiritualidade litúrgica e pela participação nas atividades litúrgicas da Igreja local. Inclui também a vivência

a de intensa piedade eucarística. É ação coordenada pelo Departamento de Liturgia.

f) VIVÊNCIA MISSIONÁRIA - Ação constituída pelo cultivo da espiritualidade apostólica e pela participação no trabalho de Evangelização da Igreja Local. É coordenada pelo Departamento de Evangelização.

g) CONQUISTA DOS JOVENS - Toda a Fraternidade de JUFRA se compromete fazer um movimento de jovens, aos quais presta assistência e ministra formação cristã. Nesse sentido, uma Fraternidade de JUFRA coloca-se à disposição da Igreja Local para estar na linha de frente desse setor da pastoral. Essa ação é coordenada pelo Departamento de Evangelização.

h) PROMOÇÃO HUMANA - Como Francisco se colocou ao serviço dos leprosos, toda a fraternidade franciscana se compromete inserir-se em trabalhos que visem a promoção humana dos mais necessitados. Cada lugar tem sua realidade, e, por conseguinte, tem seu tipo peculiar de pobres: marginalidade, prostituição, presídios, toxicomania, alcoolismo, abandono, favelas etc. Essa ação é coordenada pelo Departamento de Promoção Humana.

i) LEALDADE - A Fraternidade, sobretudo aquela que se constitui de jovens, como é o caso da JUFRA, dá importância ao cultivo da alegria, do esporte, Festas, aniversários, serenatas, passeios, competições esportivas, teatro, música, comemorações diversas são coordenadas pelo Departamento de LEALDADE.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Quantos e quais os treinamentos e tirocínios feitos na JUFRA?
2. Que é o Treinamento Básico?
3. Sob que forma o Franciscanismo é assimilado no Treinamento Básico?
4. Que é o Treinamento de Iniciação?
5. Sob que forma o Franciscanismo é assimilado no Treinamento de Iniciação?
6. Que é o Treinamento de Renovação?
7. Sob que forma o Franciscanismo é assimilado no Treinamento de Renovação?

8. Quais as dimensões da personalidade treinadas pelo Treinamento Básico, pelo Treinamento de Iniciação e pelo Treinamento de Renovação?
9. De que se constituem os Tirocínios?
10. Qual o objetivo das Reuniões de Estudo?
11. Qual o objetivo das Reuniões de Fraternidade?
12. Quais as Agendas Apostólicas da JUFRA?
13. Qual o responsável pela Agenda de Formação?
14. Quem coordena a agenda de Vivência Fraternal?
15. Em que consiste a Agenda de Vivência pessoal, e a quem compete coordená-la?
16. Em que consiste a Agenda de Testemunho Franciscano e a quem compete coordená-la?
17. Em que consiste a agenda de Vivência Litúrgica e a quem compete coordená-la?
18. Em que consiste a agenda de Vivência Missionária e a quem compete coordená-la?
19. Em que consiste a Agenda de Conquista dos Jovens e a quem compete coordená-la?
20. Em que consiste a Agenda de Promoção Humana e a quem compete coordená-la?
21. Em que consiste a Agenda de Lealdade e a quem compete coordená-la?

*Décima quarta Sessão***AS CRISES NA VIDA DE UM GRUPO**

Numa verdadeira fraternidade é normal que, às vezes, surjam tensionamentos entre os irmãos. O grande sinal de integração fraterna nós o temos na capacidade de um grupo para superar suas crises, aproveitando, inclusive, das mesmas para crescer ainda mais. Na Juventude Franciscana, de modo geral, as crises nascem de uma das seguintes causas: 1º Cibernoses - 2º Panelismo - 3º Caciquismo - 4º Machismo; 5º Fofuquismo; 6º Namorismo.

CIBERNOSES - Frequentemente esse tipo de dificuldade pode surgir entre os jufristas e os assistentes quando estes, os assistentes, não fazem os treinamentos da JUFRA, em especial o T.B.J., e depois têm que agir com o grupo. Nesses casos, o desentendimento, de sérias consequências, é quase inevitável. Ou então acontece quando elementos novos entram na JUFRA sem que se respeite o FLUXOGRAMA DE ADMISSÃO, e aí ficam longo tempo sem treinamento, ou os jufristas são mal treinados e passam a aplicar mal aquilo que aprenderam na JUFRA. Acontece, também, quando os jufristas, fora da faixa interna da própria fraternidade, se põem a usar a terminologia e as técnicas treinadas e aplicadas dentro da fraternidade.

PANELISMO - É o perigo que ameaça o grupo diante de outros grupos, ou perante novos elementos que pretendem entrar na fraternidade. Ou então acontece quando Equipes de Entre-Ajuda se desligam demais do grupão. O panelismo destrói profundamente o senso de Igreja, de pluralidade de carismas, além de ser uma conduta instintiva muito primitiva. Quanto mais um grupo é primitivo em sua formação emocional e mental, tanto mais se opõe e cria rivalidades diante de outros grupos ou pessoas de faixa interna ou faixa externa, e tende a "judiar" dos novos elementos que pretendem aderir ao grupo. Os jufristas devem ser formados para a alegria de ceder o lugar aos outros. Essa abertura, essa faci

lidade em ceder, essa disponibilidade, essa capacidade para tratar com amor, delicadeza e respeito os que vêm depois, é como o pulmão sadio que respira ar puro e enche de vitalidade. No momento em que o panelismo se faz sentir num grupo fraterno, temos o "começo do fim" da vitalidade e fecundidade do grupo. Entendam os jufristas que esta abertura para outros grupos e outros tipos de pessoas, esse criar um clima no qual os "outros" se sentem bem ao contato com a gente, é uma exigência séria do fraternismo franciscano, e que se constituem num forte contra-testemunho de vida franciscana quando procedem contrariamente.

CACIQUISMO - Acontece quando, de modo geral, os líderes ou os indivíduos mais influentes pisam por cima das normas que regem a conduta de um governo fraterno, isto é:

1. Quando os titulares deste ou daquele Departamento decidem programar ou projetar sem se sintonizar previamente com o Secretário Executivo ou com os demais Sub-Secretários à frente dos outros departamentos.

2. Quando os Secretários ou Sub-Secretários não explicam claramente para o grupo os projetos que pretendem levar à efeito, não deixam o grupo QUESTIONAR e OPINAR sobre as propostas que estão sendo feitas, não elaboram uma conclusão e não votam a conclusão elaborada. Na JUFRA nenhum Secretário ou Sub-Secretário tem poder para fazer algo sem que antes o grupo (= ao menos metade mais um dos membros) tenham votado à favor. E' isso e tão somente isso que confere ao Secretariado Autoridade para agir.

MACHISMO - E' comportamento dos rapazes em relação às moças. Na JUFRA ambos os sexos precisam aprender a se encontrarem num clima de grande respeito, pureza e nobreza de sentimentos, pensamentos e atitudes. Devem aprender a cultivar profundas amizades sem erotizações. São irmãos e irmãs, que abrem, uns para os outros, os caminhos do amor na forma bela e digna do amor verdadeiramente humano e cristão. Essa descoberta da possibilidade de uma amizade profunda e pura, entre os jovens de ambos os sexos, na JUFRA, constitui-se-á numa experiência maravilhosa. Isso solidifica enormemente o grupo. Mas quando acontece o contrário, isto é, quando as moças do grupo percebem nos rapazes, em um ou outro deles, um comportamento de temática machizante, isso se torna motivo de crise e impasse sério.

FOFOQUISMO - A fofoca é a arma dos fracos. Aquele que nada fez na vida, precisa se compensar dessa frustração destruindo o que os outros fazem. As coisas, então, são levadas de boca em boca, com a finalidade de diminuir, destruir, desmoralizar o outro. É o veneno da vida de grupo. Combatemos o fofocismo aprendendo a falar as coisas pela frente, face à face, com as pessoas faltosas, em reunião de Berlinda.

NAMORISMO - Problema de namorados. Na JUFRA; à medida que os jovens vão crescendo, pede-se aos mesmos que, à partir do momento em que se encontram com os demais jufristas, deixam de ser namorados e passam a ser irmãos e irmãs. É inadmissível na JUFRA, por exemplo, o namorado que proíbe sua namorada relacionar-se com todos, dançar com todos, ou vice-versa. Também é sinal de muita imaturidade dos namorados que, na reunião dos jufristas, não se largam nunca, precisam sempre estar perto um do outro, abraçados. Aconselhamos nossos jufristas a não namorar muito cedo. Antes de começar a namorar, cuidem do coração e procurem cultivar amizades profundas, os rapazes com as moças e as moças com os rapazes. Essa reserva do coração nos jovens, embora custe sacrifícios, tem importância na preparação para o matrimônio. É o sacrifício dos corações com grande capacidade de amar.

A BERLINDA - Sempre que um grupo entra em Crise, ou parece que alguma crise está em andamento, ou alguma coisa com certos membros do grupo não está funcionando, o Departamento de Vivência fraterna convoca a Berlinda, na qual todos ou alguns membros de grupo são berlindados. Como é que se faz uma berlinda?

1. Alguém do grupo, porque assim deseja fazê-lo, ou porque convocado pelo Departamento de Vivência Fraterna, coloca-se no meio ou na frente do grupo, e procura abrir-se, desabafar, dizer o que tem para dizer, fazer queixas, falar de suas mágoas, recriminar, reivindicar, acusar, denunciar, apontar erros, defeitos, injustiças, hipocrisias etc. Os demais assumem compromisso de sério de ouvi-lo com atenção e respeito, e o Animador não permite em hipótese alguma que se façam interferências enquanto a pessoa berlindada está falando.

2. Depois que a pessoa berlindada tiver terminado o seu desabafo, o Animador pede aos participantes que o questionem. Toma cuidado para que, durante o QUESTIONAMENTO, nenhum dos participantes se pronuncie ou digam o que pensam a respeito do que se ouviu da pessoa berlindada. A palavra só é dada a quem TIVER PERGUNTAS e severamente deve ser negada aos que, nesse momento, quiserem intervir com pronunciamentos, pareceres, depoimentos etc., seja a favor, seja contra. Deve-se dar ao questionamento todo o tempo que for necessário, isto é, não se pode tocar a reunião para frente enquanto houverem perguntas para serem feitas. O Animador deve ter muita cautela para que o questionamento seja feito de maneira total e exaustiva. Ele mesmo, o Animador, quando percebe que há perguntas no ar, mas ninguém as formula, deverá, pessoalmente, formulá-las. Em modo particular pessoas que foram visadas pelo desabafo da pessoa berlindada devem ser solicitadas a fazerem perguntas. A pessoa em berlinda responde às perguntas.

3. Quando o questionamento realmente estiver esgotado, quando tudo foi devidamente esclarecido, então o animador pede a cada participante que se pronuncie. Aliás, exige que cada qual dê seu parecer, manifeste sua opinião. De modo algum alguém poderá ficar sem se pronunciar, sem dizer o que pensa daquilo que ouviu. Essa regra de jogo é inadiável. Se alguém quiser calar, não deverá participar da reunião. Aliás, antes de iniciar a berlinda o Animador deve interrogar os participantes sobre esse dever. Os que quiserem calar, não poderão participar.

4. Enquanto os participantes opinam, a pessoa em berlinda compromete-se a ouvir calada. Terminado o depoimento de todos, poderá novamente tomar a palavra para comentar o que ouviu.

5. Concluído o comentário da pessoa berlindada o animador poderá conduzir o grupo a assumir, como conclusão, um compromisso. Assu-me-se uma posição.

NOTA - Uma reunião de berlinda pode berlindar uma ou mais pessoas, conforme a disponibilidade de tempo e conforme a extensão do assunto apresentado pela pessoa berlindada.

POSSIVEL QUESTIONAMENTO

1. Quais as causas que geralmente fazem um grupo entrar em crise?
2. Que são "cibernoses" e por que acontecem?
3. Que é o panelismo, quando acontecem, e que consequências geralmente engendram?
4. Que é "caciquismo" e que atitudes o provocam?
5. Que é "machismo" e em que circunstâncias acontece?
6. Que é "fofoquismo" e por que acontece?
7. Que é "namorismo" e que atitudes o acarretam?
8. Que é a "BERLINDA"?
9. Como se faz uma berlinda?
10. Que cautelas importantes devem ser tomadas na berlinda?



*Décima quinta Sessão***O QUADRO DE IRMÃOS E ELEIÇÃO
DO SECRETARIADO**

Quando o 1º nível do T.B.J. é dado para jovens de um grupo já existente, já formado, no final do treinamento, isto é, nesta última sessão, o treinador formula um diálogo com os jovens, para ver quem deles deseja iniciar sua vida da Ordem Franciscana Secular. Como vimos, quando alguém procura o grupo, ainda não se torna jufri^{sta}. Ele começa a ser tal, a partir do dia em que faz o primeiro nível do T. B.J. e vota as normas da vida em fraternidade. Nessa sessão, portanto, o treinador interroga a cada participante do treinamento, para saber se ele deseja ou não ser franciscano na Ordem Secular. Os que respondem afirmativamente, passam, nesse momento, a fazer parte da Fraternidade como POSTULANTES. Redige-se uma ata em que consta que tais e tais pessoas, a partir desse momento, passam a integrar o quadro oficial dos membros daquela fraternidade.

Nos casos em que o 1º nível do T.B.J. é dado a um grupo novo que começa a vida como fraternidade, o assunto é mais complexo, e a seguir os seguintes passos:

1. O Treinador pergunta a um por um dos participantes que desejam integrar a Fraternidade Experimental de jovens na Ordem Franciscana Secular. Se um grupo de ao menos 12 participantes responderem afirmativamente, elabora-se uma ata em que se declara que, a partir desse momento, tais e tais pessoas, como postulantes, começam a integrar uma Fraternidade Experimental da Ordem Franciscana Secular. Com isso fica montada a fraternidade, e definido o quadro oficial de seus participantes. Note-se que, nesse caso, já existe a documentação da 1a. Ordem, optando pela criação da fraternidade da 3a. Ordem, conforme vimos na introdução.

2. Em seguida passa-se à formação do Secretariado. Antes de tudo negocia-se o Assistente. É claro que o Assistente é sempre um membro da 1a. Ordem, mas esse pode exer

cido mediante um representante leigo, geralmente pessoa a-dulta da confiança do Assistente, ou melhor ainda, um ca-sal depositário da confiança, inclusive dos jovens. Quando o grupo de jovens jufristas é constituído junto à uma Fra-ternidade de OFS, o cargo de Assistente, ipso facto, com-pete ao Mestre de noviços, a não ser que o Conselho providencie diversamente.

3. Resolvido o problema do Assistente, pede-se ao grupo que indique dois ou três nomes dentre os que compõem o quadro oficial, como candidatos ao cargo de Secretário E-xecutivo. Indicados os candidatos, por vot. secreto, per-gunta-se aos "indicados" se aceitam ou não a candidatura. Os que respondem afirmativamente são consi-derados candida-tos oficiais. A essa altura é bom interromp : a sessão por algum tempo.

4. Re-aberta a sessão, tem lugar a eleição do Secre-tário Executivo. Inicialmente pode-se facultar a palavra aos que quiserem falar sobre os candidatos indicados. Pas-sa-se à eleição exigindo-se, para tanto, em primeiro ou se-gundo escrutínio, a maioria absoluta dos votos para que al-guém seja considerado eleito. Em terceiro escrutínio é su-ficiente a maioria relativa. Procede-se na seguinte ordem:

a) O Treinador nomeia dois escrutinadores, dentre os que compõem o quadro oficial ou fora do quadro oficial, aos quais se confia o encargo da distribuição de cédulas, re-colhimento e contagem de votos.

b) Os membros do quadro oficial votam secretamente, escolhendo um dentre os candidatos indicados. Os escrutina-dores recolhem os votos, fazem a apuração dos mesmos, e proclamam o resultado das eleições.

c) Faz-se ata de eleição, e o Treinador declara o e-leito empossado no cargo.

d) Recesso da reunião, para que o Secretário Executi-vo e o Assistente procedam à nomeação dos Sub-Secretários à frente dos Departamentos, em modo particular os Departa-mentos de Vivência Fraternal e Formação, que são os essenci-ais do Secretariado.

e) Re-abre-se a sessão e o Secretário Executivo apre-senta a indicação dos nomes. O Treinador interroga o jufri-sta indicado para ver se aceita ou não a indicação. Se

*Décima Segunda Sessão***FLUXOGRAMA DE ADMISSÃO NA ORDEM**

A Ordem Franciscana SEcular é FRATERNIDADE é não simplesmente um movimento. Destina-se a leigos seculares que revelam verdadeira vocação para um "estado de perfeição" na vida secular, e não para os cristãos em geral. Por esse motivo, a admissão na Ordem precisa ser feita dentro de certos critérios e obedecer a certas exigências. Trata-se, na verdade, de mais um irmão que nasce na família. E' preciso que esse acontecimento se revista de muita consciência, tanto da parte de quem pede para ser admitido, como da parte de quem admite.

Num MOVIMENTO os membros podem ser muito oscilantes, e seu quadro pessoal pode ser bastante flúido, de contornos não muito bem definidos. Na Fraternidade não é assim: os membros que pertencem à mesma são bem definidos, cada qual possui seu registro específico, seu quadro oficial consta de tantos e tantos, de tais e tais, isto é, seus contornos são bem definidos.

Não se entra na Fraternidade de qualquer maneira. Não se vai chegando, e se vai entrando, e já se vai sendo membro da fraternidade. E' preciso que certo fluxograma de admissão seja seguido. E' o seguinte:

1. DIÁLOGO COM O DEPARTAMENTO DE VIVÊNCIA FRATERNA - Antes de tudo a pessoa interessada conversa com o Sub-Secretário do Departamento de vivência fraterna, ao qual faz o pedido de admissão na fraternidade. Geralmente essa apresentação é feita por alguém que já pertence à fraternidade

2. APRESENTAÇÃO À FRATERNIDADE - Se julgar oportuno admitir o candidato à Fraternidade, para que a mesma possa ouvi-lo, questioná-lo, opinar sobre sua idoneidade e votar a favor ou contra sua admissão, o Sub-Secretário faz isso em reunião de mesa redonda, na qual se pede ao Candidato que fale ao grupo sobre seu desejo e suas metas.

3. TEMPO DE EXPERIÊNCIA - Obtido o voto favorável da

Fraternidade, o Sub-Secretário de Vivência Fraternal instrui o candidato, e lhe propõe um tempo de experiência, durante o qual o mesmo ainda não é membro da Fraternidade, mas busca estar em contato com a mesma. Aos candidatos em tempo de experiência é facultado participar nas reuniões de estudo e nas atividades. Só não deve ser admitido às reuniões de Fraternidade.

4. TREINAMENTO BÁSICO - Transcorrido o tempo de experiência, que pode ser mais ou menos longo conforme o caso, o candidato é convidado, pelo Departamento de Formação, a participar no TREINAMENTO BÁSICO em 1º Nível, durante o qual tomará conhecimento das exigências mais elementares da vida em fraternidade, e votará suas normas de vida. O candidato que aceita as normas de vida em Fraternidade propostas pelo 1º Nível do Básico, começa a vida na Fraternidade como POSTULANTE.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Porque na Ordem Secular se exige um quadro oficial de membros bem definidos?
2. Que se entende por fluxograma de admissão?
3. Quais os passos do fluxograma de admissão na JUFRA?
4. Quando o jufrista começa sua vida na OFS como postulante?

*Décima Terceira Sessão***TREINAMENTOS E TIROCÍNIOS NA ORDEM**

Na JUFRA o jovem franciscano secular percorre um itinerário constante de Descoberta e Aprendizagem do dom do Evangelho, o qual itinerário compreende as seguintes etapas, formadas por Treinamentos e Tirocínios:

TREINAMENTO BÁSICO - Representa o início da Etapa de Primeiro contato, ou **POSTULADO**, no qual o Franciscanismo é assimilado como humanismo fraterno. Ele abrange, como vimos, quatro níveis. Ao Treinamento segue-se o Tirocínio, o qual consta de: a) **REUNIÕES DE ESTUDO**; - b) Reuniões de **FRATERNIDADE**; c) Atividades apostólicas, conforme o plano de ação.

TREINAMENTO DE INICIAÇÃO - Representa a Etapa de **DESCOBERTA** e **APRENDIZAGEM** ou **NOVICIADO**, na qual o Franciscanismo é assimilado enquanto cristianismo, dentro de uma cosmovisão teológica especial. Ao Treinamento segue-se o tirocínio de um ano, o qual, como na etapa precedente, consta de reuniões de estudo, reuniões de fraternidade e atividades apostólicas.

TREINAMENTO DE RENOVAÇÃO - Representa a Etapa de **COMPROMISSO** de vida, ou **PROFISSÃO** franciscana, com um programa permanente de formação, no qual, cada ano, se realiza um treinamento ao qual segue-se um Tirocínio.

O Treinamento Básico treina mais a **DIMENSÃO HUMANA** da personalidade; o Treinamento de Iniciação treina mais a **dimensão CRISTÃ** da personalidade; o Treinamento de Renovação, finalmente, treina a **DIMENSÃO FRANCISCANA** da personalidade. No Básico há um trabalho de **JOÃO BATISTA**; no de Iniciação há o trabalho de **JESUS**; e no de Renovação, finalmente, há o trabalho do **ESPÍRITO** que age na Igreja através muitos carismas, entre os quais o de São Francisco.

O Tirocínio, em qualquer dessas etapas, como dissemos, é constituído por Reuniões de Estudo, Reuniões de Fra

ternidade, e REuniões Apostólicas, ou atividades apostólicas.

REUNIÕES DE ESTUDO - Têm por objetivo o conhecimento da Vida e Espiritualidade de São Francisco, a Espiritualidade cristã em geral, o aprofundamento filosófico e teológico, Deus, Cristo, Igreja, Mundo e Homem.

REUNIÕES DE FRATERNIDADE - São reuniões em que a Fraternidade se reúne para tratar de assuntos práticos como: planejamentos, revisões, admissão de novos membros, problemas que surgem na fraternidade e que exigem tomada de posição, principalmente reuniões para enfrentar as crises de grupo, para a correção fraterna.

ATIVIDADES APOSTÓLICAS - São as atividades apostólicas da Igreja local, de ordinário dentro dessas nove agendas:

a) **FORMAÇÃO** - É a atividade fundamental. Lutamos para formar pessoas, cristãos e franciscanos, líderes de santidade secular em meio ao mundo. O programa de formação é constituído pelos Treinamentos e Tirocínios. Responsável por essa agenda é o Sub-Secretário do Departamento de Formação.

b) **VIVÊNCIA FRATERNA** - É ação que possui finalidade intrínseca. É a ação fundamental, especificamente franciscana. Esse trabalho consiste principalmente no desempenho das Equipes de Entre-Ajuda. É coordenada pelo Sub-Secretário de Vivência fraterna.

c) **VIVÊNCIA PESSOAL** - Ação que consiste num programa de Vida Espiritual Pessoal, compromisso de cada irmão dentro da Ordem. No primeiro nível do Básico esse programa é constituído pelos cinco itens do Ideal Franciscano de Vida. A Vivência Pessoal é assunto a ser cobrado pelo próprio Secretário Executivo e pelo Assistente.

d) **TESTEMUNHO FRANCISCANO** - É ação constituída pelo exemplo de MUDANÇA DE VIDA, pela piedade, pela doação a Deus, ao próximo, pela vida de simplicidade, humildade, pobreza e despreendimento. Também ela é assunto a ser cobrado especialmente pelo Secretário Executivo e pelo Assistente.

e) **VIVÊNCIA LITÚRGICA** - Ação constituída pelo cultivo da espiritualidade litúrgica e pela participação nas atividades litúrgicas da Igreja local. Inclui também a vivência

a de intensa piedade eucarística. É ação coordenada pelo Departamento de Liturgia.

f) VIVÊNCIA MISSIONÁRIA - Ação constituída pelo cultivo da espiritualidade apostólica e pela participação no trabalho de Evangelização da Igreja Local. É coordenada pelo Departamento de Evangelização.

g) CONQUISTA DOS JOVENS - Toda a Fraternidade de JUFRA se compromete fazer um movimento de jovens, aos quais presta assistência e ministra formação cristã. Nesse sentido, uma Fraternidade de JUFRA coloca-se à disposição da Igreja Local para estar na linha de frente desse setor da pastoral. Essa ação é coordenada pelo Departamento de Evangelização.

h) PROMOÇÃO HUMANA - Como Francisco se colocou ao serviço dos leprosos, toda a fraternidade franciscana se compromete inserir-se em trabalhos que visem a promoção humana dos mais necessitados. Cada lugar tem sua realidade, e, por conseguinte, tem seu tipo peculiar de pobres: marginalidade, prostituição, presídios, toxicomania, alcoolismo, abandono, favelas etc. Essa ação é coordenada pelo Departamento de Promoção Humana.

i) LEALDADE - A Fraternidade, sobretudo aquela que se constitui de jovens, como é o caso da JUFRA, dá importância ao cultivo da alegria, do esporte, Festas, aniversários, serenatas, passeios, competições esportivas, teatro, música, comemorações diversas são coordenadas pelo Departamento de LEALDADE.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Quantos e quais os treinamentos e tirocínios feitos na JUFRA?
2. Que é o Treinamento Básico?
3. Sob que forma o Franciscanismo é assimilado no Treinamento Básico?
4. Que é o Treinamento de Iniciação?
5. Sob que forma o Franciscanismo é assimilado no Treinamento de Iniciação?
6. Que é o Treinamento de Renovação?
7. Sob que forma o Franciscanismo é assimilado no Treinamento de Renovação?

8. Quais as dimensões da personalidade treinadas pelo Treinamento Básico, pelo Treinamento de Iniciação e pelo Treinamento de Renovação?
9. De que se constituem os Tirocínios?
10. Qual o objetivo das Reuniões de Estudo?
11. Qual o objetivo das Reuniões de Fraternidade?
12. Quais as Agendas Apostólicas da JUFRA?
13. Qual o responsável pela Agenda de Formação?
14. Quem coordena a agenda de Vivência Fraternal?
15. Em que consiste a Agenda de Vivência pessoal, e a quem compete coordená-la?
16. Em que consiste a Agenda de Testemunho Franciscano e a quem compete coordená-la?
17. Em que consiste a agenda de Vivência Litúrgica e a quem compete coordená-la?
18. Em que consiste a agenda de Vivência Missionária e a quem compete coordená-la?
19. Em que consiste a Agenda de Conquista dos Jovens e a quem compete coordená-la?
20. Em que consiste a Agenda de Promoção Humana e a quem compete coordená-la?
21. Em que consiste a Agenda de Lealdade e a quem compete coordená-la?

*Décima quarta Sessão***AS CRISES NA VIDA DE UM GRUPO**

Numa verdadeira fraternidade é normal que, às vezes, surjam tensionamentos entre os irmãos. O grande sinal de integração fraterna nós o temos na capacidade de um grupo para superar suas crises, aproveitando, inclusive, das mesmas para crescer ainda mais. Na Juventude Franciscana, de modo geral, as crises nascem de uma das seguintes causas: 1º Cibernoses - 2º Panelismo - 3º Caciquismo - 4º Machismo; 5º Fofuquismo; 6º Namorismo.

CIBERNOSES - Frequentemente esse tipo de dificuldade pode surgir entre os jufristas e os assistentes quando estes, os assistentes, não fazem os treinamentos da JUFRA, em especial o T.B.J., e depois têm que agir com o grupo. Nesses casos, o desentendimento, de sérias consequências, é quase inevitável. Ou então acontece quando elementos novos entram na JUFRA sem que se respeite o FLUXOGRAMA DE ADMISSÃO, e aí ficam longo tempo sem treinamento, ou os jufristas são mal treinados e passam a aplicar mal aquilo que aprenderam na JUFRA. Acontece, também, quando os jufristas, fora da faixa interna da própria fraternidade, se põem a usar a terminologia e as técnicas treinadas e aplicadas dentro da fraternidade.

PANELISMO - É o perigo que ameaça o grupo diante de outros grupos, ou perante novos elementos que pretendem entrar na fraternidade. Ou então acontece quando Equipes de Entre-Ajuda se desligam demais do grupão. O panelismo destrói profundamente o senso de Igreja, de pluralidade de carismas, além de ser uma conduta instintiva muito primitiva. Quanto mais um grupo é primitivo em sua formação emocional e mental, tanto mais se opõe e cria rivalidades diante de outros grupos ou pessoas de faixa interna ou faixa externa, e tende a "judiar" dos novos elementos que pretendem aderir ao grupo. Os jufristas devem ser formados para a alegria de ceder o lugar aos outros. Essa abertura, essa faci

lidade em ceder, essa disponibilidade, essa capacidade para tratar com amor, delicadeza e respeito os que vêm depois, é como o pulmão sadio que respira ar puro e enche de vitalidade. No momento em que o panelismo se faz sentir num grupo fraterno, temos o "começo do fim" da vitalidade e fecundidade do grupo. Entendam os jufristas que esta abertura para outros grupos e outros tipos de pessoas, esse criar um clima no qual os "outros" se sentem bem ao contato com a gente, é uma exigência séria do fraternismo franciscano, e que se constituem num forte contra-testemunho de vida franciscana quando procedem contrariamente.

CACIQUISMO - Acontece quando, de modo geral, os líderes ou os indivíduos mais influentes pisam por cima das normas que regem a conduta de um governo fraterno, isto é:

1. Quando os titulares deste ou daquele Departamento decidem programar ou projetar sem se sintonizar previamente com o Secretário Executivo ou com os demais Sub-Secretários à frente dos outros departamentos.

2. Quando os Secretários ou Sub-Secretários não explicam claramente para o grupo os projetos que pretendem levar à efeito, não deixam o grupo QUESTIONAR e OPINAR sobre as propostas que estão sendo feitas, não elaboram uma conclusão e não votam a conclusão elaborada. Na JUFRA nenhum Secretário ou Sub-Secretário tem poder para fazer algo sem que antes o grupo (= ao menos metade mais um dos membros) tenham votado à favor. E' isso e tão somente isso que confere ao Secretariado Autoridade para agir.

MACHISMO - E' comportamento dos rapazes em relação às moças. Na JUFRA ambos os sexos precisam aprender a se encontrarem num clima de grande respeito, pureza e nobreza de sentimentos, pensamentos e atitudes. Devem aprender a cultivar profundas amizades sem erotizações. São irmãos e irmãs, que abrem, uns para os outros, os caminhos do amor na forma bela e digna do amor verdadeiramente humano e cristão. Essa descoberta da possibilidade de uma amizade profunda e pura, entre os jovens de ambos os sexos, na JUFRA, constitui-se-á numa experiência maravilhosa. Isso solidifica enormemente o grupo. Mas quando acontece o contrário, isto é, quando as moças do grupo percebem nos rapazes, em um ou outro deles, um comportamento de temática machizante, isso se torna motivo de crise e impasse sério.

FOFOQUISMO - A fofoca é a arma dos fracos. Aquele que nada fez na vida, precisa se compensar dessa frustração destruindo o que os outros fazem. As coisas, então, são levadas de boca em boca, com a finalidade de diminuir, destruir, desmoralizar o outro. É o veneno da vida de grupo. Combatemos o fofocismo aprendendo a falar as coisas pela frente, face à face, com as pessoas faltosas, em reunião de Berlinda.

NAMORISMO - Problema de namorados. Na JUFRA; à medida que os jovens vão crescendo, pede-se aos mesmos que, à partir do momento em que se encontram com os demais jufristas, deixam de ser namorados e passam a ser irmãos e irmãs. É inadmissível na JUFRA, por exemplo, o namorado que proíbe sua namorada relacionar-se com todos, dançar com todos, ou vice-versa. Também é sinal de muita imaturidade dos namorados que, na reunião dos jufristas, não se largam nunca, precisam sempre estar perto um do outro, abraçados. Aconselhamos nossos jufristas a não namorar muito cedo. Antes de começar a namorar, cuidem do coração e procurem cultivar amizades profundas, os rapazes com as moças e as moças com os rapazes. Essa reserva do coração nos jovens, embora custe sacrifícios, tem importância na preparação para o matrimônio. É o sacrifício dos corações com grande capacidade de amar.

A BERLINDA - Sempre que um grupo entra em Crise, ou parece que alguma crise está em andamento, ou alguma coisa com certos membros do grupo não está funcionando, o Departamento de Vivência fraterna convoca a Berlinda, na qual todos ou alguns membros de grupo são berlindados. Como é que se faz uma berlinda?

1. Alguém do grupo, porque assim deseja fazê-lo, ou porque convocado pelo Departamento de Vivência Fraterna, coloca-se no meio ou na frente do grupo, e procura abrir-se, desabafar, dizer o que tem para dizer, fazer queixas, falar de suas mágoas, recriminar, reivindicar, acusar, denunciar, apontar erros, defeitos, injustiças, hipocrisias etc. Os demais assumem compromisso de sério de ouvi-lo com atenção e respeito, e o Animador não permite em hipótese alguma que se façam interferências enquanto a pessoa berlindada está falando.

2. Depois que a pessoa berlindada tiver terminado o seu desabafo, o Animador pede aos participantes que o questionem. Toma cuidado para que, durante o QUESTIONAMENTO, nenhum dos participantes se pronuncie ou digam o que pensam a respeito do que se ouviu da pessoa berlindada. A palavra só é dada a quem TIVER PERGUNTAS e severamente deve ser negada aos que, nesse momento, quiserem intervir com pronunciamentos, pareceres, depoimentos etc., seja a favor, seja contra. Deve-se dar ao questionamento todo o tempo que for necessário, isto é, não se pode tocar a reunião para frente enquanto houverem perguntas para serem feitas. O Animador deve ter muita cautela para que o questionamento seja feito de maneira total e exaustiva. Ele mesmo, o Animador, quando percebe que há perguntas no ar, mas ninguém as formula, deverá, pessoalmente, formulá-las. Em modo particular pessoas que foram visadas pelo desabafo da pessoa berlindada devem ser solicitadas a fazerem perguntas. A pessoa em berlinda responde às perguntas.

3. Quando o questionamento realmente estiver esgotado, quando tudo foi devidamente esclarecido, então o animador pede a cada participante que se pronuncie. Aliás, exige que cada qual dê seu parecer, manifeste sua opinião. De modo algum alguém poderá ficar sem se pronunciar, sem dizer o que pensa daquilo que ouviu. Essa regra de jogo é inadiável. Se alguém quiser calar, não deverá participar da reunião. Aliás, antes de iniciar a berlinda o Animador deve interrogar os participantes sobre esse dever. Os que quiserem calar, não poderão participar.

4. Enquanto os participantes opinam, a pessoa em berlinda compromete-se a ouvir calada. Terminado o depoimento de todos, poderá novamente tomar a palavra para comentar o que ouviu.

5. Concluído o comentário da pessoa berlindada o animador poderá conduzir o grupo a assumir, como conclusão, um compromisso. Assu-me-se uma posição.

NOTA - Uma reunião de berlinda pode berlindar uma ou mais pessoas, conforme a disponibilidade de tempo e conforme a extensão do assunto apresentado pela pessoa berlindada.

POSSIVEL QUESTIONAMENTO

1. Quais as causas que geralmente fazem um grupo entrar em crise?
2. Que são "cibernoses" e por que acontecem?
3. Que é o panelismo, quando acontecem, e que consequências geralmente engendram?
4. Que é "caciquismo" e que atitudes o provocam?
5. Que é "machismo" e em que circunstâncias acontece?
6. Que é "fofoquismo" e por que acontece?
7. Que é "namorismo" e que atitudes o acarretam?
8. Que é a "BERLINDA"?
9. Como se faz uma berlinda?
10. Que cautelas importantes devem ser tomadas na berlinda?



*Décima quinta Sessão***O QUADRO DE IRMÃOS E ELEIÇÃO
DO SECRETARIADO**

Quando o 1º nível do T.B.J. é dado para jovens de um grupo já existente, já formado, no final do treinamento, isto é, nesta última sessão, o treinador formula um diálogo com os jovens, para ver quem deles deseja iniciar sua vida da Ordem Franciscana Secular. Como vimos, quando alguém procura o grupo, ainda não se torna jufri^{sta}. Ele começa a ser tal, a partir do dia em que faz o primeiro nível do T. B.J. e vota as normas da vida em fraternidade. Nessa sessão, portanto, o treinador interroga a cada participante do treinamento, para saber se ele deseja ou não ser franciscano na Ordem Secular. Os que respondem afirmativamente, passam, nesse momento, a fazer parte da Fraternidade como POSTULANTES. Redige-se uma ata em que consta que tais e tais pessoas, a partir desse momento, passam a integrar o quadro oficial dos membros daquela fraternidade.

Nos casos em que o 1º nível do T.B.J. é dado a um grupo novo que começa a vida como fraternidade, o assunto é mais complexo, e a seguir os seguintes passos:

1. O Treinador pergunta a um por um dos participantes que desejam integrar a Fraternidade Experimental de jovens na Ordem Franciscana Secular. Se um grupo de ao menos 12 participantes responderem afirmativamente, elabora-se uma ata em que se declara que, a partir desse momento, tais e tais pessoas, como postulantes, começam a integrar uma Fraternidade Experimental da Ordem Franciscana Secular. Com isso fica montada a fraternidade, e definido o quadro oficial de seus participantes. Note-se que, nesse caso, já existe a documentação da 1a. Ordem, optando pela criação da fraternidade da 3a. Ordem, conforme vimos na introdução.

2. Em seguida passa-se à formação do Secretariado. Antes de tudo negocia-se o Assistente. É claro que o Assistente é sempre um membro da 1a. Ordem, mas esse pode exer

cido mediante um representante leigo, geralmente pessoa a-dulta da confiança do Assistente, ou melhor ainda, um ca-sal depositário da confiança, inclusive dos jovens. Quando o grupo de jovens jufristas é constituído junto à uma Fra-ternidade de OFS, o cargo de Assistente, ipso facto, com-pete ao Mestre de noviços, a não ser que o Conselho providencie diversamente.

3. Resolvido o problema do Assistente, pede-se ao grupo que indique dois ou três nomes dentre os que compõem o quadro oficial, como candidatos ao cargo de Secretário E-xecutivo. Indicados os candidatos, por vot. secreto, per-gunta-se aos "indicados" se aceitam ou não a candidatura. Os que respondem afirmativamente são consi-derados candida-tos oficiais. A essa altura é bom interromp : a sessão por algum tempo.

4. Re-aberta a sessão, tem lugar a eleição do Secre-tário Executivo. Inicialmente pode-se facultar a palavra aos que quiserem falar sobre os candidatos indicados. Pas-sa-se à eleição exigindo-se, para tanto, em primeiro ou se-gundo escrutínio, a maioria absoluta dos votos para que al-guém seja considerado eleito. Em terceiro escrutínio é su-ficiente a maioria relativa. Procede-se na seguinte ordem:

a) O Treinador nomeia dois escrutinadores, dentre os que compõem o quadro oficial ou fora do quadro oficial, aos quais se confia o encargo da distribuição de cédulas, re-colhimento e contagem de votos.

b) Os membros do quadro oficial votam secretamente, escolhendo um dentre os candidatos indicados. Os escrutina-dores recolhem os votos, fazem a apuração dos mesmos, e proclamam o resultado das eleições.

c) Faz-se ata de eleição, e o Treinador declara o e-leito empossado no cargo.

d) Recesso da reunião, para que o Secretário Executi-vo e o Assistente procedam à nomeação dos Sub-Secretários à frente dos Departamentos, em modo particular os Departamentos de Vivência Fraternal e Formação, que são os essenci-ais do Secretariado.

e) Re-abre-se a sessão e o Secretário Executivo apre-senta a indicação dos nomes. O Treinador interroga o jufri-sta indicado para ver se aceita ou não a indicação. Se

o jufrista aceita a nomeação, interroga o grupo, para ver se existe quem veta a nomeação. Não havendo veto, a pessoa indicada fica confirmada em sua nomeação. Lavra-se ata da nomeação.

NOTA - Se houver veto, submete-se o mesmo à votação do grupo. Se o veto conseguir maioria absoluta dos votos, o Secretário Executivo deverá providenciar por outra nomeação.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Como se procede no final de um T.B.J. ministrado a jovens membros de um grupo já formado?
2. Que se deve fazer no final de um T.B.J. ministrado a um grupo novo que deseja se transformar em fraternidade de JUFRA na OFS?
3. De que maneira se procede à escolha do Assistente?
4. De que maneira se procede à eleição do Secretário Executivo?
5. De que maneira se procede na formação do Secretariado, pela escolha de Sub-Secretários à frente dos Departamentos?
6. De que maneira se procede nos casos em que houver veto a uma nomeação feita pelo Secretário Executivo?

*Apêndice*ROTEIRO PARA O CONHECIMENTO PROFUNDO DOS
COLEGAS DE EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

GENERALIDADES - Descreva a região e o lugar em que você nasceu, e onde transcorreu sua infância e adolescência. Descreva a casa em que você morou na infância, e que mais ficou na sua lembrança. Descreva-a em todos os detalhes, por dentro e por fora. Descreva também a reação emocional que você sente agora, ao falar das coisas ligadas ao seu passado.

Descreva a história de sua família, desde o casamento de seus pais. Você abençoa o passado de sua infância e adolescência, ou lamenta? Por quê? Qual o atual estado de sua família? Você foi feliz ou não foi feliz em sua infância e adolescência? Por quê? Você está contente por ser atualmente aquilo que é, por ter conseguido o que já conseguiu? Por quê? Você lembra facilmente os acontecimentos do passado? Os acontecimentos do passado que mais você recorda são em geral os que o marcaram negativamente, ou são os que o marcaram positivamente? Você tem medo do futuro? Por quê? Por falar no seu futuro e no futuro de sua família, o que você prevê? Sente-se inseguro perante o futuro? Tem medo do futuro? Por quê?

Você sofre, às vezes, algum sofrimento íntimo como: tristeza, solidão, vazio, revolta, exigência confusa de qualquer coisa, insatisfação, vontade de ficar só e se isolar dos outros, sem ter motivo, ou seja, sem perceber a causa pela qual isso acontece, ou a causa pela qual lhe sobrevém esse sentimento? Em caso afirmativo, que tipo de sentimento é esse? Quanto tempo ele dura? Com que frequência isso lhe acontece?

FAMÍLIA - Quantos irmãos você tem? Quantos irmãos homens? E irmãs mulheres? Qual a sua posição entre seus irmãos quanto à idade (= mais novo, mais velho... etc.) Qual

o irmão ou irmã que vem logo acima e logo abaixo de você? Qual a diferença de idade entre você e o irmão logo acima e logo abaixo de você. Fale longamente de cada um de seus irmãos, da maneira como você se relacionou ou se relaciona com cada um deles, das alegrias, tristezas, dificuldades tidas com cada um deles. Descreva particularmente seu relacionamento com o irmão ou irmã logo acima ou logo abaixo de você.

Fale longamente de seu pai e sobre seu pai: descreva-o do ponto de vista físico, moral e psicológico. Você acha seu pai um homem bonito? Acha-o inteligente? Você tinha medo de seu pai na infância? Descreva mais minuciosamente esse medo! Como você julga seu pai enquanto esposo e enquanto "pai". Fale das preferências de seu pai no que se refere à mesa, vestuário, amigos e divertimentos. De que maneira seu pai dialogava ou não dialogava com a esposa e os filhos? Seu pai se emocionava ou se emociona facilmente? Você já viu seu pai chorar alguma vez? Por quê? É homem que fala muito? Ri facilmente? Ofende-se facilmente? Qual o grau de cultura de seu pai? Seu pai é bom administrador, sabe fazer negócios? É homem autoritário, severo, mandão? É compreensivo, terno, afetuoso? De que maneira na infância você experimentou ou não experimentou o carinho e o afeto de seu pai? Seu pai critica ou ralha facilmente com os filhos, com você particularmente? Seu pai dava ou dá segurança à família? Você, em particular, sempre achou segurança em seu pai? Seu pai era ou é homem metódico, organizado, trabalhador? De que maneira seu pai exprimia ou exprime sua religiosidade? Seu pai tinha ou tem inimigos? Seu pai prendia demasiadamente você em casa? Era rigoroso demais com você e seus irmãos? Era intransigente? Punia por qualquer falta? De que modo? Você foi alguma ou muitas vezes elegiado por seu pai? De que modo? Seu pai demonstrou ou demonstra mais afeto e consideração por você ou por algum de seus irmãos em particular? Qual deles? De que modo? Como você via ou vê a atitude de seu pai nesse ponto? O que mais você admira no seu pai? O que mais você lamenta em seu pai? Seu pai era homem austero ou liberal em questões morais? Demonstrava tendências políticas e sociais? Quais?

Agora fale de sua mãe e sobre sua mãe, respondendo, em relação a ela, a todas as perguntas que acabamos de formular a respeito de seu pai, acrescentando as seguintes: Sua

mãe era tímida? Era ansiosa, preocupada demais com os filhos? Excedia-se na maneira como acariciava os filhos? Que idade tinha sua mãe quando você nasceu? Você, por acaso, ao conversar com sua mãe ou com alguém de sua família, percebeu que, quando sua mãe o esperava, deseja que nascesse um filho homem ou uma filha mulher? Você acha que gosta mais de seu pai ou de sua mãe?

Você acha que teve boa integração em sua família? Você pode dizer que realmente ama sua família? Há, na sua família fatos ou situações que você não quer que outros saibam?

Fale agora de suas vivências em matéria de sexo, fatos, experiências, choques, durante sua infância. De que maneira você reagiu a esses fatos? Entre 10 e 20 anos, quais as suas vivências, fatos, experiências, sofrimentos, dificuldades em matéria de sexo?

PARA MULHERES - Em que idade você começou a ficar menstruada? Como você acolheu esse fenômeno de seu sexo? Com naturalidade, simplicidade, espontaneidade ou você, devido a isso, se revoltou pelo fato de ser mulher, e desejou ter sido homem? Sentiu vergonha e inferioridade a respeito de você mesma, complexada com esse fenômeno? Você estava devidamente preparada para aceitar esse fenômeno? Você é regular em seu ciclo menstrual? Provocam-lhe algum sofrimento ou aborrecimento do ponto de vista físico, mental ou emocional?

PARA HOMENS - Em que idade você começou a ter as primeiras poluções noturnas? Antes que lhe acontecesse a primeira poluição espontânea, você já a havia provocado através a masturbação? Com que frequência lhe acontecem suas poluções noturnas? São geralmente acompanhadas ou não de sonhos eróticos? Como você reagiu emocionalmente ao constatar sua primeira poluição noturna?

PARA AMBOS - Você acha que já conseguiu uma castidade feliz, alegre, segura, ou você nutre receios, temores, ansiedades, complexos, lutas e sucumbimentos nessa matéria? Que tipos de sucumbimentos você tem nessa matéria? Sofre atualmente com o problema da masturbação? Em que idade você começou a enfrentar esse problema? Com que frequência já lhe aconteceu ou acontece ainda? Você acha que esse é um dos problemas que mais o entristecem? O que você faz para

superá-lo? O que você deseja conseguir no domínio da sexualidade? Com que recursos você conta para conseguir suas metas nesse campo?

SAÚDE - Conte a história de sua saúde na infância e na adolescência. Conte o que você sabe sobre a saúde de seus pais e irmãos, no passado e no presente. Atualmente, qual o estado de sua saúde? Você tende a comer demais? Tende a comer depressa? Quando anda de carro, tende a correr muito, exceder-se na velocidade? Pensa na morte? Tem medo da morte? Já desejou morrer alguma vez? Em caso afirmativo, em que circunstâncias lhe veio esse desejo?

MANUTENÇÃO - Você se alimenta bem? Que alimentos mais você prefere? Que alimentos você não aprecia, ou não tolera? Você é exigente em relação à alimentação? Você dorme bem? Seu sono é profundo, restaurador? Sofre com problemas de insônia, nervosismo? Costuma levantar-se de mau humor, sentindo dores? Fale detalhadamente de seus sonhos, em especial de sonhos com os quais você geralmente retorna a sonhar! Você sonha muito? São sonhos que o assustam? Em geral nos seus sonhos você está sendo perseguido? Ou você, em seus sonhos, está sempre lutando com obstáculos? Que tipos de obstáculos? Sonha com algum animal? Qual? Sonha com coisas românticas? Sonha com coisas eróticas?

LEALDADE - De modo geral, você se sente querido pelos outros? Sente-se compreendido? Em que sinais você percebe que é querido e compreendido pelos outros? Ou, talvez, sente-se antipatizado e incompreendido? Nesse caso, que sinais você percebe disso? E você, de sua parte, tende a querer bem os outros ou tende a antipatizá-los? Você tende a confiar demais nas pessoas? Ou tende a desconfiar demais? Se você percebe que os outros, de modo geral, não tocam com seu jeito, por que será que isso acontece? Você tende a ser duro, intransigente com os outros? Tem tendência para acusar, julgar e condenar os outros? De que maneira você trata as pessoas que erram, que pecam, que falham?

Você faz amizades com facilidade? Suas amizades, de modo geral, são profundas, duradouras? Suas pessoas amigas de modo geral são mais velhas ou mais novas que você, ou da mesma idade? Se você é homem: tem medo ou tem outras dificuldades em fazer amizades femininas? Ou não sabe como

se conduzir numa amizade feminina? Se você é mulher: tem medo de amizades masculinas, desconfia da amizade masculina, ou não sabe como se conduzir numa amizade masculina? Você acha "perigosa" a amizade com pessoa de outro sexo? Você já teve esta experiência?

Você tem tendência para se isolar dos outros? Se isso acontece, qual o motivo? Geralmente você se sente bem a ceito no grupo de pessoas com quem vive? Sente que, em geral, todo o mundo quer bem, o estima? Ou acontece o contrário? Que tipos de pessoas em geral, você rejeita?

Você chora facilmente? Ri facilmente? Sente-se facilmente atacado de ciúmes? Em que circunstâncias?

LAZER - Em geral você é alegre, expansivo? Acontece-lhe, quem sabe, em meio a uma festa, quando todo o mundo se diverte, você sentir-se triste, isolado? Com que frequência isso acontece? Pratica esportes? Quais? Entristece-se facilmente? Gosta de brincar? Aceita que brinquem com você? De modo geral, de que maneira lhe apraz transcorrer o tempo livre?

Gosta do canto, da música, da poesia? Pratica alguma arte? Gosta de festas, de danças? Depois de uma festa, tende a ficar deprimido, frustrado, mal humorado? Arrepende-se geralmente das brincadeiras que faz? Com que tipo de pessoas geralmente você gosta de brincar?

VIÁRIO - Você é conversador? Tem medo de falar em público? Julga-se tímido? Gosta e sabe guardar segredo? Acha fácil ou difícil exprimir suas idéias? Gosta de estar por dentro dos acontecimentos? Tem tendência para mentir, para exagerar os fatos, quando se põe a narrá-los? Você se julga alguém que tem o que se chama de "mania de novidades"? Você acha que os outros gostam de ouvi-lo? Se você tem tendência para mentir qual é, em geral, o motivo de suas mentiras: brincadeira? para se mostrar? para se defender? para exibir valores que você não possui? Você gosta de ouvir o que os outros dizem? Sabe dar atenção ao que os outros dizem?

PEDAGÓGICO - Gosta do estudo? Gosta de refletir? Em sua vida de estudante, houve professores que marcaram sua vida com algum tipo particular de mente, de personalidade,

o jufrista aceita a nomeação, interroga o grupo, para ver se existe quem veta a nomeação. Não havendo veto, a pessoa indicada fica confirmada em sua nomeação. Lavra-se ata da nomeação.

NOTA - Se houver veto, submete-se o mesmo à votação do grupo. Se o veto conseguir maioria absoluta dos votos, o Secretário Executivo deverá providenciar por outra nomeação.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Como se procede no final de um T.B.J. ministrado a jovens membros de um grupo já formado?
2. Que se deve fazer no final de um T.B.J. ministrado a um grupo novo que deseja se transformar em fraternidade de JUFRA na OFS?
3. De que maneira se procede à escolha do Assistente?
4. De que maneira se procede à eleição do Secretário Executivo?
5. De que maneira se procede na formação do Secretariado, pela escolha de Sub-Secretários à frente dos Departamentos?
6. De que maneira se procede nos casos em que houver veto a uma nomeação feita pelo Secretário Executivo?

*Apêndice*ROTEIRO PARA O CONHECIMENTO PROFUNDO DOS
COLEGAS DE EQUIPE DE ENTRE-AJUDA

GENERALIDADES - Descreva a região e o lugar em que você nasceu, e onde transcorreu sua infância e adolescência. Descreva a casa em que você morou na infância, e que mais ficou na sua lembrança. Descreva-a em todos os detalhes, por dentro e por fora. Descreva também a reação emocional que você sente agora, ao falar das coisas ligadas ao seu passado.

Descreva a história de sua família, desde o casamento de seus pais. Você abençoa o passado de sua infância e adolescência, ou lamenta? Por quê? Qual o atual estado de sua família? Você foi feliz ou não foi feliz em sua infância e adolescência? Por quê? Você está contente por ser atualmente aquilo que é, por ter conseguido o que já conseguiu? Por quê? Você lembra facilmente os acontecimentos do passado? Os acontecimentos do passado que mais você recorda são em geral os que o marcaram negativamente, ou são os que o marcaram positivamente? Você tem medo do futuro? Por quê? Por falar no seu futuro e no futuro de sua família, o que você prevê? Sente-se inseguro perante o futuro? Tem medo do futuro? Por quê?

Você sofre, às vezes, algum sofrimento íntimo como: tristeza, solidão, vazio, revolta, exigência confusa de qualquer coisa, insatisfação, vontade de ficar só e se isolar dos outros, sem ter motivo, ou seja, sem perceber a causa pela qual isso acontece, ou a causa pela qual lhe sobrevém esse sentimento? Em caso afirmativo, que tipo de sentimento é esse? Quanto tempo ele dura? Com que frequência isso lhe acontece?

FAMÍLIA - Quantos irmãos você tem? Quantos irmãos homens? E irmãs mulheres? Qual a sua posição entre seus irmãos quanto à idade (= mais novo, mais velho... etc.) Qual

o irmão ou irmã que vem logo acima e logo abaixo de você? Qual a diferença de idade entre você e o irmão logo acima e logo abaixo de você. Fale longamente de cada um de seus irmãos, da maneira como você se relacionou ou se relaciona com cada um deles, das alegrias, tristezas, dificuldades tidas com cada um deles. Descreva particularmente seu relacionamento com o irmão ou irmã logo acima ou logo abaixo de você.

Fale longamente de seu pai e sobre seu pai: descreva-o do ponto de vista físico, moral e psicológico. Você acha seu pai um homem bonito? Acha-o inteligente? Você tinha medo de seu pai na infância? Descreva mais minuciosamente esse medo! Como você julga seu pai enquanto esposo e enquanto "pai". Fale das preferências de seu pai no que se refere à mesa, vestuário, amigos e divertimentos. De que maneira seu pai dialogava ou não dialogava com a esposa e os filhos? Seu pai se emocionava ou se emociona facilmente? Você já viu seu pai chorar alguma vez? Por quê? É homem que fala muito? Ri facilmente? Ofende-se facilmente? Qual o grau de cultura de seu pai? Seu pai é bom administrador, sabe fazer negócios? É homem autoritário, severo, mandão? É compreensivo, terno, afetuoso? De que maneira na infância você experimentou ou não experimentou o carinho e o afeto de seu pai? Seu pai critica ou ralha facilmente com os filhos, com você particularmente? Seu pai dava ou dá segurança à família? Você, em particular, sempre achou segurança em seu pai? Seu pai era ou é homem metódico, organizado, trabalhador? De que maneira seu pai exprimia ou exprime sua religiosidade? Seu pai tinha ou tem inimigos? Seu pai prendia demasiadamente você em casa? Era rigoroso demais com você e seus irmãos? Era intransigente? Punia por qualquer falta? De que modo? Você foi alguma ou muitas vezes elegiado por seu pai? De que modo? Seu pai demonstrou ou demonstra mais afeto e consideração por você ou por algum de seus irmãos em particular? Qual deles? De que modo? Como você via ou vê a atitude de seu pai nesse ponto? O que mais você admira no seu pai? O que mais você lamenta em seu pai? Seu pai era homem austero ou liberal em questões morais? Demonstrava tendências políticas e sociais? Quais?

Agora fale de sua mãe e sobre sua mãe, respondendo, em relação a ela, a todas as perguntas que acabamos de formular a respeito de seu pai, acrescentando as seguintes: Sua

mãe era tímida? Era ansiosa, preocupada demais com os filhos? Excedia-se na maneira como acariciava os filhos? Que idade tinha sua mãe quando você nasceu? Você, por acaso, ao conversar com sua mãe ou com alguém de sua família, percebeu que, quando sua mãe o esperava, deseja que nascesse um filho homem ou uma filha mulher? Você acha que gosta mais de seu pai ou de sua mãe?

Você acha que teve boa integração em sua família? Você pode dizer que realmente ama sua família? Há, na sua família fatos ou situações que você não quer que outros saibam?

Fale agora de suas vivências em matéria de sexo, fatos, experiências, choques, durante sua infância. De que maneira você reagiu a esses fatos? Entre 10 e 20 anos, quais as suas vivências, fatos, experiências, sofrimentos, dificuldades em matéria de sexo?

PARA MULHERES - Em que idade você começou a ficar menstruada? Como você acolheu esse fenômeno de seu sexo? Com naturalidade, simplicidade, espontaneidade ou você, devido a isso, se revoltou pelo fato de ser mulher, e desejou ter sido homem? Sentiu vergonha e inferioridade a respeito de você mesma, complexada com esse fenômeno? Você estava devidamente preparada para aceitar esse fenômeno? Você é regular em seu ciclo menstrual? Provocam-lhe algum sofrimento ou aborrecimento do ponto de vista físico, mental ou emocional?

PARA HOMENS - Em que idade você começou a ter as primeiras poluções noturnas? Antes que lhe acontecesse a primeira poluição espontânea, você já a havia provocado através a masturbação? Com que frequência lhe acontecem suas poluções noturnas? São geralmente acompanhadas ou não de sonhos eróticos? Como você reagiu emocionalmente ao constatar sua primeira poluição noturna?

PARA AMBOS - Você acha que já conseguiu uma castidade feliz, alegre, segura, ou você nutre receios, temores, ansiedades, complexos, lutas e sucumbimentos nessa matéria? Que tipos de sucumbimentos você tem nessa matéria? Sofre atualmente com o problema da masturbação? Em que idade você começou a enfrentar esse problema? Com que frequência já lhe aconteceu ou acontece ainda? Você acha que esse é um dos problemas que mais o entristecem? O que você faz para

superá-lo? O que você deseja conseguir no domínio da sexualidade? Com que recursos você conta para conseguir suas metas nesse campo?

SAÚDE - Conte a história de sua saúde na infância e na adolescência. Conte o que você sabe sobre a saúde de seus pais e irmãos, no passado e no presente. Atualmente, qual o estado de sua saúde? Você tende a comer demais? Tende a comer depressa? Quando anda de carro, tende a correr muito, exceder-se na velocidade? Pensa na morte? Tem medo da morte? Já desejou morrer alguma vez? Em caso afirmativo, em que circunstâncias lhe veio esse desejo?

MANUTENÇÃO - Você se alimenta bem? Que alimentos mais você prefere? Que alimentos você não aprecia, ou não tolera? Você é exigente em relação à alimentação? Você dorme bem? Seu sono é profundo, restaurador? Sofre com problemas de insônia, nervosismo? Costuma levantar-se de mau humor, sentindo dores? Fale detalhadamente de seus sonhos, em especial de sonhos com os quais você geralmente retorna a sonhar! Você sonha muito? São sonhos que o assustam? Em geral nos seus sonhos você está sendo perseguido? Ou você, em seus sonhos, está sempre lutando com obstáculos? Que tipos de obstáculos? Sonha com algum animal? Qual? Sonha com coisas românticas? Sonha com coisas eróticas?

LEALDADE - De modo geral, você se sente querido pelos outros? Sente-se compreendido? Em que sinais você percebe que é querido e compreendido pelos outros? Ou, talvez, sente-se antipatizado e incompreendido? Nesse caso, que sinais você percebe disso? E você, de sua parte, tende a querer bem os outros ou tende a antipatizá-los? Você tende a confiar demais nas pessoas? Ou tende a desconfiar demais? Se você percebe que os outros, de modo geral, não tocam com seu jeito, por que será que isso acontece? Você tende a ser duro, intransigente com os outros? Tem tendência para acusar, julgar e condenar os outros? De que maneira você trata as pessoas que erram, que pecam, que falham?

Você faz amizades com facilidade? Suas amizades, de modo geral, são profundas, duradouras? Suas pessoas amigas de modo geral são mais velhas ou mais novas que você, ou da mesma idade? Se você é homem: tem medo ou tem outras dificuldades em fazer amizades femininas? Ou não sabe como

se conduzir numa amizade feminina? Se você é mulher: tem medo de amizades masculinas, desconfia da amizade masculina, ou não sabe como se conduzir numa amizade masculina? Você acha "perigosa" a amizade com pessoa de outro sexo? Você já teve esta experiência?

Você tem tendência para se isolar dos outros? Se isso acontece, qual o motivo? Geralmente você se sente bem a ceito no grupo de pessoas com quem vive? Sente que, em geral, todo o mundo quer bem, o estima? Ou acontece o contrário? Que tipos de pessoas em geral, você rejeita?

Você chora facilmente? Ri facilmente? Sente-se facilmente atacado de ciúmes? Em que circunstâncias?

LAZER - Em geral você é alegre, expansivo? Acontece-lhe, quem sabe, em meio a uma festa, quando todo o mundo se diverte, você sentir-se triste, isolado? Com que frequência isso acontece? Pratica esportes? Quais? Entristece-se facilmente? Gosta de brincar? Aceita que brinquem com você? De modo geral, de que maneira lhe apraz transcorrer o tempo livre?

Gosta do canto, da música, da poesia? Pratica alguma arte? Gosta de festas, de danças? Depois de uma festa, tende a ficar deprimido, frustrado, mal humorado? Arrepende-se geralmente das brincadeiras que faz? Com que tipo de pessoas geralmente você gosta de brincar?

VIÁRIO - Você é conversador? Tem medo de falar em público? Julga-se tímido? Gosta e sabe guardar segredo? Acha fácil ou difícil exprimir suas idéias? Gosta de estar por dentro dos acontecimentos? Tem tendência para mentir, para exagerar os fatos, quando se põe a narrá-los? Você se julga alguém que tem o que se chama de "mania de novidades"? Você acha que os outros gostam de ouvi-lo? Se você tem tendência para mentir qual é, em geral, o movente de suas mentiras: brincadeira? para se mostrar? para se defender? para exibir valores que você não possui? Você gosta de ouvir o que os outros dizem? Sabe dar atenção ao que os outros dizem?

PEDAGÓGICO - Gosta do estudo? Gosta de refletir? Em sua vida de estudante, houve professores que marcaram sua vida com algum tipo particular de mente, de personalidade,

de idéias? Descreva-os, isto é, fale deles! Você lê muito? Quais as suas leituras preferidas?

De que maneira você reage, que atitudes toma diante das pessoas que não se sintonizam com sua maneira de pensar? Você é intransigente em seus pontos de vista? Você acha que sabe julgar com objetividade e imparcialidade os acontecimentos? Qual a visão que você tem do mundo, do homem e de Deus? Você se julga um homem de princípios?

Você se deixa convencer facilmente por outros pontos de vista? Você sabe questionar as coisas, ser crítico de maneira adulta e equilibrada? Você segue determinada filosofia de pensamento, determinado expoente do pensamento da humanidade?

Você alimenta dúvidas, sente-se confuso porque não consegue harmonizar uma coisa com outra em determinado setor do pensamento? Você gosta de aprofundar um assunto? Costuma analisar o porquê dos acontecimentos que envolvem as pessoas, e a sua pessoa em particular? Você costuma agir sem pensar muito, sem analisar razões, sem calcular?

PATRIMONIAL - Você, no passado ou no presente, se envergonhou ou se envergonha ou se revolta com o nível econômico-financeiro de sua família? Julga-se avarento? Sabe colaborar economicamente com os outros? Como você reage diante dos pobres? Como você trata os pobres? O que você faz pelos pobres?

Você sabe economizar ou gasta demais? Sabe cuidar de suas coisas, fazê-las render com inteligência? Você se angustia muito com o futuro do ponto de vista material? Sofre demasiadamente quando perde alguma coisa? De que maneira você providencia pela segurança material de seu futuro?

PRODUÇÃO - Você tende a estar sempre ocupado, ou a perder tempo? Você sabe empregar e administrar bem o tempo? Julga-se preguiçoso? Julga-se ativo? Julga-se possuidor de bom espírito de iniciativa? Julga-se empreendedor, criativo? Tende a trabalhar demais? Tende a assumir demasiados compromissos e depois não dar conta de cumpri-los? Quando você se ocupa com um trabalho, costuma preocupar-se demasiadamente com os outros trabalhos que tem para fazer? Gosta de ser diligente, assíduo, caprichoso no trabalho? Julga-se bom trabalhador, eficiente, categorizado? Gosta do

que faz? Preocupa-se com seu aperfeiçoamento profissional? Está contente com o que faz? Ou já notou que você de modo geral nunca está contente com o que faz? Quais as realizações de sua vida, ou seja, que fez você até hoje? De que maneira os outros encaram você como trabalhador?

RELIGIOSO - Procure dar uma resposta a mais ampla que voce puder a essa pergunta: Quem é Deus para você e o que significa Deus em sua vida? Existe um relacionamento pessoal, tu a tu, entre você e Deus? Como é esse relacionamento? Voce conversa com Deus com facilidade? Você sente necessidade do diálogo com Deus? Como é essa necessidade? Você tenta conversar com Deus e não consegue? Tem impressão de que Deus é um ser distante, alheio, indiferente a você? Você sente Deus como amor, como amigo, como alguém que o envolve de paz, de alegria, ou como alguém que o atormenta, angustia confunde?

Quem é Cristo para você o que significa Cristo em sua vida? Você ama Cristo? Voce conversa com Cristo? Quando você conversa com Cristo, de que assuntos, geralmente, você trata com ele? Você costuma imaginar a figura humana de Cristo? Em caso afirmativo, como é essa figura?

Maria, a Mãe virginal de Cristo, significa algo para você? Você mantém algum diálogo com Maria? De que maneira voce sente Maria em sua vida? Há uma intimidade espiritual entre você e Maria? Você julga Maria como alguém importante em sua vida? Algum outro santo ou santa tem importância para você, do ponto de vista afetivo. Qual essa importância?

Você se julga fervoroso ou frio do ponto de vista religioso? Você quereria ser diferente do que é em matéria de vivência religiosa? Em que? Você é um tipo conservador, ou liberal em matéria religiosa? Voce já teve ou tem dúvidas em matéria religiosa? Em caso afirmativo, quais essas dúvidas? Que acha você da vida consagrada a Deus no celibato pelo Reino? Você já pensou em se consagrar a Deus? Se você é alguém que já se decidiu por uma vida consagrada no celibato pelo Reino, como sacerdote ou não, qual foi a história de sua vocação? Nesse caso, andando por esse caminho, o que dá sentido à sua vida e a realiza?

Você cultiva vida sacramental, em especial eucarística? Você tem vida de oração? Que significa a missa

para voce? E a comunhao Eucarística? Você tem vida de oração? Que significa, para você, o Cristo do sacrário? Você ama a vida litúrgica, a oração comunitária da Igreja? Você cultiva seu batismo? De que modo? Você exerce algum apostolado? Qual? Que pensa, você, do apostolado?

Procure lembrar-se das pessoas que influíram em sua vida de ponto de vista religioso, principalmente na infância e na adolescência: catequistas, religiosos, padres, professores de religião? Descreva principalmente as relações de simpatia ou de antipatia que, por ventura, você terá sentido em relação a essas pessoas. Em especial diga se houve entre você e essas pessoas algum fato que o marcou, em sentido positivo ou negativo?

Que você acha de seu nível cultural em matéria religiosa? Você acha seu nível de cultura religiosa à altura de seu nível de cultura civil? Em que idade você começou a frequentar o catecismo, e em que idade você fez sua primeira comunhão? Descreva de que maneira você viveu intimamente esse fato? Acha que a religiosidade de sua família marcou a sua personalidade religiosa? De que maneira? Você gosta de ficar só para rezar? Até que ponto você pode dizer que Deus, para você, não é apenas uma idéia, mas o centro de sua vida profunda? Até que ponto voce pode dizer que Deus é para você uma questão de vida ou de morte? Até que ponto voce pode dizer que Deus, para você, é realmente seu TUDO, aquele em que, unicamente, seu coração encontrará repouso?

Que acha você da palavra de Deus contida nas escrituras? Você medita as escrituras? Que significa, para você, essa leitura?

SEGURANÇA - Voce desanima facilmente? Você se abate e se deprime facilmente com os problemas da vida? Você se julga um indivíduo que tem problemas difíceis para resolver? Você tende a ser precipitado nas decisões, ou, pelo contrário, é indeciso, ou por acaso você se julga um indivíduo ponderado nas decisões? Você acha que resolve facilmente seus problemas? Você acha que é alguém que geralmente sabe o que quer? Você tem impressão, às vezes, que nao se entende a si mesmo?

Você se julga agressivo? De que maneira voce geralmen

te tende a manifestar sua agressividade? Você se ofende facilmente? Esquece logo as ofensas que recebeu? Você se julga teimoso? Você se julga autoritário? Julga-se por demais dependente da aprovação dos outros? Você se embaraça facilmente diante das dificuldades? Você sente demasiadamente a crítica dos outros? Você se julga um indivíduo que possui rivais? Julga-se temido pelos outros? Você tende a se vingar de seus adversários? Você é desses que geralmente não costumam levar desaforos para a casa? Você se julga paciente, tolerante, perseverante, constante?

POLÍTICO - Você é organizado? Você tem horário para sua vida diário, tem planos, programas de vida? Gosta de ser metódico, sistemático, observante das coisas estabelecidas? Você facilmente entra em conflito com quem possui autoridade? Você acha difícil obedecer aos que mandam?

JURÍDICO - Você acha que as pessoas com as quais você vive lhe dão o devido valor ou acha que não o estimam como você merece? Você costuma censurar-se a si mesmo com frequência? Você se inquieta muito, perde a paz, com suas fraquezas morais? Você costuma confessar-se? Com que frequência? O que significa a confissão para você? De modo geral, que faltas você acusa no confessorário? Você se julga escrupuloso? Você se julga relaxado em suas obrigações? Você se julga perseguido pelos outros? Você se julga injustiçado? Você se revolta com facilidade com as normas da sociedade e da família, ou da Igreja? Qual o significado do pecado para você? que leis morais do cristianismo você não entende ou custa aceitar? Por quê?

PRECEDENCIA - Você gosta de ser homenageado? Se você é mulher, gosta que digam que é bonita? Julga-se bonita? Se você é homem, gosta que digam que você é forte, habil, competente, inteligente? Você costuma diminuir-se a seus próprios olhos, isto é, tem uma idéia negativa de si mesmo? Por quê? Tem tendência para falar dos outros? Julga-se vaidoso? Está contente por ser aquilo que é? Queria ser diferente do que é em alguma coisa? Qual? Há algo em você que o faz sentir-se orgulhoso de si mesmo? Fale dos objetivos de sua vida, seus sonhos, seus ideais, das coisas que você pretende realizar! OBRIGADO!

Quarta Parte:

O TIROCÍNIO BÁSICO EM PRIMEIRO NÍVEL

ESTUDOS:

1. *Francisco se encontra com Cristo.*
LEITURA: *Os tempos que precederam São Francisco.*
2. *Francisco descobre o Evangelho.*
LEITURA: *O capítulo I dos "Fioretti".*
O "Homem" em São Francisco.
Os primeiros companheiros de São Francisco-
Francisco era um Hippie medieval?
3. *Francisco se converte para Cristo.*
LEITURA: *O Amor em São Francisco.*
4. *Francisco de Assis adere a Cristo.*
LEITURA: *Como São Francisco amava a Deus*
5. *Francisco e a Igreja na Alegria e na Paz.*
LEITURA: *Como São Francisco rezava*
6. *São Francisco e as criaturas*
LEITURA: *Como São Francisco amava as criaturas.*
7. *São Francisco no final de sua vida.*
8. *A morte de São Francisco*

*Primeira Sessão:***FRANCISCO SE ENCONTRA COM CRISTO**

Um dos primeiros discípulos de São Francisco, Frei Egidio, assim escreveu: "ninguém deveria pronunciar o nome de Francisco sem experimentar grande doçura". Isso significa que não devemos nos aproximar de Francisco como sábios, críticos ou cientistas, porque, dessa forma estaríamos usando um método que não nos permitiria penetrar no segredo desse homem. De Francisco é preciso que nos aproximemos com doçura. Francisco falou muitas vezes da doçura que enchia e dominava seu coração. Por isso não podemos falar de le de modo calculado e frio. Não podemos falar dele sem visível entusiasmo e calor, sem alegria e felicidade. Devemos falar dele com doçura, isso é, buscar exprimir algo que é inexprimível. Doçura aqui é uma palavra que empregamos para nos referir ao inexprimível de São Francisco. Doçura, aqui, não quer dizer coisa adocicada, coisa de água com açúcar. Porque dentro da doçura de São Francisco, daquilo que foi a realidade de São Francisco, esconde-se algo bem duro, como uma casca que se deve quebrar para se por em lugar bem claro aquele conteúdo rico e delicioso de sua santidade. Vendo essa casca dura, custa-nos imaginar como possa ter vivido nesta terra figura tão marcada por Cristo. Francisco não pode ser compreendido pela razão, por que está além de todo o raciocínio. Buscaremos, entretanto, sentir com clareza a glória que flui de seu interior.

PERSONALIDADE DE FRANCISCO - Francisco nasceu em Assis, pelos fins de 1181 ou inícios de 1182. Nasceu de pais ricos e, em sua juventude, teve muito dinheiro à sua disposição e o gastou levianamente, sem pensar. Seu pai foi Pedro di Bernardone, e sua mãe foi nobre dama de origem provençal, na pátria da cavalaria. No batismo recebeu o nome de João Batista. Ao voltar da França, seu Pai o apelidou de "Francisco", e esse apelido virou nome.

Bem cedo, nos círculos juvenis de Assis, formou-se para o canto, a música e a poesia lírica, e aprendeu a língua francesa. Tornou-se, por seus raros dotes humanos, bem

depressa, líder da juventude de Assis. Os jovens organizavam banquetes e berravam seus cantos pela rua, altas horas da noite. Como muitos outros, Francisco viveu seus anos de mocidade despreocupada, pouco lhe importando os problemas da vida. Bem cedo foi iniciado também nos gestos da cavalaria, cujos heróis e cujas normas de cortesia assimilou no comportamento de sua vida. Viveu plenamente sua condição social de filho de pais ricos e abastados seus títulos à herança paterna. Muito jovem ainda, revelou-se comerciante hábil. Adquiriu aquela cultura técnica e prática que na época era ministrada aos filhos de banqueiros e grandes comerciantes.

Apesar da superficialidade de sua juventude, com a idade o caráter de Francisco revelou-se nobre, cortês e magnânimo. O rapaz sentia-se feito para grandes coisas. Era liberal em matéria de dinheiro. Podia dar presentes à vontade sem nunca se arrepender de ter dado alguma coisa. Certo dia, muito ocupado na loja do Pai (= comércio de tecidos especiais), despachou um mendigo com dureza. Mas logo depois sentiu dor na consciência e fez o propósito de para o futuro, jamais recusar um auxílio a quem lho pedisse pelo amor de Deus". A generosidade foi a característica de sua mocidade, e a conservou durante toda a vida. Esses valores naturais predispunham Francisco para a sua grande missão.

Entretanto, não obstante isso, segundo afirma Tomás de Celano, seu companheiro de vida, Francisco viveu uma juventude dissipada e gasta com futilidades. Até a idade de vinte e cinco anos viveu entregue à pompa e à vanglória. Brincadeiras e toda a espécie de aventuras ruidosas enchiam seu tempo. Foi uma juventude perdida, um mergulho no vazio, como se deve dizer de muitos homens que crescem sem ideal nem orientação. Há historiadores que pretendem afirmar que essa vida fútil de Francisco não foi má. Isso não é verdade. Francisco realmente percorreu as ruas de Babilônia, ardeu em pecados e foi o instigador de loucas aventuras. É Celano que afirma isso, isto é, um testemunha ocular de sua vida.

COMO COMEÇOU O ENCONTRO COM CRISTO - Entretanto, na vida de Francisco, alguns acontecimentos começaram a surgir, e foi à partir deles que sua vida começou a mudar. O primeiro foi a guerra entre Assis e Perúgia. Francisco, embora não tivesse idade, meteu-se entre os cavaleiros. Assis foi derrotada, e Francisco feito prisioneiro em Perúgia. Isso a

conteceu por volta do 1202. Foi resgatado pelo pai, à preço de ouro, em 1203, porque Francisco adoecera. Teve longa convalescença. Recuperou-se muito devagar, e isso provocou nele uma mudança visível. Ao voltar à vida de sempre, essa começou a lhe parecer insípida e vazia. Francisco começou, então, a lutar inquieto contra uma verdadeira tortura de alma. Mesmo permanecendo muito velado esse acontecimento interno, podemos pressentir aí algum acontecimento: com ele está começando alguma coisa que não acontece todos os dias. Os rumos de sua vida começam a tomar outro sentido.

Essa mudança processou-se vagarosamente, mas foi tomando formas cada vez mais claras, até que os que o rodeavam perceberam que Francisco não era mais o mesmo. Ele próprio tomou consciência de que uma coisa mais forte atuava sobre ele, e também se admirava de seu novo comportamento.

Depois da guerra de Assis e Perúgia, com a doença contraída no cárcere e sua longa convalescença, outro fato importante foi a decisão de Francisco de partir para Apúlias, onde Gualtério de Briene organizava os exércitos do Papa para combater o imperador da Alemanha. Francisco pensou que talvez sua saída fosse tornar-se cavaleiro. "Eu serei", dizia ele, "um grande comandante". Preparou-se para a longa viagem ao sul da Itália.

Na véspera da partida (= isso aconteceu nos inícios de 1205) doou sua roupa rica e luxuosa a um soldado pobre. Foi um gesto de homenagem à pobreza. São Boaventura comenta que este ato foi o ato que abriu em sua vida uma série de intervenções divinas. Naquela noite Francisco teve um sonho: viu diante de si um palácio muito rico, e uma voz o convidava a penetrar no seu recinto. Francisco entrou. Ao entrar, percebeu que o palácio estava repleto de armas e armaduras, todas marcadas com o sinal da cruz. No centro do palácio, uma linda mulher. E a voz lhe disse: "tudo isso será teu e de teus soldados".

Esse sonho embalou o acordar de Francisco, no dia de sua viagem para as Apúlias: "Eu serei um grande comandante! Francisco deixou Assis empolgado pela idéia de se tornar um homem importante.

No final do primeiro dia de viagem, pernôitou em Espoletto. Estava com febre. Adormeceu e teve outro sonho, durante o qual uma voz lhe perguntou: "Francisco, o que vo-

cê acha mais importante: trabalhar para o patrão ou trabalhar para o empregado?" Francisco respondeu: "Naturalmente, é mais importante trabalhar para o patrão!" E a voz continuou: "Por que você deixa o patrão e vai à procura do empregado?" Aí Francisco que era Deus quem lhe falava, e disse: "Senhor, que quereis que eu faça?" A voz respondeu: "Volta para a tua terra, e lá você ficará sabendo o que deverá fazer!"

Francisco voltou aguardando o sinal da vontade divina. Agora os acontecimentos interiores de sua alma se precipitaram. Francisco foi recebido em Assis debaixo de vaias. Esta va com a cabeça ardendo. Nos dias seguintes se pôs a vagar e sonhar pelos lindos arredores de Assis. Querendo encontrar uma resposta, perguntava-se frequentemente: "Quem poderá dar sentido à minha vida?" E vivia mais afastado dos com panheiros de farra.

Não demorou muito, porém, que esses mesmos companheiros convidaram Francisco para uma daquelas noites. Francisco não tinha ainda firmeza interior para dizer não, e lá estava ele à mesa, embora os cantos de farra nada mais significassem para ele. Lá pelas tantas, no meio do movimento louco, baixou sobre ele uma grande tristeza. Ficou visivelmente quieto e se calou de vez. Os companheiros perceberam sua mudança de comportamento e alguém zombou: "Francisco está pensando em sua noiva!" Francisco levantou-se, no meio de gargalhadas, e, movido por uma inexplicável intuição, disse aos companheiros: "De fato, estou pensando em arranjar uma noiva. Mas a mulher com a qual vou me casar é a mais bela que o mundo já viu". As palavras lhe saíram da boca sem que pudesse medir as consequências. Debaixo das gargalhadas estrondosas dos companheiros, Francisco deixou a sala.

Foi esse o toque inicial da graça. Cristo mexeu, finalmente, na alma de Francisco. E Francisco começa a se afastar do mundo. REcolhe-se seguidamente a uma gruta nos arredores da cidade, e aí prolonga suas orações. O desenrolar de acontecimentos interiores de sua alma, então, precipitam-se mais ainda. No fundo da gruta Francisco arma uma cruz de madeira tosca. Fita aquela cruz. Passa horas a fio com os olhos fixos naquela cruz, enquanto lá dentro, na solidão profunda de sua alma o processo de conversão prossegue seu caminho. Tudo ainda é muito confuso. Ele já conhece aquele que o atrai, que poderosamente o subjuga e o fere com o dardo de seu amor, mas ainda muita outra coisa está para acontecer.

- Mas, o que é mesmo que espera por Francisco?

Assis, o berço verde e florescido,
Repousa na perene primavera.
A noite seu véu negro já estendêra,
Cobrindo d'Úmbria verde a vastidão.
Não há um sô ser vivo acordado,
Apenas este jovem, abismado,
Parece estar num sonho mergulhado
Olhando do porvir na direção.

Ele fôra até então o rei das festas,
O chefe da ruidosa mocidade.
Coroadado, pelas ruas da cidade,
Passeava em meio à grade multidão.
De repente, na fulgência de um momento,
Fitando a alfombra azul do firmamento,
Sentiu, cheio de luz e de espanto,
Cavar-se-lhe um vazio no coração!

Aquilo que até então elhe adorara
Sentiu que era vaidade fermentada:
Buscara a plenitude ideal da vida
Da glória na miragem que seduz.
Sim! Prá outro horizonte ele existia:
Trovador do Altíssimo seria,
Cruzado da autêntica alegria,
Poeta e paladino de Jesus!

O primeiro toque da graça, toque explícito, deu-se na quela noite da última festa com os amigos. O segundo viria logo depois numa daquelas grutas às quais Francisco se recolhia para rezar diante da cruz tosca de madeira. Num desses momentos, a cruz tosca de madeira se animou, e Francisco pode contemplar com os olhos de sua carne, a imagem do Cristo crucificado no sofrimento da cruz. São Boaventura, em sua biografia dá grande importância a esse fato. Ele teve importância decisiva na conversão de Francisco. Foi o primeiro encontro com Cristo em forma de visão plástica na vida de Francisco.

Essa visão de Cristo na cruz realizou impressionante transformação interior na alma de Francisco. À vista daquela imagem, São Boaventura diz que a alma de Francisco "se liquefez, e a imagem da paixão de Cristo de tal forma ficou gravada em seu espírito que Francisco, daí em diante, co

meçou a trazê-la constantemente diante dos olhos de sua mente. A partir disso Francisco começou a entender a lei Evangélica da renúncia de si mesmo, e se entregou ao exercício das virtudes fundamentais do espírito seráfico, a saber: a pobreza, a humildade, o amor transbordante de piedade. Voltando da gruta, encontra-se com um leproso. Sempre havia sentido forte repugnância por essa doença, e quase não conseguia olhar para aqueles homens. Também nessa hora sentiu forte repulsa pelo aspeto desse fantasma horroroso, coberto de chagas. E ainda espalhava um mau cheiro que lhe deu vontade de sair correndo o mais rápido possível. Mas a imagem do Cristo sangrando na cruz o deteve e o impeliu na direção daquele homem. E Francisco cobriu com seus lábios a mão do leproso, sem o menor receio de contágio. Esse encontro com o leproso foi um novo passo dado em sua caminhada de conversão. Mas tarde, a respeito desse episódio, Francisco iria escrever em seu Testamento: "Como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia para com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo". À partir daí Francisco se pôs à serviço dos leprosos no leprosário de São Lázaro. Logo depois foi a Roma, vestiu-se de mendigo e se pôs entre os mendigos que mendigavam à porta das igrejas.

Sua vida ainda continuava na casa do Pai. Mas a essa altura passou mais que nunca a dar tudo o que possuía. Isso começou a provocar atritos com seu pai, que chegou, inclusive, a prendê-lo em sua casa. A mãe o soltou. Francisco se entregava, então, à dura mortificação de seu corpo, a fim de exprimir exteriormente aquela cruz que trazia no interior de seu coração. Foi essa também a época em que começou a consultar o Bispo de Assis, coisa que jamais deixou de fazer pelo resto de sua vida. Francisco estava pronto para entender sua missão eclesial com a descoberta do Evangelho.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Por que, para conhecer São Francisco, não devemos nos aproximar dele como sábios, críticos ou cientistas?
2. Quais as principais características da personalidade de São Francisco?
3. Como transcorreu a juventude de São Francisco?

4. Quais os episódios que imediatamente prepararam o encontro de Francisco com Cristo?
5. Quando e de que forma se deu em Francisco o primeiro toque explícito da graça divina?
6. Após o primeiro toque da graça, quais os dois outros fatos seguintes mais importantes na conversão de Francisco?
7. Qual a importância da visão de Cristo crucificado que Francisco teve enquanto orava na gruta?

NOTA - Esse assunto continua na próxima sessão de estudos do grupo.

Para a leitura individual

Apêndice (Para leitura individual)

OS TEMPOS QUE PRECEDERAM A ÉPOCA DE
SÃO FRANCISCO

Cfr. GEMELLI A., *O Franciscanismo*, VOZES
pp. 29 a 33.

"Quando Francisco nasceu em 1182 em um município italiano encravado no dorso do Apenino úmbrio, era singular o aspecto da sociedade.

A unidade e o universalismo medievais não tinham ainda atingido aquela perfeita expressão filosófica e artística que iriam conseguir no século imediato com a grande síntese da escolástica, com as imensas igrejas góticas e finalmente com a DIVINA COMEDIA. Entretanto já era sensível a diminuição de sua coesão política e religiosa. Depois da morte de Frederico Barbarossa, o Império é considerado mais um inimigo a combater do que uma autoridade a respeitar: desagregam-no na Alemanha os grandes feudatários e as cidades livres e, na Itália, as Comunas. De outro lado, se as doutrinas dominantes nas escolas e na sociedade culta são as da Igreja; se a Igreja, depois da reforma de Gregório VII, cresceu constantemente em disciplina, em santidade e em autoridade; se entre os seus pontífices se contam alguns como excelentes sacerdotes, como juristas e como políticos; e se está prestes a chegar com Inocêncio III ao ponto culmi-

nante da sua história, - na grande massa do povo as heresias surgem e se propagam com uma prolificidade de micróbios poderosos.

Entretanto na Itália um fato novo se anuncia. Entre essas grandes forças que constituem a Igreja e o Império, surge um novo poder, apoiado pelos bispos e combatido pelos feudatários: o Município. Município ou Comuna quer dizer núcleo de cidadãos que trabalham, produzem, traficam, viajam, manejam o dinheiro e, com o dinheiro, o poder, e querem governar-se a si mesmos, abolindo a servidão feudal e a interferência em seus negócios de quaisquer vassallos, grandes ou pequenos. Quer dizer também concentração de colonos dispersos, absorção da plebe rural pela plebe urbana, substituição da economia territorial pela economia monetária, multiplicação das feiras e dos mercados, formação de agrupamentos industriais e comerciais, que favoreçam o desenvolvimento do artesanato por meio da especialização individual subordinada à Mestria dos Ofícios.

Essa radical transformação política e econômica efetuada dentro da universalidade do Império produziu uma vida muito mais ativa e variada que a feudal, e criou nos espíritos exigências novas que se manifestaram por diferentes modos e entre outros pelo uso corrente da língua vulgar (= popular) até mesmo nos atos oficiais. A transformação de uma língua é fato de suma gravidade, e só é possível quando denuncia a transformação de uma cultura: a adoção pela Itália da língua vulgar anuncia o nascimento aí de um povo novo.

Este povo, organizado em municípios, se escapava à austeridade feudal, escapava também à benéfica influência de uma das mais importantes forças da Igreja: o Monacismo! De pois que S. Bento introduziram no Ocidente latino a vida cenobítica, acrescentando o princípio do trabalho e da moderação ao, já posto em prática, da oração e do ascetismo as Abadias se haviam tornado os grandes centros de evangelização, de educação e de cultura da idade bárbara e feudal. Muitas vezes ao lado e em face do castelo, levantava-se a Abadia que, com as suas várias dependências, constituía toda uma aldeia de lavradores subordinados ao Abade e aos seus monges. Possuíam as Abadias suas bibliotecas e suas escolas próprias; tomavam a seu cargo o beneficiamento de vastos tratos de terra nos quais drenavam pântanos e fertilizava

vam trechos incultos; e assim levavam juntamente com a ordem e o bem estar resultantes da cultura da terra os ensinamentos e o culto ao verdadeiro Deus nos lugares onde ainda se adoravam ídolos. Por determinação de S. Gregório Magno os beneditinos se tornaram os primeiros missionários: S. Agostinho de Cantuária com seus 40 monges converteu a Inglaterra, S. Bonifácio a Alemanha, S. Adalberto a Hungria e a Boêmia. De acordo com as necessidades dos tempos, a regra beneditina gerou novas ordens monásticas de fervor e atividade como as de Cluny e Cister na França, os de Camaldula e Vallombrosa na Itália. O fruto desses ramos vigorosos do velho tronco beneditino foi a conquista para a Igreja e a civilização, nos séculos X e XI das grandes regiões da Germânia, da Escócia, da Irlanda, da Escandinávia, ainda habitadas pelos bárbaros. Nos primeiros decênios do século XII tiveram os cistercienses um grande monge que, por obediência a Roma, abandonou o seu claustro para reformar outros conventos e pregar uma Cruzada, sem perder, no entanto o seu recolhimento nem a sua elevação de altíssimo místico: S. Bernardo de Claraval.

Este, porém, constituiu uma excessão; em geral os monges não saíam do claustro, e assim, nos primeiros anos do século XII, na Itália, sua voz não podia chegar àqueles cidadãos que trabalhavam e sofriam nas comunas, nem àqueles que cavalgando seus jumentos galgavam os Alpes carregados de "especiarias de pano" e fardos de lã e com as suas bolsas cheias de moedas acabadas de cunhar, novos cavaleiros e de novas aventuras, criadores de uma atividade que já é nossa, a moderna atividade mercantil. Nos seus caminhos, vindo do outro lado dos Alpes, encontravam esses "burgenses" os heréticos que vinham de fora: cátaros, patarinos, valdenses, que pregavam os seus falsos princípios de pretensão retorno à vida evangélica, de pobreza, de trabalho, de comunismo e de revolta contra a Igreja. Procurando de preferência os operários e as comadres, faziam-se ouvir tratando dos assuntos que andavam na boca do povo: os maus costumes dos padres, dos monges, dos bispos; depois começavam sua pregação afirmando serem pobres, castos, verdadeiros seguidores de Cristo; e explicavam ao público o Evangelho em língua vulgar, enquanto nas Igrejas só era pregado em latim. Alguns espalhavam idéias apocalípticas, anunciando a próxima vinda de um anti-Cristo, com o que inflamavam as multidões. E todos, pregando a pobreza, tocavam os mais profundos interesses daquela gente que, se não se repartia

de idéias? Descreva-os, isto é, fale deles! Você lê muito? Quais as suas leituras preferidas?

De que maneira você reage, que atitudes toma diante das pessoas que não se sintonizam com sua maneira de pensar? Você é intransigente em seus pontos de vista? Você acha que sabe julgar com objetividade e imparcialidade os acontecimentos? Qual a visão que você tem do mundo, do homem e de Deus? Você se julga um homem de princípios?

Você se deixa convencer facilmente por outros pontos de vista? Você sabe questionar as coisas, ser crítico de maneira adulta e equilibrada? Você segue determinada filosofia de pensamento, determinado expoente do pensamento da humanidade?

Você alimenta dúvidas, sente-se confuso porque não consegue harmonizar uma coisa com outra em determinado setor do pensamento? Você gosta de aprofundar um assunto? Costuma analisar o porquê dos acontecimentos que envolvem as pessoas, e a sua pessoa em particular? Você costuma agir sem pensar muito, sem analisar razões, sem calcular?

PATRIMONIAL - Você, no passado ou no presente, se envergonhou ou se envergonha ou se revolta com o nível econômico-financeiro de sua família? Julga-se avarento? Sabe colaborar economicamente com os outros? Como você reage diante dos pobres? Como você trata os pobres? O que você faz pelos pobres?

Você sabe economizar ou gasta demais? Sabe cuidar de suas coisas, fazê-las render com inteligência? Você se angustia muito com o futuro do ponto de vista material? Sofre demasiadamente quando perde alguma coisa? De que maneira você providencia pela segurança material de seu futuro?

PRODUÇÃO - Você tende a estar sempre ocupado, ou a perder tempo? Você sabe empregar e administrar bem o tempo? Julga-se preguiçoso? Julga-se ativo? Julga-se possuidor de bom espírito de iniciativa? Julga-se empreendedor, criativo? Tende a trabalhar demais? Tende a assumir demasiados compromissos e depois não dar conta de cumpri-los? Quando você se ocupa com um trabalho, costuma preocupar-se demasiadamente com os outros trabalhos que tem para fazer? Gosta de ser diligente, assíduo, caprichoso no trabalho? Julga-se bom trabalhador, eficiente, categorizado? Gosta do

que faz? Preocupa-se com seu aperfeiçoamento profissional? Está contente com o que faz? Ou já notou que você de modo geral nunca está contente com o que faz? Quais as realizações de sua vida, ou seja, que fez você até hoje? De que maneira os outros encaram você como trabalhador?

RELIGIOSO - Procure dar uma resposta a mais ampla que voce puder a essa pergunta: Quem é Deus para você e o que significa Deus em sua vida? Existe um relacionamento pessoal, tu a tu, entre você e Deus? Como é esse relacionamento? Voce conversa com Deus com facilidade? Você sente necessidade do diálogo com Deus? Como é essa necessidade? Você tenta conversar com Deus e não consegue? Tem impressão de que Deus é um ser distante, alheio, indiferente a você? Você sente Deus como amor, como amigo, como alguém que o envolve de paz, de alegria, ou como alguém que o atormenta, angustia confunde?

Quem é Cristo para você o que significa Cristo em sua vida? Você ama Cristo? Voce conversa com Cristo? Quando você conversa com Cristo, de que assuntos, geralmente, você trata com ele? Você costuma imaginar a figura humana de Cristo? Em caso afirmativo, como é essa figura?

Maria, a Mãe virginal de Cristo, significa algo para você? Você mantém algum diálogo com Maria? De que maneira voce sente Maria em sua vida? Há uma intimidade espiritual entre você e Maria? Você julga Maria como alguém importante em sua vida? Algum outro santo ou santa tem importância para você, do ponto de vista afetivo. Qual essa importância?

Você se julga fervoroso ou frio do ponto de vista religioso? Você quereria ser diferente do que é em matéria de vivência religiosa? Em que? Você é um tipo conservador, ou liberal em matéria religiosa? Voce já teve ou tem dúvidas em matéria religiosa? Em caso afirmativo, quais essas dúvidas? Que acha você da vida consagrada a Deus no celibato pelo Reino? Você já pensou em se consagrar a Deus? Se você é alguém que já se decidiu por uma vida consagrada no celibato pelo Reino, como sacerdote ou não, qual foi a história de sua vocação? Nesse caso, andando por esse caminho, o que dá sentido à sua vida e a realiza?

Você cultiva vida sacramental, em especial eucarística? Você tem vida de oração? Que significa a missa

para voce? E a comunhao Eucarística? Você tem vida de oração? Que significa, para você, o Cristo do sacrário? Você ama a vida litúrgica, a oração comunitária da Igreja? Você cultiva seu batismo? De que modo? Você exerce algum apostolado? Qual? Que pensa, você, do apostolado?

Procure lembrar-se das pessoas que influíram em sua vida de ponto de vista religioso, principalmente na infância e na adolescência: catequistas, religiosos, padres, professores de religião? Descreva principalmente as relações de simpatia ou de antipatia que, por ventura, você terá sentido em relação a essas pessoas. Em especial diga se houve entre você e essas pessoas algum fato que o marcou, em sentido positivo ou negativo?

Que você acha de seu nível cultural em matéria religiosa? Você acha seu nível de cultura religiosa à altura de seu nível de cultura civil? Em que idade você começou a frequentar o catecismo, e em que idade você fez sua primeira comunhão? Descreva de que maneira você viveu intimamente esse fato? Acha que a religiosidade de sua família marcou a sua personalidade religiosa? De que maneira? Você gosta de ficar só para rezar? Até que ponto você pode dizer que Deus, para você, não é apenas uma idéia, mas o centro de sua vida profunda? Até que ponto voce pode dizer que Deus é para você uma questão de vida ou de morte? Até que ponto voce pode dizer que Deus, para você, é realmente seu TUDO, aquele em que, unicamente, seu coração encontrará repouso?

Que acha você da palavra de Deus contida nas escrituras? Você medita as escrituras? Que significa, para você, essa leitura?

SEGURANÇA - Voce desanima facilmente? Você se abate e se deprime facilmente com os problemas da vida? Você se julga um indivíduo que tem problemas difíceis para resolver? Você tende a ser precipitado nas decisões, ou, pelo contrário, é indeciso, ou por acaso você se julga um indivíduo ponderado nas decisões? Você acha que resolve facilmente seus problemas? Você acha que é alguém que geralmente sabe o que quer? Você tem impressão, às vezes, que nao se entende a si mesmo?

Você se julga agressivo? De que maneira voce geralmen

te tende a manifestar sua agressividade? Você se ofende facilmente? Esquece logo as ofensas que recebeu? Você se julga teimoso? Você se julga autoritário? Julga-se por demais dependente da aprovação dos outros? Você se embaraça facilmente diante das dificuldades? Você sente demasiadamente a crítica dos outros? Você se julga um indivíduo que possui rivais? Julga-se temido pelos outros? Você tende a se vingar de seus adversários? Você é desses que geralmente não costumam levar desaforos para a casa? Você se julga paciente, tolerante, perseverante, constante?

POLÍTICO - Você é organizado? Você tem horário para sua vida diário, tem planos, programas de vida? Gosta de ser metódico, sistemático, observante das coisas estabelecidas? Você facilmente entra em conflito com quem possui autoridade? Você acha difícil obedecer aos que mandam?

JURÍDICO - Você acha que as pessoas com as quais você vive lhe dão o devido valor ou acha que não o estimam como você merece? Você costuma censurar-se a si mesmo com frequência? Você se inquieta muito, perde a paz, com suas fraquezas morais? Você costuma confessar-se? Com que frequência? O que significa a confissão para você? De modo geral, que faltas você acusa no confessorário? Você se julga escrupuloso? Você se julga relaxado em suas obrigações? Você se julga perseguido pelos outros? Você se julga injustiçado? Você se revolta com facilidade com as normas da sociedade e da família, ou da Igreja? Qual o significado do pecado para você? que leis morais do cristianismo você não entende ou custa aceitar? Por quê?

PRECEDENCIA - Você gosta de ser homenageado? Se você é mulher, gosta que digam que é bonita? Julga-se bonita? Se você é homem, gosta que digam que você é forte, habil, competente, inteligente? Você costuma diminuir-se a seus próprios olhos, isto é, tem uma idéia negativa de si mesmo? Por quê? Tem tendência para falar dos outros? Julga-se vaidoso? Está contente por ser aquilo que é? Queria ser diferente do que é em alguma coisa? Qual? Há algo em você que o faz sentir-se orgulhoso de si mesmo? Fale dos objetivos de sua vida, seus sonhos, seus ideais, das coisas que você pretende realizar! OBRIGADO!

Quarta Parte:

O TIROCÍNIO BÁSICO EM PRIMEIRO NÍVEL

ESTUDOS:

1. *Francisco se encontra com Cristo.*
LEITURA: *Os tempos que precederam São Francisco.*
2. *Francisco descobre o Evangelho.*
LEITURA: *O capítulo I dos "Fioretti".*
O "Homem" em São Francisco.
Os primeiros companheiros de São Francisco-
Francisco era um Hippie medieval?
3. *Francisco se converte para Cristo.*
LEITURA: *O Amor em São Francisco.*
4. *Francisco de Assis adere a Cristo.*
LEITURA: *Como São Francisco amava a Deus*
5. *Francisco e a Igreja na Alegria e na Paz.*
LEITURA: *Como São Francisco rezava*
6. *São Francisco e as criaturas*
LEITURA: *Como São Francisco amava as criaturas.*
7. *São Francisco no final de sua vida.*
8. *A morte de São Francisco*

*Primeira Sessão:***FRANCISCO SE ENCONTRA COM CRISTO**

Um dos primeiros discípulos de São Francisco, Frei Egidio, assim escreveu: "ninguém deveria pronunciar o nome de Francisco sem experimentar grande doçura". Isso significa que não devemos nos aproximar de Francisco como sábios, críticos ou cientistas, porque, dessa forma estaríamos usando um método que não nos permitiria penetrar no segredo desse homem. De Francisco é preciso que nos aproximemos com doçura. Francisco falou muitas vezes da doçura que enchia e dominava seu coração. Por isso não podemos falar de le de modo calculado e frio. Não podemos falar dele sem visível entusiasmo e calor, sem alegria e felicidade. Devemos falar dele com doçura, isso é, buscar exprimir algo que é inexprimível. Doçura aqui é uma palavra que empregamos para nos referir ao inexprimível de São Francisco. Doçura, aqui, não quer dizer coisa adocicada, coisa de água com açúcar. Porque dentro da doçura de São Francisco, daquilo que foi a realidade de São Francisco, esconde-se algo bem duro, como uma casca que se deve quebrar para se por em lugar bem claro aquele conteúdo rico e delicioso de sua santidade. Vendo essa casca dura, custa-nos imaginar como possa ter vivido nesta terra figura tão marcada por Cristo. Francisco não pode ser compreendido pela razão, por que está além de todo o raciocínio. Buscaremos, entretanto, sentir com clareza a glória que flui de seu interior.

PERSONALIDADE DE FRANCISCO - Francisco nasceu em Assis, pelos fins de 1181 ou inícios de 1182. Nasceu de pais ricos e, em sua juventude, teve muito dinheiro à sua disposição e o gastou levianamente, sem pensar. Seu pai foi Pedro di Bernardone, e sua mãe foi nobre dama de origem provençal, na pátria da cavalaria. No batismo recebeu o nome de João Batista. Ao voltar da França, seu Pai o apelidou de "Francisco", e esse apelido virou nome.

Bem cedo, nos círculos juvenis de Assis, formou-se para o canto, a música e a poesia lírica, e aprendeu a língua francesa. Tornou-se, por seus raros dotes humanos, bem

depressa, líder da juventude de Assis. Os jovens organizavam banquetes e berravam seus cantos pela rua, altas horas da noite. Como muitos outros, Francisco viveu seus anos de mocidade despreocupada, pouco lhe importando os problemas da vida. Bem cedo foi iniciado também nos gestos da cavalaria, cujos heróis e cujas normas de cortesia assimilou no comportamento de sua vida. Viveu plenamente sua condição social de filho de pais ricos e abastados seus títulos à herança paterna. Muito jovem ainda, revelou-se comerciante hábil. Adquiriu aquela cultura técnica e prática que na época era ministrada aos filhos de banqueiros e grandes comerciantes.

Apesar da superficialidade de sua juventude, com a idade o caráter de Francisco revelou-se nobre, cortês e magnânimo. O rapaz sentia-se feito para grandes coisas. Era liberal em matéria de dinheiro. Podia dar presentes à vontade sem nunca se arrepender de ter dado alguma coisa. Certo dia, muito ocupado na loja do Pai (= comércio de tecidos especiais), despachou um mendigo com dureza. Mas logo depois sentiu dor na consciência e fez o propósito de para o futuro, jamais recusar um auxílio a quem lho pedisse pelo amor de Deus". A generosidade foi a característica de sua mocidade, e a conservou durante toda a vida. Esses valores naturais predispunham Francisco para a sua grande missão.

Entretanto, não obstante isso, segundo afirma Tomás de Celano, seu companheiro de vida, Francisco viveu uma juventude dissipada e gasta com futilidades. Até a idade de vinte e cinco anos viveu entregue à pompa e à vanglória. Brincadeiras e toda a espécie de aventuras ruidosas enchiam seu tempo. Foi uma juventude perdida, um mergulho no vazio, como se deve dizer de muitos homens que crescem sem ideal nem orientação. Há historiadores que pretendem afirmar que essa vida fútil de Francisco não foi má. Isso não é verdade. Francisco realmente percorreu as ruas de Babilônia, ardeu em pecados e foi o instigador de loucas aventuras. É Celano que afirma isso, isto é, um testemunha ocular de sua vida.

COMO COMEÇOU O ENCONTRO COM CRISTO - Entretanto, na vida de Francisco, alguns acontecimentos começaram a surgir, e foi à partir deles que sua vida começou a mudar. O primeiro foi a guerra entre Assis e Perúgia. Francisco, embora não tivesse idade, meteu-se entre os cavaleiros. Assis foi derrotada, e Francisco feito prisioneiro em Perúgia. Isso a

conteceu por volta do 1202. Foi resgatado pelo pai, à preço de ouro, em 1203, porque Francisco adoecera. Teve longa convalescença. Recuperou-se muito devagar, e isso provocou nele uma mudança visível. Ao voltar à vida de sempre, essa começou a lhe parecer insípida e vazia. Francisco começou, então, a lutar inquieto contra uma verdadeira tortura de alma. Mesmo permanecendo muito velado esse acontecimento interno, podemos pressentir aí algum acontecimento: com ele está começando alguma coisa que não acontece todos os dias. Os rumos de sua vida começam a tomar outro sentido.

Essa mudança processou-se vagarosamente, mas foi tomando formas cada vez mais claras, até que os que o rodeavam perceberam que Francisco não era mais o mesmo. Ele próprio tomou consciência de que uma coisa mais forte atuava sobre ele, e também se admirava de seu novo comportamento.

Depois da guerra de Assis e Perúgia, com a doença contraída no cárcere e sua longa convalescença, outro fato importante foi a decisão de Francisco de partir para Apúlias, onde Gualtério de Briene organizava os exércitos do Papa para combater o imperador da Alemanha. Francisco pensou que talvez sua saída fosse tornar-se cavaleiro. "Eu serei", dizia ele, "um grande comandante". Preparou-se para a longa viagem ao sul da Itália.

Na véspera da partida (= isso aconteceu nos inícios de 1205) doou sua roupa rica e luxuosa a um soldado pobre. Foi um gesto de homenagem à pobreza. São Boaventura comenta que este ato foi o ato que abriu em sua vida uma série de intervenções divinas. Naquela noite Francisco teve um sonho: viu diante de si um palácio muito rico, e uma voz o convidava a penetrar no seu recinto. Francisco entrou. Ao entrar, percebeu que o palácio estava repleto de armas e armaduras, todas marcadas com o sinal da cruz. No centro do palácio, uma linda mulher. E a voz lhe disse: "tudo isso será teu e de teus soldados".

Esse sonho embalou o acordar de Francisco, no dia de sua viagem para as Apúlias: "Eu serei um grande comandante! Francisco deixou Assis empolgado pela idéia de se tornar um homem importante.

No final do primeiro dia de viagem, pernôitou em Espoletto. Estava com febre. Adormeceu e teve outro sonho, durante o qual uma voz lhe perguntou: "Francisco, o que vo-

cê acha mais importante: trabalhar para o patrão ou trabalhar para o empregado?" Francisco respondeu: "Naturalmente, é mais importante trabalhar para o patrão!" E a voz continuou: "Por que você deixa o patrão e vai à procura do empregado?" Aí Francisco que era Deus quem lhe falava, e disse: "Senhor, que quereis que eu faça?" A voz respondeu: "Volta para a tua terra, e lá você ficará sabendo o que deverá fazer!"

Francisco voltou aguardando o sinal da vontade divina. Agora os acontecimentos interiores de sua alma se precipitaram. Francisco foi recebido em Assis debaixo de vaias. Esta va com a cabeça ardendo. Nos dias seguintes se pôs a vagar e sonhar pelos lindos arredores de Assis. Querendo encontrar uma resposta, perguntava-se frequentemente: "Quem poderá dar sentido à minha vida?" E vivia mais afastado dos com panheiros de farra.

Não demorou muito, porém, que esses mesmos companheiros convidaram Francisco para uma daquelas noites. Francisco não tinha ainda firmeza interior para dizer não, e lá estava ele à mesa, embora os cantos de farra nada mais significassem para ele. Lá pelas tantas, no meio do movimento louco, baixou sobre ele uma grande tristeza. Ficou visivelmente quieto e se calou de vez. Os companheiros perceberam sua mudança de comportamento e alguém zombou: "Francisco está pensando em sua noiva!" Francisco levantou-se, no meio de gargalhadas, e, movido por uma inexplicável intuição, disse aos companheiros: "De fato, estou pensando em arranjar uma noiva. Mas a mulher com a qual vou me casar é a mais bela que o mundo já viu". As palavras lhe saíram da boca sem que pudesse medir as consequências. Debaixo das gargalhadas estrondosas dos companheiros, Francisco deixou a sala.

Foi esse o toque inicial da graça. Cristo mexeu, finalmente, na alma de Francisco. E Francisco começa a se afastar do mundo. REcolhe-se seguidamente a uma gruta nos arredores da cidade, e aí prolonga suas orações. O desenrolar de acontecimentos interiores de sua alma, então, precipitam-se mais ainda. No fundo da gruta Francisco arma uma cruz de madeira tosca. Fita aquela cruz. Passa horas a fio com os olhos fixos naquela cruz, enquanto lá dentro, na solidão profunda de sua alma o processo de conversão prossegue seu caminho. Tudo ainda é muito confuso. Ele já conhece aquele que o atrai, que poderosamente o subjuga e o fere com o dardo de seu amor, mas ainda muita outra coisa está para acontecer.

- Mas, o que é mesmo que espera por Francisco?

Assis, o berço verde e florescido,
Repousa na perene primavera.
A noite seu véu negro já estendêra,
Cobrindo d'Úmbria verde a vastidão.
Não há um sô ser vivo acordado,
Apenas este jovem, abismado,
Parece estar num sonho mergulhado
Olhando do porvir na direção.

Ele fôra até então o rei das festas,
O chefe da ruidosa mocidade.
Coroadado, pelas ruas da cidade,
Passeava em meio à grade multidão.
De repente, na fulgência de um momento,
Fitando a alfombra azul do firmamento,
Sentiu, cheio de luz e de espanto,
Cavar-se-lhe um vazio no coração!

Aquilo que até então elhe adorara
Sentiu que era vaidade fermentada:
Buscara a plenitude ideal da vida
Da glória na miragem que seduz.
Sim! Prá outro horizonte ele existia:
Trovador do Altíssimo seria,
Cruzado da autêntica alegria,
Poeta e paladino de Jesus!

O primeiro toque da graça, toque explícito, deu-se na quela noite da última festa com os amigos. O segundo viria logo depois numa daquelas grutas às quais Francisco se recolhia para rezar diante da cruz tosca de madeira. Num desses momentos, a cruz tosca de madeira se animou, e Francisco pode contemplar com os olhos de sua carne, a imagem do Cristo crucificado no sofrimento da cruz. São Boaventura, em sua biografia dá grande importância a esse fato. Ele teve importância decisiva na conversão de Francisco. Foi o primeiro encontro com Cristo em forma de visão plástica na vida de Francisco.

Essa visão de Cristo na cruz realizou impressionante transformação interior na alma de Francisco. À vista daquela imagem, São Boaventura diz que a alma de Francisco "se liquefez, e a imagem da paixão de Cristo de tal forma ficou gravada em seu espírito que Francisco, daí em diante, co

meçou a trazê-la constantemente diante dos olhos de sua mente. A partir disso Francisco começou a entender a lei Evangélica da renúncia de si mesmo, e se entregou ao exercício das virtudes fundamentais do espírito seráfico, a saber: a pobreza, a humildade, o amor transbordante de piedade. Voltando da gruta, encontra-se com um leproso. Sempre havia sentido forte repugnância por essa doença, e quase não conseguia olhar para aqueles homens. Também nessa hora sentiu forte repulsa pelo aspeto desse fantasma horroroso, coberto de chagas. E ainda espalhava um mau cheiro que lhe deu vontade de sair correndo o mais rápido possível. Mas a imagem do Cristo sangrando na cruz o deteve e o impeliu na direção daquele homem. E Francisco cobriu com seus lábios a mão do leproso, sem o menor receio de contágio. Esse encontro com o leproso foi um novo passo dado em sua caminhada de conversão. Mas tarde, a respeito desse episódio, Francisco iria escrever em seu Testamento: "Como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia para com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo". À partir daí Francisco se pôs à serviço dos leprosos no leprosário de São Lázaro. Logo depois foi a Roma, vestiu-se de mendigo e se pôs entre os mendigos que mendigavam à porta das igrejas.

Sua vida ainda continuava na casa do Pai. Mas a essa altura passou mais que nunca a dar tudo o que possuía. Isso começou a provocar atritos com seu pai, que chegou, inclusive, a prendê-lo em sua casa. A mãe o soltou. Francisco se entregava, então, à dura mortificação de seu corpo, a fim de exprimir exteriormente aquela cruz que trazia no interior de seu coração. Foi essa também a época em que começou a consultar o Bispo de Assis, coisa que jamais deixou de fazer pelo resto de sua vida. Francisco estava pronto para entender sua missão eclesial com a descoberta do Evangelho.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Por que, para conhecer São Francisco, não devemos nos aproximar dele como sábios, críticos ou cientistas?
2. Quais as principais características da personalidade de São Francisco?
3. Como transcorreu a juventude de São Francisco?

4. Quais os episódios que imediatamente prepararam o encontro de Francisco com Cristo?
5. Quando e de que forma se deu em Francisco o primeiro toque explícito da graça divina?
6. Após o primeiro toque da graça, quais os dois outros fatos seguintes mais importantes na conversão de Francisco?
7. Qual a importância da visão de Cristo crucificado que Francisco teve enquanto orava na gruta?

NOTA - Esse assunto continua na próxima sessão de estudos do grupo.

Para a leitura individual

Apêndice (Para leitura individual)

OS TEMPOS QUE PRECEDERAM A ÉPOCA DE
SÃO FRANCISCO

Cfr. GEMELLI A., *O Franciscanismo*, VOZES
pp. 29 a 33.

"Quando Francisco nasceu em 1182 em um município italiano encravado no dorso do Apenino úmbrio, era singular o aspecto da sociedade.

A unidade e o universalismo medievais não tinham ainda atingido aquela perfeita expressão filosófica e artística que iriam conseguir no século imediato com a grande síntese da escolástica, com as imensas igrejas góticas e finalmente com a DIVINA COMEDIA. Entretanto já era sensível a diminuição de sua coesão política e religiosa. Depois da morte de Frederico Barbarossa, o Império é considerado mais um inimigo a combater do que uma autoridade a respeitar: desagregam-no na Alemanha os grandes feudatários e as cidades livres e, na Itália, as Comunas. De outro lado, se as doutrinas dominantes nas escolas e na sociedade culta são as da Igreja; se a Igreja, depois da reforma de Gregório VII, cresceu constantemente em disciplina, em santidade e em autoridade; se entre os seus pontífices se contam alguns como excelentes sacerdotes, como juristas e como políticos; e se está prestes a chegar com Inocêncio III ao ponto culmi-

nante da sua história, - na grande massa do povo as heresias surgem e se propagam com uma prolificidade de micróbios poderosos.

Entretanto na Itália um fato novo se anuncia. Entre essas grandes forças que constituem a Igreja e o Império, surge um novo poder, apoiado pelos bispos e combatido pelos feudatários: o Município. Município ou Comuna quer dizer núcleo de cidadãos que trabalham, produzem, traficam, viajam, manejam o dinheiro e, com o dinheiro, o poder, e querem governar-se a si mesmos, abolindo a servidão feudal e a interferência em seus negócios de quaisquer vassallos, grandes ou pequenos. Quer dizer também concentração de colonos dispersos, absorção da plebe rural pela plebe urbana, substituição da economia territorial pela economia monetária, multiplicação das feiras e dos mercados, formação de agrupamentos industriais e comerciais, que favoreçam o desenvolvimento do artesanato por meio da especialização individual subordinada à Mestria dos Ofícios.

Essa radical transformação política e econômica efetuada dentro da universalidade do Império produziu uma vida muito mais ativa e variada que a feudal, e criou nos espíritos exigências novas que se manifestaram por diferentes modos e entre outros pelo uso corrente da língua vulgar (= popular) até mesmo nos atos oficiais. A transformação de uma língua é fato de suma gravidade, e só é possível quando denuncia a transformação de uma cultura: a adoção pela Itália da língua vulgar anuncia o nascimento aí de um povo novo.

Este povo, organizado em municípios, se escapava à austeridade feudal, escapava também à benéfica influência de uma das mais importantes forças da Igreja: o Monacismo! De pois que S. Bento introduziram no Ocidente latino a vida cenobítica, acrescentando o princípio do trabalho e da moderação ao, já posto em prática, da oração e do ascetismo as Abadias se haviam tornado os grandes centros de evangelização, de educação e de cultura da idade bárbara e feudal. Muitas vezes ao lado e em face do castelo, levantava-se a Abadia que, com as suas várias dependências, constituía toda uma aldeia de lavradores subordinados ao Abade e aos seus monges. Possuíam as Abadias suas bibliotecas e suas escolas próprias; tomavam a seu cargo o beneficiamento de vastos tratos de terra nos quais drenavam pântanos e fertilizava

vam trechos incultos; e assim levavam juntamente com a ordem e o bem estar resultantes da cultura da terra os ensinamentos e o culto ao verdadeiro Deus nos lugares onde ainda se adoravam ídolos. Por determinação de S. Gregório Magno os beneditinos se tornaram os primeiros missionários: S. Agostinho de Cantuária com seus 40 monges converteu a Inglaterra, S. Bonifácio a Alemanha, S. Adalberto a Hungria e a Boêmia. De acordo com as necessidades dos tempos, a regra beneditina gerou novas ordens monásticas de fervor e atividade como as de Cluny e Cister na França, os de Camaldula e Vallombrosa na Itália. O fruto desses ramos vigorosos do velho tronco beneditino foi a conquista para a Igreja e a civilização, nos séculos X e XI das grandes regiões da Germânia, da Escócia, da Irlanda, da Escandinávia, ainda habitadas pelos bárbaros. Nos primeiros decênios do século XII tiveram os cistercienses um grande monge que, por obediência a Roma, abandonou o seu claustro para reformar outros conventos e pregar uma Cruzada, sem perder, no entanto o seu recolhimento nem a sua elevação de altíssimo místico: S. Bernardo de Claraval.

Este, porém, constituiu uma excessão; em geral os monges não saíam do claustro, e assim, nos primeiros anos do século XII, na Itália, sua voz não podia chegar àqueles cidadãos que trabalhavam e sofriam nas comunas, nem àqueles que cavalgando seus jumentos galgavam os Alpes carregados de "especiarias de pano" e fardos de lã e com as suas bolsas cheias de moedas acabadas de cunhar, novos cavaleiros e de novas aventuras, criadores de uma atividade que já é nossa, a moderna atividade mercantil. Nos seus caminhos, vindo do outro lado dos Alpes, encontravam esses "burgenses" os heréticos que vinham de fora: cátaros, patarinos, valdenses, que pregavam os seus falsos princípios de pretensão retorno à vida evangélica, de pobreza, de trabalho, de comunismo e de revolta contra a Igreja. Procurando de preferência os operários e as comadres, faziam-se ouvir tratando dos assuntos que andavam na boca do povo: os maus costumes dos padres, dos monges, dos bispos; depois começavam sua pregação afirmando serem pobres, castos, verdadeiros seguidores de Cristo; e explicavam ao público o Evangelho em língua vulgar, enquanto nas Igrejas só era pregado em latim. Alguns espalhavam idéias apocalípticas, anunciando a próxima vinda de um anti-Cristo, com o que inflamavam as multidões. E todos, pregando a pobreza, tocavam os mais profundos interesses daquela gente que, se não se repartia

mais em nobres e servos, começava já a se dividir entre "maiores" e "menores". Na segunda metade do século XII essas vozes ganham novo entono, estimuladas por Joaquim di Fiore, que predizia o advento de uma idade nova - a Idade do Espírito, a idade da purificação da Igreja. Estas doutrinas e estas profecias vagas perturbavam as almas que não se imergiam jamais no trabalho a ponto de esquecer o problema da vida eterna, importantíssimo nesse século em que a religião se dava um valor total.

Os elementos antigos entretanto subsistiam ao lado dos modernos: o Império, o Feudalismo, a Cavalaria, não eram vãs palavras nas instituições novas e vivas; e embora decadentes, conservavam certo aspeto de grandeza que crescia nas imaginações e na arte, ao passo que se extinguia na realidade até que só se conservou na poesia. A Cavalaria encontrou, para se aplicar, um objetivo heróico nas Cruzadas, as quais ao mesmo tempo ofereciam novos esquadros ao velho mundo feudal e consideráveis recursos de idealismo e de economia à sociedade em fundação. De fato o entusiasmo pelas aventuras heróicas, pela coragem pessoal, pela expansão da fé, pela surpresa das aventuras em terras distantes reacenderam nos cavaleiros o entusiasmo pela libertação do Santo Sepulcro das mãos dos infiéis, ao mesmo tempo que o ideal evangélico, revivido na terra mesma em que Jesus vivera, fascinou os verdadeiros fiéis e por estes foi transmitido às multidões. Além disto as escalas nos portos do Oriente e a multiplicação das trocas comerciais facilitadas por este contato com gente e povos diferentes, estimularam a atividade das repúblicas marítimas e da burguesia que tirava do comércio a sua subsistência.

Através desta complexidade de acontecimentos a vida dos povos europeus, especialmente dos italianos, que foram os mais tardios a se desembaraçar como nacionalidade do mundo antigo, ao mesmo tempo que os mais precoces em adaptar-se, sem prejuízo de sua individualidade própria, ao mundo novo, orienta-se cada vez mais para o movimento e a atividade. A Idade Média teve, em certo sentido, a "estabilidade de lugar": a terra prende, estabiliza, e a estabilidade conduz à contemplação. A Comuna ao contrário pressupõe movimento, e movimento é ação. Daí dois estados de alma diferentes. A Igreja havia dado satisfação ao primeiro com as grandes instituições monásticas, domadoras de bárbaros, educadoras de cavaleiros e de servos da gleba, consoladora de oprimidos e de opressores contritos; mas aos novos "burgenses" que

não queriam saber latim, que se impacientavam com a demora dos cânticos litúrgicos, que não achavam mais tempo para ir procurar a paz em alguma abadia maternalmente acolhedora, que começavam a ler e a escrever por necessidade e por gosto, que lhes dava a Igreja? O trabalho dos sacerdotes, ótimo algumas vezes, algumas vezes imperfeito, não acudia a tudo. As heresias se infiltravam nas massas populares, em especial na que compreendia os pequenos operários - "sutores", "sartores", "textores" - de cujas classes saíam para seitas a maior parte de seus recrutas. No fim do século XII uma dupla exigência se nota nos povos cristãos: conformar de modo mais exato a vida com o Evangelho, e dar um valor cristão às novas formas existenciais, sobretudo à que caracteriza a civilização moderna: a ação.

Foi então que o Senhor enviou São Francisco.

POSSIVEL QUESTIONAMENTO

1. Qual o aspeto da sociedade na época em que nasceu São Francisco?
2. Quais os elementos que desagregavam o Império na época de São Francisco?
3. Qual a situação da Igreja na época em que nasceu São Francisco?
4. Do ponto de vista social, qual o fato novo que começa a se registrar na sociedade no tempo em que nasceu São Francisco?
5. Quais as transformações sociais que a Comuna provocava no mundo?
6. Quais as características da sociedade comunal que se anunciava?
7. Qual havia sido a importância dos monges na formação do povo do mundo bárbaro e feudal?
8. Quais as heresias do tempo de São Francisco, e qual era a tônica de sua pregação?
9. Em que se assentava a importância da Cavalaria no tempo de São Francisco?
10. Em que sentido a Comuna representa o início de nova era para a sociedade?
11. No final do século XII qual a dupla exigência que se notava no povo cristão?

*Segunda Sessão***FRANCISCO DESCOBRE O EVANGELHO**

SÃO DAMIÃO - Entre os lugares situados nos arredores de Assis aos quais Francisco se retirava para passar longas horas em oração, estava uma velha igreja abandonada, em ruínas: São Damião. O lugar era profundamente solitário. Ali Francisco se recolhia seguidamente, e se entregava às suas meditações. E nesse ambiente teve lugar outro dentre os grandes acontecimentos de sua conversão: pela segunda vez em sua vida o crucifixo se anima diante de seus olhos. Diferentemente do que aconteceu na gruta algum tempo atrás, porém, agora o Cristo lhe falou e disse: "Francisco, vái e reconstrói a minha casa que está para cair". AO ouvir isso Francisco tremeu muito. Ele era o homem a quem o Crucificado se havia dirigido em palavras. Seria imaginação, sonho, visão? Nada disso. Era um mandamento inequívoco de Cristo. Novamente Francisco sentia-se profundamente impressionado pelo Cristo crucificado. O próprio Filho de Deus, crucificado, falou com ele em voz baixa, dizendo-lhe o que devia fazer. E Francisco, desde esse dia, mais intensamente ainda teve um relacionamento místico com Cristo, de quem passou a ser um exemplo plausível.

Ao ouvir essas palavras, Francisco não percebeu ainda o seu sentido eclesial, mas tomou ao pé da letra o que lhe fora dito da cruz. Pensou que a Igreja a reconstruir era a Igreja de São Damião. Vendeu roupas e cavalo, e depois levou uma bolsa de dinheiro para a reconstrução do pequeno santuário. O capelão recusou a doação, mas consentiu que o próprio Francisco pusesse mãos a obra. E Francisco se tornou verdadeiro pedreiro. Juntou pedras, fez massa e reformou a igreja.

RUPTURA COM O PAI - O episódio de São Damião teve como consequência a ruptura de Francisco com o Pai, Pedro de Bernardone. Para Pedro de Bernardone a essa altura as extravagâncias de Francisco haviam exorbitado todas as medidas. Seu

filho passara a ser a zombaria da cidade. Ferido na reputação, Bernardone acabou acusando o filho diante do Bispo, o que provocou excitante sessão de julgamento. Muita gente foi para a praça, atraída pela sentença episcopal. Respondendo às palavras de acusação do pai contra o filho ingrato que, afinal tudo tinha recebido dele, Francisco despiu-se num instante de suas roupas, e, nu diante de todo o povo, devolveu suas vestes ao pai, dizendo: "Escutem todos e compreendam bem: até agora chamei Pedro de Bernardone meu pai. Mas, como tenho o propósito de servir ao Senhor, devolvo-lhe o dinheiro, pelo qual se zangou, junto com toda a roupa que recebi de sua propriedade. De agora em diante quero dizer: Pai nosso, que estais no céu!"

Na história da santidade esse exemplo é incrível e misterioso. E também desconcertante. Certamente Francisco terá lembrado, nesse momento, da palavra: "Honra teu pai e tua mãe, para que vivas muito tempo na terra que o Senhor teu Deus te quer dar", mandamento bíblico que sempre conserva seu valor. Mas foi uma necessidade superior que o levou a esse rompimento radical com o pai. Esse passo extraordinário prova que, conforme as palavras de Jesus, a conversão religiosa separa o homem dos companheiros de sua casa. É um corte profundo na própria carne e produz um sentimento doloroso, uma separação que penetra a alma como uma espada. Não se deve levemente dar importância demasiada a essa separação do pai, pois não se pode recomendá-la à imitação da juventude. Anarquiza qualquer amor filial com os pais. O próprio Francisco achou extremamente dura a separação de seu pai, à qual foi forçado interiormente, e só a realizou sob pressão divina. Mais tarde, quando lhe perguntaram o que havia sido mais difícil em sua vida, ele respondeu: "Aquilo com meu pai!"

O PREÇO DURO DA RUPTURA - Francisco havia se desprendido totalmente do mundo, mas teve que pagar por dois longos anos o preço de dura solidão humana pelo gesto de ruptura que havia feito. A ruptura com o pai deu-se no dia 16 de abril de 1207. Vendo-o nu em praça pública, o Bispo o crobriu com seu manto. Depois Francisco arranhou uma túnica feita com pano de saco, e se pôs a seguir livremente o Cristo nũ na Cruz. Marcou essa túnica com uma cruz, e se proclamou o Arauto do Grande Rei. Vivia nos arredores de Assis como mendigo, continuando a construção de São Damião

como pedreiro, cuidando dos leprosos e transcorrendo longos tempos, tempos de oração e meditação nas costumeiras grutas localizadas nos arredores de sua cidade. Pagou o duro preço da pobreza extrema, do abandono de todos os amigos, inclusive o abandono da família. O povo olhava para ele e pensava que Francisco havia se tornado louco, e os meninos atiravam nele os detritos da rua. Assim ele foi visto na realidade de seu tempo, e as pessoas meneavam a cabeça e faziam com ele brincadeiras de mau gosto. Para muitos sacerdotes ele chegava a ser um escândalo, pois não sabiam o que pensar dele. Que pode suportar essa realidade? Quem há de imitá-la? Essa é uma pergunta que inquieta nossa consciência.

Importante: foi por esse tempo que começou o diálogo entre Francisco e Clara. Mas disso falaremos depois.

Por esse assumir uma vida de extrema pobreza, fala-se nos Esponsais entre Francisco e a Pobreza. É um mistério desconcertante esse que se revelou na vida de Francisco. O casamento de Francisco com a Pobreza é uma coisa que não cabe na inteligência, mas que revela o mais íntimo de seu anseio. A Pobreza passou a ser-lhe uma figura personificada, a quem desposou de maneira verdadeiramente real, e não apenas simbolicamente. Era para ele noiva, mãe e senhora ao mesmo tempo. Era uma união verdadeiramente sensível, como entre homem e mulher. Quem não fôr capaz de compreender a pobreza como o pensamento único de sua vida, nunca chegará a entendê-lo. Abraçava a Pobreza como um ser amável, apertava-a afetuosamente ao coração: nada mais havia entre ele e Deus. A pobreza - expressão abreviada para a vida pobre de Cristo - não o oprimia com o peso que tem para os outros pobres. Tornou-se pobre por livre vontade e através da pobreza ganhou uma riqueza interior sem par. Francisco falava da "santa pobreza", pois quem enxerga a pobreza enxerga Cristo. Enquanto o homem ganancioso pensa apenas em poder dizer que mais coisas são suas, nunca acha que tem bastante e sempre tem novos desejos, Francisco fez o movimento contrário: livrou-se de toda a posse, jogou todas as coisas sem valor pela janela e não queria ter nada, absolutamente nada.

Francisco quis ser pobre, tão pobre quanto possível, e vigiava como um namorado ciumento para que ninguém lhe roubasse sua querida noiva Pobreza, que ele viveu como uma for-

ma de liberdade. Seu amor pela pobreza não deve ser enfeitado romanticamente, pois significava renúncia terrível, penúria, fome e frio. Francisco não tinha o que comer, e não tinha onde morar. Abriga-se em cavernas e buracos, onde procurava proteção igual a um bicho do mato. Para os que o rodeavam, a vida pobre era um empreendimento impossível, que provocava zombaria ou horror. Viu-se forçado a viver a existência de um mendigo que estende sua cuia pelas portas, para receber as mais diversas sobras de comida. No fim seu aspeto era quase nojento. Francisco queria realizar em si mesmo a vida pobre de Jesus, de quem foi dito: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça". Isso inclui uma dureza inaudita que assusta qualquer homem. Perseverar, desprender-se radicalmente de tudo era coisa que só poderia ser alcançada por um homem que tivesse intimamente ligado ao Cristo

Se quisermos explicar a importância da pobreza de Francisco, podemos usar as palavras de Georges Bernanos. São palavras que esse poeta francês coloca nos lábios de Francisco: "As coisas vão mal, queridos filhos, muito mal, e ainda vão ficar piores para vocês. Gostaria de tranquilizá-los a respeito de mau estado de saúde, mas, se chá de capim santo fosse suficiente, eu teria ficado em casa que tinha, porque amo afetosamente meus amigos e costume cantar cantos provençais com acompanhamento de guitarra. Vocês podem conseguir a salvação: Mas não tentem chegar lá por atalhos. O caminho é um só: a Pobreza. Vocês não querem ir por esse caminho, mas eu irei à frente, não tenham medo. Se eu pudesse sofrer só para mim, acreditem, não os teria tirado de seus prazeres. Mas o bom Deus me deu licença para isso. Vocês ofenderam a Pobreza. Mas não adianta falar muito. Vocês a provocaram demais. Porque ela é paciente, vocês descarregaram perfidamente sobre seus ombros todas as cargas. Agora ela está prostrada, com o rosto em terra, sem uma palavra de queixa, derramando as lágrimas na poeira. Vocês dizem: Agora ela não incomoda mais, agora podemos dançar. Mas vocês não vão dançar, filhos queridos. Vocês vão morrer. Se a pobreza os amaldiçoar, estarão mortos. Não atraíam a maldição da pobreza para este mundo. Vão em Frente!"

Pois bem! Executando as ordens do crucifixo, Francisco experimentou a cruz, o desprezo dos seus, a penúria, a

mais em nobres e servos, começava já a se dividir entre "maiores" e "menores". Na segunda metade do século XII essas vozes ganham novo entono, estimuladas por Joaquim di Fiore, que predizia o advento de uma idade nova - a Idade do Espírito, a idade da purificação da Igreja. Estas doutrinas e estas profecias vagas perturbavam as almas que não se imergiam jamais no trabalho a ponto de esquecer o problema da vida eterna, importantíssimo nesse século em que a religião se dava um valor total.

Os elementos antigos entretanto subsistiam ao lado dos modernos: o Império, o Feudalismo, a Cavalaria, não eram vãs palavras nas instituições novas e vivas; e embora decadentes, conservavam certo aspeto de grandeza que crescia nas imaginações e na arte, ao passo que se extinguia na realidade até que só se conservou na poesia. A Cavalaria encontrou, para se aplicar, um objetivo heróico nas Cruzadas, as quais ao mesmo tempo ofereciam novos esquadros ao velho mundo feudal e consideráveis recursos de idealismo e de economia à sociedade em fundação. De fato o entusiasmo pelas aventuras heróicas, pela coragem pessoal, pela expansão da fé, pela surpresa das aventuras em terras distantes reacenderam nos cavaleiros o entusiasmo pela libertação do Santo Sepulcro das mãos dos infiéis, ao mesmo tempo que o ideal evangélico, revivido na terra mesma em que Jesus vivera, fascinou os verdadeiros fiéis e por estes foi transmitido às multidões. Além disto as escalas nos portos do Oriente e a multiplicação das trocas comerciais facilitadas por este contato com gente e povos diferentes, estimularam a atividade das repúblicas marítimas e da burguesia que tirava do comércio a sua subsistência.

Através desta complexidade de acontecimentos a vida dos povos europeus, especialmente dos italianos, que foram os mais tardios a se desembaraçar como nacionalidade do mundo antigo, ao mesmo tempo que os mais precoces em adaptar-se, sem prejuízo de sua individualidade própria, ao mundo novo, orienta-se cada vez mais para o movimento e a atividade. A Idade Média teve, em certo sentido, a "estabilidade de lugar": a terra prende, estabiliza, e a estabilidade conduz à contemplação. A Comuna ao contrário pressupõe movimento, e movimento é ação. Daí dois estados de alma diferentes. A Igreja havia dado satisfação ao primeiro com as grandes instituições monásticas, domadoras de bárbaros, educadoras de cavaleiros e de servos da gleba, consoladora de oprimidos e de opressores contritos; mas aos novos "burgenses" que

não queriam saber latim, que se impacientavam com a demora dos cânticos litúrgicos, que não achavam mais tempo para ir procurar a paz em alguma abadia maternalmente acolhedora, que começavam a ler e a escrever por necessidade e por gosto, que lhes dava a Igreja? O trabalho dos sacerdotes, ótimo algumas vezes, algumas vezes imperfeito, não acudia a tudo. As heresias se infiltravam nas massas populares, em especial na que compreendia os pequenos operários - "sutores", "sartores", "textores" - de cujas classes saíam para seitas a maior parte de seus recrutas. No fim do século XII uma dupla exigência se nota nos povos cristãos: conformar de modo mais exato a vida com o Evangelho, e dar um valor cristão às novas formas existenciais, sobretudo à que caracteriza a civilização moderna: a ação.

Foi então que o Senhor enviou São Francisco.

POSSIVEL QUESTIONAMENTO

1. Qual o aspeto da sociedade na época em que nasceu São Francisco?
2. Quais os elementos que desagregavam o Império na época de São Francisco?
3. Qual a situação da Igreja na época em que nasceu São Francisco?
4. Do ponto de vista social, qual o fato novo que começa a se registrar na sociedade no tempo em que nasceu São Francisco?
5. Quais as transformações sociais que a Comuna provocava no mundo?
6. Quais as características da sociedade comunal que se anunciava?
7. Qual havia sido a importância dos monges na formação do povo do mundo bárbaro e feudal?
8. Quais as heresias do tempo de São Francisco, e qual era a tônica de sua pregação?
9. Em que se assentava a importância da Cavalaria no tempo de São Francisco?
10. Em que sentido a Comuna representa o início de nova era para a sociedade?
11. No final do século XII qual a dupla exigência que se notava no povo cristão?

*Segunda Sessão***FRANCISCO DESCOBRE O EVANGELHO**

SÃO DAMIÃO - Entre os lugares situados nos arredores de Assis aos quais Francisco se retirava para passar longas horas em oração, estava uma velha igreja abandonada, em ruínas: São Damião. O lugar era profundamente solitário. Ali Francisco se recolhia seguidamente, e se entregava às suas meditações. E nesse ambiente teve lugar outro dentre os grandes acontecimentos de sua conversão: pela segunda vez em sua vida o crucifixo se anima diante de seus olhos. Diferentemente do que aconteceu na gruta algum tempo atrás, porém, agora o Cristo lhe falou e disse: "Francisco, vái e reconstrói a minha casa que está para cair". AO ouvir isso Francisco tremeu muito. Ele era o homem a quem o Crucificado se havia dirigido em palavras. Seria imaginação, sonho, visão? Nada disso. Era um mandamento inequívoco de Cristo. Novamente Francisco sentia-se profundamente impressionado pelo Cristo crucificado. O próprio Filho de Deus, crucificado, falou com ele em voz baixa, dizendo-lhe o que devia fazer. E Francisco, desde esse dia, mais intensamente ainda teve um relacionamento místico com Cristo, de quem passou a ser um exemplo plausível.

Ao ouvir essas palavras, Francisco não percebeu ainda o seu sentido eclesial, mas tomou ao pé da letra o que lhe fora dito da cruz. Pensou que a Igreja a reconstruir era a Igreja de São Damião. Vendeu roupas e cavalo, e depois levou uma bolsa de dinheiro para a reconstrução do pequeno santuário. O capelão recusou a doação, mas consentiu que o próprio Francisco pusesse mãos a obra. E Francisco se tornou verdadeiro pedreiro. Juntou pedras, fez massa e reformou a igreja.

RUPTURA COM O PAI - O episódio de São Damião teve como consequência a ruptura de Francisco com o Pai, Pedro de Bernardone. Para Pedro de Bernardone a essa altura as extravagâncias de Francisco haviam exorbitado todas as medidas. Seu

filho passara a ser a zombaria da cidade. Ferido na reputação, Bernardone acabou acusando o filho diante do Bispo, o que provocou excitante sessão de julgamento. Muita gente foi para a praça, atraída pela sentença episcopal. Respondendo às palavras de acusação do pai contra o filho ingrato que, afinal tudo tinha recebido dele, Francisco despiu-se num instante de suas roupas, e, nu diante de todo o povo, devolveu suas vestes ao pai, dizendo: "Escutem todos e compreendam bem: até agora chamei Pedro de Bernardone meu pai. Mas, como tenho o propósito de servir ao Senhor, devolvo-lhe o dinheiro, pelo qual se zangou, junto com toda a roupa que recebi de sua propriedade. De agora em diante quero dizer: Pai nosso, que estais no céu!"

Na história da santidade esse exemplo é incrível e misterioso. E também desconcertante. Certamente Francisco terá lembrado, nesse momento, da palavra: "Honra teu pai e tua mãe, para que vivas muito tempo na terra que o Senhor teu Deus te quer dar", mandamento bíblico que sempre conserva seu valor. Mas foi uma necessidade superior que o levou a esse rompimento radical com o pai. Esse passo extraordinário prova que, conforme as palavras de Jesus, a conversão religiosa separa o homem dos companheiros de sua casa. É um corte profundo na própria carne e produz um sentimento doloroso, uma separação que penetra a alma como uma espada. Não se deve levemente dar importância demasiada a essa separação do pai, pois não se pode recomendá-la à imitação da juventude. Anarquiza qualquer amor filial com os pais. O próprio Francisco achou extremamente dura a separação de seu pai, à qual foi forçado interiormente, e só a realizou sob pressão divina. Mais tarde, quando lhe perguntaram o que havia sido mais difícil em sua vida, ele respondeu: "Aquilo com meu pai!"

O PREÇO DURO DA RUPTURA - Francisco havia se desprendido totalmente do mundo, mas teve que pagar por dois longos anos o preço de dura solidão humana pelo gesto de ruptura que havia feito. A ruptura com o pai deu-se no dia 16 de abril de 1207. Vendo-o nu em praça pública, o Bispo o crobriu com seu manto. Depois Francisco arranhou uma túnica feita com pano de saco, e se pôs a seguir livremente o Cristo nũ na Cruz. Marcou essa túnica com uma cruz, e se proclamou o Arauto do Grande Rei. Vivia nos arredores de Assis como mendigo, continuando a construção de São Damião

como pedreiro, cuidando dos leprosos e transcorrendo longos tempos, tempos de oração e meditação nas costumeiras grutas localizadas nos arredores de sua cidade. Pagou o duro preço da pobreza extrema, do abandono de todos os amigos, inclusive o abandono da família. O povo olhava para ele e pensava que Francisco havia se tornado louco, e os meninos atiravam nele os detritos da rua. Assim ele foi visto na realidade de seu tempo, e as pessoas meneavam a cabeça e faziam com ele brincadeiras de mau gosto. Para muitos sacerdotes ele chegava a ser um escândalo, pois não sabiam o que pensar dele. Que pode suportar essa realidade? Quem há de imitá-la? Essa é uma pergunta que inquieta nossa consciência.

Importante: foi por esse tempo que começou o diálogo entre Francisco e Clara. Mas disso falaremos depois.

Por esse assumir uma vida de extrema pobreza, fala-se nos Esponsais entre Francisco e a Pobreza. É um mistério desconcertante esse que se revelou na vida de Francisco. O casamento de Francisco com a Pobreza é uma coisa que não cabe na inteligência, mas que revela o mais íntimo de seu anseio. A Pobreza passou a ser-lhe uma figura personificada, a quem desposou de maneira verdadeiramente real, e não apenas simbolicamente. Era para ele noiva, mãe e senhora ao mesmo tempo. Era uma união verdadeiramente sensível, como entre homem e mulher. Quem não fôr capaz de compreender a pobreza como o pensamento único de sua vida, nunca chegará a entendê-lo. Abraçava a Pobreza como um ser amável, apertava-a afetuosamente ao coração: nada mais havia entre ele e Deus. A pobreza - expressão abreviada para a vida pobre de Cristo - não o oprimia com o peso que tem para os outros pobres. Tornou-se pobre por livre vontade e através da pobreza ganhou uma riqueza interior sem par. Francisco falava da "santa pobreza", pois quem enxerga a pobreza enxerga Cristo. Enquanto o homem ganancioso pensa apenas em poder dizer que mais coisas são suas, nunca acha que tem bastante e sempre tem novos desejos, Francisco fez o movimento contrário: livrou-se de toda a posse, jogou todas as coisas sem valor pela janela e não queria ter nada, absolutamente nada.

Francisco quis ser pobre, tão pobre quanto possível, e vigiava como um namorado ciumento para que ninguém lhe roubasse sua querida noiva Pobreza, que ele viveu como uma for-

ma de liberdade. Seu amor pela pobreza não deve ser enfeitado romanticamente, pois significava renúncia terrível, penúria, fome e frio. Francisco não tinha o que comer, e não tinha onde morar. Abriga-se em cavernas e buracos, onde procurava proteção igual a um bicho do mato. Para os que o rodeavam, a vida pobre era um empreendimento impossível, que provocava zombaria ou horror. Viu-se forçado a viver a existência de um mendigo que estende sua cuia pelas portas, para receber as mais diversas sobras de comida. No fim seu aspeto era quase nojento. Francisco queria realizar em si mesmo a vida pobre de Jesus, de quem foi dito: "As raposas têm suas tocas e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça". Isso inclui uma dureza inaudita que assusta qualquer homem. Perseverar, desprender-se radicalmente de tudo era coisa que só poderia ser alcançada por um homem que tivesse intimamente ligado ao Cristo

Se quisermos explicar a importância da pobreza de Francisco, podemos usar as palavras de Georges Bernanos. São palavras que esse poeta francês coloca nos lábios de Francisco: "As coisas vão mal, queridos filhos, muito mal, e ainda vão ficar piores para vocês. Gostaria de tranquilizá-los a respeito de mau estado de saúde, mas, se chá de capim santo fosse suficiente, eu teria ficado em casa que tinha, porque amo afetosamente meus amigos e costume cantar cantos provençais com acompanhamento de guitarra. Vocês podem conseguir a salvação: Mas não tentem chegar lá por atalhos. O caminho é um só: a Pobreza. Vocês não querem ir por esse caminho, mas eu irei à frente, não tenham medo. Se eu pudesse sofrer só para mim, acreditem, não os teria tirado de seus prazeres. Mas o bom Deus me deu licença para isso. Vocês ofenderam a Pobreza. Mas não adianta falar muito. Vocês a provocaram demais. Porque ela é paciente, vocês descarregaram perfidamente sobre seus ombros todas as cargas. Agora ela está prostrada, com o rosto em terra, sem uma palavra de queixa, derramando as lágrimas na poeira. Vocês dizem: Agora ela não incomoda mais, agora podemos dançar. Mas vocês não vão dançar, filhos queridos. Vocês vão morrer. Se a pobreza os amaldiçoar, estarão mortos. Não atraíam a maldição da pobreza para este mundo. Vão em Frente!"

Pois bem! Executando as ordens do crucifixo, Francisco experimentou a cruz, o desprezo dos seus, a penúria, a

mortificação. Havia vencido o mundo, e havia vencido a si mesmo. Foram dois anos de terrível solidão humana, mas dentro de sua alma, paradoxalmente, uma nova e ininterrupta canção era cantada. Foi a época em que Francisco compôs muitas Laudes. Deus, por uma graça infusa, lhe fazia sentir como certas coisas amargas se tornam doces. Em meio à extrema pobreza, a vida de Francisco se havia convertido num banquete, numa festa, e no seu coração era sempre domingo. Ele estava totalmente preparado para compreender a sua missão eclesial, tornando-se maior que o fundador de uma grande Ordem na Igreja.

A DESCOBERTA DO EVANGELHO - No dia 24 de fevereiro de 1209, durante a celebração da missa, Francisco foi tocado pelas palavras que Cristo disse aos discípulos, conforme narra o Evangelho de Mateus, 10,7-14. Uma luz penetrou na alma de Francisco, e ele entendeu extraordinariamente esse texto por uma unção do Espírito Santo: o verdadeiro discípulo "não deve possuir nem ouro nem prata; deve pregar o Reino de Deus, a penitência e a paz!"

Como se essas ordens de Cristo fossem dadas a ele pessoalmente, depois o manto de eremita, seus calçados e seu bastão, sua bolsa e sua cinta, vestiu-se de um hábito amarrado com um cordão e marcado com a cruz a fim de se conformar com a norma da perfeição evangélica. Na exultação dessa revelação, descoberta a sua vocação, este apóstolo dos tempos novos começou a anunciar por toda a parte o Evangelho.

A essa altura, alguns homens, seus amigos de um tempo, recebem o choque de sua mensagem. Os primeiros foram Bernardo, Pedro de Catânia, Silvestre e Egídio. No dia seguinte ao encontro com Bernardo, Francisco o conduziu à Igreja de São Nicolau. Rezaram juntos e depois abriram o Santo Evangelho por três vezes: "Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres e depois vem e segue-me" (Mt 19, 21). "Não leveis pelo caminho nem ouro e nem prata... (Lc 9,23). "Se alguém quiser seguir-me, renuncie-se a si mesmo... (Mt. 16,26). Francisco descobria pela segunda vez o evangelho da pobreza e compreendia sua missão eclesial. Era o dia 15 de abril de 1209. Nascia a PRIMEIRA ORDEM FRANCISCANA!

Francisco dedicou-se profundamente à formação dos primeiros irmãos que "lhe eram dados pelo Senhor". Formou-os na pobreza, na penitência e no abandono à providência de Deus.

Ensinou-lhes a se dirigirem a Deus "Pai Nosso", a louvarem o Senhor em toda a criatura, a venerar as Igrejas e os Sacerdotes, e a se apoiarem sobretudo na Sé Romana. Quando esses discípulos atingiram o número de sete, Francisco partiu com eles para a conquista do mundo. Partiam dois a dois, e em dia estabelecido estavam de volta a Assis. A experiência se mostrava decisiva: a providência divina não falava aos Arautos da pobreza absoluta. Francisco redigira uma regra breve do Evangelho, na qual se liam os textos que foram descobertos na Porciúncula, no dia 24 de fevereiro e em São Nicolau no dia 15 de abril do 1209.

E desejando que a Santa Sé aprovasse o que havia escrito, esse autêntico reformador da Igreja foi a Roma. Naquela ocasião achava-se ali o Bispo de Assis. Este levou Francisco ao conhecimento do Cardeal João Coluna, alto personagem da Cúria Romana. O Cardeal submeteu Francisco a um interrogatório e tentou convencê-lo a aceitar a Regra de São Bento ou a vida monástica. O Cardeal duvidava que aquele fervor fosse longe. Francisco resistiu ao Cardeal, e este acabou se convertendo em seu defensor. Inocêncio III, entretanto, reservava sua decisão. Não sendo nem teólogo e nem jurista, Francisco não podia defender seu ideal senão como um místico que se apoia em Cristo, e como um jogral de Deus. Na segunda audiência, a "apologia da pobre mulher no deserto" que o Espírito lhe inspirou, arrancou a aprovação do Papa, que reconheceu em Francisco o homem que vira em sonhos sustentando a Igreja de Latrão.

O Papa aprovou verbalmente a "Regra do Evangelho", concedeu o privilégio da pobreza e deu-lhes o poder de pregarem o Evangelho da penitência por toda a parte. Nessa ocasião Francisco se tornou diácono e recusou o sacerdócio. A fundação da Primeira Ordem estava consumada.

CONCLUSÃO - No seio da Igreja Francisco re-encontrara o Cristo da gruta e São Damião e descobria as insondáveis riquezas do crucificado e do Evangelho. Essa experiência explica e define a espiritualidade Franciscana, a Regra da Ordem e sua missão específica na Igreja.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Qual o acontecimento que marcou a vida de Francisco em São Damião?

2. Qual a consequência imediata do episódio de São Damião na vida de Francisco?
3. Que devemos pensar acerca da atitude de Francisco ao romper com seu pai?
4. Quais as características da vida de Francisco entre o ano 1207 e o 1209?
5. Que devemos dizer acerca dos Esponsais entre Francisco e a Pobreza?
6. Quais os fatos que marcaram, nos inícios de 1209 o surgimento da Primeira Ordem de São Francisco?
7. Qual o conteúdo da primeira formação dada por Francisco aos seus primeiros discípulos?
8. Qual o significado da submissão de Francisco a S^ã Romana na fundação de sua Ordem?

Para a leitura individual

Apêndice I

O CAPÍTULO I DOS FIORETTI

NOTA - Versão adaptada da Introdução aos FIORETTI.

Primeiramente devemos considerar que o glorioso São Francisco, em todos os atos de sua vida, foi conforme a Cristo bendito. Porque como Cristo, no começo de sua pregação, escolheu doze apóstolos que desprezassem todas as coisas e o seguissem na pobreza e nas outras virtudes, assim São Francisco escolheu ao princípio, para fundar sua Ordem, doze companheiros possuidores da altíssima pobreza. E como um dos doze apóstolos de Cristo, reprovado por Deus, finalmente se enforcou, do mesmo modo, um dos doze companheiros de São Francisco, por nome João da Capela, apostatou, enforcando-se também. E isto servirá para os eleitos de grande exemplo e de matéria de humildade e temor, por considerar que ninguém poderá estar certo de perseverar até o fim na graça de Deus. E como aqueles apóstolos foram diante de todo o mundo maravilhosos em santidade e cheios do Espírito Santo, assim aqueles santíssimos companheiros de São Francisco foram homens de tanta santidade, que desde o tempo dos apóstolos até nossos dias, não houve assim maravilhosos e

santos. Porquanto um deles foi arrebatado até ao terceiro céu como São Paulo, e este foi Frei Egídio. Outro deles, isto é, Frei Filipe Longo, foi tocado nos lábios por um anjo com um carvão em brasa, como o profeta Isaias. Outro ainda, chamado Frei Silvestre, falava com Deus como um amigo com o outro, do mesmo modo que Moisés. Outro voava, pela subtileza do intelecto, até a luz da divina Sabedoria, como a águia, isto é, João Evangelista, e este foi Frei Bernardo o humilíssimo, que profundissimamente interpretava a Santa Escritura. Um deles foi santificado por Deus e canonizado no céu, vivendo ainda no mundo, e este foi Frei Rufino, homem nobre de Assis. E assim todos foram privilegiados com sinais singulares de santidade.

Apêndice II

O "HOMEM" EM SÃO FRANCISCO

De A. GEMELLI em "O Franciscanismo",
pp. 34 e 35.

No caráter do filho de Pedro Bernardone se encontram os contrastes da época. E aí se encontram exatamente para que na sua personalidade de santo eles possam ser conciliados, ajustados e orientados de acordo com as novas diretrizes que se anunciam. Século de transição entre o feudalismo e a municipalidade, entre a desarticulação do imperialismo medieval e a organização das nações modernas, entre a tradição do latim e o início da lingua vulgar, entre o ascetismo e a dissolução dos costumes, o seu tempo lhe infundiu o seu espírito que é ao mesmo tempo de ordem social e de independência individual, de fantasia cavalheiresca e de energia construtora, de desejo de renúncia e de frêmito de vida.

Seu pai transmitiu-lhe a sagacidade, a atividade, a adaptabilidade do mercador; sua mãe a sensibilidade, a magnanimidade e o gosto pelas aventuras cavalheirescas. Esta combinação na sua individualidade de burguesia e aristocracia, tornava-o capaz de entener as ambições de todas as classes sociais.

Seu espírito possante e humilde habilita-o a conhe-

cer e apreciar o segredo das mais diferentes almas. A natureza dotou-o com a impulsividade e a tenacidade dos realizadores, deu-lhe a ousadia dos audazes, e a submissão dos humildes, incutiu-lhe a ambição de se elevar acima dos outros e a necessidade de amar e ser amado, deu-lhe a fome da glória e a sede da obscuridade. O amor o atraiu, mas não o amor dos sentidos. Como no panorama de Assis a aspereza das montanhas graníticas é atenuada por uma delicadeza de colorido que entenece a alma até à melancolia, assim no mundo do jovem Francisco se descobre, em torno de uma impetuosa virilidade refratária às carícias que afrouxam, uma exuberante delicadeza de sentimento: buscava antes a beleza do que o prazer, mais a amizade do que o amor. Mesmo na "Vita Prima", onde Celano apresenta de algum modo maculada de pecados a juventude de Francisco, fica evidente que a mulher nunca foi para ele um obstáculo ou um verdadeiro perigo, como, ao contrário, o foram a ambição e o amor próprio contra os quais, depois de convertido, teve de lutar com toda energia. Conservou-se puro de coração; por isso quando se deparou em seu caminho com duas mulheres dignas de seu ideal, ele as conduziu sem hesitação para os dois caminhos que atraíam ao mesmo tempo seu espírito: ensinou à virgem o apostolado da reparação e da adoração, - e à viúva, o da oração e da ação.

No começo sentiu o fascínio da vida mundana, mas dela se aborreceu depressa. Dedicou-se depois a empreendimentos militares, mas deles é afastado por uma voz sobrenatural que não destrói mas transforma a índole natural de São Francisco para construir nele o edifício da graça. E' lícito supor que o seu caráter inclinado a simpatizar com todas as criaturas não fosse de natureza a entregar-se à profissão das armas por gosto ou por ambição de conquistas. Foi talvez somente sua paixão pelas aventuras cavalheirescas que o impeliu àquela tentativa militar na Apúlia. Falha da esta, que outro respiradouro podia encontrar a sua alma para o céu das glórias humanas? A literatura? Deixaria insatisfeito o seu ardente desejo de agir... Foi então que atraiu a sua ambição o serviço do Rei dos Reis, e sua desmedida capacidade de amar, o amor de Jesus Crucificado. Enquanto viveu para o mundo, hesitou em se entregar a qualquer das duas vocações que o solicitavam: a de mercador e a de cavaleiro. Quando, porém, se decidiu a viver só para Deus, o acordo se fez entre as tendências diversas de sua alma, tornando-o singular mesmo entre os santos: harmo-

zam-se nele o solitário e o apóstolo, a audácia do aventureiro e a ternura do místico, a bravura do conquistador e a austeridade do asceta, o amor de Deus e das criaturas, com o total despreendimento destas.

Apêndice III

OS PRIMEIROS COMPANHEIROS DE FRANCISCO

Dos "Fioretti", cap. II, 5a. ed.
PETROPOLIS, 1973, pp. 10-13

O primeiro companheiro de São Francisco foi Frei Bernardo de Quintavale, o qual assim se converteu. Trazendo São Francisco ainda vestes seculares, embora já houvesse renegado o mundo, e andando todo desprezível e mortificado pela penitência de modo a ser tido por muitos como estúpido e escarnecido como louco, perseguido com pedradas e logo por seus parentes e pessoas estranhas, e passando pacientemente, por entre injúrias e zombarias, como surdo e mudo, Bernardo de Assis, que era um dos mais nobres e ricos e sábios da cidade, começou sábiamente a considerar em São Francisco o tão excessivo desprezo, a grande paciência nas injúrias e que havia dois anos já assim abominado e desprezado por todos, parecia sempre mais constante e paciente, começou a pensar e a dizer de si para consigo: Não posso compreender que este Francisco não possua grande graça de Deus! E o convidou para ceiar e dormir em sua casa. E São Francisco aceitou, e ceiou e dormiu em casa dele. E Bernardo encheu o coração de desejos de contemplar a santidade dele: mandou preparar-lhe uma cama no seu próprio quarto, no qual sempre de noite ardia uma lâmpada. E São Francisco, para ocultar sua santidade, logo que entrou no quarto, deitou-se e pareceu dormir; e Bernardo também se deitou, depois de algum tempo, e começou a rressonar fortemente, como se estivesse dormindo profundamente. São Francisco, certo de que ele dormia, levantou-se e se pôs em oração, levantando os olhos e as mãos ao céu. E com grandíssima devoção e fervor dizia: "Meu Deus e meu Tudo!" E assim dizendo e chorando muito esteve até pela manhã.

Vendo Bernardo à luz da lâmpada os devotíssimos atos de São Francisco, e considerando atentamente as palavras

que ele dizia, foi tocado e inspirado pelo Espírito Santo a mudar de vida. Pelo que, ao amanhecer, chamou São Francisco e disse: Francisco, estou inteiramente disposto, no meu coração, a abandonar o mundo e a segui-lo no que você mandar.

Ouvindo isto São Francisco alegrou-se em espírito e falou: Bernardo, isso que você acaba de dizer é coisa tão grande e maravilhosa, que é preciso pedirmos conselho a Nosso Senhor Jesus Cristo e rogar-lhe que nos mostre a sua vontade e nos ensine o modo de executá-la: para isso vamos ao bispado, onde há um padre, e pediremos que celebre a missa. Depois ficaremos rezando por um tempo, pedindo a Deus que, abrindo o Evangelho três vezes, nos mostre o caminho que lhe agrada seguir-mos. Respondeu Bernardo que isso era muito do seu agrado.

Puseram-se a caminho e foram ao bispado. Depois de ouvirem a missa e estarem longo tempo em oração, o padre, a pedido de São Francisco, tomou o Evangelho e, feito o sinal da santa cruz, o abriu por três vezes em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Na primeira vez apareceu aquela palavra que disse Cristo no Evangelho ao jovem que lhe perguntou pelo caminho da perfeição: "Se queres ser feito, vai, vende o que tens e dá aos pobres e segue-me!" Na segunda, apareceu aquela palavra que Cristo disse aos Apóstolos quando os mandou pregar: "Nada leveis para a jornada, nem bordão, nem alforje, nem sandálias, nem dinheiro", querendo com isso ensinar-lhes que deviam pôr em Deus toda a esperança na vida, e dar toda a atenção à pregação do Evangelho. Na terceira abertura do livro apareceu aquela palavra que Cristo disse: "Se alguém quiser vir após mim, abandone a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me".

Então disse São Francisco a Bernardo: Eis o conselho que Cristo nos dá: vá, e faça exatamente como você ouviu. E seja bendito Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual se dignou mostrar-nos seu caminho evangélico. Ouvindo isso partiu Bernardo e vendeu o que possuía, porque era muito rico. E com grande alegria distribuiu tudo aos pobres e às viúvas e aos órfãos, aos prisioneiros, aos mosteiros, aos hospitais e aos peregrinos. E em cada coisa São Francisco fielmente e prudentemente o ajudava.

Ora, vendo isto, um homem, por nome Silvestre, cheio de avareza disse a São Francisco: "Você não me pagou ainda

por inteiro aquelas pedras que me comprou para consertar a Igreja de São Damião. Agora que você dispõe de dinheiro, paga-me!" Então São Francisco, maravilhando-se de tanta avareza e não querendo questionar com ele, como verdadeiro seguidor do evangelho, meteu as mãos na sacola de Bernardo e, enchendo-as de moedas, derramou-as na sacola de Silvestre, dizendo: "Se você quiser mais, pede que lhe dou." Satisfeito, Silvestre partiu com aquilo e foi para a casa. Mas à noite, repensando no que fizera durante o dia, e arrependendo-se de sua avareza, e considerando o fervor de Bernardo e a santidade de Francisco, adormeceu profundamente inquieto. Naquela noite e nas duas noites seguintes teve de Deus esta visão: Da boca de São Francisco saía uma cruz de ouro, cujo cimo tocava o céu e os braços se estendiam do Oriente ao Ocidente. Por causa desta visão ele deu por amor de Deus o que possuía e fez-se seguidor de Francisco, e viveu na Ordem com tanta santidade e graça, que falava como Deus, como um amigo faz com outro, conforme São Francisco muitas vezes verificou. Frei Bernardo, de igual modo, recebeu tantas graças de Deus, que com frequência ficava arrebatado em Deus em contemplação. E São Francisco dele dizia que era digno de toda a reverência e que havia sido ele o fundador daquela Ordem, porque fôra o primeiro a abandonar o mundo, nada reservando para si, mas dando tudo aos pobres de Cristo, e tinha começado a pobreza evangélica, oferecendo-se nú aos braços do Crucificado: o qual seja por nós bendito pelos séculos dos séculos. Amém.

Apêndice IV

FRANCISCO ERA UM HIPPIE MEDIEVAL?

De WALTER NIGG em "O Homem de Assis"
VOZES, 1975, pp. 16-17

O rompimento de Francisco com a sociedade burguesa de seu tempo parece fornecer um paralelo para a revolta da juventude de hoje contra a geração de seus pais. Os hippies de hoje dizem que Francisco é um deles e se julgam no direito de afirmar: "Vejam, São Francisco, já naquele tempo, foi um dos nossos. Por que você se escandalizam tanto

com o nosso comportamento?" Está certa essa pretensão? Francisco foi mesmo um hippie medieval ou a afirmação é desrespeitosa? A comparação é compreensível para quem olha de fora, mas há uma diferença abismal entre Francisco e os hippies, diferença que não se pode desconsiderar.

A juventude de hoje deixa crescer os cabelos e anda com roupas descuidadas. Protesta contra uma ordem social que perdeu o sentido, e está cada vez mais sem alma. Numa ira impotente, revolta-se contra um mundo tecnificado em que ela, na melhor das hipóteses, não passa de um número. Cheia de ira, gostaria de despedaçar a sociedade industrial faminta de dinheiro. Mas não tem a menor noção do que deverá substituí-la. Está cheia de idéias confusas, colhidas em qualquer canto, idéias sobre as quais nunca fizeram uma reflexão séria. A juventude de hoje está totalmente perplexa, tão perplexa como seus pais, que olham assustados e preocupados com os próprios filhos. A angústia espiritual da juventude é grande, pois todos procuram uma pátria nova e não sabem onde poderemos encontrar o novo abrigo parteno. Por isso, muitos se entregam a drogas e caminham para um destino horrível, semelhante ao da cruzada infantil medieval, que se desfez em "noite de horror".

Francisco, ao contrário, sabia o que queria, e sabia com tanta certeza, que ninguém podia confundir-lo. De qualquer maneira, não restou mais dúvida alguma desde que o Crucificado lhe falou e desde que ouviu o sermão da missão dos apóstolos. A partir desse tempo, Francisco deixou de vagar sem plano pelos arredores de Assis. Parecia um Hippie, mas tinha um sentido diferente. Tudo se transformou radicalmente, porque Francisco tinha agora uma tarefa a cumprir e, diante dela, todas as outras coisas lhe pareciam sem importância. Quem quer corresponder plenamente a uma tarefa proposta, deve conhecer a meta, uma meta clara e fundamentada. Deve também conhecer o caminho que conduz a essa meta e, finalmente, sentir dentro de si a força para atingi-la. Nunca ninguém conseguiu nada com idéias vagas e sentimentos indefinidos. Ocupar-se seriamente com o Poverello poderia ajudar a juventude a refletir de verdade. Não é preciso ir até a Índia para correr atrás de uma miragem e lá perecer na miséria. O exemplo de todos os tempos está diante deles, pronto para ser transportado para os nossos tempos. É claro que se exige uma resolução corajosa, porque escolher Francisco não é coisa fácil, não o foi naquele tempo e também não

é hoje em dia. Encerra sempre um risco, se assumido em suas últimas consequências. Mesmo defrontar-se com ele já não é coisa mole: inclui uma aventura, de vida ou de morte. Mas o risco não é o desejo da juventude de todos os tempos?

Terceira Sessão

FRANCISCO SE CONVERTE PARA CRISTO

INTRODUÇÃO - Francisco foi um homem que se converteu no sentido pleno da palavra. Nós podemos seguir as etapas dessa conversão partindo de seu comportamento humano, etapas que vários de seus contemporâneos descreveram de maneira assaz clara. Nessas várias etapas percebemos como Deus se apodera dele para transformá-lo.

Francisco nasceu para a fé como todos os homens de seu século. Cresceu na despreocupação de uma fé de criança e adolescente protegido, e se viu obrigado a ratificar essa fé espontânea em Cristo num acontecimento a que damos o nome de conversão. Sua personalidade humana é muito característica. Francisco é um homem pleno, dotado de natureza muito rica, muito sensível, muito poética, e sentia-se atraído pela beleza que a terra oferece. Aberto para as relações humanas, possuía notáveis dotes de influência. Era muito rico de natureza, mas também muito ambicioso. Havia nele considerável orgulho. Isso seria mais que suficiente para fazer dele um homem preocupado consigo mesmo. Mas Deus queria conquistá-lo!

Poderia parecer-nos que pelo fato de Francisco ter uma personalidade muito própria, tudo o que com ele aconteceu não nos concerne a nós. Por sem-dúvida a maneira como Deus o arrebatava para fazê-lo se voltar para ele, não nos pode ser de todo alheia, porque se trata da ação da conversão exercida no coração de um homem com o qual nós temos uma relação. Por isso é do nosso interesse discernir

através aquele que foi o seu "caso", o modo segundo o qual Deus realizou e realiza a conversão no "nosso" caso. Deste ponto de vista, o que aconteceu com Francisco é muito importante para todos nós.

CIRCUNSTÂNCIAS DE SUA CONVERSÃO - Temos muitas informações sobre Francisco e as circunstâncias de sua conversão para Deus. Talvez seja o fundador de Ordem do qual temos mais testemunhas contemporâneas. As chamadas "fontes" do franciscanismo são extremamente ricas. Por elas temos eloquentes informações sobre o que foi a conquista desse coração ardente e nobre por parte de Deus, seu Senhor.

Essa conquista se fez progressivamente, primeiro na superfície: para começar, Francisco teve provas exteriores! E as conhecemos bem: a derrota humilhante das tropas de Assis e o fracasso do cativo de Francisco, sua humilhação no caminho de Espoleto, com o conseqüente abandono de um sonho que era sonho de glória humana. Deus conduziu Francisco progressivamente ao íntimo de si mesmo, ao coração de sua própria vida, e foi impondo suas exigências. Francisco assim foi impelido a se despojar de seu sonho, a se afastar dos amigos, de sua família. Teve que inicialmente aceitar uma indispensável solidão humana, para que se tornasse possível a re-criação do homem interior.

O CRISTO QUE SEDUZ FRANCISCO - É notável como na conversão de Francisco a pessoa de Jesus Cristo o seduziu desde o primeiro instante. Mas inicialmente se tratava de um Cristo mal conhecido, ou superficialmente conhecido. Contudo, suficientemente conhecido para determinar sua evolução. E é o Jesus conhecido como amigo que lentamente irá levá-lo adiante e revelar-lhe o mistério de Deus. Francisco vai ser introduzido no mistério de Deus por uma certa sedução de Jesus Cristo.

Estamos diante de um homem que se deixa submergir na fé por seu Senhor e que consente em sua conversão, no abandono total e definitivo de si nas mãos de Deus. Para este homem, sem dúvida, serão necessários dois anos de caminho na solidão, dois anos de ação divina penetrando em sua alma, para que algo de definitivo venha a acontecer. Se quisermos saber onde está o segredo desta prodigiosa santidade, é necessário buscá-lo no consentimento dado

por Francisco ao trabalho de Deus que o reconstruía totalmente nas profundidades do seu ser. O episódio que agora vamos ler em Celano é algo muito belo, porque nos mostra um Francisco ainda no início de sua conversão, mas que no entanto já é o Francisco da Fraternidade. Neste episódio Francisco tem um companheiro, um amigo. Francisco sente necessidade de ter um companheiro: "Havia em Assis um homem ao qual Francisco tinha uma afeição toda especial. Ambos eram da mesma idade. A recíproca afeição dava ocasião a frequentes encontros e arrastava a confidências. Francisco o levava à parte para falar de seus ideais e afirmava-lhe que havia descoberto imenso e precioso tesouro" (1 Cel 6). Havia encontrado um tesouro, mas não sabia qual. Sentia-se atraído, mas não sabia para que. Sentia-se conquistado, mas não sabia qual dom Deus lhe havia feito.

"Seu amigo, muito feliz e tocado pela curiosidade, aceitava de bom grado cada convite. Não longe da cidade havia uma gruta a qual ambos visitavam com frequência para falar do tesouro. E Francisco, que a essa altura já era homem de Deus, penetrava na caverna deixando fora o amigo, e, sob a ação de um espírito novo, mas contudo desconhecido, rogava ao Pai em segredo" (1 Cel 6) e na obscuridade interior! Este Deus ao qual já pertencia, não era ainda conhecido, nada mais fazia que ser pressentido. Mas Francisco queria pertencer-lhe sem reservas. "Aliás Francisco queria que ninguém soubesse o que ocorria com ele. Orava com devoção ao Deus eterno e verdadeiro que lhe mostrara seu caminho e ensinara a realizar sua vontade" (1 Cel 6), essa vontade que começava a pressentir, que começava a se mostrar, mas à qual não se sentia capaz de responder. "Em sua alma travava-se terrível combate, e enquanto não realizou o desígnio que havia estabelecido no coração, não achou descanso. Continuamente vinham-lhe ao espírito mil pensamentos contrários cujo obsessante retorno causava-lhe perturbação e sofrimento. Ardía-lhe já interiormente o fogo divino e não conseguia dissimular exteriormente o fervor de sua alma. Doía-lhe o fato de haver pecado tão frequentemente e de ter ferido o olhar da majestade divina. O mal passado e o mal presente haviam perdido todo o atrativo diante de seus olhos. Mas não tinha ainda segurança para resistir ao mal que estava por vir. Compreende-se então que, ao voltar para junto do amigo, mostrava-se morto de cansaço e irreconhecível" (1 Cel 6).

PARA QUE DEUS SE MANIFESTE... - Francisco é um homem que busca, que pressente o que vai achar, mas que ainda não encontrou sossêgo. E da parte de Deus há um trabalho que deve ser realizado profundamente, ali aonde Francisco, cada vez mais consciente das exigências de Deus, irá responder sem ter ainda em certo modo a força e a alegria para tanto. Sentimos que está próximo o momento em que Cristo dirá: "Agora é necessário que você renuncie a tudo o que amou e se entregue a tudo o que não ama, que eu te ensinarei então como amá-lo" (Três Companheiros, n. 2; 2Cel 9).

Ele é chamado, então, a se converter na fé e na esperança, e a arriscar a vida pela palavra de Deus. Francisco aceitou viver esse drama durante longos anos em meio a incompreensão geral e com angústia de coração: foram dois longos anos que realizaram a transformação deste homem em Jesus Cristo. Esta realidade fica bem ao claro na "Segunda Vida" escrita por Celano, onde se expressam as palavras que Cristo dirigiu a Francisco: "Substituí por valores espirituais a tudo isto que você ama de maneira carnal e vã. Aprende a se desprezar a si mesmo, e preferir a quilo que por ora para você é amargo, em troca daquilo que será doce, se você quer conhecer-me. E uma vez transformado, você compreenderá a verdade de minhas palavras" (2Cel 9).

E' necessário, então, entrar na conversão, para que Deus se manifeste, para que Deus venha a ser o Bem, o Todo e a realização do ser. Portanto, na conversão de Francisco nós assistimos - e é isso que nos interessa - a transformação de um homem que se conforma a Cristo. Porque o homem deve ser "virado pelo avesso", seja lá qual for sua personalidade. Aqui, no caso de um ser muito rico e cheio de vida, vemos a necessidade em que nos encontramos de consentir na conversão de vida e ser reconhecidos conforme o modelo do "Primogênito de toda a criatura". E em Francisco constatamos que, progressivamente, pela conversão, Cristo se faz vivo e pessoal, mais vivo e mais pessoal. Na medida em que se converte para Cristo, tanto mais este homem se torna vida, se torna pessoal, se torna dinâmico.

Vemos aqui como Deus, através a experiência de Fran-

cisco, quando se aproxima de um homem e o leva à conversão a Cristo, cria e faz de novo o seu ser, um ser muito maior, muito mais vivo e muito mais pessoal. Porque todos os dons da graça, não adquirem sentido senão em Jesus Cristo nosso Senhor. Só Cristo, por quem e para quem tudo foi feito, só ele pode dar à personalidade do homem sua dimensão plena e seu pleno dinamismo. Isto observamos de maneira deslumbrante num homem para o qual a conversão foi um transtorno geral de todos os valores, um homem que aceita perder-se em Cristo, que teve coragem para ser questionado até o fundamento de seu ser. E porque este homem, tão vivo, tão cheio de talentos, teve coragem para morrer a si mesmo, porque se deixou arrastar pela graça purificadora de Jesus Cristo, este homem sairá do crisol como um homem novo. E este novo, seguindo Cristo, será conduzido progressivamente ao conhecimento do Deus vivo. De maneira íntima, profunda e experimental, este homem terá verdadeiramente uma experiência de Deus, conhecê-lo-á íntima e misticamente, e sentir-se-á capaz, como em toda a conversão, mas no caso dele em grau excepcional, para conhecer o mundo e amar o mundo e toda a criação à maneira de Deus isto é, aniquilar-se-á a si mesmo no coração de Deus e se tornará apto para amar a todas as coisas à maneira de Deus.

Conversão: o homem refeito, reconstruído por Deus, renovado por Deus, recebe um coração novo e um olhar novo, e é dessa maneira que, nesta intimidade divina, que Francisco conhecerá de maneira totalmente nova e extremamente profunda a Jesus Cristo, Salvador dos homens.

Como já dissemos, foi esse Cristo, mal conhecido mas pressentido, que o introduziu no mistério de Deus, e será uma experiência mística de Deus - esse penetrar de um homem no mistério de Deus, do qual é tão difícil falar - que irá revelar num golpe de visão a Francisco a verdadeira pessoa de Cristo. Cristo o conduziu a Deus, e Deus lhe revelará Jesus Cristo. Assim Francisco irá compreender o mistério de Cristo, o mistério do amor manifestado em Cristo, precisamente nesta graça pela qual conhecerá Deus intimamente numa experiência pessoal. Aceitando seguir Cristo, na conversão do homem a Deus, Francisco receberá de Deus um conhecimento íntimo de Jesus Cristo. Sem bem depressa Francisco se tornou um ser apaixonado por Cristo,

foi precisamente porque - na purificação de sua conversão - compreendeu Cristo, compreendeu o mistério da Encarnação e o mistério da Redenção na intimidade com Deus.

PARA CONHECER A VONTADE DE DEUS - Há uma chave que nos leva à compreensão disso tudo. E esta chave a encontramos em Celano, na passagem em que narra o regresso dos irmãos que vieram de Roma logo após a aprovação da Regra por Inocência III. Era um momento importante, um momento capital. Francisco, tendo recebido de Deus vários irmãos que queriam viver com ele a mesma vida, foi a Roma pedir confirmação daquilo que o Senhor lhe havia revelado. Com a aprovação por parte da Igreja, deu-se o fato do nascimento não só da Ordem dos Irmãos Menores, mas também de toda a maneira de viver o Evangelho que se realiza na espiritualidade franciscana.

Fortalecido pela graça de Deus, Francisco voltou de Roma com seus irmãos. Todos eles estavam num estado de graça e de alegria excepcional. Porque a Igreja autêntica ra sua forma de vida, e eles então se sentiam cheios de dinamismo novo. Então cheios de fervor, de um fervor tão grande e manifesto que Celano narrou detalhadamente esta viagem: fala da maneira como se comportavam, do que diziam, do que comunicavam entre si, tão ardente era-lhes o coração. Perdidos em Deus, não falavam outra coisa senão de Deus e da vida evangélica, que a Igreja havia confirmado e que agora se tornara objetivo certo da vontade divina para com eles. E aconteceu que, regressando, todos cheios da vontade confirmada pela Igreja de viver o Evangelho e seguir verdadeiramente os passos de Cristo, Francisco, e seus irmãos tiveram que atravessar uma região deserta, árida e abrupta, e, em sua vontade de nada guardar para si, na perspectiva de uma conversão total e radical, "alegravam-se - diz Celano - de não ver e não possuir coisa alguma que fosse de atrativo para suas almas e para sua carne" (ICel 35), sentindo assim que podiam viver somente para Deus. Sentiam como uma harmonia entre a serenidade do lugar e sua vontade do absoluto, tão grande era para eles o encanto de se sentirem privados de tudo quanto há no mundo. Esse lugar os seduziu precisamente porque não lhes dava nada e, em consequência, lhes permitia que vivessem com o pensamento totalmente voltado para Deus. E

nesta busca de formas concretas de sua vocação, procurando acrisolar o dom recebido, detêm-se e perguntam-se se o evangelho que o Senhor lhes deu e que foi confirmado pela Igreja, não teriam que vivê-lo no mais absoluto despojamento de todas as coisas, para não ser senão de Deus.

Sentiam-se aqui tentados, em certo modo, por uma vocação evangélica que seria exclusivamente "vertical": deixar tudo de lado e viver só para Deus, não viver senão de Deus e deste modo realizar a fidelidade do Filho, Cristo, o contemplativo por excelência, que vivia de seu Pai e para seu Pai. "Minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo 4,34). Viver o Evangelho de uma maneira contemplativa, numa vida aonde qualquer cuidado terreno seria descartado, na qual o único prazer estaria em Deus, não se apartar mais do abraço de Deus, mesmo que se vissem atormentados pela tribulação ou acossados pela tentação" (1Cel 35).

Entretanto, seus corações permanecem na incerteza. Porque não se trata de fazer a vontade própria, mas a vontade de Deus. Francisco e seus companheiros perceberam que o homem pode enganar-se e que é necessário pedir a Deus que os ilumine com relação ao que deles Deus esperava. Francisco então decidiu que se fizesse oração para conhecer a vontade de Deus, e a fraternidade se põe em oração. Desta oração iria surgir uma definição a mais extraordinária e que expressa da maneira mais profunda a vocação de Francisco e sua família religiosa, sua maneira e nossa maneira de ser discípulos de Cristo.

"Sabendo que sua missão era pertencer a Cristo, a forma que Deus lhe apresenta, consiste em participar da vida - de toda a vida - do Salvador, ser discípulo neste nível, no nível mais profundo, mais fundamental, encarnando Jesus Cristo tanto na Encarnação como na Redenção, encarnando o porquê de sua existência, o porquê de sua vinda ao mundo, o porquê de sua ascensão aos céus."

O Evangelho recebido do Senhor por Francisco, e que foi confirmado pela Igreja, e que veio a ser uma experiência clara nessa oração de confirmação, no fulgor dessa graça ao longo do caminho de regresso de Roma, o Evangelho que se oferece a Francisco é o de participar dos estados da alma de Jesus Cristo como Salvador dos homens. A forma

segundo a qual se fará esta identificação, a maneira como Francisco realizará esta vocação fundamental, tem pouca importância. Mesmo quando Jesus levava uma vida oculta em Nazaré, até às coisas mais humildes, nem por isso deixava de ser o Redentor do mundo em cujo coração batia o coração do Redentor. Quer ele levasse vida de ação no apostolado, quer quando esteve em sua paixão, qualquer que fosse seu estado de alma, em todas as coisas e de todas as maneiras, ele era Salvador. E nossa vocação, a vocação de Francisco, a vocação em Francisco recebeu de Deus e compartilhou com seus irmãos, é uma vocação que pode implicar todas as diversas expressões que Jesus viveu em sua vida temporal e pelas quais, de todos os modos, é o Salvador do mundo.

A VIDA FRANCISCANA - O que Francisco compreendeu nesse dia veio a ser o fundamento concreto de todo seu amor a Deus e aos homens. A partir de então viverá só para isso. Ele irá meditar, acrisolar, assimilar o Evangelho, diríamos melhor, "ruminar" o Evangelho para descobrir o que foi, em todos os seus aspectos, a vida do Cristo Salvador. Meditará o Evangelho para apropriar-se do Evangelho. Dessa forma verá que o Cristo Salvador, na qualidade de Salvador, viveu na obscuridade, numa obediência de obscuridade. Viveu na ação aquilo que viveu na Paixão, e nesses diferentes estados foi Salvador.

A salvação passou por essas modalidades. Dessa forma compreendeu que a Salvação se realizou através todos os mistérios do Verbo Encarnado e que, participar na vida de Jesus Cristo, enquanto salvador dos homens, é aceitar a participação em todos os mistérios de sua vida temporal.

Por isso vimos Francisco equilibrar sua vida apostólica, equilibrar seu amor apostólico e dar-lhe expressões que se apresentarão pasmosas, sobretudo para os homens de hoje, centralizados na eficácia. Veremos que Francisco passa a maior parte de sua vida na contemplação diante de Deus, como Cristo passou a maior parte de sua vida redentora permanecendo ante a face do Pai e cumprindo humildemente, em segredo e esmeradamente, a vontade do Pai. Vemos que Francisco atuou muito pouco de maneira explícita, porque Cristo também atuou muito pouco dessa maneira. E o vemos, ao longo de todo o seu caminho, preocu-

pado incessantemente por participar na vida de seu Senhor, vivendo integralmente o Evangelho, aceitando para si todas as conseqüências do Evangelho, sem qualquer outra ambição senão a de realizar uma vida de discípulo assemelhando-se a seu Mestre.

VIVER CRISTO - Esta maneira de se submergir em Cristo, de viver de Cristo, de não viver para os homens, mas de viver para aquele que viveu para os homens, de viver para os homens através do mistério de Cristo e participando desse mistério, esta foi a grande descoberta de Francisco. Pois, já temos notado, Francisco não diz que é necessário viver para aqueles aos quais Cristo salvou da morte, mas que é necessário viver "para aquele que salvou a todos os homens da morte".

Em conseqüência, o amor que Francisco experimenta por todas as criaturas, e em particular pelos homens, é uma participação do amor que Cristo tem pelos homens. É através de Cristo, de seu coração, que Francisco aprenderá a amar os homens. Esta é sua vocação evangélica. Vemos isto confirmado quando observamos aquilo que em toda a sua Vida Francisco quis conseguir: "Para quem se voltou Francisco? Para os homens? - Não, voltou-se para Cristo! E foi em Cristo que amou os homens". Sua preocupação constante foi pisar o pé onde pisou o pé de Cristo. Sua preocupação constante foi ser discípulo de Cristo. Francisco sabia que, sendo discípulo de Cristo, seria também irmão de todos os homens!

É comovedor ver a maneira como Francisco vai seguir os passos de seu Mestre, como vai aplicar-se a entrar na realidade de seu mistério pela meditação de tudo o que nos diz a escritura: leu e releu, e, como diz Celano, Francisco não era surdo ao Evangelho. Era atento, e o recebia com coração ardente. Leu nas linhas e nas entrelinhas, com o olhar e a intuição do amor. Leu também o que não está explicitado, e só se compreende por intuição. Foi assim que penetrou no mistério de Cristo. Jesus - no Evangelho - veio a ser, para Francisco, uma realidade vivente, realidade que ele penetrou e viveu. E porque viveu profundamente, e por assim dizer o assimilou por dentro, Francisco chegou, num segundo passo, a se tornar capaz de amar os homens como Jesus os amou.

O segredo de sua vida evangélica torna-se particularmente manifesto quando, no final, num ímpeto que o estimula a começar tudo de novo, descobrindo Jesus sempre mais profundamente em sua própria vida por uma espécie de assimilação, compreende - atingido de novo pelo Mistério de Deus - a realidade de seu Senhor e, por consequência, consata sempre mais ser um nada, não ser senão um pobre, radicalmente pobre, e por isso, quando está para chegar ao termo, dirá: "Irmãos, comecemos a amar o Senhor, porque a té agora ainda não temos feito nada".

Isto era verdade. Era verdade na ordem do amor: em relação ao que descobria de Deus, ele nada ainda tinha feito. Sentia-se arrastado por este dinamismo do amor que tende a responder ao amor daquele que nos dá todo Amor. Nesta grande arrancada do final de sua vida, na lealdade de seu ser e na profundidade de seu desejo, Francisco ergueu a Deus esta oração, que nós conhecemos como uma prece inaudita:

"Senhor, antes de morrer, eu te peço duas graças. A primeira é sentir, quanto fôr possível a um homem, o amor que tu sentias quando morrias por nós na cruz. A segunda é conhecer e experimentar, tanto quanto fôr possível experimentá-lo, o sofrimento que sofrestes por nós homens, quando morreste na cruz!"

Trata-se, então, exatamente disso: Francisco ambicionou ir até o fundo do mistério de Jesus Cristo e pediu, numa oração incessante, compartilhar, tanto quanto possível, em sua vida de Salvador, e ir até as últimas consequências.

O AMOR UNIVERSAL DE FRANCISCO - Sendo que na vida de Cristo tudo era redenção do mundo, e sendo que tudo, mesmo as coisas mais humildes e mais ocultas, expressam uma sequência de amor, Francisco compreendeu que nada em sua vida seria pequeno, se fosse vivido em Jesus Cristo, uma vez que tudo isso era o Mistério de Cristo em sua alma.

Porém, como Cristo, em sua morte e ressurreição, tudo reconciliou pelo madeiro da cruz, a imitação e a participação nos mistérios de Cristo será algo alegre, algo vitorioso, uma vez que a vitória já foi alcançada. E é isto que dá a participação de Francisco na vida de Jesus seu

caráter luminoso. A imitação de Cristo é um caminho vitorioso, porque já houve a intervenção da cruz. Quando caminhamos no seguimento de Cristo, caminhamos com Cristo vitorioso. Por isso na imitação de Cristo e no estado de conversão de Francisco, há fulgores de alegria. E se Francisco teve a graça de manifestar, mediante carismas muito pessoais, um amor universal pela criação e um verdadeiro diálogo de amor com toda a criação - e parece que somente ele pôde manifestar isso tão intensamente em toda a história da Igreja - e se pôde amar os animais, se estes se reuniam atraídos por ele, se Francisco pôde oferecer a Deus todo esse encanto e toda essa alegria, é porque de maneira particularmente intensa havia penetrado no mistério de Cristo, e participava na vitória de Cristo, e disso dava testemunho visível.

De Lubac, em um livro intitulado "Affrontements Mystiques", escreveu algo dessa maneira de ser cristão que é a de Francisco de Assis: "Quando um grande sábio, após longos estudos e meditações, chega à conclusão de tua divindade, isso me anima, mas não me adianta nada. Mas quando Francisco de Assis, este ser manifestamente predestinado a fazer cair sobre nossa terra um raio da eternidade, se faz teu discípulo absoluto, te ama, te adora, se aniquila diante de ti, reproduzindo cada um de teus gestos, sem querer ser jamais outra coisa senão teu humilde imitador, quando não sequer por um instante lhe vem o pensamento de encaminhar-se por um caminho pessoal, de tentar outra experiência, de acrescentar nada à tua mensagem, esta humilde e total vontade de imitação frente à tua soberana independência, uma tal literalidade numa tal efusão do Espírito, tal contraste numa santidade desse tipo, quando mais reflito sobre isto, mais forte me parece o argumento" (DE LUBAC, "Affrontements Mystiques", p. 202).

CONCLUSÃO - Eis aí, pois, Francisco e seu Evangelho: participar nos estados de alma do Redentor, seguir o Mestre no compromisso de amor, do amor salvador, do amor redentor. E Deus, porque Francisco era homem de verdade e porque esta oração era a oração de sua vida, o confirmou com as chagas: Vimos Francisco crucificado com Cristo, terminar sua vida neste estado de crucifixação.

E reconhecemos em sua morte, na maneira como este ho

mem simples e humilde quis celebrar sua morte temporal, querendo reproduzir de maneira fiel e até literal a morte mesma do Senhor, reconhecemos que para ele, seguir seu Mestre, era compartilhar tudo na sua vida, inclusive na sorte de morrer como ele morreu. Francisco quis celebrar em sua própria morte, a morte do Senhor: partiu o pão com os irmãos, símbolo de caridade e amor fraterno, fazendo assim, no momento de morrer, uma lembrança da Eucaristia. Quis ser despojado de suas vestes, afim de morrer na nudez em que morreu o seu Senhor. Assim Francisco, ingenuamente, punha um selo sobre a autenticidade de sua fidelidade a Jesus Cristo. Manifestava de uma maneira deslumbradora, original e infinitamente profunda, sua vida evangélica.

Esta foi a conversão de Cristo ao Evangelho. É uma idéia simples, extremamente simples. Simples de compreender: porém, esta idéia exprime aquilo que constitui o coração do cristianismo. Vivendo-a, Francisco leu toda a sua realidade existencial a esta palavra de Cristo: "Basta que o discípulo seja como o Mestre" (Mt 10,25). E a esta outra: "Se queres ser meu discípulo, toma tua cruz e segue-me" (Mc 8,34).

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. *Quais as características fundamentais da conversão de São Francisco?*
2. *O que aconteceu com Francisco em sua conversão, é algo que concerne também a nós? Por que?*
3. *Quais as circunstâncias que rodearam o fenômeno da conversão de São Francisco?*
4. *De que maneira Cristo toma conta de Francisco no acontecimento de sua conversão?*
5. *Quais foram os anos intensos da conversão inicial de Francisco? Quais as suas características de espiritualidade nesse período? Quanto durou esse período?*
7. *Centralmente, o que acontece na conversão de Francisco?*
8. *Que é "conversão"?*
9. *Qual a chave que nos leva a conhecer o mistério da conversão de Francisco?*
10. *De que maneira é o Evangelho que se ofereceu a Francisco na sua conversão.*

11. De que maneira a "vida franciscana" se articulava à partir da descoberta do Evangelho? Ou seja, qual o equilíbrio central da vida franciscana?
12. Qual foi a "grande descoberta" de Francisco?
13. Qual foi a preocupação mais constante de Francisco?
14. Qual foi a prece de Francisco a Cristo, na arrancada final de sua vida?

Para a leitura individual

Apêndice

O AMOR EM SÃO FRANCISCO

De A. GEMELLI em "O Franciscanismo", pp. 38-39

É exato dizer, como tantos já o fizeram, que o amor é o característico de São Francisco? Nada mais verdadeiro: São Francisco possui uma capacidade de amar superior ao comum não só dos homens, mas até dos santos. Todavia afirmar que o amor é seu característico é dizer pouco, porque não existe santo, não existe Ordem religiosa que não tome a si este caráter, que é o fundamento mesmo do cristianismo.

O que distingue um santo de outro santo, um homem de outro homem (pois nada de fato revela melhor o valor de um homem) é o seu modo de amar.

O modo de amar de São Francisco é confiança e renúncia, que se expandem em ação e em pobreza. Desde o dia em que, em Espoleto, o grande Rei lhe fez compreender que não existe um senhor mais poderoso do que Ele; desde o dia em que em São Damiano o Crucifixo ensinou-lhe que não existe pessoa alguma no mundo cujas promessas não sejam enganadoras, senão Jesus Cristo (o qual promete à vida nesta terra somente a sua Cruz e a sua Paz), ninguém que se dê a nós, senão Jesus Cristo, São Francisco ama a Cristo com um amor inegalável. Todavia desde que, para um homem de seu temperamento, o amor é fonte de ação, ele pergunta imediatamente a si mesmo: "Que devo fazer?"; - e como o Evangelho responde: "Quem me ama observa os meus mandamentos", e ele não sente necessidade de consultar um diretor espiritual, não projeta entrar num mosteiro, mas contenta-se, para resolver suas perplexidades, em abrir o Evangelho e tomar

o conselho que ali se achar como se tivesse sido a ele dirigido e segui-lo ao pé da letra.

Amado desse modo concreto, a devoção de São Francisco se dirige especialmente à humanidade do Filho de Deus, sobretudo onde esta mais sofreu e se humilhou: em Belém, no Calvário, na Eucaristia. E tanto se incendia nesse amor que o sobrenatural se torna para ele sensível: no seu corpo se estampam as cinco chagas de Jesus, que foram para ele arras do seu amor e para nós atestados de sua santidade. Além disto, em consequência desse seu modo de amar, ele se dedica ao serviço da Igreja, certo de que a Igreja nasceu de Cristo, do qual constitui o Corpo Místico. Ao contrário dos seus contemporâneos, entregues às heresias, rebeldes ao sucessor de Pedro e que sem aceitar integralmente o Evangelho pretendiam restaurá-lo no mundo, São Francisco se torna o discípulo fidelíssimo da Igreja Romana, considera a catolicidade como o contra-signo do seu amor a Jesus Cristo, porque nesta exatamente é que o realizava de modo mais concreto; ao passo que neles o amor de Deus se desvanecia em uma fantasista aspiração a uma divindade e uma vontade divina arbitrariamente concebidas.

Até nas suas manifestações do amor divino percebe-se a tendência de São Francisco ao realismo. Seu realismo, entretanto, não é o do cientista mas o do artista; isto é, o seu amor suscita a imaginação criadora e, em consequência, as suas orações se transformam em cânticos e as suas contemplações em cenas dramáticas, como o presépio. Esta visão concreta conduz necessariamente à ação, quer dizer, à realização de obras, seja de obras de caridade para aliviar os que sofrem, sejam obras missionárias para converter os incrédulos. Na ação, como em um resultado dinâmico, se fundem todos os contrastes da estupenda natureza de São Francisco de Assis.

*Quarta Sessão***FRANCISCO DE ASSIS ADERE A CRISTO**

De WALTER NIGG, em "O homem de Assis", VOZES 1975
pp. 16-22

INTRODUÇÃO - A adesão a Cristo foi o princípio fundamental da experiência religiosa de São Francisco. Fundamentada sobre uma experiência mística privilegiada, esta adesão não é uma atitude teológica, nem uma abstração, mas o movimento de toda uma pessoa para um ser amado exclusivamente e percebido atualmente como presente. Continuamente, constantemente Francisco quis viver como seu Mestre e de seu Mestre. Jamais se constatou na história da Igreja encontro mais pessoal, ligação mais concreta e existencial de uma criatura com seu Deus.

IMITAÇÃO DE CRISTO - Na fundação de sua Ordem, Francisco fez questão de não ser ensinado pelos homens, mas de "ser instruído por Deus" na direção que devia tomar. "Ninguém me ensinou o que eu devia fazer, mas Ele mesmo, o Altíssimo Deus, me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho", escreveu Francisco em seu Testamento. De acordo com esse importante pronunciamento, nenhuma personalidade ou instituição o ajudou a encontrar o seu caminho. Nem intermediários nem conselheiros estavam ao seu lado, quando procurava orientação. Francisco sublinhou seus conselhos, recebidos de Deus, com estas palavras: "Ele mesmo, o Altíssimo, me revelou". Aos homens essa instrução direta parecia inaceitável, porque não eram capazes de entender isso com as pobres experiências próprias, e não perceberam o que estava acontecendo na realidade. A força de Cristo irrompeu em Francisco. Nesse acontecimento inflamava-se o seu ardor. A imagem de Cristo, que aos poucos estava desaparecendo, formou-se nele outra vez.

Conforme o pronunciamento de Francisco, o próprio Eterno mandou que vivesse segundo a forma do Santo Evangelho. De fato, só podemos compreender Francisco a partir de uma única frase do Evangelho: "Segue-me!" A palavra de

Cristo, dita a Mateus, é a ordem central a que se submeteu toda a vida de Francisco. Compreendendo o Evangelho como imitação incondicional e consequente, essa imitação acabou por conduzi-lo à quase identificação. Francisco não usou a expressão "imitação de Cristo" retoricamente, e também não se extasiou com ela.

Assumiu o "segue-me" com toda a seriedade, e é provável que nem antes nem depois dele, alguém o tenha levado tão a sério. Submeteu tudo a essa palavra de Cristo, que morava em sua alma, e seguiu essa palavra além de qualquer compromisso, tanto que qualquer cristão comum ficava boquiaberto. As pessoas comuns, diante dessa imitação, formulam seus próprios pensamentos: "É exagero, é excesso, é ir longe demais!" Para o seu comodismo sempre se foi "longe demais", quando o fogo começa a queimar, aquele fogo do qual Cristo disse: "Eu vim trazer o fogo, e não quero outra coisa senão que ele queime". A vida de Francisco é apenas a imitação de Cristo posta em prática. Dedicou-se com toda força e com toda alma, de maneira que todo acontecimento adquiria uma forma extraordinária, abrindo dimensões desconhecidas para nós cristãos. Só isso já foi um primeiro serviço que Francisco prestou à cristandade: ele a arrancou de sua situação de coração paralizado e a colocou numa situação audaciosa e incomum, impregnada pelo incondicional, porque conduz sem segurança alguma para o Absoluto, exigindo que o homem se entreça até o fim.

A imitação que Francisco viveu é singular na história da cristandade. Ela pode ser desdobrada em duas direções, mas não no sentido de uma dialética rabulista, que faz uma franse principal depender de uma frase subordinada. Isso seria uma brincadeira espirituosa. Apenas para se compreender mais perfeitamente a profundidade de Francisco, deveríamos expor ao mesmo tempo os dois lados. Sua imitação sempre se movimentou entre dois polos opostos que não se separavam na prova mais dura. Francisco incluía dentro de si essa contradição, ele que recebeu de Deus o mandamento de ser um novo bobo neste mundo.

Francisco causou mal-estar a muitos cristãos a comodados. O duro e quase repugnante Francisco deve ser visto em sua dureza total. Quem nunca se sentiu horrorizado com ele talvez não tenha percebido ainda a realidade plena de Francisco de Assis, e com certeza nunca se defrontou com ele. Não é verdade que Francisco foi mole

e flexível. Afirmar isso é desconhecer sua vontade. Ele podia ser tremendamente duro, não só na ascese pessoal, mas também para com os outros. "Nas proximidades de sua morte confessou que pecou muito contra o irmão burro, isto é, contra seu próprio corpo". Era capaz de punir os irmãos muito severamente, quando não cumpriam o mandamento da imitação. Quanto mais nos aproximarmos do santo, mais claramente percebemos seu rosto severo. Um bocado de biografias estéticas de São Francisco escondem esse ser inexorável, mostrando uma paisagem encantador, em que fradinhos brincam com pombinhas. Assim se falsifica a verdadeira imagem de Francisco, desviando-a para o sentimental, de maneira que pode ser admirado, sem obrigar a nada. Esse encanto estético é uma manobra enganadora. Francisco a teria negado conscientemente, embora possa ser produzido, sem querer, um efeito nesse sentido em Giotto e outros artistas.

O pretense Francisco amável deve ser colocado sempre em contraste com a verdadeira figura do Francisco que seguiu Cristo nu e, por isso mesmo, era para os outros irmãos um outro Cristo. Ser um outro Cristo para o mundo é um título tão alto que não pode ser superado. Naturalmente, a expressão "um outro Cristo" pode ser mal entendida. Muitos espirituais caíram no fanatismo quando ligaram a figura de São Francisco com as profecias de Joaquim de Fiore sobre a era do Espírito Santo. O próprio Francisco permaneceu sóbrio. Mas sua imitação dura se expressou em formas de semelhança que iam até o limite do possível.

Francisco é o simbolo e a lembrança viva do Cristo. Ambos são indispensáveis para sempre para a Cristandade, a não ser que ela se resseque cada vez mais. Quando o mundo estava em perigo de se tornar gelado, chegou a hora deste santo do amor. Ele merece o nome de "transformador do mundo"

A ORDEM DE FRANCISCO - Francisco, inicialmente, não sabia que um mundo de discípulos se reuniria em volta dele, mas foi isso que aconteceu. Francisco contou isto modestamente: "Deus me deu irmãos!" O pequeno grupo que se formou no princípio, não parou de crescer. Os irmãos se defrontavam com diversos problemas. Pensaram em comum se deviam morar no meio dos homens ou se deveriam transferir-se para a solidão. Francisco sabia que tinha sido enviado para ganhar almas para Deus, para que a Cristandade se renovasse espiritualmente. Como seus companheiros se distinguiam do

resto do povo pela maneira de vestir e de viver, pareciam "uma espécie de selvagens". Foram também chamados "penitentes da cidade de Assis". Francisco preferiu dar-lhes o nome de "Ordem dos Irmãos Menores", porque desejavam ser os pequenos, evitando pretender ser alguma coisa maior. A denominação "Irmãos Menores" tem portanto sua origem no próprio Francisco, que certa vez disse a seus companheiros: "Tenham coragem, alegrem-se no Senhor e não se entristeçam porque aparentemente nós somos poucos. E não se assustem com a sua ou com a minha simplicidade. Saibam que Deus nos fará crescer em grande número, e permitirá nossa expansão até os confins da terra". O povo o tinha admirado para eles, como se fossem de outro século. Francisco colocou à frente dos irmãos uma meta bem clara, desejando que "fizessem brilhar exemplos de vida" na escuridão deste mundo. O Poverello se sentia cercado de suaves perfumes quando ouvia os feitos magníficos dos irmãos que tinham saído pelo mundo. A irmandade franciscana aspirava a um novo modo de viver. Foi esse o postulado original. A Francisco não interessavam nem organização, nem teologia, nem ensino: para ele, sua missão consistia em realizar o modo de viver segundo o Santo Evangelho. Sendo essa a missão, todas as outras coisas foram postas para trás. A única coisa que contava na opinião de Francisco era o modo de viver franciscano. Francisco exigia de seus irmãos que pusessem em prática a vida pobre de Cristo. O pensamento da pobreza incluía a negação radical ao dinheiro. Todos os tempos viram no dinheiro algo de demoníaco, e Mamon foi um antideus a quem o homem, segundo a palavra de Cristo, não pode servir ao mesmo tempo. Francisco queria desprender-se do dinheiro, e tentava quebrar sua força pelo novo modo de viver. "Era tão desprezador do dinheiro, que o tinha na conta de poeira". A negação do dinheiro não era pura mania, pois Francisco conhecia o ponto decisivo em que muitos cristãos chegam a cair. No dinheiro cruzam-se os caminhos: ou o cristão rompe o fascínio do dinheiro ou passa a ser a sua vítima. Francisco tinha tanto respeito pelo dinheiro quanto pelo esterco dos burros. Para ele, dinheiro e esterco eram sinônimos. Certa vez repreendeu duramente um irmão só porque tocou em dinheiro, e lhe deu uma grande penitência.

Consequentemente não queria posse alguma, nem para si e nem para seus irmãos. Não queria possuir casas ou

conventos. Queria viver com seus irmãos como peregrino e estrangeiro, dando testemunho. Nem o bispo de Assis que queria bem a ele, conseguia compreender tanto lógica. Mas Francisco respondeu: "Senhor, se quisermos possuir alguma coisa, precisaremos ter armas para defendê-la. Daí vêm as brigas e lutas que impedem de tantas maneiras o amor de Deus e aos homens. Por isso não queremos possuir nada de temporal neste mundo". Essa fala admirável revela uma sabedoria insuperável. Um homem simples teve com agudeza de espírito a visão de um problema que muitos intelectuais, dentro e fora da Igreja, não querem compreender. Francisco percebeu a ligação posse -armas-guerra e tirou as necessárias conclusões. A Cristandade nunca vai superar a guerra, nem de longe, enquanto não repensar esses problemas na visão franciscana.

Como o homem precisa viver, Francisco ao proibir o dinheiro, obrigou os irmãos a mendigarem. O homem de hoje vê no ato de mendigar alguma coisa de indigno. O Estado moderno esforçasse por eliminar a mendicância. Para Francisco, mendigar era um ato de humildade, ele era o "mendigo na glória". Mais tarde, e especialmente no tempo presente, jovens franciscanos colocaram a mendicância como alternativa do trabalho. Mas, para Francisco, mendigar e trabalhar não significavam contradição. Seus irmãos muitas vezes ganharam o sustento com o trabalho de suas mãos, ajudando os agricultores na colheita. O homem franciscano não é acomodado, mas, como não tem nada, não se envergonha de pedir esmola para o exercício da própria humildade e para dar aos homens a oportunidade de pôr à prova sua misericórdia.

É uma das coisas mais edificantes observar a vida dos primeiros frades. Ainda não existia organização, tudo era vida imediata. Incapazes de discutir uma ordem recebida, precipitavam-se por assim dizer para executá-la, como nos conta Celano, em sua biografia de Francisco. A obediência não era tida como alguma coisa pesada, que precisasse ser substituída pelo direito de opinar, mas era vivida como virtude mais alta: "Sei quanto vale a obediência, porque ninguém se submete a outro sem grande vantagem". Obedecer sem contradizer exige muita abnegação, que é tipicamente franciscana.

Podemos ler como era a vida dos primeiros irmãos nos relatos dos homens que viveram com Francisco. Um aroma maravilhosamente fresco daquela hora em que Francisco e seus ir

mãos celebravam o Natal em Greccio, quando preparavam um presépio no meio do bosque para poderem ver de alguma forma o menino Jesus e reviver um novo Belém. Observamos nestes relato que seus irmãos prestavam irrestrita obediência em todos os seus atos. Quando o Imperador Otão IV passou por aquela região, Francisco proibiu que o olhassem a comitiva imperial. Apenas um irmão foi enviado para dizer insistentemente ao imperador que sua pompa teria pouca duração. A profecia se cumpriu.

O próprio Francisco esclareceu o segredo do grupo dos primeiros irmãos: "Começamos a servir o Senhor, irmãos, porque até agora não fizemos quase progresso algum". Importante é a vontade de começar sempre, de nunca descansar orgulhosamente naquilo que foi conseguido.

Como o grupo dos irmãos aumentava constantemente, Francisco deu-lhe uma regra. Nem tomou em consideração como anteprojeto as regras de São Bento e de Santo Agostinho, porque tinham metas diferentes.

É muito provável que a primeira regra, perdida, fosse formada pelo ajuntamento de citações bíblicas. Francisco não precisava de mais que isso. Com o passar do tempo, tornara-se necessárias determinações mais exatas, e por isso foram feitas uma segunda e uma terceira regra. Francisco ficou muito preocupado com a regra, o que é muito compreensível, pois um modo cristão de viver bem realista não pode caber inteiro e forçadamente numa regulamentação.

Apesar disso, a comunidade não pode dispensar a regra, porque corre o perigo fácil de se desintegrar. Já nos primeiros tempos se dizia contra a regra que, em seu caráter absoluto, seria dura demais e os irmãos não poderiam cumpri-la. Mas Francisco não estava querendo alterar as palavras de Cristo e certa vez falou com aspereza: "Quem não quer observar a regra, deve deixar a Ordem". No fundo, sua pessoa era a regra. Viver segundo a forma do Santo Evangelho devia ser obrigatório para todos os irmãos.

Chegou o dia de fundar a segunda Ordem, que congregou membros femininos, as clarissas. A terceira ordem foi planejada para pessoas que queriam incorporar o ideal da espiritualidade franciscana dentro do mundo. O plano da terceira ordem fundamenta-se na compreensão que São Francisco teve de que nem todas as pessoas podem abandonar sua casa e

sua profissão. Também admoestava seus irmãos: "Não julguem a ninguém, nem se permitam desprezar as pessoas que vivem opulentamente e com pompa dispendiosa".

Não podemos contar toda a história da Ordem neste trabalho. Precisaríamos de um livro para isto. Segundo Gemelli, "a história da Ordem Franciscana é uma poesia interminável, para a qual cada século contribuiu com a própria estrofe". Como todas as histórias, também percorreu linhas onduladas, com altos e baixos, e sempre teve também épocas de estagnação.

No tempo de São Francisco também ficou muito conhecido Santo Antônio de Pádua. Francisco respeitava a extraordinária sabedoria de Antônio, porque era ao mesmo tempo um pregador arrebatador. Muitas lendas enfeitam a história de Antônio de Pádua e contribuíram para que fosse até hoje um dos santos mais populares. Contemporânea de Francisco foi também Isabel da Turíngia. Ouviu um dos primeiros irmãos que pisaram o solo germânico falar de Francisco e, com intuição feminina, aderiu a esse ideal. A nobre dama desceu de seu trono de condessa e foi ao encontro dos pobres. Por isso pode ser chamada a primeira irmã da Terceira Ordem na Alemanha.

Logo depois da morte de São Francisco, os ardorosos espirituais abalaram os fundamentos da Ordem com seu zelo imprudente. Nas movimentadas discussões que se levantaram, São Boaventura, tão humilde quanto sábio, conseguiu conciliar com seu equilíbrio as correntes opostas da Ordem. Boaventura entrou para o rol dos santos. Sem a sua personalidade serena, não teria conseguido a pacificação tão urgentemente necessária para a Ordem. Por determinação do Capítulo Geral, escreveu também a biografia de São Francisco, que foi oficialmente reconhecida pela Ordem e que determinou, durante séculos, a imagem de São Francisco para o mundo que veio depois dele.

A Ordem Franciscana sempre gerou novas e grandes personalidades, das quais mencionamos apenas alguns nomes: Alexandre de Hales, João Duns Scoto, Rogério Bacon, Raimundo Lullo e Bertoldo de Ratisbona. A comunidade Franciscana revelou-se uma fonte inexgotável. No correr dos séculos, a Ordem conquistou inúmeros merecimentos históricos. Por isso merece reconhecimento.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Enumere algumas características da maneira como Francisco aderiu a Cristo.
2. Por que a imitação de Cristo vivida por Francisco é singular na história da cristandade?
3. Por que Francisco causou mal estar em muitos cristãos acomodados?
4. Por que Francisco deu aos membros da primeira ordem o nome de "irmãos menores".
5. Descreva algumas características da maneira como os primeiros irmãos viviam.
6. Enumere os nomes de algumas grandes personalidades que se formaram dentro da Ordem Franciscana.

Para a leitura individual

Apêndice

COMO SÃO FRANCISCO AMAVA A DEUS

De A. GEMELLI, em "O FRANCISCANISMO" pp. 40-41.

Facilmente se compreende o amor de São Francisco pelas criaturas; para compreender, no entanto, o segredo de sua magnitude e da sua força de palavra e de atuação, é preciso penetrar mais fundo, chegar até o seu amor a Deus. Porque Deus haja concentrado nesse pobre homem suas divinas complacências a ponto de favorecê-lo como o fez, de modo extraordinário, seria para nós irreverente procurar indagá-lo; mas pode-se em parte tomar conhecimento deste mistério de amor divino quando se considera a correspondência pronta e constante, a humildade simples e profunda, a delicadeza cavalheiresca com que São Francisco retribuiu a Deus o seu amor.

Veja-se como começou ESSA divina amizade. Foi em Assis, durante uma noite estrelada. Um grupo de jovens passava cantando pelas ruas íngremes e estreitas; cantavam, como é o costume imemorial dos jovens, aquelas canções mais ve-

Apêndice V

ROTEIRO DOS CONGRESSOS DE JUFRA

Modelo Assemblêia

PREPARAÇÃO DO CONGRESSO

1. O Secretariado Executivo da faixa em que se realizará o Congresso (= Nacional, Regional ou Distrital) coordena o levantamento de assuntos junto à faixa que será convocada ao Congresso (= Os Regionais são convocados ao Congresso Nacional, os Distritais são convocados ao Congresso Regional e os Locais são convocados ao Congresso Distrital).
2. Procede à triagem do material levantado.
3. Elabora minuta de assuntos e a envia a faixa de convocação, para ouvir o parecer das mesmas.
4. Recebidas as emendas, e ouvido o parecer da faixa a ser convocada, elabora ANTE-PROJETO de Agendas do Congresso.
5. Entrega o texto do ANTE-PROJETO aos frutivos da faixa a ser convocada.

INTRODUÇÃO AO CONGRESSO

1. Abertura do Congresso pela Equipe Anfitriã. Nomeia-se o Secretário Provisório para a fase Introdutória.
2. Relatório do Secretariado Executivo, prestando contas de seu governo e colocando os congressistas ao par da realidade da JUFRA em âmbito nacional, regional ou distrital.
3. Os Congressistas QUESTIONAM o relatório.
4. Os Congressistas OPINAM sobre o relatório.
5. Escolhem-se candidatos ao cargo de SECRETÁRIO GERAL Do Congresso.
6. Votação e tomada de posse do Secretário Geral do Congresso. Cessa o cargo do Secretário Provisório.
7. Reunião do Secretário Geral com o CONSELHO DO CONGRESSO. O Conselho do Congresso é formado pelos membros do Secretariado cessante e pelos Secretários Executivos convocados ao Congresso ou seus representantes. Nomeiam EQUIPES DE LIDERANÇA, ESCRUTINADORES, NOTÁRIOS, EXPLICITADORES, SERVIDORES DO CONGRESSO.

Os servidores do Congresso são dactilógrafos, impressores, relações públicas, liturgistas etc, e de ordinário já estão escalados pela equipe anfitriã. Nesse caso o Conselho apenas ratifica o que foi feito pela equipe anfitriã, pedindo emendas, se for o caso.

8. Em plenário, o Secretário Geral apresenta à apreciação dos congressistas os prestadios nomeados pelo Conselho: Equipes de Liderança, Escrutinadores, Notários, Explicitadores e Lideranças de Serviço.

NOTA - Equipes de Liderança são as Equipes que dirigem as sessões do Congresso: animadores, recepcionistas, secretários, cronometristas, espiritualizadores, recreadores etc.

9. A AGENDA DO CONGRESSO

- 9.1. Apresentação do Ante-Projeto de Agendas.
- 9.2. Questionamento do Ante-Projeto de Agendas.
- 9.3. Opiniões sobre o Ante-Projeto de Agendas.
- 9.4. Apresentação de emendas pelas Equipes Congressistas.
- 9.5. Elaboração do Projeto de Agendas pelo Conselho
- 9.6. Apresentação do Projeto de Agendas ao congresso.
- 9.7. Votação do Projeto de Agendas, e proclamação da Agenda do Congresso, ou seja da PAUTA OFICIAL de Agendas do Congresso.

NOTA - Equipes de Congresso são Equipes formadas para o estudo em grupo.

0 CORPO DO CONGRESSO

1. O Secretário Geral anuncia a agenda nº 1 da pauta.
2. O Explicitador encarregado, aquece o assunto.
3. Os congressistas questionam o assunto. O Explicitador coordena a resposta ao questionamento.
4. Os Congressistas opinam sobre o assunto. O explicitador faz a síntese das opiniões manifestadas.
5. As Equipes de Congresso se reúnem para elaborar texto de conclusão para a primeira votação.
6. As Equipes de Congresso apresentam em plenário as conclusões elaboradas.
7. O Secretário Geral e o Conselho unem num só texto, ou dois textos alternativos as conclusões propostas.
8. Apresentação do texto para a 1ª. votação. Passa-se para a agenda seguinte da pauta, até que todos os assuntos

- tos da pauta tenham sido votados pela primeira vez. Após a eleição do novo SECRETARIADO EXECUTIVO e do novo ASSISTENTE, procede-se ao trabalho ulterior sobre a Pauta de Agendas, com vistas à segunda e definitiva votação. Sorteiam-se as agendas entre as equipes.
9. Apresentação de emendas aos textos votados pela primeira vez.
 10. Reunião das Equipes de Congresso, cada qual recebendo determinadas agendas para fazerem as emendas que foram sugeridas, deixando o texto pronto para a última votação.
 11. Votação das emendas feitas pela Equipe.
 12. Votação definitiva do texto da Agenda.
 13. Redação final do Texto de Conclusões do Congresso.
 14. Encerramento do Congresso.
 15. Divulgação das conclusões do Congresso.

ROTEIRO DE ELEIÇÃO DO SECRETÁRIO E DO ASSISTENTE

1. Negociação de candidatos.
2. Questionamento sobre os candidatos.
3. Opiniões sobre os candidatos.
4. Proclamação do número de votantes pelos escrutinadores.
5. Votação para o Cargo de Assistente. Exige-se maioria absoluta em 1º ou 2º escrutínio. Vale maioria relativa em 3º escrutínio.
6. Votação para o Cargo de Secretário Executivo, valendo o mesmo critério usado na eleição do Assistente.
7. Elaboração da Ata de Eleição
8. Leitura da Ata de Eleição. Assinatura da Ata e tomada de posse dos eleitos.
9. Confraternização franciscana!

Apêndice VI

ROTEIRO DE ASSEMBLÉIA EUCARÍSTICA

PRINCÍPIOS

1. Nesse tipo de reunião os relacionamentos são verticais (= De Deus para o homem) e não horizontais, como nos tipos precedentes.
2. O esforço humano é condição muito importante, mas não é a CAUSA do EFEITO. Esse depende do derramamento do sangue da cruz de Cristo.
3. O efeito da Assembléia Eucarística é a celebração da ALIANÇA entre Deus e o homem, e dos homens entre si.
4. Nessa Assembléia, tudo o que se faz, porque feito sob a presidência do ministro ordenado (= sinal-pessoa de Cristo-Cabeça na vida terrena da Igreja), tem valor de SINAL, isto é, faz o que significa. Não é representação teatral de um acontecimento, mas renovação do acontecimento. O acontecimento significado, realmente acontece, aqui e agora. Assim, por exemplo:
 - a) O ministro ordenado significa e realiza a presença de Cristo-Cabeça, ou Esposo da Igreja.
 - b) O povo reunido pela fé em Cristo, significa e realiza a presença da Igreja, Corpo de Cristo, Esposa de Cristo.
 - c) A palavra proclamada, não é leitura de algo que se escreveu há muito tempo, mas realiza a presença de Deus que AQUI e AGORA realmente fala ao seu povo. Os lábios do leitor ou do Presidente que profere a homilia são realmente os lábios de Deus, falando ao povo.
 - d) O pão e o vinho consagrados significam e realizam o corpo e o sangue de Cristo, corpo que foi dado como alimento e sangue que foi derramado pela remissão dos pecados. Pelas palavras do ministro ordenado, que age na pessoa de Cristo, o pão se torna corpo e o vinho se faz sangue. Este é admirável mistério de fé.
 - e) Para a eficácia do mistério celebrado, o que se exige, da parte do homem, é a reta intensão, o espírito de fé, a humildade e o estado de comunhão com todos os homens.

LIDERANÇAS

1. Presidente: Bispo ou Presbítero.
2. Serviço da Presidência: Diácono.
3. Serviço do Altar: acólitos.
4. Serviço do povo: recepcionistas.
5. Serviço da palavra: leitores e comentaristas.
6. Serviço do canto: salmistas, instrumentistas e cantores.

PREPARATIVOS

1. O p o v o

- | | |
|--------------------|------------------------------|
| 1. Ofertas | 4. Canto |
| 2. Aclamações | 5. Diálogo com o Presidente. |
| 3. Preces comunit. | |

2. O m i n i s t r o

- | | |
|------------|-----------|
| 1. Amito | 4. Estola |
| 2. Alva | 5. Casula |
| 3. Cingulo | |

3. O a l t a r

- | | |
|-------------|-----------------------|
| 1. Toalha | 8. Pala |
| 2. Corporal | 9. Sanguinho |
| 3. Galhetas | 10. Manustêrgio |
| 4. Lâmpadas | 11. Pão, Vinho, Água. |
| 5. Flores | 12. Lavabo |
| 6. Cálice | 13. Lecionário |
| 7. Patena | 14. Presbiteral |

SEQÜÊNCIA DOS RITOS

1. Ritos introdutórios

- | | |
|---------------------------|-------------------|
| 1. Acolhida do Presidente | 4. Hino de Louvor |
| 2. Saudação do Presidente | 5. Oração |
| 3. Rito penitencial | |

2. Liturgia da Palavra

1. Primeira leitura: Antigo Testamento ou profeta
2. Cântico ou Salmo de meditação.
3. Segunda leitura: Novo Testamento ou apóstolo.
4. Aclamação ao Evangelho

5. Terceira leitura: Evangelho ou Jesus Cristo.
6. Homília
7. Profissão de fê.
8. Oração universal: resposta dos fiéis.

3. Liturgia eucarística

- | | |
|----------------------------|--------------------|
| 1. Procissão das ofertas | 6. Pai Nosso |
| 2. Ofertório | 7. Oração pela paz |
| 3. Oração sobre as oblatas | 8. O abraço da paz |
| 4. Prefácio | 9. A comunhão |
| 5. Cãnon | 10. O silêncio |

5. Ritos de conclusão ou despedida

1. Antífona
2. Oração final
3. Notícias da Igreja
4. Bênção presidencial

CELEBRAÇÃO DA ALIANÇA

1. APELO - Deus convida seu povo e o reúne.
2. PALAVRA - Deus fala ao seu povo e propõe seu plano
3. RESPOSTA - O povo responde ao apelo de Deus.
4. PACTO - Deus e o Povo celebram o pacto da ALIANÇA, com um banquete.

Oitava sessão

COMO EXPLICITAR UM ASSUNTO E PROGRAMAR ATIVIDADES

Em sessões precedentes temos relevado muito a importância do questionamento, sobretudo quando se tratam de assuntos práticos que engendram compromisso. Os depoimentos dos participantes, também, ao lado do questionamento, representam um momento decisivo no debate do assunto. Entretanto, também a explicitação tem sua importância. Quando se tratam de assuntos doutrinários, o problema facilmen

te se resolve porque, nesses casos, de modo ordinário, o assunto é explanado por pessoa competente. Mas, ao se tratar de assuntos práticos, de propostas concretas, de elaborar programas, a maneira como o proponente explicita o assunto pesa muito, depois, quando o grupo fôr votar a conclusão.

É importante saber reexpor, quando se quer convencer, quando se deseja "vender o peixe". Daremos aqui um roteiro metodológico bastante completo para facilitar o trabalho de programar atividades e explicitar assuntos práticos. Seguindo esse roteiro, evitamos ser parciais, e não corremos o risco de deixar para traz aspectos que depois influem na execução prática. O roteiro é o seguinte

1. ONDE?

1. Ligeira descrição das coisas que compõem o lugar.
2. Equipamentos necessários ou úteis no lugar.

2. QUANDO?

1. Datas
2. Horários - Início - Término - Etapas.

3. QUEM?

1. Frutivos (= os que se beneficiam da agenda)
2. Prestadios (= os que proporcionam a agenda)
3. Responsável ou responsáveis.
4. Grupos, pessoas ou situações implicadas na agenda em um ou outro dos seguintes 14 sistemas da realidade humana:

- | | |
|------------------------------------|--|
| 1. Família | 8. Dinheiro, bens. |
| 2. Saúde | 9. Trabalho, produção. |
| 3. Manutenção, alimentos
vestes | 10. Religião |
| 4. Amizade, amor | 11. Segurança |
| 5. Lazer | 12. Administração, governo,
organização |
| 6. Comunicação, transportes | 13. Leis, direitos, deveres |
| 7. Estudos | 14. Prestígio, bom nome. |

4. O QUE SERÁ FEITO ou SE PROPÕE A FAZER: AGENDAS!

Descrição da Agenda, ou das Agendas

5. COMO SERÁ COMUNICADO?

1. Comunicação com os frutivos

2. Comunicação com os prestadios
3. Comunicação com os responsáveis
4. Comunicação com grupos ou pessoas implicadas
5. COMO SERÁ FEITO? - Jeitos - métodos - técnicas.
6. COM QUE SERÁ FEITO?
 1. Recursos em dinheiro
 2. Recursos em energias
 3. Recursos em outros valores
8. POR QUE SERÁ FEITO?
 1. Objetivos, metas em nível pessoal, grupal ou social.
 2. Argumentos em prol da validade desses motivos.
9. DIFICULDADES ESPERADAS ou que poderão ser encontradas neste ou naquele sistema da realidade.
10. RESULTADOS ESPERADOS, neste ou naquele sistema da realidade.
11. MODO DE VERIFICAÇÃO. Dia, local e hora em que se fará a revisão daquilo que foi feito.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Qual a função da Explicitação?
2. Qual a função do Questionamento?
3. Qual a função das Opiniões?
4. O que é "concluir" um assunto?
5. Como se faz uma ata de reunião?
6. Quantos e quais tipos de reunião existem?
7. Como é o roteiro de reunião na Técnica de Seminário?
8. Como é o roteiro de reunião na Mesa Redonda?
9. De quais recursos didáticos pode valer-se o Explicitador?
10. Como se faz um Congresso de JUFRA?
11. Como se faz uma reunião Eucarística?
12. Que princípios regem a reunião Eucarística?
13. Quais as etapas da celebração da aliança?
14. Como se explicita de maneira global um assunto?

Terceira Parte:

A ARTICULAÇÃO DO GRUPO FRATERNO

9. *A JUFRA no quadro geral da Ordem Franciscana*
10. *O Compromisso Franciscano de vida.*
11. *O governo da JUFRA na Ordem Secular.*
12. *Fluxograma de admissão na Ordem.*
13. *Treinamentos e Tirocínios na Ordem*
14. *As crises na vida de um grupo.*
15. *O quadro de irmãos e eleição do
Secretariado*

*Nona Sessão***A JUFRA NO QUADRO GERAL DA ORDEM
FRANCISCANA**

A Juventude Franciscana (= JUFRA) é uma PROPOSTA DE VIVÊNCIA CRISTÃ e FRATERNIDADE EVANGÉLICA destinada a jovens que, por ÍNDOLE e por CARISMA, se comprometem com um IDEAL DE EXISTÊNCIA inspirado na filosofia franciscana de vida. Como tal, a JUFRA é a ala jovem da ORDEM FRANCISCANA SECULAR (= OFS), com ESTILO E CARACTERÍSTICAS PRÓPRIAS, por que, nessa Fraternidade de jovens, os jufristas assumem todos os deveres e, por conseguinte, gozam de todos os direitos inerentes ao COMPROMISSO FRANCISCANO DE VIDA SECULAR (= Profissão franciscana).

A Ordem Franciscana Secular, por sua vez, é a Terceira das Ordens que tiveram origem na experiência carismática de São Francisco de Assis. Uma Ordem é uma organização que, na Igreja, possui publicamente uma personalidade jurídica reconhecida pelos sucessores de Pedro na Sé Romana. A Primeira Ordem de São Francisco, constituída de Frades, compreende, atualmente, três ramos: Franciscanos, Capuchinhos e Conventuais. Todos eles têm o nome comum de IRMÃOS MENORES. A segunda Ordem, basicamente, é constituída de quatro ramos de religiosas de vida contemplativa (= vida em mosteiros). A primeira Ordem é para homens que escolhem viver no Celibato pelo Reino, muitos dos quais, também, optam pelo sacerdócio. A segunda Ordem é para mulheres que, de igual modo, escolhem viver no Celibato pelo Reino, iniciada por Clara, que logo em seguida foi acompanhada por suas irmãs, Inês e Beatriz, e depois por sua própria mãe, ao tornar-se viúva.

A primeira Ordem nasceu em 1209. Francisco, ao se converter, e sendo deserdado da herança paterna, ao romper com a família, pagou, inicialmente, o preço de uma solidão humana. Passou mais ou menos dois anos sozinho. Era vaiado e desprezado por seus próprios amigos, atiravam-lhe lama ao passar pela rua e chamavam-no de louco. Passado esse tempo, Bernardo de Quintavale, seu antigo companheiro e cavaleiro nobre e rico, começou a se impressionar com Francisco. Pa-

ra tirar a dúvida, convidou Francisco a vir cear e pousar em sua rica mansão. Bernardo queria "abrir-se" com Francisco e observar mais de perto o mistério que o envolvia. Uma convicção se lhe acendia no íntimo: Seu amigo não era um louco, como diziam, mas algo de extraordinário nele estava acontecendo! Durante a conversa Francisco lhe falava seguido de um certo "segredo". Falava misteriosamente desse "segredo". Bernardo ficava até intrigado com esse mistério. À noite, pediu que arrumassem a cama de Francisco em seu próprio quarto, para poder observá-lo melhor. Ambos se deitaram. Bernardo, logo que se deitou, fingiu dormir e respirava fortemente. Francisco também deitou-se e fingiu dormir. Quando acreditou que Bernardo dormia profundamente, levantou-se, pôs de joelhos, levantou os braços para o céu, e começou rezar profundamente, mas seus lábios apenas repetiam essas mesmas palavras: "Meu Deus e meu Tudo!" Dizendo isso o rosto de Francisco brilhava em celeste claridade, e seus olhos derramavam copiosas lágrimas, enquanto pela noite adentro rezava o tempo todo repetindo sempre as mesmas palavras. E Bernardo, fingindo dormir, observava tudo. Então era aquele o "segredo" de Francisco?

Pela manhã Bernardo contou tudo a Francisco, e se dispôs a segui-lo em pobreza, e ambos imediatamente se puseram a vender os bens de Bernardo, que eram muitos, e distribuí-los aos pobres. Enquanto distribuíam os bens de Bernardo, outro colega de Francisco, Silvestre reclamou pelo fato de o mesmo não lhe haver ainda pago as pedras que tomara em sua propriedade a fim de reconstruir a Igreja de São Damião. Francisco enfiou a mão na sacola de Bernardo e tirou um punhado de moedas. Atirou-as na sacola de Silvestre e disse: "Se você quiser mais, peça, que ainda temos bastante!" Silvestre retirou-se satisfeito. À noite não conseguia dormir. A imagem de Francisco e de Bernardo não lhe saía da cabeça. E essa imagem lhe tocou na alma. Silvestre também resolveu fazer o mesmo e no dia seguinte dirigiu-se a Francisco e Bernardo e se pôs, com eles, a distribuir entre os pobres os próprios bens. Francisco então convidou a ambos, para que com ele se dirigissem à Igreja de São Nicolau. Francisco jamais pensava que um dia teria a companheiros para viver a vida que vivia. Na Igreja de São Nicolau assistiriam à missa. E, depois da missa, pediriam ao Padre que, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, abrisse o missal por três vezes, para saber o que Deus queria deles.

À tríplice abertura do Texto Sagrado, apareceram as seguintes passagens: 1a. "Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres e depois vem e segue-me!" (Mt 19,21) - 2a. "Não leveis pelo caminho nem outro, nem prata..." (Lc 9,23); - 3a. "Se alguém quiser seguir-me, tome sua cruz...renuncie-se a si mesmo..." (Mt 16,26).

Isso foi no dia 16 de abril de 1209. Nascia a primeira Ordem Franciscana. Em seguida Francisco recebeu mais alguns irmãos. Foram a Roma e pediram ao Papa Inocência III que aprovasse a Regra da Ordem. O Papa relutou. Muitos cardeais diziam ser loucura aquela forma de vida. Foi o sonho de Inocência III, vendo a Igreja de São João do Latrão ruindo, e sendo socorrida por um homem pobre e franzino, que levou o papa a anuir aos desejos de Francisco.

A Segunda Ordem nasceu com Clara de Assis, 12 anos mais nova que Francisco, que se sentiu atraída a seguir Cristo imitando o que fazia Francisco. Francisco, a princípio, recusava-se atendê-la. Aquela forma de vida não era para mulheres. Mas Clara acabou convencendo-o: "Não quero que me amem, eu quero amar! Não quero que compreendam, eu quero compreender; não quero que me aceitem, eu quero aceitar!" Foi logo seguida por suas duas irmãs, Inês e Beatriz. Logo mais, também, a mãe, tendo viuvado, a seguiu. Clara foi a plantinha predileta de Francisco, sua mais fiel discípula e intérprete de seu espírito, a aquela a quem ele consultava nos momentos mais difíceis.

A Terceira Ordem nasceu em 1221. O entusiasmo que Francisco suscitou no muito foi incrível, tanto que muitos casais pensavam em separar-se, para seguir Francisco, ele na primeira, e ela na segunda Ordem. Francisco viu que isso não estava de acordo com o Espírito do Senhor. Existe um estado de perfeição, de radicalidade evangélica para os que vivem no mundo, no matrimônio. E idealizou esse modo de viver uma vida de perfeição evangélica no matrimônio, e assim nasceu a Ordem da Penitência, para os casados, que hoje conhecemos como Ordem Franciscana Secular. Entre a vida dos religiosos nos conventos e a vida dos leigos no mundo, existe um ideal de perfeição de quem fica no mundo, mas vive a perfeição buscada nos conventos. Santo Elzeário e Santa Delfina foram o exemplo mais contrastante dessa possibilidade: casaram-se, e viveram o seu casamento em estado de virgindade escatológica.

A JUFRA é a ala jovem dessa terceira Ordem que, juntamente com as famílias da Primeira e Segunda Ordem, e muitas congregações religiosas que surgiram dentro da própria Terceira Ordem ou a ela foram agregadas, formam a maior agremiação cristã do mundo. Todo esse mundo variado de discípulos de São Francisco - os "franciscanos" - em cifras numéricas, entre as três Ordens, conta com 2.538.345 membros, assim distribuídos:

1a. Ordem: Franciscanos, Conventuais e Capuchinhos.....	40.920
2a. Ordem.....	19.527
3a. Ordem: Seculares, Regulares e religiosas.....	2.477.898
TOTAL.....	2.538.345

Ao longo de 8 séculos essas três Ordens se ramificaram continuamente, à semelhança de grande árvore, tão vigorosa que sempre faz brotar novos rebentos. Ainda hoje essa árvore vigorosa continua soltar novos rebentos. Dentro da própria JUFRA, no Brasil, já nasceu, há dez anos um movimento de vida consagrada, a SEARA, onde seus membros escolhem o celibato pelo Reino, à maneira dos religiosos, mas vivem em meio ao mundo, à maneira civil, conforme a vida que o povo vive. Vivem a mesma realidade sociológica dos homens de hoje, apenas adotando em relação ao mundo as rupturas que são consequência, não apenas da consagração batismal, mas também da consagração virginal.

Pela Terceira Ordem São Francisco interveio poderosamente na vida do mundo, traçando outros rumos para a história: influiu na arte, na sociologia, na política, na guerra, na economia, e acelerou o advento da democracia. Ao longo desses séculos alistaram-se em suas fileiras pessoas de todas as procedências e classes sociais: papas, reis, imperadores, príncipes, cientistas, artistas, literados, militares... Luiz IX da França, Isabel da Hungria, Isabel de Portugal, Dante Alighieri, Cristóvão Colombo, Pasteur, D. Pedro II do Brasil, Garcia Moreno do Equador, papas como Pio X, Leão XIII, Pio XI, Pio XII, João XXIII. Mais de 400 foram os franciscanos canonizados, elevados à honra dos altares, entre os quais destacam-se nomes eminentes na história da Santidade, como Santo Antônio de Pádua, São Benedito, São Bernardino de Siena, São Boaventura, São Félix de Cantalício. Além desses, mais de dois mil foram beatificados, e cujos processos de canonização estão em andamento,

sem contar os inúmeros servos de Deus, com processos de beatificação em andamento.

No Brasil a Ordem Franciscana SEcular (= Terceira Ordem, se articula para Mini-JUFRA (= adolescentes de 15 e 16 anos), JUFRA (= jovens de 17 anos até o casamento) e ala adulta (= casados ou solteiros com mais de 30 anos), e dentro dela, seus membros seguem um itinerário de formação e engajamento formado de três etapas: POSTULADO, NOVICIADO e PROFISSÃO. Com o Treinamento Básico nós iniciamos o postulado. Com o treinamento de iniciação entremos no NOVICIADO. E com o treinamento de renovação, somos convidados à PROFISSÃO franciscana de vida secular.

A Ordem Franciscana SEcular não é apenas um MOVIMENTO carismático. Ela possui características de movimento, mas decisivamente ela é mais que movimento, porque se articula em FRATERNIDADE, isto é, movimento que adquire estabilidade e perenidade.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Que é a Juventude Franciscana?
2. A quem se destina a Juventude Franciscana?
3. Porque os jovens na JUFRA são membros da OFS?
4. Que é a Ordem Franciscana SEcular?
5. Que é uma Ordem na Igreja?
6. Quantas e quais as Ordens Franciscanas?
7. Como e de quem nasceu a Primeira Ordem Franciscana?
8. Como e de quem nasceu a Segunda Ordem Franciscana?
9. Porque nasceu a Terceira Ordem Franciscana?
10. Qual a importância da Terceira Ordem na História?
11. Como se articular a Ordem Franciscana SEcular no Brasil?

Décima Sessão

O COMPROMISSO FRANCISCANO DE VIDA

Todo o trabalho de formação contínua, ao longo de toda a vida, levam o franciscano secular ao COMPROMISSO FRANCISCANO DE VIDA. Por isso nossa proposta só é feita às pessoas que DESEJAM COMPROMETER-SE com um ideal, e que são capazes de se comprometer. Mais ainda: nossa proposta é feita só àqueles que acreditam na importância de "se comprometer", na validade de "se comprometer". Não o fazemos aqueles que não acreditam nessa importância e validade, ou aqueles que não desejam se comprometer, ou que não são capazes de compromisso. Essa, para nós, é uma REGRA DE JOGO simplesmente essencial.

- Em que consiste o COMPROMISSO FRANCISCANO de vida?

- Tradicionalmente chama-se PROFISSÃO FRANCISCANA. Ele consiste em três pontos essenciais:

1. *VIVER O EVANGELHO de Nosso Senhor Jesus Cristo...*
2. *... EM FRATERNIDADE,*
3. *... traduzindo, na prática, a REGRA DA ORDEM FRANCISCANA, ou seja o Ideal Franciscano de Vida.*

1. VIVER O EVANGELHO - Todo o cristão se compromete viver o Evangelho. Há, porém, muitas maneiras de ler e interpretar o Evangelho, porque o Evangelho nós nunca o esgotamos, ele é imenso, e há sempre possibilidades de perceber nele novos aspetos. O Franciscano lê o Evangelho e o interpreta de certo "jeito". - Qual? - O de Francisco de Assis? - E qual foi o "jeito" de Francisco de Assis? - Foi o "jeito seráfico", ou seja, a maneira radicalizada, aquela maneira onde não entra cálculo, aquela maneira que vai para lá das determinações morais ou moralizantes, que é toda impulso de mística: "Amar mais que ser amado; compreender mais que ser compreendido; acolher mais que ser acolhido; consolar mais que ser consolado; colaborar mais que esperar que outros colaborem; levar amor onde há ódio; levar alegria onde há tristeza; levar fé onde há dúvida; levar esperança onde há desespero; levar luz onde há trevas." Por

que é dando que se recebe. E' perdoando que se é perdoado. E é morrendo que se vive para a vida eterna!" A maneira franciscana de ler o evangelho lança o homem no absoluto de Deus, na adesão mais louca ao Cristo do presépio e do calvário, o Cristo da vida pública e da solidão do sacrário!

2. VIVER EM FRATERNIDADE - E' a marca mais nitidamente franciscana, porque é a marca que forma certo tipo de "grupo" social: o grupo social fraterno! O Franciscanismo nasce como fraternidade. E a fraternidade, para o franciscano, é algo que possui "finalidade intrínseca". O frater-nismo franciscano é o compromisso-eixo de todos os demais compromissos: a montanha, a estrada e a sapata.

3. ASSUMIR A REGRA DA ORDEM - Que é a "Regra" da Ordem de São Francisco? E' uma explicitação de alguns pontos que constituem o Ideal Franciscano de Vida. Para os franciscanos em nível básico, nós apresentamos esse Ideal Franciscano de vida naqueles cinco itens de que falamos na sessão nº 3 desse treinamento, a saber:

- a) Amar até o fim! Isto é, procura fazer pelo outro, seja lá quem for, aquilo que sua mãe faria por você!
- b) Amar primeiro! Isto é, procura dar também quando não recebe. E, para dar, não espere que os outros também façam o mesmo, ou que os outros comecem!
- c) Fazer bem feito! Isto é, com PERFEIÇÃO, com AMOR e com ALEGRIA
- d) Fazer poucas coisas! Ter poucas coisas! Você vive rá assim na bem-aventurança da pobreza!
- e) Constrói devagar o teu segredo! Você deve saber saborear a vida! Você deve viver a vida como quem morde um pedaço de pão!

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Em que consiste o compromisso franciscano de vida?
2. Qual é a "maneira franciscana" de viver o evangelho?
3. Qual a marca própria do franciscanismo enquanto "grupo social"?
4. Em que consiste a Regra da Ordem Franciscana?

*Décima Primeira Sessão***O GOVERNO DA JUFRA NA ORDEM SECULAR**

O governo da JUFRA compete aos Conselhos da OFS, os quais se distinguem em MUNDIAL (= para todo o mundo), NACIONAL (= para o Brasil), REGIONAL (= para cada uma das 12 regiões que integram nosso país), DISTRITAL (= para cada grupo de fraternidades relativamente vizinhas) e LOCAL (= para cada fraternidade). Os Conselhos da Ordem, entretanto, possuem dentro de si vários secretariados, entre os quais, o Secretariado para a ALA PACIENTE (= para velhos e doentes), o Secretariado para o CLERO SECULAR (= para os sacerdotes do clero secular membros da OFS) e o Secretariado Executivo da JUFRA, o qual, por sua vez, no Brasil, também se distingue em NACIONAL, REGIONAL, DISTRITAL e LOCAL. Portanto, o governo da JUFRA compete ao Conselho da OFS através um Secretariado Executivo próprio.

O Secretariado Executivo da JUFRA, em âmbito LOCAL, é composto, essencialmente, do ASSISTENTE, do SECRETÁRIO EXECUTIVO, do Sub-Secretário de VIVÊNCIA FRATERNA e do Sub-Secretário de FORMAÇÃO. São cargos essenciais. Nos lugares em que a JUFRA existe ao lado da Fraternidade de OFS já constituída canonicamente, o MESTRE de Novícios do Conselhos é assistente nato da JUFRA. Cada Fraternidade, além disso, poderá optar por mais Sub-Secretários à frente de outros departamentos úteis ou até necessários, como, por exemplo: Departamento de LITURGIA, de EVANGELIZAÇÃO, de PROMOÇÃO HUMANA, de LAZER, de FAIXA EXTERNA (= ou "relações públicas"), de ECONOMIA, de IMPRENSA, de ESCRITURAÇÃO e ARQUIVO.

O ASSISTENTE DA JUFRA - O Assistente representa a ligação da CABANA (= fraternidade) com a SAPATA (= Igreja). Sua função é "ASSISTIR PASTORALMENTE", isto é, estar ao lado, estar presente em nome da Igreja e da Ordem. É o elemento moderador. Presta à fraternidade o serviço de "discernir", em nome de Deus e da Igreja, o espírito das opções que a fraternidade faz. Porque o Assistente, sendo presbí-

tero, em virtude do sacramento da Ordem que lhe deu o ministério para ser na Igreja o SINAL-PESSOA de Cristo-Cabeça na vida terrena da Igreja, possui o Espírito para santificar, ensinar e conduzir o povo de Deus em nome de Cristo. Por meio dele a fraternidade coloca sempre suas opções na luz de Deus. E' muito importante na fraternidade franciscana esse "espírito de fé" nos ministros da Igreja. Essa atuação do Assistente pode ser até muito discreta e silenciosa. Ele pode "intervir" poucas vezes. Além disso deve o Assistente agir também como "moderador", isto é, aquele que busca moderar os entusiasmos excessivos e animar nas depressões de de sãimo.

O SECRETÁRIO EXECUTIVO - E' o ANIMADOR GERAL da fraternidade. Dizendo que é o "Animador" já dizemos tudo, porque sabemos o que é um ANIMADOR. Suas funções, basicamente, são três:

1º REunir-se seguidamente com seu SECRETARIADO para e laborar planos, revisar condutas, estudar propostas à fraternidade, fazer "feedbacks" de coisas decididas, estudar pedidos de admissão à fraternidade etc.

2º Submeter ao Assistente ante-projetos e projetos, e manter o Assistente informado sobre todas as vicissitudes da Fraternidade. Antes que qualquer proposta seja apresentada à Fraternidade, é preciso apresentá-la ao Assistente: com pete a ele o "discernimento" não apenas de Moderador, mas também de pastor da Igreja.

3º Dialogar constantemente com CADA irmão da Fraternidade, ouvir, solicitar a abertura, receber queixas, reivindicações, estar atento ao problema de cada um, acalentar, animar, consolar, entusiasmar. Nesse caso o Secretário Executivo precisa "conhecer cada ovelha pelo nome", isto é, precisa se aproximar profundamente de cada irmão, com espírito de bondade, humildade, compreensão, carinho, respeito, atenção, solicitude.

Ao Sub-Secretário do DEPARTAMENTO DE VIVÊNCIA FRATERNA compete cuidar da vida fraterna, exercendo as seguintes funções:

1º A aceitação de novos membros na Fraternidade, liderando os passos do fluxograma de admissão na fraternidade.

2º Coordena freqüentes reuniões de Berlinda, onde os irmãos buscam a correção fraterna de que fala o Evangelho.

Na Berlinda a palavra é dada ao irmão que deseja desabafar-se, abrir-se, reivindicar, cobrar. Dá-se, em seguida, oportunidade para que o grupo possa questioná-lo. Ouve-se depois a opinião dos participantes sobre o assunto, é, finalmente, tira-se uma conclusão.

3º Coordena os trabalhos das Equipes de Entre-ajuda, isto é, estimula esse trabalho, não permite que as equipes desanimem, desistam.

Compete ao Sub-Secretário do DEPARTAMENTO DE FORMAÇÃO cuidar de todos os treinamentos e Tirocínios.

1º Convoca os irmãos para os treinamentos, quando ficar provado que estão em condições de fazê-lo;

2º Mantém em dia a ficha de cada irmão, na qual se possa conferir a participação integral de cada um nos treinamentos e tirocínios.

3º Toma providências para suprir a participação deste ou daquele irmão nas reuniões ordinárias, com estudos e trabalhos práticos feitos à parte.

Quanto aos demais departamentos que podem ser criados numa fraternidade (= Liturgia, Evangelização, Promoção Humana, Lazer, Faixa externa, Economia, Imprensa, Escritação e Arquivo) suas funções são obviamente entendidas pela própria denominação que se dá a cada um deles.

À frente de cada departamento podem ser colocados um ou mais Sub-Secretários, conforme cada Fraternidade achar conveniente, ou conforme a opção do Assistente e do Secretário Executivo.

ELEIÇÕES DE GOVERNO - O Assistente é nomeado pelo Superior Provincial da Província da Ordem de São Francisco. É um dever sério que lhes assiste. A Ordem Secular, entre tanto, deve manter freqüentes contatos com a Primeira Ordem, porque se trata de um compromisso de família muito importante e porque, além disso, seus membros, sendo leigos seculares, precisam da presença do Assistente membro da hierarquia eclesiástica, para que sua personalidade jurídica de Ordem seja completa.

O Secretário Executivo é eleito pelos irmãos da fraternidade, sempre que o atual pedir demissão, ou sempre que o prazo de seu governo estiver expirado. Cada Fraternidade é que determina o prazo de governo para o Secretário

Executivo. A eleição é feita por voto secreto, exigindo-se, para tanto, em primeiro ou segundo escrutínio, que o eleito alcance pelo menos a maioria absoluta dos votos (= meta de mais um). Não conseguindo maioria absoluta em primeiro ou segundo escrutínio, faz-se um terceiro, em que será considerado eleito aquele que conseguir maioria relativa ou simples.

Antes da Assembléia de eleição é conveniente que a Fraternidade faça escolha de alguns candidatos, dou ou três, conforme desejar. No dia da eleição apenas os candidatos escolhidos possuem voz passiva (= podem ser votados).

Os Sub-Secretários à frente dos Departamentos são nomeados pelo Assistente e pelo Secretário Executivo, e apresentados à Fraternidade. Se não houver objeção da parte da mesma (= objeção que alcance pelo menos metade mais dos votos da fraternidade), o nome indicado, "ipso facto", fica aprovado para aquele cargo. Os Sub-Secretários podem ser trocados a qualquer momento, sempre que isso for oportuno fazê-lo, a critério dos próprios titulares ou do Assistente ou do Secretário Executivo, ou da própria Fraternidade.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. A quem compete o governo da JUFRA?
2. Como se distinguem os Conselhos da OFS?
3. Como se distinguem os Secretariados da JUFRA?
4. De que elementos é composto o Secretariado Executivo local da JUFRA?
5. Quais os encargos essenciais do Secretariado Executivo local da JUFRA?
6. Qual o papel, o significado e a função do Assistente na JUFRA?
7. Que é o Secretário Executivo e quais as suas funções?
8. O que compete ao Departamento de Vivência Fraternal?
9. O que compete ao Departamento de Formação?
10. De que maneira se procede nas eleições dentro da JUFRA?
11. De que maneira se escolhem os Sub-Secretários?

e nunca mais voltarei. Vou embora. Adeus para todos". É perfeitamente compreensível que, a essas palavras de despedida, os irmãos tenham derramado lágrimas, mas por cima da despedida paira uma transfiguração maravilhosa: "Deixo-vos corporalmente, mas meu coração fica aqui". Essas palavras de Francisco devem ser verdadeiras. Alguma coisa de sua alma permaneceu, alguma coisa indizível, que permanecerá sensível para sempre. Ainda hoje está insuportavelmente presente, porque nós sentimos a sua presença silenciosa.

Após o acontecimento do Alverne, Francisco viveu ainda dois anos, entregue às suas doenças. Estudaremos esse período em sessão especial. Abraçou a morte no dia 3 de outubro de 1226.

IRRADIAÇÃO DE FRANCISCO - A aparência de Francisco não era muito impressionante. Celano descreve-o como um homem de rosto alegre e feições bondosas: "Era de estatura pouco abaixo da média, cabeça proporcionada e redonda, rosto um tanto longo e fino, testa, plana e curta, olhos nem grandes nem pequenos, negros e simples, cabelos castanhos, pestanas retas, nariz equilibrado, delgado e reto, orelhas levantadas, mas pequenas, têmporas chatas, língua apaziguante, fogaosa e aguda, voz forte, doce, clara e sonora, dentes unidos, iguais e brancos, lábios pequenos e delgados, barba preta e um tanto rala, pescoço fino, ombros retos, braços curtos, mãos delicadas, dedos longos, unhas compridas, pernas finas, pés pequenos, pele fina, descarnado, roupa rude, sono muito curto, mãos generosas".

Interiormente, Francisco não era instruído, "mas tinha aprendido com Deus aquela sabedoria que vem do alto... Seu espírito penetrava nas profundezas das coisas, onde a ciência e erudição ficam na superfície... Mas ele não aprova qualquer simplicidade, apenas aquela para quem "só Deus basta". Já se disse justamente que ninguém deve gabar-se de ter descoberto "os verdadeiros motivos e intenções" de Francisco. Estamos todos diante de um enigma e precisamos tomar cuidado para não interpretar nele nossas próprias intenções. Não podemos compreender Francisco em toda a sua profundidade, mas sempre é possível conhecê-lo mais e mais, e nunca o teremos compreendido suficientemente.

Sua missão manava do íntimo de seu ser. A missão de Francisco estava em sua semelhança com Cristo, que reluz acentadamente mais uma vez, em toda a sua glória, no seu

Testamento. Francisco não foi apenas um símbolo de Cristo na Idade Média, mas lembrou a todas as gerações insistentemente o Senhor, porque foi uma corporificação ardorosa, que é maior do que qualquer desenvolvimento de um programa que se faça hoje. Não nos podemos ocupar sinceramente com o Poverello sem que o Cristo se coloque constantemente diante de nossos olhos.

Sua imensa irradiação correspondeu à sua missão. Conforme relatos contemporâneos, os cristãos antes de Francisco tinham-se tornado indiferentes, seu amor a Deus estava apagado, e tinha desaparecido o temor diante da majestade divina. Um ateísmo terrível tinha-se apoderado dos homens, cujo pensamento vivia em torno de dinheiro, prazer e pecado.

Então apareceu São Francisco e tudo foi fundamentalmente transformado. O prefácio da "Legenda dos Três companheiros" manifesta vivamente essas modificações: "Brilhan-te como a aurora e a estrela da manhã, como o sol nascente que derrama raios fúlgidos de luz sobre o mundo para produzir frutos, assim surgiu Francisco como uma nova espécie de luz. Quando esse sol se levantou, o mundo estava, por assim dizer, estarecido no gelo do inverno, na escuridão, sem vida. Sua palavra e sua ação foram um belo luzir: a verdade brilhou, o amor se inflamou - a virtude - mãe de todos os merecimentos - teve força para despertar uma vida nova e mais bela. Como um jardim com muitas árvores carregadas de frutas, floresceram os três sodalícios que ele fundou. Que admirável fecundidade! Foi como a entrada da primavera neste mundo". Essa descrição maravilhosa atinge Francisco em cheio: ele só pode ser comparado com o sol nascente e a primavera que desabrocha.

Depois de sua morte, caiu a tristeza sobre a terra, produzindo novas guerras e carestias. Veio sobre o mundo uma grande angústia, que Francisco, quando vivo, tinha sabido conter.

Seria isto um exagero contemporâneo, como foi feito por adeptos entusiasmados? Nunca se deixaram arrastar pelas próprias palavras. Mesmo em nosso tempo São Francisco é visto dessa maneira, De uma multidão de testemunhos, vamos apresentar apenas três, completamente independentes um do outro.

Nicolau Berjaiev, filósofo da religião, chamou São

Francisco, em sua autobiografia, de "a mais importante figura da história cristã". Tal julgamento tem tanto mais valor por ter sido feito por um pensador russo, que não pertencia à Igreja católica. De fato., não nos podemos ocupar suficientemente com a mais importante figura da história cristã, porque a cristandade não a assimilou em toda a sua profundidade.

E' semelhante o pensamento de Reinhold Schneider sobre São Francisco. Para ele, o Poverello foi escolhido para iniciar a realização da palavra. Sua característica mais profunda foi executar a palavra do Senhor: "O real e especificamente franciscano está na coragem diante do que é incondicional e de consequência lógica. De maneira alguma está em um novo modo de pensar ou em novos sentimentos, mas no fato de que uma vida foi vivida com a maior seriedade externa, partindo do Cristo, em obediência ao Cristo. Está na coragem inaudita do desejo de se transformar em Cristo no caminho de sua humilde imitação". Por isso Francisco é para o poeta uma resposta viva, personificada e obrigatória, que dá a resposta sobre a essência do cristianismo ocidental. Reinhold Schneider defrontou-se diversas vezes com o Poverello. Foi um poeta que conheceu como poucos homens, a "hora de São Francisco".

Também Julien Green, cujos romances profundos descrevem como o homem moderno está longe de Deus, anotou em seus diários clarividentes o conhecimento diretamente visionário: "Há alguns dias me pergunto se o Cristo, no tempo da vida de São Francisco, não nos deu pela segunda vez o Evangelho". Não resta outra coisa a dizer senão que se revelou em todas essas palavras um pressentimento da santidade de Francisco, que quer arrastar também o homem de hoje para o seu círculo luminoso.

O que os pensadores e poetas sentiram sobre São Francisco é belo e profundo ao mesmo tempo. Ele mesmo expressou sua alegria muitas vezes: "Às vezes pegava no chão um pedaço de pau, colocava-o sobre o braço esquerdo, pegava com a mão direita uma vara que servia de arco, e tocava sobre o pau como se estivesse tocando violino ou um instrumento semelhante. Movimentava-se ao mesmo tempo no ritmo correspondente e entoava uma canção francesa ao Senhor Jesus Cristo. Todas essas canções e danças acabavam em lágrimas e emoções, pensando em Cristo, e tudo se tornava pura

alegria. Esquecia o que tinha nas mãos e era arrebatado ao céu". Uma imagem maravilhosa, de beleza singular. Nessa cena sentimos palpavelmente uma áspera doçura e escutamos o pedido que nos é dirigido de tomarmos nas mãos o volino franciscano, para tocar para o mundo desorientado a quella canção antiquíssima, mas eternamente jovem, a que nenhum coração humano pode resistir.

POSSÍVEL QUESTIONAMENTO

1. Em que consistiu a luta de Francisco pela sua Ordem?
2. Quais os temores de Francisco em relação ao futuro de sua Ordem?
3. De que maneira devemos entender o contraste entre Francisco e Frei Elias?
4. Qual o segredo da extraordinária irradiação de São Francisco?
5. Qual o depoimento de Julien Green em seu diário sobre São Francisco?

Oitava Sessão

A MORTE DE SÃO FRANCISCO

Ottaviano Schmucki

INTRODUÇÃO - Nesse estudo da vida de Francisco, queremos seguir, passo a passo, os dois últimos anos de sua vida, isto é, o tempo que transcorreu entre o outubro de 1224 e o outubro do 1226. São os acontecimentos situados entre o milagre dos Estigmas e a morte. Numa primeira parte queremos descrever os acontecimentos desses dois anos, para, finalmente, descrever os últimos dias de sua vida.

*Primeira Parte:*ENTRE O ALVERNE E SUAS ÚLTIMAS DOENÇAS

Segundo São Boaventura a impressão das cinco chagas, em São Francisco, aconteceu "pela festa da exaltação da Santa Cruz (= 14 de setembro) em 1224, sobre o longínquo Monte Alverne" (LM 13,3). Esta experiência mística deu aos últimos anos de Francisco uma reviravolta decisiva. Antes de tudo, as cinco feridas, da qual a do peito foi a mais abetida e sangrenta, certamente foram para ele causa de contínuos e atrozes tormentos e o conduziram, pelo seu caráter de reprodução plástica, a uma constante e intensa comunhão com o Cristo crucificado. Por outro lado, como salienta Tomás de Celano, o Poverello, depois que voltou do Alverne, na festa de São Miguel (= 30 de setembro), "mais que nunca passou a sentir imenso amor pelas almas e se de insaciável de conquistá-las para Deus, que, não podendo mais caminhar sozinho, ia de aldeia em aldeia montado em um asno" (ICelano, 98). Suas precárias condições de saúde não o impediram efetuar uma viagem de pregação itinerante, provavelmente nos lugares próximos à Umbria.

Uma outra característica que contradistingue os últimos anos de vida de São Francisco, é seu esforço para dissimular a existência de suas chagas místicas: "... não apenas aos estranhos queria ocultar aquele prodígio, mas o mantinha escondido cautelosamente também aos amigos, de tal forma que mesmo seus discípulos mais íntimos e mais devotos o ignoraram por muito tempo" (ICelano, 95,73). O santo fundador evitou com diligência qualquer aparência mínima de exibicionismo religioso, para que o "louvor dos homens não lhe roubasse a graça celeste" (ICelano 73 e 107). Os estigmas das mãos e dos pés, pela sua posição exposta, inevitavelmente foram vistos, durante sua vida natural, por vários freis e personalidades estranhas à Ordem. No entanto as precauções de Francisco foram totalmente engenhosas que conseguiu ocultar a ferida do peito quase totalmente. Só com um estratagema Frei Elías conseguiu superar a bar-

reira de sua inflexível reserva, quando se ofereceu para lavar a túnica empoeirada (2Celano 138).

Mais que nunca, neste lapso de tempo, as "irmãs doenças" foram suas fidelíssimas companheiras. O ano 1224 foi o ano em que sua saúde começou a declinar rapidamente. Além da malária crônica, da qual vinha sofrendo havia anos, com conseqüente anemia grave, sofria do fígado que inchava espantosamente. Retornado do Oriente, no ano 1220, lá contraiu o "morbus aegyptius", ou tracoma, isto é, uma grave inflamação da mucosa conjuntival. Devido a uma alimentação irregular e inadequada, desde sua conversão, contraiu uma doença do estômago e de todo o aparelho digestivo.

Sobre esse pano de fundo patográfico assume o necessário destaque tudo quanto as fontes antigas relataram sobre as origens do Cântico do Irmão Sol. Piorando progressivamente a doença dos olhos, o superior da Ordem, Frei Elias, exigiu que Francisco se deixasse tratar por médicos, provavelmente em Assis mesmo (1Celano 98,75). Mas sendo que Francisco não conseguiu melhorar em nada com tratamento médico, Frei Elias, talvez por conselho do Cardeal Ugo lino, decidiu enviá-lo a Rieti, afim de que se tratasse com um médico famoso daquela cidade.

Antes de iniciar essa viagem, Francisco foi a São Da mião, a fim de saudar e confortar Clara e suas irmãs. Chegado ali foi de tal modo atacado de conjuntivite tracomatosa, que não pôde mover-se de forma alguma. À quase total cegueira, como conseqüência de granulações da córnea, uniam-se insuportáveis dores de cabeça, insônia e total intolerância à luz, tanto que não podia suportar nem o sol e nem o clarão do "irmão fogo" de uma tocha pequena. Por mais de cinquenta dias ficou deitado num quarto escuro, ao abrigo de qualquer restia luminosa. Este ambiente apertado, improvisado talvez com palha, foi aprontado pelos freis que davam assistência a Santa Clara e suas irmãs, junto ao mosteiro delas. E como se não bastasse a molestia contínua de seus males físicos, era atormentado, dia e noite, por esquadões de ratos que faziam todas as manobras em cima e ao redor de sua cama. Quase esmagado por um acúmulo de sofrimentos, o Poverello também sentiu a tentação do desânimo. Por isso, pediu a Deus insistentemente, que o ajudasse a suportar com paciência suas dores. Numa alocução mística, Deus lhe assegurou com firmeza que estava próximo o dia de seu prêmio celestial. Num júbilo

extático, brotou, então, de seu coração, o Cântico das Criaturas. E' impressionante notar que o Santo, quase cego, louvou a Deus com todas as suas criaturas, "especialmente pelo Senhor Irmão Sol".

Pouco depois da composição poética e musical do Cântico sobre os quatro elementos: luz, ar, água, terra, quem sabe ainda na cela de São Damião, Francisco ouviu falar do escândalo que se verificara em Assis, em consequência da discórdia entre o Bispo Guido II e o Prefeito da cidade. Sendo que ninguém, nem entre os clérigos e nem entre os leigos, se dispôs a restabelecer a paz entre os dois contendentes, Francisco acresceu ao seu Cântico a estrofe do perdão. Em seguida, mandou um de seus freis convocar o prefeito e os nobres da cidade diante do palácio do Bispo. E a outros dois freis encarregou que cantassem o "Cântico do Irmão Sol", nutrindo firme esperança de que Deus haveria de tornar humildes os dois corações, e prontos para se reconciliarem.

Aos numerosos espectadores assisienses afluídos junto à praça do Episcopado, ofereceu-se um espetáculo de rara dramaticidade. Os dois antagonistas da controvérsia se colocaram frente a frente, sob os olhares curiosos do público. O colérico e rico Bispo de Assis havia excomungado o Prefeito Oportulo, enquanto este, como defensor não menos decidido dos direitos citadinos, como réplica, havia proibido aos cidadãos qualquer comércio com o Bispo.

Dois trovadores entoaram o cântico, cantando com particular destaque a estrofe da paz, composta expressamente para esta ocasião. Com palavras de grande simplicidade, Francisco propunha aos dois protagonistas da contenda o ideal evangélico do perdão por amor do Senhor e da tolerância paciente frente à qualquer adversidade. E' significativo que a pacificação eminentemente religiosa tenha conseguido seu objetivo plenamente e imediatamente, sem que precedessem tentativas de mediação e propostas de compromissos.

Provavelmente no mês de junho de 1225, os companheiros conseguiram fazer Francisco montar um cavalo, para chegar a Rieti. Francisco se achava profundamente enfermo. Cuidando para defender os olhos contra os raios do sol, colocaram-lhe na cabeça um grande capuz, que lhe cobria totalmente o rosto. Podemos imaginar os esforços que foram feitos para transportar, numa viagem tão longa, um pacien

te que já se achava às portas da morte. Socorrido, provavelmente, sobre o arreio; por dois companheiros, um de cada lado do cavalo, Francisco chegou à cidade de Rieti, e daí se recolheu ao ermitério de Fonte Colombo, extenuado. Um cirurgião prático realizou, com ferro em brasa, a temível operação da cauterização dos vasos sanguíneos entre a orelha e a sobrançelha, afim de estagnar o líquido inflamatório "que dia e noite lhe corria dos olhos". Já conhecemos o colóquio de Francisco com o fogo, antes da intervenção. Pediu-lhe fosse gentil e mitigasse o seu calor.

A intervenção cirúrgica, embora fosse indicada para bloquear o tracoma, não adiantou em nada, porque efetuada demais tardiamente e num corpo extenuado pela enfermidade e por uma vida por demais austera. Na viagem de retorno, ao longo do caminho Francisco viu em visão três mulheres muito semelhantes na aparência externa, o que lhe pareceu, por um momento, ter recuperado a capacidade visiva. Mas, nesta visão, teve a impressão que se tratava apenas de uma pessoa sob forma triplicada. As três mulheres lhe dirigiram simultaneamente a mesma saudação: "Salve Senhora Pobreza". Pensando que se tratassem de pessoas necessitadas de auxílio, Francisco rogou ao médico que o acompanhava na viagem, que lhes oferece, pelo amor de Deus, uma esmola. Olhando para traz, não viram a mais ninguém. (2Celano, 93). Tanto o número trino das pessoas que apareceram como a sua passagem inadvertida, na experiência mística, do plano real para o plano visionário, lembram espontaneamente a teofania feita a Abraão sob a forma de três homens (Gen. 18,1-15). A narrativa, circunstanciada dessa forma, nos faz pensar de imediato no papel dominante da pobreza, no espírito e na vida franciscana, quando considerada como desapego interior de qualquer atitude possessiva perante qualquer bem. Esta pobreza, que quase por antonomásia se encarnou em São Francisco, constitui a alma tanto da obediência como do celibato consagrado a Deus.

Podemos considerar que há um nexu causal entre esta experiência mística e o grande destaque que a pobreza assume no assim chamado "Pequeno Testamento de Siena. Tomás de Celano nos dá exatamente o quadro histórico: "Seis meses antes do dia da morte (= mais ou menos em abril de 1226), achando-se Francisco em Siena para o tratamento dos olhos, começou a adoecer gravemente em todo o corpo.

E, enfraquecendo-se o estômago pela longa enfermidade, e tendo um ataque de fígado, teve abundantes vômitos de sangue, tanto que parecia morrer de imediato. A esta notícia Frei Eliás acorreu apressadamente, vindo de longe. Chegando a Siena, vendo Francisco que parecia morrer, Frei Eliás pediu-lhe que o abençoasse, e que manifestasse para a Ordem as suas últimas vontades. Francisco, então, teria ditado essas palavras: "Não posso falar pela fraqueza e a dor do mal. Mas resumo a minha vontade, para os freis, estas três recomendações: em lembrança de minha bênção e do testamento que deixo, amem-se e se respeitem mutuamente, amem e observem sempre a nossa Senhora Santa Pobreza, sejam fiéis e submissos aos prelados e todos os clérigos da Santa Igreja".

Este Testamento, pelo seu conteúdo e pela sua desencarnada essencialidade, traz com certeza o selo da autenticidade, ao menos no seu conjunto. Põe em destaque o acento sobre o amor fraterno como inabalável fundamento da vida minorítica, a insistência sobre a pobreza, e, finalmente, a importância atribuída ao senso eminentemente eclesial de sua Fraternidade.

Após ligeira recuperação em Siena, foi transportado para Celle di Cortona. Durante a viagem encontrou um pobre. Dirigindo-se ao companheiro que cuidava dele, Francisco lhe disse: "É necessário, irmão, que doemos a este pobre o manto que lhe pertence". Nós o recebemos emprestado até o momento em que encontrássemos alguém mais necessitado do que nós". Consciente do quanto o enfermo também tivesse necessidade, o irmão se opôs com decisão. Movendo-se numa linha de raciocínio, que põe em clara evidência uma concepção incrivelmente radical do ônus social de todo e qualquer bem concedido ao uso humano, Francisco replica: "Não quero ser um ladrão; seria um roubo se não dêssemos o manto a quem tem mais necessidade que nós". Fato semelhante aconteceu também no ermitério das Celas de Cortona, onde o Santo "restituiu" o novo manto, apenas recebido da generosidade de um benfeitor, dando-o a um pobre ao qual morrera a mulher deixando a família na consternação e na miséria. (2Celano 88). Com sua habitual profundidade de teólogo, São Boaventura comenta: "Sendo que ele mesmo, fiel seguidor da pobreza evangélica, via em todos os pobres a imagem de Cristo, não só dava aos pobres que encontrava as coisas que recebera para sua necessidade pessoal,

mas achava que essas coisas deviam ser "restituídas" aos pobres, como se fossem propriedade dos pobres.

Pouco tempo depois, entretanto, incharam profundamente a barriga, as pernas e os pés, e o mal do estômago chegou a tal ponto que não podia engulir mais nada. Então pediu a Frei Elias que o levassem a Assis, e Elias concordou. Tomou todas as providências e ele mesmo o acompanhou. À notícia da chegada de Francisco, toda a cidade se alegrou, e na boca do povo ressoavam os louvores de Deus, porque todos sabiam que aquele Santo havia de morrer ali, na sua cidade. Esta era a causa de sua exultação. Para compreender o motivo dessa estranha alegria do povo ao ver chegar a Assis o famoso cidadão moribundo, é preciso ter presente o extraordinário culto que na Idade Média se atribuía às relíquias dos santos. É claro que no meio disso haviam preocupações muito materiais. Por isso se desejava ardentemente que a morte do santo acontecesse dentro dos muros da própria cidade. Por esse motivo as autoridades de Assis tomavam as necessárias providências para garantir que o desembarque do Poverello acontecesse dentro do território da cidade e que assim a grande Rival, Perúgia, não pudesse arrebatá-lo os sagrados despojos.

Segunda parte:

ENTRE AS ÚLTIMAS DOENÇAS E A MORTE

Para evitar o intenso calor dos meses de verão, provavelmente no início de julho de 1226, Francisco foi levado de Santa Maria dos Anjos para Nocera Umbra, numa região conhecida pela sanidade do ar e da água. Mas, logo em seguida, o agravamento dos fenômenos patológicos pelo acréscimo da hidropisia nos pés e nas costas, pôs em alarme os Assisenses. O Prefeito Berlinguero mandou, então,

uma solene caravana de cavaleiros para ir buscá-lo e escoltá-lo. Durante o lento e trabalhoso transporte, a comitiva passava perto do Castelo de Satriano. Sentindo fome, os cavaleiros procuravam nas casas da redondeza algo para comprar, e se lamentaram disso a Francisco. Então Francisco lhes disse que fossem pelas casas pedir esmola "pelo amor de Deus", e que não confiassem nas suas moscas. Assim denominava o dinheiro. "Não vos envergonheis porque, depois do pecado, qualquer bem nos é concedido por esmola, e o grande Esmoleiro dá com clemente generosidade a quem merece e a quem não merece". (2Celano 77).

Em Assis, Francisco foi alojado num quarto na casa do Bispo, porque estava tão esgotado que não podia mover-se de modo algum. O povo de Assis temia que Francisco morresse durante a noite, e os frades, sem eles saberem o transportassem para outra cidade. Por conseguinte deliberaram que, todas as noites, Francisco fosse vigiado por guardas, fora e dentro dos muros do palácio.

A partir do momento que Francisco percebeu que sua hora havia chegado, encheu-se de incrível alegria. Diz um escritor: "Francisco, embora gravemente enfermo, para a alegria de seu espírito, a fim de que não se abatesse com tantos sofrimentos, muitas vezes, durante o dia, pedia aos companheiros que cantassem as cantigas que ele havia composto. O mesmo fazia durante a noite, para alegrar a escolta que ali estava para guardar o palácio. Vendo isso, Frei Elias houve por bem advértilo que, pelo fato de ser tido como santo, e por causa da grave doença que sofria, não era oportuno que se abandonasse a tanta alegria, em vez de ficar pensando na morte que se aproximava. Foi significativa a resposta do enfermo: "Te lembras da visão que, há dois anos, tiveste em Spoleto, quando te foi dito que eu não veria além de dois anos? Pois bem, até pouco tempo, por graça do Espírito Santo que inspira todo o bem no coração e o faz florescer sobre os lábios de seus fiéis, eu, muitas vezes, pensei no meu fim. Agora deixa, irmão, que na minha enfermidade eu me abandone à alegria do Senhor e ao canto dos seus louvores, porque pela graça do Espírito Santo estou totalmente unido ao meu Deus, que, por essa sua graça, posso, verdadeiramente, me alegrar nele".

No mês de setembro Francisco elaborou o seu Testamento, com o auxílio de companheiros mais íntimos. Nesse Tes-

tamento ele traçou, com rápidos acenos, as principais fases de sua conversão conforme a forma do Santo Evangelho, partindo da heróica renúncia de si quando beijou o leproso, até a saudação evangélica: "O Senhor te dê a paz".

Uma amizade toda especial Francisco nutria por Frei Leão. Uma última prova de afeto deu a este amigo quando, ainda no palácio do Bispo, doou-lhe a própria túnica, ou hábito. Intuiu aí um secreto desejo que o irmão não conseguiu manifestar-lhe. Francisco comentou com disposição testamentária nestes termos: "Te presenteio esta túnica; toma-a, e seja tua em seguida; eu a levarei enquanto viver, mas depois de minha morte deverá ficar contigo." (2Celano, 51).

Quando ainda jazia imóvel no palácio episcopal, foi visitado pelo médico de Arezzo, seu grande amigo. Interrogou o médico sobre o próprio estado de saúde. O médico procurou dar uma resposta evasiva, mas Francisco insistiu que dissesse toda a verdade: "Com o auxílio do Senhor, por sua misericórdia e graça estou conformado com o que Deus quer de mim, que me sinto feliz se viver, como me sinto feliz se morrer". Então, o médico não hesitou em dizer-lhe: "Pai, de acordo com a arte médica o teu mal é incurável: morrerás ou pelo fim de setembro ou início de outubro". Francisco estava estendido sobre o leito, mas levantou os braços e as mãos com grande devoção e reverência ao Senhor, exclamando no ímpeto da alegria do espírito e da carne: "Vem, irmã morte!"

Chamou Frei Ângelo e Frei Leão para que cantassem o Cântico do Irmão Sol, ao qual acrescentou a estrofe da Irmã Morte. Em seguida pediu perdão ao "irmão corpo", reconhecendo que havia sido muito rigoroso com ele: "alegrate, irmão corpo, e perdoa-me".

A consciência de uma missão religiosa particular em relação aos seus filhos, explica a frequência e a intensidade com que os abençoou antes de deixá-los: "E quando viu iminente o último dia, chamou a si os irmãos aos quais desejava ver, e a cada um, conforme lhe era indicado pelo céu, como outrora fizera Jacó com seus filhos, deu-lhes a bênção, ou como outro Moisés no momento em que ia subir o monte indicado por Deus, enriqueceu de bênçãos aos filhos de Israel" (1Cel 108). "Chamou a todos os

irmãos que se achavam na redondeza, e, confortando-os com palavras consoladoras pela dor que iriam experimentar por causa de sua morte, com afeto de pai os exortou ao amor divino. Falou-lhes longamente sobre a paciência e a observância da pobreza, e recomendando o Santo Evangelho a ser seguido para lá de qualquer outra constituição. Todos os irmãos o cercavam, e ele, começando por Frei Elias, impôs as mãos sobre as cabeças de todos"... abençoou os que estavam presentes e a todos os demais espalhados pelo mundo, bem como aqueles que seriam seus discípulos até o fim dos séculos (2Celano 216).

Nos fins de setembro percebeu-se que de uma hora para a outra Francisco iria morrer. Então Francisco rogou que o transportassem com urgência à Porciúncula (* estava ainda no Palácio do Bispo), porque desejava entregar sua alma a Deus lá onde pela primeira vez conheceu perfeitamente o caminho da verdade. (1Celano, 108). Enquanto o transportavam numa padiola, ele, quase cego, ao chegarem à altura do Hospital de São Salvador delle Pareti, pediu que o voltassem na direção de Assis, para abençoar sua cidade com uma comovente prece a Cristo.

Na Porciúncula foi alojado em uma pequena cabana ao lado do santuário. Durante a vida, inúmeras vezes recomendara insistentemente que a Porciúncula fosse considerada como berço da Ordem Franciscana. Na presença do Ministro Geral, teria dito: "Quero ordenar e deixar aos Freis em testamento que o lugar de Santa Maria da Porciúncula, seja tido por eles em grande reverência e devoção". Tomas de Celano completa o quadro trazendo a recomendação de Francisco: "Guardai-vos, filhos meus, de abandonar esse lugar; se vos expulsarem de um lado, entrai pelo outro; porque este lugar é verdadeiramente santo, e habitação de Deus" (1Celano 106).

Junto ao santuário de Maria, onde "concebeu e gerou... pelos méritos desta Mãe de misericórdia, o verdadeiro espírito do Santo Evangelho" (LM 3,1), em íntima união com Cristo crucificado, o martírio de suas "irmãs enfermidades". (2Celano, 212). Na absoluta pobreza de sua cela, improvisada como enfermaria, num dos últimos dias pediu que o despissem (2Celano 214) e o deusessem sobre um cilício, isto é, um grosso couro de cabra, sobre o qual espalharam cinza, numa forma de cruz. De acordo com seu talento poético, quis se unir numa ação cênico-simbólica, a Cristo na cruz, na

na sua extrema pobreza. "Colocado assim sobre a terra, despojado do hábito de saco, levantou, como de costume, os olhos para o céu, e assim voltado com todo o seu espírito para aquela glória, com a esquerda cobriu a ferida do lado direito para que não a visse. E disse aos irmãos que estavam presentes: Cumprí meu dever; Cristo vos ensine o que resta para fazer" (2Celano 214).

Frei Angelo Tancredi, que estava presente, compreendendo o motivo pelo qual Francisco quisera ser despojado, tomou uma túnica e disse: "Saiba, Francisco, que esta túnica e estas roupas eu as empresto para que as uses, por santa obediência. Mas, para que saibas que não tens nenhum direito sobre as mesmas, eu proibo dá-las a quem quer que seja". E Francisco se alegrou muito, percebendo que, até o fim, pode ser fidelíssimo à Senhora Pobreza.

Depois de uma noite de insônia, devido a uma crise agudíssima de suas doenças - isso aconteceu provavelmente na sexta-feira do 25 de setembro - Francisco, acreditando que fosse quinta-feira, quis imitar também a última ceia. Pediu que lessem o Evangelho da loção dos pés (Jo 13,1-5). Em seguida pediu que lhe trouxessem pães, e os abençoou, e pediu que os partissem e distribuíssem entre os presentes. Da mesma forma que o Senhor quis comer com os Apóstolos, na quinta-feira antes de sua morte, assim todos compreenderam que Francisco, antes de sua morte, os quis abençoar, e neles quis abençoar a todos os seus irmãos, e que comessem o pão abençoado também em nome de todos os demais que não estavam presentes.

Na última semana da vida de Francisco, isto é, entre o sábado à tarde do dia 26 de setembro e o sábado à tarde do dia 3 de outubro, Jacqueline de Setessoli, da família Normanni, juntamente com seu Filho João e grande comitiva, veio de Roma à porciúcula para ver pela última vez seu amigo que morria. O próprio Francisco já havia advertido seus companheiros, que notificassem à Sra. Jacqueline seu estado de saúde, e pediu que ela viesse e que trouxesse, além das coisas necessárias ao seu sepultamento, aquele tipo de torta feita com amêndoas que ela costumava fazer quando o recebia em Roma. Jacqueline Frangipani de Setessoli era rica viúva de Roma, uma das grandes amigas de São Francisco, que se convertera ao ouvir a sua pregação.

Quando a carta já estava escrita, e os irmãos se preparavam para partir levando a notícia à Sra. Jacqueline, eis que ela apareceu na porciúncula, com sua numerosa comitiva, trazendo exatamente aquilo que Francisco acabava de pedir que trouxesse. Sabendo que acabava de chegar, Francisco exclamou: "Bendito seja Deus que mandou-nos nossa irmã, a Senhora Jacqueline. Abri a porta, disse ele, e fazei-a entrar, porque para a Senhora Jacqueline não existe a lei da clausura que vale para as outras mulheres". (2Celano 37). Jacqueline trazia consigo tudo o que era necessário ao enterro de Francisco, e a famosa torta de que ele tanto gostava. Francisco, porém, não pôde comê-la devido ao estado de saúde de seu estômago. Após a morte de Francisco, Jacqueline foi uma das primeiras testemunhas a constatar a maravilha das chagas de Cristo sobre o corpo de Francisco.

Uma outra prova de sua grande sensibilidade, além de uma atitude sadiamente humana e equilibrada é constituída pela carta que Francisco, nos últimos dias da vida, envia a Clara. Clara também se achava gravemente doente, tanto que temia morrer antes de Francisco, estava desconsolada, pensando que não veria mais o rosto do seu "único pai depois de Deus". Quando Francisco soube da aflição de Clara, comoveu-se no amor paterno que sentia por ela e por suas irmãs que levavam uma vida santa. Porque não podia mover-se a fim de ir consolá-la pessoalmente, mandou-lhe uma carta com sua bênção. E predisse que ela e suas irmãs iriam poder vê-lo depois de morto.

No mesmo dia em que Jacqueline de Setessoli se pôs a preparar a sua torta, Francisco recordou-se principalmente de Frei Bernardo de Quintavalle, que foi seu primeiro companheiro, isto é, o primeiro que, juntamente com ele começou a vida evangélica, distribuindo aos pobres os seus bens. Pediu que trouxessem Frei Bernardo à sua presença. Bernardo se ajoelhou e disse: Pai, peço que me dês a bênção em sinal de amor. Francisco, que não enxergava mais nada, por engano levou a mão à cabeça de Frei Egídio, mas logo percebeu o engano e disse: Não, esta não é a cabeça de Frei Bernardo. Então pediu que Bernardo chegasse mais perto, e lhe deu uma bênção especial. E pediu que ascrevessem um bilhete, no qual pediu a todos que sempre reverenciassem Frei Bernardo e o tivessem em grande estima, porque e havia sido seu primeiro companheiro.

Não sabemos em que momento Francisco terá recebido os últimos sacramentos. Tomás de Celano apenas nota que ele comungava "com muita frequência, e nutria fortíssima devoção pelo sacramento do Corpo de Cristo, e lhe oferecia o sacrifício de todos os seus membros. Recebendo o cordeiro imolado, imolava o espírito naquele fogo que sempre ardia sobre o altar de seu coração" (2Celano 201).

Consta também que o salmo 141 foi a prece que recitou na sua agonia. Num dos últimos dias de sua peregrinação terrena, percebendo o "aproximar-se da verdadeira vida", com voz fraca entoou este salmo (Celano I,109). Desde sua juventude os salmos haviam se tornado o alimento habitual de sua alma. No seu último amadurecimento para a glória celeste, o salmo 141 é um momento significativo que revela, em uma expressiva antinomia, a angústia da agonia, à qual nem ele foi poupado, e a inabalável confiança colocada em Deus, seu refúgio, bem como sua serena expectativa da glória celeste.

Consta também que nos últimos dias de sua vida, chamou dois companheiros mais íntimos, para que cantassem com "voz alta e júbilo de espírito" o Cântico do Irmão Sol, juntamente com a estrofe da irmã morte (1Celano 109). Nesses novos versos da irmã morte, Francisco alcançou o vértice de uma visão mística da morte. Chama-a irmã e hóspede alviçareira, porque, vivida assim, se transforma em porta e ponte para a vida eterna (2Celano 217).

Num dos últimos instantes, um dos freis presentes, - provavelmente Frei Elias - assaz amado pelo santo, muito solícito de todos os freis, vendo aproximar-se o fim, disse-lhe: "Pai amoroso, os filhos já estão para ficar privados da luz dos teus olhos. Lembra-te, portanto, dos órfãos que estás para deixar, perdoa-lhes todas as culpas, e conforta-os, aos presentes e ausentes, com tua santa bênção". E Francisco: "Sim, Filho, estou sendo chamado por Deus. Aos meus irmãos, presentes e ausentes, perdoa-lhes todas as ofensas e pecados, e no quanto me é possível, os absolvo. E tu, comunicando isso, abençoa-os por mim" (1Celano 109).

O "homem apostólico", Francisco, morreu no sábado à tarde do dia 3 de outubro de 1226, depois que transcorreram vinte anos em que se unira perfeitamente a Cristo, seguindo o exemplo dos apóstolos (1Celano 88).

A "Legenda dos três companheiros", comentando sua morte, diz: "Este santo trabalhara muito na vinha do Senhor. Seu zelo e seu fervor se manifestaram nas orações, nos jejuns, nas pregações e viagens apostólicas, no cuidado e compaixão com o próximo e na renúncia a si mesmo, e isto desde o início de sua conversão, até seu retorno a Cristo" (n. 68).

O decorrer de sete séculos não conseguiu apagar a estima universal do seu tempo ou a esgotar o patrimônio espiritual daquele que morreu como viveu, num absoluto despreendimento de todos os bens terrenos, numa espécie de estático abandono à Providência divina.

Morto Francisco, naturalmente todo o mundo se concentrou estupefacto na contemplação do milagre dos estigmas. O cadáver de Francisco, que num primeiro momento apresentou o enrigescimento próprio da morte, logo depois mudou extraordinariamente, ficando-lhe os membros completamente flexíveis (1Celano 112), e aos numerosos expectadores apresentou a "imagem da cruz e do Cordeiro imaculado". Com aqueles sinais de martírio, numa carne que se tornara candida, Francisco parecia que "recentemente havia sido tirado da cruz" (Celano I, 112), e preanunciava o mistério da ressurreição (São Boaventura).

Outro fato: apenas Francisco morrera, e um bando de Cotovias começou a sobrevoar o lugar em que jazia seu cadáver, embora já começasse a cair a noite. Diz Celano que as cotovias cantavam um canto que tinha ao mesmo tempo um significado de pranto e de jubiloso lamento, porque choravam os filhos órfãos, mas saudavam o pai que se aproximava da glória eterna (2Celano 32).

No domingo pela manhã o corpo foi posto numa caixa mortuária. A multidão do povo de Assis com todo o Clero, veio buscar o corpo de Francisco, e o transportaram para a cidade no meio de hinos e toques de trombetas. Os participantes da procissão levavam ramos de oliveira, e cantavam louvores em alta voz (1Celano 116). Não era um cortejo fúnebre, mas uma procissão triunfal.

Quando o cortejo se aproximou do mosteiro de Santa Clara, a grade de ferro da janela foi removida, e por ali as servas de Cristo, Clara e suas irmãs, puderam contemplar o rosto de seu pai morto.

Seu corpo foi sepultado na Igreja de São Jorge, Igreja de sua família, na mesma Igreja onde aprendeu a ler, e onde iniciou sua pregação, e onde mais tarde, no dia 12 de agosto de 1254, foi sepultado também o corpo de Clara, a mais fiel entre todas as discípulas de Francisco.

Terceira Parte:

LIÇÕES DA MORTE DE SÃO FRANCISCO

Após termos reconstituído os acontecimentos principais que se desenvolveram entre o Alverno e a morte do Poverello, busquemos aprender algumas lições que nos são dadas no ocaso de sua vida terrena.

1. O que à primeira vista mais nos impressiona é o VIGOR com que um doente, em condições de rápido declínio das forças físicas, realizava A SUA MISSÃO RELIGIOSA. Quem é atacado por um mal incurável, do qual é informado plenamente, e quem fica por longo tempo pregado ao leito condicionando a liberdade dos outros, facilmente perde o ânimo. Este perigo, para Francisco, foi tanto mais agudo quanto mais os seus males prostravam suas forças físicas com inevitáveis repercussões psíquicas. Basta pensar na cegueira devido ao tracoma crônico e nos males colaterais da malária, da anemia, o tumor splênico e hepático, a falta de apetite, a digestão irregular, as frequentes hemorragias do nariz e das gengivas. Por isso nos surpreende a imutável força de ânimo com que Ele, em meio a imanes sofrimentos, vivia sua vocação evangélica e exercia sua função de fundador. Neste sentido é particularmente iluminante o testemunho do biógrafo. Francisco, enfermo, "propunha-se fazer coisas extraordinárias sob a guia de Cristo, e enquanto seus membros iam se dissolvendo e o corpo se extenuava, esperava conseguir na nova luta um novo triunfo. A verdadeira virtude, realmente, não conhece limite no tempo, quando espera o prêmio eterno" (Celano 103).

O mesmo Tomás de Celano destaca uma atitude que é tí

pica dos que morrem, isto é, a de fixar o olhar do espírito no longínquo passado: "Ardia, por isso, no desejo de retornar ao início humilde de sua fundação." Com esforço particular buscava a serenidade interior, vencendo qualquer preocupação terrena ou busca ansiosa. Voltando-se para os seus filhos, disse: "Irmãos, comecemos a servir o Senhor Deus, porque até agora fizemos ainda muito pouco". Celano acrescenta: "Não acreditava que havia alcançado a meta, e infatigável nos seus propósitos de renovação, esperava sempre começar de novo" (Celano 103).

O Poverello, no final de sua vida, não achava que havia chegado. Irresistível impulso interior o impelia a se aproximar sempre mais do ideal de sua vocação carismática, isto é, de viver como peregrino do Absoluto, de fazer com que Cristo totalmente transparecesse nele ao ponto de se tornar de Cristo um símbolo vivo e diáfano, sem deixar de se abrir para todas as criaturas com amor puro e fraterno.

2. AS ÚLTIMAS DISPOSIÇÕES DE UM MORIBUNDO exigem a máxima fidelidade de execução por parte daqueles aos quais é dirigida. Por isso o Testamento de São Francisco deve constituir, para todos nós, seus filhos, objeto das mais sérias reflexões. Ele traz o programa religioso primitivo da Orde. Francisco deixa sua bênção paterna e estipula uma aliança de perene amor com todos aqueles que, dentre seus filhos e filhas, na sua vida, se inspirarem no TESTAMENTO.

O TESTAMENTO de São Francisco, portanto, é um documento religioso de valor inestimável, porque completa e ilumina os traços que caracterizam o carisma franciscano. No Testamento percebemos claramente, o papel central do mistério eucarístico, na piedade e no ministério apostólico dos discípulos de Francisco.

Em seguida, o Testamento deixa transparecer nitidamente um esquisito senso eclesial. Ele viveu com insuperável profundidade e coerência a comunhão eclesial. Em nenhum escrito de Francisco, em nenhum momento de sua vida, em nenhuma das palavras proferidas por seus lábios encontramos um traço sequer de crítica ou contestação a respeito da autoridade eclesiástica, embora não faltassem, certamente, naquela época, clamorosos abusos de poder espiritual por parte de bispos e sacerdotes. Francisco se concentrava unicamente no radicalismo de uma vida de plena conformidade

com as exigências do Evangelho. Linguagem de força persuasiva, que era verdadeiramente difícil de ouvir.

Em nosso mundo, após o Concílio, se tornou moda o colocar incessantemente sobre o banco dos réus o Papa e os Bispos, contestar tudo aquilo que ressentia autoridade e obediência eclesiais.

3. Nos últimos anos de vida do Poverello, sobressai-se indubitavelmente o fator SOFRIMENTO FÍSICO EM DEPENDÊNCIA DE MULTIPLAS E GRAVES DOENÇAS. Os ataques do tracoma provocaram-lhe cefaléia e pressão no bulbo ocular quase insuportáveis e não mitigadas por nenhum remédio. Repetidas recaídas na febre malárica, junto com a consequente dispêpsia, o enfraqueceram enormemente. O fato de Francisco, em meio a dores lancinantes, numa imobilidade total e numa dependência humilhante da total assistência dos companheiros, permanecer alegre, denominando suas enfermidades, não cruces, mas irmãs, constituiu um dos máximos motivos de sua grandeza moral. Atraz dessa atitude - rara - não se ocultou uma procura malsã da dor em si mesma.

De todo o contexto dos últimos dois anos de vida, resulta que Francisco viveu o martírio das suas enfermidades em íntima união com Cristo crucificado. O suportar pacientemente os extenuantes sofrimentos o fez participante da obra salvífica de Jesus. Certo dia um religioso perguntou qual sofrimento preferia ele, se a sua enfermidade ou um martírio cruento. Francisco teria respondido assim: "Meu filho, para mim sempre é mais doce, mais caro, mais agradável aquilo que estiver de conformidade com o Senhor Deus a meu respeito. Mas se eu devesse olhar não o prêmio e sim apenas para o espasmo desse sofrimento, parece-me que este é muito mais atroz que qualquer outro martírio".

E um agiógrafo comenta: "Ó duas vezes mártir, que, sorrindo, suportava tudo o que a todos parecia doloríssimo ver! De fato, não havia nele mais nenhum membro que não fosse atormentado pela dor, e cada dia, perdendo gradativamente o calor natural, avizinhou-se dos extremos. Os médicos ficavam estupefactos, os frades se admiravam, de que forma o espírito pudesse ainda viver naquela carne já morta" (Celano 107).

Numa época em que a saúde é considerada como único netro da vida, e não se exita em sustentar a legítima eu

tanãsia ativa no caso de doenças incuráveis, não é fácil fazer valer o ensinamento espiritual de Francisco enfermo. Esse seu ensinamento, entretanto, possui sua perene atualidade. A experiência dolorosa de doença se torna "irmã" para aqueles que, em íntima comunhão com o Redentor e em confiante expectativa do prêmio eterno, suportam pacientemente a própria impotência e o próprio sofrimento, considerando-o como meio de purificações interiores, além de espiritual enriquecimento em favor dos membros do Corpo místico de Cristo.

Francisco teve o conforto de ser assistido por companheiros muito afeiçoados, como Ângelo Tancredi, Rufino de Assis, Leão e, provavelmente, João "De Laudibus", os quais, amorosamente, com cuidado incessante, protegeram o repouso de espírito de seu Pai, cuidavam de sua doença corporal sem levar em conta o aborrecimento ou a fadiga. O próprio Francisco, no início de sua conversão, havia se dedicado aos "leprosos" servindo-os em todas as suas necessidades por amor de Deus, lavando seus corpos em esfecelamento e limpando a matéria das chagas" (1Celano 17).

A assistência espiritual e corporal dos enfermos deve ser considerada como um trabalho típico dos discípulos de São Francisco,.

4. Nessa mesma perspectiva podemos pensar na VISÃO MÍSTICA DA MORTE DO POVERELLO. Ele não sofre numa forma de fatalismo, mas vive alegremente a própria morte, tornando-se o protagonista e transformando-a em louvor divino. Não apenas quis ser informado sobre a gravidade de seu mal, mas viveu a cada momento o aproximar-se de seu trânsito em primeira pessoa. A série de ações simbólicas, especialmente da última ceia, demonstra que Francisco, nos últimos dias, experimentava uma íntima participação na morte de Cristo.

Uma outra característica do morrer de Francisco é constituída pela imensa alegria e esperança com que aguardou a hora suprema. Não ignora ele que a morte é uma passagem temível. Mas, olhando intensamente para o ponto de chegada e tendendo sempre mais para lá, o enfermo quase olvida a temível passagem. A morte, de ameaça, se transforma em amiga, porque acompanha através o portão que abre acesso ao gáudio infinito e interminável.

A mensagem que de Francisco que morre chega aos cris-

tãos de hoje é mais que atual. Diante da evasão e da conjura do silêncio em relação ao fenômeno "morte" é preciso renovar o alegre anúncio da morte cristã como confiante passagem do estado de peregrinos trerrenos para a pátria celeste. É uma inqualificável injustiça que uma ciência mēda em contínjos progressos deixa que tantos homens contemporâneos encerrem a vida na inconsciência e clandestinidade, com um decesso puramente biológico, que que possam viver pessoalmente esse acontecimento. Da experiência de Francisco deverá surgir para seus filhos um forte impulso para assumir com plena consciência e alegria cristã o mistério da própria morte, e a ajudar válidamente os irmãos para que consigam viver seu passamento para a vida eterna como sua "opção final", isto é, que respondendo ao apelo da graça, dêem à própria vida, no momento de concluí-la, uma determinação definitiva, abrindo-se totalmente para Deus.

Sendo que o carisma franciscano é essencialmente caracterizado pelo ideal do êxodo e do exílio, o momento decisivo da morte oferece incomparável dom de viver este espírito até o fundo.

POSSIVEL QUESTIONAMENTO

1. *Quais as características de São Francisco nos últimos anos de sua vida?*
2. *Quais as doenças que atacaram São Francisco?*
3. *Em que circunstâncias São Francisco compôs o Cântico do Sol?*
4. *Quais as recomendações de São Francisco no assim chamado Pequeno Testamento de Siena?*
5. *Quais gestos humanos mais impressionam você nos últimos dias da vida de São Francisco?*
6. *Quais os fatos mais significativos que se registraram assim que Francisco acabara de morrer?*
7. *Quais as lições que tiramos da morte de São Francisco?*

Apêndice

TESTAMENTO DE SÃO FRANCISCO

1. Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado parecia-me deveras insuportável olhar para lê prosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia para com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto me demorei bem pouco e abandonei o mundo.

2. E o Senhor me deu tanta fê nas igrejas que com simplicidade eu orava e dizia: "Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, em todas as vossas igrejas que estão no mundo inteiro, e vos bendizemos, porque por vossa santa cruz remistes o mundo!"

3. E o Senhor me deu e ainda me dã tanta fê nos sacerdotes que vivem segundo a forma da santa Igreja romana, por causa de suas orndes, que, mesmo que me perseguissem, quero recorrer a eles. E se tivesse tanta sabedoria quanta teve Salomão e encontrasse sacerdotes pobres deste mundo, nas paróquias em que eles moram, não quero pregar contra a vontade deles. E hei de respeitar, amar e honrar a eles e a todos os outros como a meus senhores. Nem quero considerar pecado algum neles porque neles reconheço o Filho de Deus e são os meus Senhores. E procedo assim por que do mesmo altíssimo Filho de Deus nada enxergo corporalmente neste mundo senão o seu santíssimo Corpo e Sangue, que eles consagram e somente eles administram aos outros. E quero que estes santíssimos misterios sejam honrados e venerados acima de tudo em lugares preciosos. E onde quer que encontre em lugares inconvenientes os seus santíssimos nomes e palavras escritos, quero recolhê-los e peço que sejam recolhidos e guardados em lugar decente. E devemos honrar e respeitar todos os teólogos e os que nos ministram as santíssimas palavras divinas como a quem nos ministra o espírito e a vida.

4. E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu devia fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu o fiz escrever com palavras de modo simples e o Senhor Papa m'o confirmou. E os que vinham abraçar este gênero de vida distribuíam aos pobres o que acaso possuíam. E eles se contentavam com uma só túnica remendada por dentro e por fora, com um cingulo e as calças. E mais não queríamos ter. Nós clérigos recitávamos o ofício divino como os demais clérigos; e os leigos diziam os Pai-nossos. E gostaríamos muito de estar nas igrejas. Éramos iletrados e nos sujeitávamos a todos.

5. E eu trabalhava com as minhas mãos e quero trabalhar. E quero firmemente que todos os outros irmãos se ocupem com trabalho honesto. E os que não souberem trabalhar aprendam, não por interesse de receber o salário do trabalho, mas por causa do bom exemplo e para afastar a ociosidade. E se acaso não nos pagarem pelo trabalho, vamos recorrer à mesa do Senhor e pedir esmola de porta em porta.

6. Como saudação revelou-se o Senhor que dissêssemos: "O Senhor te dê a paz!"

7. Evitem os irmãos de aceitar, em caso algum, igrejas, habitações e tudo o que fôr construído para eles, se não estiverem conforme com a santa pobreza que prometemos pela regra, morando sempre nelas como forasteiros e peregrinos.

8. Mando severamente sob obediência a todos os irmãos, onde quer que estejam, que não se atrevam a pedir à Cúria Romana algum rescrito, nem por si, nem por pessoa intermediária em favor de igreja ou outro lugar qualquer, nem sob pretexto de pregação, nem por causa de perseguição corporal. Ao contrário, sempre que não forem aceitos em alguma parte fujam para outra terra para ali fazer penitência com a bênção de Deus.

9. E quero firmemente obedecer ao ministro geral desta fraternidade e ao guardião que lhe aprouver dar-me. E de tal modo quer estar como prisioneiro em suas mãos que fora da obediência ou contra a sua vontade não possa ir a parte alguma, nem empreender nada, porque ele é meu Senhor. E embora seja eu simples e enfermo, quero contudo ter sempre junto de mim um clérigo que reze comigo o ofício, se-

gundo manda a regra.

10. E todos os outros irmãos estejam obrigados a obedecer de igual modo aos seus guardiães e a rezar o ofício como manda a regra. E se acaso houver quem não rezae o ofício segundo o preceito da regra e introduzir um modo diferente ou não seja católico, todos os irmãos, onde quer que estiverem e acharem um deles, são obrigados sob obediência a levá-lo ao custódio mais próximo do lugar onde o tiverem encontrado. E o custódio esteja gravemente obrigado sob obediência a mantê-lo sob guarda severa como prisioneiro, dia e noite, de modo que não possa escapar de suas mãos, a tẽ que o entregue pessoalmente às mãos de seu ministro. Também o ministro esteja gravemente obrigado por obediência a enviá-lo por tais irmãos que o guardem dia e noite como um preso, até que o apresentem ao Senhor de Ostia, que ẽ o senhor, protetor e corretor de toda a fraternidade.

11. E não digam os irmãos: "Esta ẽ outra regra", porque ẽ uma recordação, admoestação, exortação e meu testamento que eu, Frei Francisco, o menor de todos, deixo para vós, meus irmãos benditos, a fim de que possamos observar mais catolicamente a regra que prometemos ao Senhor.

12. E o ministro geral e todos os demais ministros e custódios estejam obrigados sob obediência a nada acrescentar a essas palavras, nem tirar coisa alguma. E tenham sem pre consigo este escrito, junto à regra. E em todos os capítulos que fizerem, quando lerem a regra, leiam também essas palavras. E ordeno severamente sob obediência a todos os irmãos, clérigos e leigos, que não façam glosas à regra nem a estas palavras dizendo: "Assim ẽ que devem ser entendidas". Mas como o Senhor me concedeu dizer e escrever de modo simples e claro a regra e estas palavras, assim as entendais, com simplicidade e sem comentário, e as observeis com santo fervor até o fim.

13. E todo aquele que as observa seja no céu cumulado com a bênção do Altíssimo Pai, e seja na terra com a bênção de seu diletíssimo Filho em unidade com o Espírito Santo Paráclito, com todas as virtudes do céu e todos os santos. E eu, Frei Francisco, o menor de vossos irmãos, vos confirmo, quanto posso, interior e exteriormente, esta santíssima bênção.

Quinta Parte:

**O TIROCÍNIO BÁSICO EM PRIMEIRO NÍVEL
REUNIÕES DE FRATERNIDADE**

1. *Articulação de nosso plano de ação na Igreja e no mundo.*
2. *Revisão das exigências elementares de nossa vida em fraternidade.*
3. *B e r l i n d a*
4. *Revisão de nossa dinâmica de reunião*
5. *Revisão de nossa dinâmica de pensamento.*
6. *Questionamento de nossa adesão à Ordem Franciscana*
7. *B e r l i n d a*
8. *Revisão de nosso plano de ação na Igreja e no mundo.*

*Primeira Sessão***ARTICULAÇÃO DE NOSSO PLANO DE AÇÃO NA
IGREJA E NO MUNDO**

Nessa sessão o grupo se reúne sob a coordenação do Departamento de Vivência Fraterna para elaborar seu plano de atividades apostólicas, escolhendo suas Agendas de trabalho conforme sugerem as páginas 73-74 ou fôr solicitado pelos agentes da pastoral. A reunião poderá abranger mais de uma sessão, conforme o caso. Seguirá o roteiro seguinte:

1. ENTREVISTA - O grupo buscar entrar em contato com os agentes da pastoral local (= paroquial ou diocesana). Pede a esses agentes que lhes falem dos planos da pastoral local, e pede para que digam em que setores, particularmente, desejariam que a JUFRA atuasse. Se fôr o caso, pede a eles que ministrem ao grupo algum curso especial a fim de habilitá-lo ao trabalho pastoral.

2. PLANEJAMENTO - De acordo com a técnica aprendida no Treinamento (= cfr. pag. 55) o grupo elabora seu plano de ação.

3. APROVAÇÃO - Submete o plano à aprovação dos agentes da pastoral local (= pároco ou bispo).

4. FEEDBACK - Reúne-se seguidamente para rever o andamento das atividades. Nessas reuniões deve sempre procurar que os agentes da pastoral local estejam presentes.

Segunda Sessão

**REVISÃO DAS EXIGÊNCIAS ELEMENTARES DE
NOSSA VIDA EM FRATERNIDADE.**

O grupo se reúne para rever a tradução prática, em fatos concretos, da primeira parte do treinamento. A reunião poderá seguir o seguinte roteiro:

1. Forma-se equipes de revisão, compostas de três a cinco membros.
2. As Equipes tomam o texto do Treinamento, e fazem leitura da matéria contida nas páginas 17 a 35. No final da leitura, respondem ao seguinte questionamento:
 - a) Sinais que indicam que nosso grupo está crescendo na mística de fraternidade, e sinais que indicam o contrário.
 - b) Sinais que indicam que certas pessoas membros do grupo estão realmente mudando de vida. Quais essas pessoas?
 - c) Sinais que indicam que estamos influenciando na história de nossa comunidade local (= família, sociedade, Igreja, escola, clubes etc.).
 - d) Sinais que indicam que nosso grupo está sendo bem aceito ou não está sendo aceito pela Igreja local e pela sociedade local.
 - e) De que maneira cada um de nós está vivendo ou não está vivendo o Ideal Franciscano de Vida?
 - f) Que resultados estão obtendo e que dificuldades estão enfrentando as nossas Equipes de Entre-Ajuda fraterna?
 - g) Quais as normas da Regra de Jogo de nosso Fraternismo Franciscano não estamos observando? Que fazer para melhorar?
 - h) Em que pé está o trabalho de nossas Equipes de Entre-Ajuda Fraterna?
3. Reúne-se o plenário das Equipes e essas lêem o resultado do questionamento acima. Após a exposição de cada Equipe, procede-se ao QUESTIONAMENTO do que cada equipe disse, e ao PRONUNCIAMENTO

das demais equipes sobre o trabalho, ou melhor, sobre as respostas dadas pela equipe.

4. *Elabora-se, no final, uma conclusão geral para o melhoramento do grupo no que se refere à vivência das exigências elementares da vida em fraternidade.*

Terceira Sessão

REUNIÃO DE CORREÇÃO FRATERNA (Berlinda)

Reúne-se o grupo para a reunião de correção fraterna propriamente dita. Essa reunião deve ser bem preparada espiritualmente. No começo da reunião, o Animador deve advertir cuidadosamente o grupo de que se trata de uma reunião na qual cada um está comprometido a FALAR TUDO e a OUVIR TUDO. Adverte, de igual modo, que se trata de uma reunião na qual a dinâmica de grupo e de pensamento deverá ser observada esrupulosamente, sobretudo no que se refere ao uso da palavra com autorização do animador, e no que se refere ao questionamento e às opiniões, ou melhor, à manifestação de opiniões. O roteiro da reunião é o seguinte:

1. Um membro do grupo, por própria iniciativa, ou por convocação do Departamento de vivência Fraterna, coloca-se no meio do grupo, e busca abrir-se, desabaçar magoas, acusar, fazer reivindicações, apontar erros, dizer o que pensa. Os demais a escutam. Quem está na reunião sabe que, nesse momento, VALE TUDO, e por conseguinte não poderá se ofender com o que é dito. Quem não é capaz de ouvir coisas duras sem se ofender, e se magoar, não deverá participar dessa reunião. O animador também não deve esquecer de fazer essa advertência no início da reunião, inclusive interrogando um por um para que explicita de novo sua aceitação dessa norma.

2. O grupo questiona quanto quiser o desabaço que ouviu. O jufrista em berlinda responde às perguntas. O animador deve estar atento para que, nesse momento, APENAS sejam formuladas PERGUNTAS. Não permite absolutamente que se formulem depoimentos, pronunciamentos, defesas, ataques etc.

3. Os participantes, obrigatoriamente, um por um, pronuncia-se sobre o que ouviu. O jufrista em berlinda ouve

calado o que os outros dizem. Se quiser, pode ir anotando por escrito o que ouve.

4. O jufrista em berlinda, depois que ouviu o que os outros tinha para dizer, toma a palavra novamente e se pronuncia sobre o que ouviu, tecendo os comentários que lhe aprouber.

5. O Secretário pede ao jufrista em berlinda e aos demais que sugeriram uma conclusão prática da Berlinda, em forma de compromisso, de promessa, de reparação ou de meta a ser seguida.

Quarta Sessão

REVISÃO DE NOSSA DINÂMICA DE REUNIÃO

O grupo se reúne para a rever a tradução prática, em fatos concretos, da maneira como faz reuniões, ou seja, da sua dinâmica de reunião. Roteiro:

1. Forma-se Equipes de revisão, compostas de três a cinco membros.

2. As Equipes tomam o texto da sessão sexta do Treinamento (cfr pag. 37-41) e o revisiona numa leitura a tenta. Em seguida responde ao seguinte questionamento:

- a) De modo geral, como está indo nossa dinâmica de reunião? Que resultados estamos obtendo e dificuldades estamos encontrando?
- b) Quem de nós mais está se destacando nas lideranças de reunião?
- c) Quem de nós está precisando melhor em suas lideranças de reunião? Quem está sendo omisso de maneira que invalida o Tirocínio em primeiro nível?
- e) Quem precisa melhorar sua liderança de Animador, Secretário, Recepcionista, Cronometrista, Espiritualizador e outras lideranças de cultivo?

3. Reúne-se o plenário das Equipes, que lêem o resultado do questionamento, deixam-se questionar pelos participantes e ouvem o parecer dos mesmos.

4. Elabora-se finalmente uma conclusão de compromisso para melhorar a dinâmica de reunião do grupo.

Quinta Sessão

REVISÃO DE NOSSA DINÂMICA DE PENSAMENTO

O grupo se reúne para rever a tradução prática, em fatos concretos, da maneira como trata assuntos em reuniões, ou seja, da sua dinâmica de pensamento. Roteiro:

1. Formam-se Equipes de revisão, compostas de três a cinco membros.

2. As Equipes tomam o texto das sessões sétima e oitava do Treinamento (cfr. pag. 41-57) e o revisam numa leitura atenta. Em seguida responde ao seguinte questionamento:

- a) De modo geral, como vai indo nossa maneira de tratar assuntos em reunião de estudo ou de fraternidade? Que resultados estamos obtendo e que dificuldades estamos encontrando?
- b) Quem de nós mais está se destacando nas lideranças de pensamento?
- c) Qual o nível de nossa habilidade para questionar e para opinar sobre os assuntos?
- d) Quem de nós está precisando melhorar em suas lideranças de pensamento, como explicitador, como secretário, como questionador, ou como opinador.

3. Reúne-se o plenário das Equipes, que lêem o resultado do questionamento, deixam-se questionar pelos participantes e ouvem o parecer dos mesmos.

4. Elabora-se finalmente uma conclusão de compromisso para melhorar a dinâmica de pensamento do grupo.

Sexta Sessão

**QUESTIONAMENTO DE NOSSA ADESÃO
À ORDEM FRANCISCANA**

O grupo se reúne para rever sua adesão à Ordem Franciscana, em particular o compromisso de vida franciscana secular de viver o Evangelho, em Fraternidade conforme a Regra de São Francisco. Roteiro:

1. Formam-se Equipes de revisão, compostas de três a cinco membros.

2. As Equipes tomam o texto do Treinamento, e fazem leitura da matéria contida nas sessões nove a quinze (= cfr. pag. 58 a 83) No final da leitura, responde ao seguinte questionamento:

a) Até que ponto o ideal franciscano de vida, ou seja, a vida na Ordem Franciscana está respondendo aos anseios de cada um de nós?

b) De que maneira cada um de nós está vendo sua adesão à Ordem Franciscana Secular?

c) De que maneira nosso Secretariado Executivo está desempenhando seu governo na Fraternidade? Em especial o Secretário Executivo e os Departamentos de Vivência Fraterna e de Formação?

d) Qual está sendo na prática a nossa ligação com nossos irmãos da primeira Ordem? Em especial, nossa ligação com o Assistente Espiritual de nossa Fraternidade?

e) De que maneira estamos observando o fluxograma de admissão na Fraternidade?

f) Até que ponto nosso Tirocínio está sendo bem conduzido? Quais suas falhas? Quais seus resultados? Quais as suas dificuldades?

g) Quais as vicissitudes que geralmente levam nosso grupo a entrar em crise? De que maneira estamos resolvendo "franciscanamente" nossas crises de grupo?

3. Reúne-se o plenário das Equipes, que lêem o resultado do questionamento, deixam-se questionar pelos participantes e ouvem o parecer dos mesmos.

4. Elaboram-se finalmente uma conclusão de compromisso para melhorar a dinâmica de nossa adesão à Ordem Franciscana.

Sétima Sessão

REUNIÃO DE CORREÇÃO FRATERNA (Berlinda)

Cfr. roteiro da pag. 190.

Oitava Sessão

REVISÃO DE NOSSO PLANO DE AÇÃO NA IGREJA E NO MUNDO.

O grupo se reúne para rever o plano de ação na Igreja e no mundo. Essa reunião precisa contar com a presença de um dos responsáveis entre os agentes da pastoral local. Para o trabalho de revisão do plano de ação, segue-se o mesmo roteiro com o qual foi feito o plano, isto:

1. Examina-se o ONDE
2. Examina-se o QUANDO
3. Examina-se o QUEM (prestadios, frutivos, implicados e responsáveis).
4. Examina-se as AGENDAS do Plano: o que se prometeu fazer.
5. Examina-se os SÍMBLOS do Plano: os meios de comunicação com prestadios, frutivos, implicados e responsáveis.
6. Examina-se as PRAXES do Plano, isto é, as técnicas os métodos, os jeitos etc.

7. Examina-se os VALORES do plano: isto é, o recursos do plano, os gastos de tempo e dinheiro, as exigências de qualificação para o trabalho etc.

8. EXAMINA-se as CRENÇAS do plano: isto é, os princípios que norteiam o trabalho, os critérios de pastoral, os objetivos, as metas etc.

9. Examina-se sobretudo as SANÇÕES do plano, isto é, os RESULTADOS obtidos, as DIFICULDADES encontradas, as su gestões para melhorar, os novos rumos a tomar.



Apêndice

FLUXOGRAMA GERAL DO TIROCÍNIO EM PRIMEIRO NÍVEL

1. *Francisco se encontra com Cristo*
2. *Articulação do plano de ação*
3. *Francisco descobre o Evangelho*
4. *Revisão das exigências elementares da vida fraterna*
5. *Francisco se converte para Cristo*
6. *Berlinda : Reunião de correção fraterna.*
7. *Francisco de Assis adere a Cristo.*
8. *Revisão da dinâmica de reunião*
9. *Francisco e a Igreja na alegria e na Paz.*
10. *Revisão da dinâmica de pensamento*
11. *São Francisco e as criaturas*
12. *Questionamento de nossa adesão à Ordem Franciscana*
13. *São Francisco no final de sua vida*
14. *Berlinda: Reunião de correção fraterna*
15. *A morte de São Francisco*
16. *Revisão do plano de ação.*

Sexta Parte:

**SUBSÍDIOS PARA A ESPIRITUALIZAÇÃO
NAS REUNIÕES**

- a) *Orações*
- b) *Salmos*
- c) *Cantos*

*Primeira Sessão***ORAÇÕES****1- GLORIA A TI, FRANCISCO!**

GLORIA A TI, Francisco, paladino infatigável da fé, singular bandeirante, que à conquista do ouro que fulgura, ou das esmeraldas que falscam, preferiste a conquista mais alta dos corações e das almas!

Glória a ti, Francisco, vitorioso predestinado! O conforto e o supérfluo acolchoaram-te o berço, mas quiseste viver na indigência e morrer sobre a terra nua, amortalhado na cinza, grande na tua miséria, sublime na tua renúncia!

Glória a ti, Francisco, pregoeiro intemorato do Cristo! A tua alma foi como um céu estrelado, um enorme céu estrelado, cheio de luz, de músicas e de aromas. A riqueza não te seduziu, o poder não te fascinou, as vaidades não te tentaram. Sobre a estrada áspera que palmilhaste, e que a princípio encheste com a algazarra e a turbulência da juventude, estendeste depois o tapete macio de tua humildade, e passaste, sereno e meigo, como uma visão consoladora!

Gloria a ti, "Poverello", que foste mais rico que todos os nababos da terra, porque tua riqueza era esse amor infinito que entesouravas no coração e no qual envolvias todos os seres e todas as coisas!

Glória a ti, Francisco, generalissimo dos exércitos incruentos da Igreja! Teu coração foi como uma divina encruzilhada por onde todos os peregrinos passaram e receberam de ti uma gênção, uma esmola ou um sorriso. Todas as barreiras que separam os povos, - as paixões e as traficâncias, os idiomas e as raças, - desmoronavam-se ao influxo de tua ternura niveladora, que alongava os braços para acolher e para perdoar!

Gloria a ti, Francisco, que rejuvenesceste o cristianismo e esmaltaste de um viço novo as flores do Evangelho. A barca de Pedro, batida de tantos ventos contrários, cer-

cada de tantos arrecifes, poudes, graças ao encanto do teu exemplo e à fascinação de teu verbo, deslizar em mar de bonança!

Glória a ti, Francisco, homem das grutas e das multidões! Quis o destino que a mesma terra que foi testemunha do orgulho dos Césares e da insolência romana, das legiões opressoras e do fasto cortesão, te visse a ti e a teus discípulos, sob as inclemências da neve, da chuva e da canícula, palmilhando inermes todos os caminhos, com os pés magoados e poeirentos, mas entoando um hino ao martir do Calvário!

Glória a ti, Francisco, que exalçaste a alegria, que quiseste ver sempre o sorriso em todos os lábios, que dignificaste a pobreza e cultuaste a castidade! No teu coração era sempre domingo, porque nele se estava sempre a celebrar a perpétua, a luminosa festa do amor e da bondade!

Glória a ti, Francisco, que louvaste o sol, que socorreste os leprosos, que abençoaste a vida! Foste "bom e simples como o pão", e como as águas da montanha, mitigaste muita sede. Os pássaros, os teus queridos irmaozinhos, não te ouvirão mais pregar, mas hoje, oitocentos anos depois de tua morte, tua recordação ainda conforta as almas e embalsama, poetiza o mundo! A terra onde imprimiste teu passo leve, enobreceu com tua vinda, e não te esquecerá nunca mais!

(Da Antologia COLMEIA CRISTÃ)

2. ORAÇÃO A SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Doce paladino do amor universal, que trocaste a panóplia e as sedas alacres do cavaleiro andante pelo burel do frade, e não foste a conquistar o sepulcro de Cristo mas lhe reviveste a vida, libertando-a as vaidades e das paixões do século!

Alma de serafim perdido à flora da terra, meigo jornal do amor divino, poeta extraordinário, que da úmbría verde e mística te saíste cantando pelo mundo afora a bon

dade e a beleza de todas as coisas!

Patriarca êmulo dos Basílios e dos Bentos, verônica viva do crucificado, asceta singular, que encheste o universo com a revoada seráfica dos teus filhos, a exalarem, de entre as páginas balbuciantes dos Fioretti, o aroma evangélico da caridade ingênua e simples!

Francisco de Assis, derra ainda hoje, como outrora, numa grande bênção, o teu espírito sobre o mundo inquieto pelos anseios do gozo e devastado pelas cruizas da guerra, pregando-lhe, à luz desse teu corpo esquelético e chagado, que a verdadeira felicidade não reside na satisfação mas na renúncia, não está na ausência dos males da vida, mas na paciência em sofrê-los cristãmente, não consiste no panteísmo elegante e absurdo dos que pretendem ressuscitar o grande Pan, mas sim no amor de Deus, de quem há sempre um sorriso em cada criatura, porque ele é o mancial de toda a vida e o arquétipo de todas as belezas!

Infunde em nossas almas esse espírito que é todo teu, mixto de poesia e de prece, espírito de todas as criaturas, para subir a Deus nas estrofes arrebatadas do teu Cântico ao sol e a todos os seres, da mesma maneira que as tuas amigas, as cotovias, as aves do êxtase, ao sentirem os espasmos da alegria à luz dourada e quente das primaveras, abrem instintivamente as asas, porém, longe de rastejarem pelas flores do vale, alcandoram-se no azul, como se cantassem a vida no que ela tem de mais sublime: os frêmitos para o alto e para o infinito!

D. AQUINO CORREIA
Arcebispo de Cuiabá e membro da
Academia Brasileira de Letras.

3. LOUVORES A DEUS

(Escreveu-os S. Francisco no reverso de um bilhete
que escreveu a Frei Leão)

Tu és santo, ó Senhor Deus único que operas maravilhas!
Tu és Forte, tu és Grande, tu és o Altíssimo.
Tu és o Rei onipotente, o Pai santo, o Rei do céu e da terra.

Tu és o Senhor Deus Uno e Trino, o Bem universal.
Tu és o Bem, todo o Bem, o sumo Bem, o Senhor Deus
vivo e verdadeiro
Tu és a Caridade, o Amor.
Tu és a Sabedoria. Tu és a humildade.
Tu és a Paciência. Tu és a Segurança. Tu és o Descanso.
Tu és a Alegria e o Júbilo. Tu és a Justiça e a
Temperança.
Tu és toda a Riqueza e Abastança.
Tu és a Beleza. Tu és a Mansidão.
Tu és o Protetor. Tu és o Guarda e Defensor.
Tu és a Fortaleza. Tu és o Alívio.
Tu és a nossa esperança. Tu és a nossa fé.
Tu és a nossa grande doçura.
Tu és a nossa Vida Eterna, ó grande e admirável Senhor,
Deus onipotente, nosso misericordioso
Salvador!

4. PRESENÇA ESCONDIDA

Não estás; não se vê teu rosto.
Estás. Teus raios se projetam em mil direções.
És a Presença Escondida.
Ó Presença sempre obscura e sempre clara!
Ó MISTÉRIO Fascinante para o qual convergem todas as
aspirações!
Ó Vinho embriagador que satisfazes todos os desejos!
Ó Infinito Insondável que aquietas todas as quimeras!
És o Mais-Além e o Mais-Aquem de tudo.
Estás substancialmente presente em todo o meu ser.
Tu me comunicas a existência e a consistência.
Tu me penetras, me envolves e me amas.
Estás em torno de mim e dentro de mim.
Com tua presença ativa alcanças até as mais remotas e
profundas áreas de minha intimidade.
És a Alma de minha alma, a Vida de minha vida,
mais eu que eu mesmo; a realidade total e
totalizante dentro da qual estou submergido.

Com tua força vivificante penetras tudo quanto sou e tenho.

Toma-me todo inteiro! Ó Tudo de meu tudo! E faze de mim uma viva transparência de teu Ser e de teu amor!

5. SÚPLICA

Dã-me, Senhor, a simplicidade de uma criança, e a consciência de um adulto.

Dã-me, Senhor, a prudência de um astronauta, e a coragem de um salva-vidas!

Dã-me, Senhor, a humildade da lavadeira, e a paciência do enfermo.

Dã-me, Senhor, o idealismo de um jovem, e a sabedoria de um velho.

Dã-me, Senhor, a disponibilidade do Bom Samaritano, e a gratidão do acolhido.

Dã-me, Senhor, tudo o que de bom eu vejo em meus irmãos, a quem tantas dádivas concedestes.

Que assim, Senhor, eu me aproxime de um Santo, ou melhor, que eu seja como tu queres:

Perseverante como o pescador, e esperançoso como o cristão.

Que permaneça no caminho de teu Filho e no serviço dos irmãos. Amém.

6. PAZ

Senhor,
Enche de esperança o meu coração e de doçura os meus lábios!

Põe nos meus olhos, a luz que acaricia e purifica,
nas minhas mãos o gesto que perdoa e constrói.

Dã-me a coragem para a luta,
a piedade para os insultos,
a misericórdia para as ingratidões
e as injustiças.

Limpa da inveja e ambição mesquinha a minha alma,
do ódio e da vingança o meu caminho.

E, que ao voltar novamente ao calor do meu leito,
possa eu sentir, no mais íntimo do meu ser,
a tua presença!

7. PARAR

Como é bom parar...

Senhor, nesta hora da vida eu gostaria de parar.

Para que tanta corrida? Para que toda essa pressa?

Eu já não sei parar.

Eu já não sei rezar.

Fecho agora os meus olhos. Quero falar contigo, Senhor!

Quero abrir-me ao teu mundo, mas meus olhos não
querem ficar fechados.

Sinto uma agitação frenética em todo o meu corpo
que corre, que anda, que busca, que se agita.

Nesta hora da vida eu gostaria de parar...

Para que esta corrida? Para que esta agitação?

Eu não posso salvar o mundo. Eu não consigo fazer
tudo aquilo que me parece importante demais.

Nada é importante demais.

Eu sou apenas uma gota de água no imenso oceano
da tua maravilhosa criação.

O importante mesmo é parar de vez em quando,
buscar tua face bendita, e tentar dizer
que tu és o Grande, o Belo, o Magnífico, o Amor.

O que urge fazer é deixar que tu fales dentro de mim.

E viver na profundidade das coisas e no contínuo
esforço de buscar-te no silêncio do teu mistério.

Meu coração continua a bater. Mas a batida é diferente.

Não estou fazendo nada, não estou correndo.

Não estou voando.

Estou simplesmente diante de ti, Senhor.

E como é bom estar diante de ti.

8. ORAÇÃO DE ABANDONO

Meu Pai

eu me abandono em ti.

Faze de mim o que quiseres.
Por tudo que fizeres de mim
Eu te agradeço.

Estou disposto a tudo, aceito tudo
contanto que tua vontade seja feita em mim
e em todas as tuas criaturas;
Não desejo nada mais, meu Deus.

Ponho minha alma entre tuas mãos,
entrego-a a ti, meu Deus,
com todo ardor de meu coração
porque te amo,
e é para mim uma necessidade de amor
dar-me,
entregar-me em tuas mãos sem medida,
com infinita confiança,
porque tu és meu Pai. Amém.

9. ABANDONO

Nunca é longo demais o caminho
Para se chegar ao encontro do amigo
Nem pequeno demais o lugar
onde Ele se encontra.
Se os homens generosos tomam o caminho
para chegar junto a ti
e te pedem, com insistência
os estados espirituais,
um após outro...

Nós, ao contrário,
deixamos os cavalos de viagem
na etapa do total abandono
à tua vontade
e renunciamos à viagem em que
sempre paramos e partimos de novo...

Ajoelhamos as montarias
diante da soleira de tua casa,
Ó meu Deus, nossos interesses...
te confiamos todos, totalmente.

Governa, pois,
como for do teu agrado;
não nos deixes ir
ao saber de nossas previsões,
ô Deus de majestade!

10. DIANTE DE TEU ROSTO, SENHOR

Eu te busquei, Senhor, de acordo com minhas forças e na medida em que me deste poder, e almejei ver com minha diligência o que minha fé acreditava, e disputei e cansei em demasia.

Senhor, meu Deus, minha única esperança, ouve-me para que não sucumba ao desalento e deixe de te buscar; ansiei por teu rosto com ardor.

Dá-me forças para a busca. Tu me te fizeste encontrar e me deste esperança de um conhecimento mais perfeito.

Diante de ti estão minha firmeza e minha docilidade: cura esta, conserva aquela. Diante de ti estão minha consciência e minha ignorância; se me abres, recebe quem entra e se me fecha a porta, abre ao que chama.

Faze que me lembre de ti, que te compreenda e te ame. Aumenta em mim estes dons até minha reforma completa.

11. SENHOR DA VITÓRIA

Quando tudo desmoronou em nossos projetos humanos, em nossos apoios terrestres, quando nada mais resta dos sonhos mais belos senão a desilusão, quando os melhores esforços e o melhor querer não alcançam o fim visado, quando a sinceridade e o ardor do amor nada podem conseguir, e que o fracasso está aí, desolador e cruel, arruinando grandes esperanças.

Tu permaneces, Senhor, inabalável e forte,
nosso amigo onipotente.
Teus desígnios estão intatos, nada pode impedir
teu querer de chegar ao fim.
Teus sonhos são mais belos, que os nossos,
e tu os realizas.
Tu te serves dos fracassos para um maior triunfo,
jamais és vencido.
Tu que do puro nada fazes surgir
a maravilha do ser e da vida,
tomas nossa impotência em tuas mãos criadoras
com muito amor,
e lhe fazes produzir um fruto que é obra tua,
melhor que nossos desejos.
Em ti, nossa esperança está salva do desastre,
cumulada em plenitude.

12. CONDUZE-ME, DOCE LUZ

Conduze-me, doce luz,
através das trevas que me cercam,
conduz-me sempre mais longe!
A noite é como um tinta negra,
estou longe de tua casa,
conduz-me sempre mais longe!
Ampara meus passos,
não peço para ver desde agora
aquilo que devo ver mais adiante.
Basta, para mim, um único passo de cada vez.

Mas nem sempre fui assim,
nem sempre rezei para que conduzisses,
cada vez mais longe...
gostava de escolher, eu mesmo,
o meu caminho...
Mas, agora conduz-me tu,
sempre mais longe...
Fascinavam-me os dias de glória
e, apesar do medo,
o orgulho dominava minha vida.
Não te lembres mais dos anos já escoados...
durante tanto tempo teu poder me abençoou!

Certamente ele saberá conduzir-me ainda,
cada vez mais longe...
pelo deserto, pelo pântano,
sobre as rochas abruptas,
pela força das torrentes,
até que a noite tenha ido embora
e que venha a manhã sorridente.

Que estes rostos de anjo, que amei outrora,
e que perdi de vista durante muito tempo,
voltem novamente a brilhar.

Conduz-me, doce luz,
conduz-me tu,
sempre mais longe.

Segunda Sessão

SALMOS

13. CÂNTICO DO IRMÃO SOL

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória
e a honra e todo o bendizer.
A ti somente, Altíssimo, são devidos
E homem algum é digno sequer de nomear-te.

Louvado sejas, meu Senhor,
no conjunto de todas as criaturas,
especialmente o senhor irmão sol,
pois ele é dia
e nos ilumina por si.
E ele é belo e radiante com grande esplendor.
E traz o teu sinal, ó Altíssimo.

Louvado sejas, meu Senhor,
pela irmã lua e as estrelas,

no céu as formaste luminosas
e preciosas e belas.

Louvido sejas meu Senhor,
pelo irmão vento e o ar e as nuvens,
e o céu sereno e toda espécie de tempo,
pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvido sejas, meu Senhor,
pela irmã água,
a qual é muito útil e humilde e preciosa e casta.

Louvido sejas, meu Senhor,
pelo irmão fogo,
pelo qual iluminas a noite;
e ele é belo e alegre
e vigoroso e forte.

Louvido sejas, meu Senhor,
por nossa irmã e mãe terra,
que nos alimenta e governa
e produz variados frutos
e coloridas flores e ervas.

Louvido sejas, meu Senhor,
por aqueles que perdoam por teu amor,
e suportam enfermidades e provações.
Bem-aventurados os que sofrem em paz,
que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvido sejas, meu Senhor,
por nossa irmã, a morte corporal,
da qual ninguém pode escapar.
Ai daqueles que morrem em pecado mortal!
Felizes os que estão na tua santíssima vontade,
que a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei a meu Senhor,
e reñdei-lhe graças
e servi-o com grande humildade.

14. SALMO 103: HINO AO CRIADOR

Bendize ao Senhor, ó minha alma,
Sois tão grande ó meu Deus e Senhor.
- Revestido de glória e esplendor
e envolto de luz como um manto.

- Estendeis os céus como uma tenda
construís vosso palácio sobre as águas.
- Vós fazeis das nuvens vosso carro,
caminhais sobre as asas do vento,
- fazeis dos ventos os vossos mensageiros,
do fogo e chama os vossos servidores.
- Firmastes a terra em suas bases;
ficará firme pelos séculos sem fim.
- Os mares a cobriam como um manto
e as águas envolviam as montanhas.
- Ante a vossa ameaça elas fugiram
e tremeram ao ouvir vosso trovão.
- saltam os montes e descem pelos vales
para o lugar que destinastes para elas,
- elas não passam dos limites que fixastes
e não voltam a cobrir de novo a terra.
- Fazeis brotar nos vales as nascentes
que passam serpeando entre as montanhas.
- dão de beber aos animais todos do campo
e os da selva, nelas matam sua sede,
- às suas margens vêm morar os passarinhos,
entre a ramagem eles erguem o seu canto.

II

- De vossa casa, as montanhas irrigais,
saciais a terra com o fruto de vossas obras:
- fazeis crescer o pasto para o gado
e as plantas que são úteis para o homem,
- para que tire da terra o seu pão
e o vinho que alegra o coração,
- para que o óleo ilumine a sua face
e o pão revigore os corações.
- As árvores do Senhor são bem viçosas,
os cedros do Líbano que plantou.
- ali as aves constroem os seus ninhos
e a cegonha faz a casa em suas copas.
- Os altos montes são refúgio dos cabritos,
os rochedos são abrigo das marmotas.
- Para o tempo marcar destes a lua,
o sol conhece a hora de se pôr.
- Estendeis a escuridão e vem a noite,
nela vagueiam as feras da floresta.

- Eis que rugem os leões, buscando a presa e reclamam de Deus seu alimento.
- Quando o sol desponta, se retiram e vão deitar-se de novo em suas tocas.
- Então o homem sai para o trabalho, para a labuta que vai até à tarde.

III

- = Quão numerosas, Senhor, são vossas obras + e que sabedoria em todas elas!
Encheu-se a terra de vossas criaturas!
- = Eis o mar, tão vasto, imenso e largo, + no qual se movem seres incontáveis, animais enormes e pequenos.
- Nele os navios vão seguindo as suas rotas + e o monstro marinho que criastes vive nele e nele se diverte.
- Todos eles, Senhor, de vós esperam, que lhe deis o alimento no seu tempo.
- Vós lhes dais o que comer e eles o colhem, vós abris a vossa mão e eles se fartam.
- = Se escondéis a vossa face, se apavoram, + se lhes tirais o seu respiro eles perecem e voltam para o pó de onde vieram.
- Enviais o vosso espírito e renascem e renovais toda a face da terra.
- Que a glória do Senhor perdure sempre, que o Senhor se alegre em suas obras!
- Quando ele olha para a terra, ela estremece, quando ele toca as montanhas, lançam fogo.
- Quero cantar ao Senhor por toda a vida, salmodiar ao meu Deus enquanto existo.
- Que lhe agrade hoje este meu canto, pois o Senhor é a minha grande alegria.
- = Desapareçam da terra os pecadores + e os ímpios deixem de existir!
Bendize ao Senhor, ó minha alma!

15. SALMO 144: HINO À REALLEZA DIVINA

- Ó meu Deus e meu pai, quero exaltar-vos e bendizer o vosso nome pelos séculos.
- Todos os dias bendirei o vosso nome, hei de louvá-lo para sempre e eternamente.
- Grande é o Senhor e muito digno de louvores, sua grandeza não se pode avaliar.
- Uma geração conta à outra vossas obras e publica os vossos feitos poderosos.
- Proclamem todos o esplendor de vossa glória e divulguem as vossas maravilhas.
- De vossa força poderosa todos falam, contam a vossa grandeza imensurável.
- Todos recordam vosso amor que é tão imenso e exaltam, ó Senhor, vossa justiça.
- O Senhor é ternura e compaixão, custa irar-se e é grande no amor.
- O Senhor é muito bom para com todos, e seu amor se estende a tudo o que criou.
- Que vossas obras, ó Senhor, vos glorifiquem e os vossos santos, com louvores, vos bendigam!
- Narrem a glória e o esplendor do vosso reino, e anunciem, ó Senhor, vosso poder.
- Para espalhar vossos prodígios entre os homens e o fulgor de vosso reino esplendoroso.
- O vosso reino é um reino para sempre, vosso poder, de geração em geração.

II

- O Senhor é fiel à sua palavra, é todo amor em cada obra que ele faz.
- Ele sustenta todo aquele que tropeça e levanta todo aquele que tombou.
- A vós, Senhor, todos os olhos se dirigem, E vós lhes dáis o alimento no seu tempo.

- Vós abris as vossas mãos prodigamente e saciais todo ser vivo com fartura.
- O Senhor é sempre justo em seus caminhos , é todo amor em cada obra que ele faz.
- Ele está perto da pessoa que o invoca, e de todo aquele que o procura lealmente.
- O Senhor cumpre os desejos dos que o temem, ele escuta os seus clamores e os salva.
- O Senhor guarda todo aquele que o ama, mas dispersa e extermina os criminosos.
- = Que minha boca cante a glória do Senhor + e que bendiga todo ser seu nome santo desde agora, para sempre e pelos séculos.

16. SALMO 8: MAJESTADE DE DEUS E DIGNIDADE DO HOMEM

- Como é grande por toda a terra o vosso nome, ó Senhor, vós sois nossos Deus!
- Desdobrastes no céu a vossa glória, despertando o louvor dos pequeninos:
- é a força que opondes aos rivais, calando os inimigos e rebeldes.
- Ao ver o céu, que é obra de vossa mão, e a lua e as estrelas que plasmastes,
- que somos nós?... e do homem vos lembrais, com o filho do homem vos ocupais...
- = Vós o quisestes pouco menor do que um deus, de glória e de esplendor o coroastes, de vossas obras lhe destes o governo.
- Vós pusestes a seus pés todas as coisas: as ovelhas, os bois, todo animal,
- os pássaros do céu, peixes do mar, os que fazem das águas seus caminhos.
- Como é grande por toda a terra o vosso nome, ó Senhor, vós sois nosso Deus!

16. SALMO 146: O PODER E A BONDADE DE DEUS

- = Louvai o Senhor porque ele é bom + cantai ao nosso Deus porque é suave: ele é digno de glória e de louvor!
- O Senhor reconstroi Jerusalém e reúne os dispersos de Israel.
- Ele conforta os corações despedaçados, ele enfaixa com cuidado suas feridas.
- a multidão das estrelas ele conta e chama a cada uma por seu nome.
- É grande e onipotente o nosso Deus, não tem limite a sua sabedoria.
- O Senhor Deus ampara os humildes, mas dobra até o chão os criminosos.
- Entoai ao Senhor ação de graças, tocai ao nosso Deus em vossas harpas.
- Ele reveste o céu com nuvens negras e prepara a chuva para a terra.
- Faz crescer a relva sobre os montes e as plantas que são úteis para o homem.
- Ele dá aos animais seu alimento e aos filhotes do corpo que lhe gritam.
- Não é a força do cavalo que lhe agrada, nem se compraz com os músculos do homem,
- os humildes é que agradam ao Senhor, os que confiam e esperam em seu amor!

17. SALMO 114: GRATIDÃO PELA VIDA NOVA

- Eu amo o Senhor porque ele ouve o grito da minha oração.
- Inclinou para mim seu ouvido no dia em que eu o chamei.
- Prendiam-me as cordas da morte, apertavam-me os laços do inferno.
- = Invadiram-me angústia e tristeza + eu, então, invoquei o Senhor: "Eu vos peço: salvai-me, Senhor!"

- O Senhor é justiça e bondade,
nosso Deus é amor-compaixão.
- É i Senhor quem defende os humildes:
eu fui fraco e ele me salvou!
- Ó minh'alma, retorna à tua paz,
é o Senhor quem te faz todo bem!
- * Libertou minha alma da morte +
enxugou, de meus olhos o pranto
e livrou os meus pés do tropeço.
- Andarei na presença de Deus
junto a ele no mundo dos vivos.

18. SALMO 143: GRATIDÃO PELA PAZ MESSIÂNICA

- Bendito seja o Senhor, meu rochedo,+
que adestrou minhas mãos para a luta
e os meus dedos treinou para a guerra!
- Ele é meu amor, meu refúgio,
libertador, fortaleza e abrigo.
- É' meu escudo: é nele que espero,
ele submete a mim as nações.
- = Que é o homem, Senhor, para vós? +
Por que dele cuidais tanto assim
e no filho do homem pensais?
- Como o sopro do vento é o homem
os seus dias são sombra que passa.
- Inclinaí vossos céus e descei.
tocai os montes, que eles fumeguem.
- Fulminai o inimigo com raios,
lançai flechas, Senhor, dispersai-o!
- = Lá do alto estendei vossa mão, +
retirai-me do abismo das águas
e salvai-me da mão do malvado.
- Sua boa só tem falsidade,
sua mão jura falso e engana.

- Um canto novo, meu Deus, vou cantar-vos
e com a lira de dez cordas, louvar-vos,
- a vós que dais a vitória aos reis
e salvais vosso servo Davi.
- Eis nossos filhos quais plantas viçosas:
que eles cresçam felizes e jovens!
- As nossas filhas, semelhantes a colunas
que um artista esculpiu para o templo.
- Nossos celeiros transbordem de cheios,
abastecidos de todos os frutos!
- Nossas ovelhas em muitos milhares
se multipliquem em nossas pastagens!
- O nosso gado também seja gordo +
Não haja brechas em nossas muralhas,
nem desterro ou gemido nas praças!
- Feliz o povo a quem isto acontece
e que tem o Senhor por seu Deus!

Terceira Sessão

CANTOS

19. EM TI CONFIEI

Em ti, em ti confiei, - Prã onde vais levar-me, senhor?
Estou nas tuas mãos de amor - Oh! dize-me, onde vais me
levar - Dize-me, Senhor!

*Min'alma te quer, Senhor, Oh! Deixa-me provar
Este teu amor que sô bem me traz!
Minh'alma te quer, Senhor! Sô, sô em tí, Jesus,
Sô na tua luz estarei em paz.*

Se em ti, se em ti eu me perder, - O que haverá prã mim
depois, Senhor? Se em ti, Jesus, eu me perder - Me fala
se contigo viverei - Fala-me, Senhor!

Jesus, contigo vou viver - E nada me interessa, nada mais!
Irás comigo aonde eu fôr - SEi que comigo sempre irás ficar - Fica em mim, Senhor!

20. RECEBA A CANÇÃO

Receba a canção - Que de mansinho em meu peito surgiu!
Falou-me de amor - Meu coração coisas lindas ouviu!
Eu conheci a voz que cantou:
Era o silêncio de Deus, meu amor!

*Você falou de amor prá mim, Senhor,
E comecei a me despertar!
Você falou de amor prá mim, Senhor,
E com você aprendi a amar!*

Meu Deus chegou - e em silêncio se pôs a falar!
E tudo o que fiz, - Foi a meu Deus com carinho escutar!
Não resisti de gratidão!
Prá ele fiz depois essa canção.

21 - SENHOR, VIM ENCONTRAR-TE

Senhor, vim encontrar-te, - E dizer que eu te amo!
A vida que eu levo quer ser tua,
Por isso estou aqui, Senhor!

*A ti, Senhor, chegarei! Nada temo sei que comigo vais.
Feliz, Senhor, assim, - A meu Deus hei de amar
sempre mais, - Com amor sem fim!*

Eu busco uma alegria - Que traz para mim o céu!
Então a vida irá tornar-se um canto,
Que fiz para louvar meu Deus.

Senhor, hei de levar-te - No caminho que eu seguir!
Prá mim és tudo e não me afastarei,
Do grande amor que teu tanto quês.

22. DEUS AGORA NOS CONVIDA

22. DEUS AGORA NOS CONVIDA

Deus agora nos convida - À sua mesa nos sentar,
E Jesus se torna vida - Para nos alimentar!

*Sõ Deus é a nossa força,
Pão nosso de cada dia,
Jesus dá-se em alimento,
Na Santa Eucaristia.*

Para o bem de seus amigos
Jesus deu-lhes o seu pão,
O alimento que dá vida - Que sacia o coração.

Quem cear da minha carne - Do meu sangue que vos dei,
Viverá eternamente - Eu o ressuscitarei.

Venha digno a este pão - Ele vai lhe abrir o céu
Quem comer indignamente - Deste corpo será réu.

Jesus Cristo é o Mediador, - Tem o mundo em suas mãos
Ele nos conduz ao Pai - E nos une como irmãos.

Ao sairmos nós seremos - O que então falou Jesus,
Disse: Sois o sal da terra - E do mundo sois a luz.

23. HINO DA FRATERNIDADE

É Deus criador de tudo - O mundo é fraternal,
Provê a Fraternidade - Humana e universal.

*Seja Cristo nossa vida
Pra vivermos o amor!
Que é unidade c'os irmãos,
Unidade c'o Senhor.*

Se amais sõ os que vos amam - Os que vos causam prazer,
Dizei-me: Que recompensa - Haveis de então merecer.

Amái, amái uns aos outros - Pediu o Senhor aos seus!
E nisto saberão todos - Que sois discípulos meus!

Amai a todos, a todos - E digo-vos mais assim:
Se ao vosso irmão amardes - Amando estareis a mim.

Que em mim vós permaneçais - A nós Jesus desejou.
Confesso que vos amei
Assim como o Pai me amou.

Já não vos chama de servos - Pois tudo vos revelei.
Sereis, então, meus amigos - Fazendo o que vos mandei.

24. MARIA MINHA MÃE, MARIA

Maria, minha mãe, Maria - Queria te falar de amor.
Mostrar que em meu peito aberto
Cultivo um jardim em flor.

*Cultivo um jardim de rosas
Que não têm espinhos
Prã te machucar.
Cultivo um jardim tão lindo
Rosas perfumadas
Prã te ofertar.*

Maria, eu que não sabia, - Como era tão sublime amar.
Agora, mãe do céu, Maria - Contigo eu sigo a cantar.

*E canto pela vida agora,
Embora encontre pedras
Não vou mais parar.
Pois sei que com você, Maria,
Minha mãe, Maria,
Vou sempre contar.*

Maria, Mãe de Deus, Maria,
Maria, vou sempre te amar.

25. QUÃO GRANDE ÈS TU

Senhor meu Deus, quando eu maravilhado,
Fico a pensar nas obras de tuas mãos.
O céu azul, de estrelas pontilhado,
O teu poder mostrando a criação.

*Então minh'alma canta a ti, Senhor:
Quão grande és tu, quão grande és tu! (Bis)*

Quando a vagar, nas matas e florestas,
A passarada alegre ouço a cantar.
Olhando os montes, vales e campinas,
Em tudo vejo, o teu poder sem par.

Senhor, meu Deus, eu canto o teu louvor,
Pai, tua bondade deu-me grandes dons.
A vida inteira é só por teu amor,
E tudo, tudo eu ponho em tuas mãos.

26. PUS-ME A OUVIR TUA VOZ

*Pus-me a ouvir tua voz - Que no silêncio fala do amor
que tens por mim, Meu Deus! - Tu me amas, eu sei, - inun-
das minha alma com o teu divino amor, Meu Deus!*

*Senhor, a tua paz é paz que eu vi jamais!
Feliz eu sou! Feliz eu sou!
Senhor, te peço não me deixes nunca mais!*

Sou viajero do céu - Um peregrino que um dia espera te
encontrar, meu Deus! - Só a ti bendizer, os teus louvores
quero em alta voz sempre cantar, meu Deus!

27. O PÁSSARO MARRON

Em sua prece matinal se pôs - Um pássaro a cantar.
Betrás de nuvens negras sai - O sol para escutar. Tra-la-la
Vestia o pássaro cantor - Um hábito marron
Cobria-lhe a cabeça um véu - De pano preto bom.
Bom dia, meu gentil cantor - Que dizes a gorgear?
"Ó sol, eu vivo tão feliz, - Nem podes calcular!"

De Deus eu sou o trovador - Não sofro privações.
O Pai me veste, dá meu pão - E eu pago-lhe em canções.

No quente ninho vou dormir - Não temo o furacão.
Ó como é bom meu Pai do céu - Jamais me deixa, não.

Por isso eu vivo a gorgear - De gratidão e amor.
E os anjos cantam lá no céu - Comigo o bom Senhor.

28. IRMÃ CLARA E IRMÃO FRANCISCO

Irmão Francisco, irmão de todo irmão - Clara de Assis, irmã de toda irmã - Cantam ao mundo: só Deus nos bastará.
O amor que é puro sempre vencerá.

Irmão Francisco, vem me ensinar. Clara de Assis, aponta o que fazer para que o Senhor seja o "tudo" em mim, / para servi-lo que devo fazer? Vem dizer:

*Se você quiser seguir a Deus,
Faça poucas coisas, mas as faça bem.
Pedra por pedra, com esperança de ver Jesus,
Dia após dia, com alegria, sempre buscando o além.*

29. LAMENTO DE SÃO FRANCISCO

Chorando, Francisco disse um dia a Jesus:
"Amo o sol, amo as estrelas, amo Clara e suas irmãs.
Amo o coração dos homens, amo todas as coisas belas;
Ó meu Senhor, teu perdão queiras me dar,
Pois a ti somente eu deveria amar.

Sorrindo, Jesus respondeu-lhe assim:
"Amo o sol, amo as estrelas, amo Clara e suas irmãs,
Amo o coração dos homens, amo todas as coisas belas;
Ó Meu Francisco, não mais deves chorar,
Pois tudo o que amas, também eu desejo amar!"

FICHA DE INSCRIÇÃO AO TREINAMENTO

Formulario

NOME _____

filiação _____

data de nasc. _____ Profissão _____

endereço _____

nível de estudos _____

Movimentos de Igreja em que já atuou _____

Habilidades que julga ter _____

Por que deseja aderir à OFS na JUFRA? _____

Que espera do T.B.J. em 1º nível? _____

Diga algo do que pensa sobre Deus _____

Diga algo do que pensa sobre o homem _____

Diga algo do que pensa sobre o mundo _____

LOCAL DO TREINAMENTO _____

Data do Treinamento _____

Treinador _____

assinatura do Depto. de Vivência Fraterna

Lugar e data

Pagou C\$ _____

FICHA DE TIROCÍNIO: 1º NÍVEL

Formulário

NOME _____

filiação _____

data de nasc. _____

endereço _____

Data em que fez o treinamento _____

Treinador _____

SESSÃO	PARTICIPOU	SESSÃO	PARTICIPOU
1a.	_____	8a.	_____
2a.	_____	9a.	_____
3a.	_____	10a.	_____
4a.	_____	11a.	_____
5a.	_____	12a.	_____
6a.	_____	13a.	_____
7a.	_____	14a.	_____

OBSERVAÇÕES _____

COLEGAS DE EQUIPE DE ENTRE-AJUDA _____

O departamento de Formação credencia o titular des sa ficha a participar do 2º nível do T.B.J.

Assinatura do Sub-Secretário do Departamento
de Formação

RELATÓRIO DE TREINAMENTO

Formulário

TREINADOR _____

treinamento realizado em _____

de _____ a _____ para _____ participantes, dos

quais _____ foram admitidos aos postulado. São eles: _____

OBSERVAÇÕES _____

Nº de sessões _____

Taxa de inscrição C\$ _____

Taxa de material C\$ _____

Despesas C\$ _____

Saldo C\$ _____

Assinatura do Treinador

Assinatura do Depto. de Formação

Lugar e data

CONTRATO DE TREINAMENTO

Formulário

A FRATERNIDADE _____
da OFS ___ da JUFRA ___ da 1a. Ordem _____ pede ao Departamen-
to de Assessoria Técnica Treinamento _____
_____ para _____ jovens, a se realizar
na data de _____ a _____ em _____
_____ inícios às _____. O Departamento de
Assessoria Técnica do Secretariado Executivo _____
aceita o compromisso, desde que se verifiquem as seguintes
condições: _____

Taxa de inscrição C\$ _____
Taxa de material C\$ _____
Taxa de manutenção C\$ _____

Assinatura do Departamento de Assessoria
Técnica

Assinatura do REsponsável na Fraternidade

ÍNDICE

Apresentação.....	pag. 1
Princípios da JUFRA dentro da OFS.....	" 3
Itinerário de formação dos jovens na OFs.....	" 7
Instruções sobre a maneira de ministrar o T.B.J.?	" 11
Globograma do primeiro nível.....	" 15
PRIMEIRA PARTE: Exigências da Vida Fraterna.....	" 17
Primeira Sessão: Introdução à mística Franciscana.....	" 18
Segunda Sessão: Introdução ao Treinamento Básico.....	" 21
Terceira Sessão: O Ideal Franciscano de Vida.....	" 24
Quarta Sessão: Equipes de Entre-Ajuda Fraterna.....	" 30
Quinta Sessão: A Regra de jogo do Fraternismo.....	" 32
SEGUNDA PARTE: Aprender a fazer reunião, e tratar assuntos em reunião.....	" 36
Sexta Sessão: Dinâmica de reunião do grupo fraterno.....	" 37
Sétima Sessão: Dinâmica do pensamento do grupo fraterno---	" 41
Apêndice I: Tipos de reunião.....	" 45
Apêndice II: Técnica de Seminário.....	" 46
Apêndice III: Técnica de Mesa Redonda.....	" 47
Apêndice IV: Recursos didáticos para o explicitador.....	" 48
Apêndice V: Roteiro dos Congressos de JUFRA.....	" 50
Apêndice VI: Roteiro de Assembléia Eucarística.....	" 53
Oitava Sessão: Para explicitar e para programar.....	" 55
TERCEIRA PARTE: Articulação do grupo fraterno.....	" 58
Nona Sessão: A JUFRA no quadro geral da Ordem Franciscana-	" 59
Décima Sessão: O Compromisso Franciscano de vida.....	" 64

11a. Sessão: O Governo da JUFRA na OFS-----pag.	66
12a. Sessão: Fluxograma de Admissão na OFS----- "	70
13a. Sessão: Treinamentos e Tirocínios na JUFRA- "	72
14a. Sessão: As crises na vida de um grupo---- "	76
15a. Sessão: Quadro Oficial e eleição----- "	81
Apêndice: Roteiro para o conhecimento dos colegas da Equipe de Entre-Ajuda-----"	84
QUARTA PARTE: Tirocínio Básico: ESTUDOS----- "	93
Primeira Sessão: Francisco se encontra com Cristo"	94
Apêndice: Os tempos que precederam S.Francisco-- "	100
2a., Sessão: Francisco descobre o Evangelho----- "	105
Apêndice I: O Capítulo I dos Fioretti----- "	111
Apêndice II: O "homem" em São Francisco-----"	112
Apêndice III: Os primeiros companheiros de São Francisco----- "	114
Apêndice IV: Francisco era um Hippie medieval?-- "	116
3a. Sessão: Francisco se converte para Cristo--- "	118
Apêndice: O Amor em São Francisco----- "	130
4a. Sessão: Francisco adere a Cristo----- "	132
Apêndice: Como São Francisco amava a Deus----- "	139
5a. Sessão: Francisco e a Igreja----- "	142
Apêndice: Como São Francisco rezava----- "	148
6a. Sessão: São Francisco e as criaturas----- "	151
Apêndice: Como São Francisco amava as criaturas- "	156
7a. Sessão: São Francisco no final de sua vida-- "	159
8a. Sessão: A morte de São Francisco----- "	165
Apêndice: O Testamento de São Francisco----- "	184
QUINTA PARTE: Tirocínio Básico: Revisões----- "	187
1a. Sessão: Articulação do plano de ação----- "	188

2a. Sessão: Revisão das Exigências elementares-----	pag. 189
3a. Sessão: Reunião de correção fraterna-----	" 190
4a. Sessão: Revisão da Dinâmica de reunião-----	" 191
5a. Sessão: REvisão da Dinâmica de Pensamento-----	" 192
6a. Sessão: Questionamento da Adesão à Ordem-----	" 193
7a. Sessão: Reunião de Correção Fraternal-----	" 194
8a. Sessão: Revisão do plano de ação-----	" 194
Apêndice: Fluxograma do Tirocínio em 1º nível-----	" 196
SEXTA PARTE: Subsídios para a espiritualização-----	" 197
1a. Sessão: Orações-----	" 198
Glória a ti, Francisco-----	" 198
2. Oração a São Francisco-----	" 199
3. Louvores a Deus-----	" 200
4. Presença escondida-----	" 201
5. Súplica-----	" 202
6. Paz-----	" 202
7. Parar-----	" 203
8. Oração de Abandono-----	" 203
9. Abandono-----	" 204
10. Diante de teu rosto, Senhor-----	" 205
11. Senhor da vitória-----	" 205
12. Conduze-me, doce luz-----	" 206
SEGUNDA SESSÃO: Salmos-----	" 207
13. Cântico do Irmão sol-----	" 207
14. Salmo 103: Hino ao Criador-----	" 208
15. Salmo 144: Hino à realeza divina-----	" 211
16. Salmo 8: Majestade de Deus e dignidade do homem-----	" 212
16. Salmo 146: O poder e a bondade de Deus-----	" 213

17. Salmo 114: Gratidão pela vida nova-----	pag. 213
18. Salmo 143: Gratidão pela paz messiânica-----	" 214
TERCEIRA SESSÃO - Cantos-----	" 215
19. Em ti confiei-----	" 215
20. Receba a canção-----	" 216
21. Senhor, vim encontrar-te-----	" 216
22. Deus agora nos convida-----	" 217
23. Hino da fraternidade-----	" 217
24. Maria, minha mãe, Maria-----	" 218
25. Quão grande és tu-----	" 218
26. Pus-me a ouvir tua voz-----	" 219
27. O pássaro marron-----	" 219
28. Irmã Clara e Irmão Francisco-----	" 220
29. Lamento de São Francisco-----	" 220
FORMULÁRIOS-----	" 221

Concluiu-se esta edição
em outubro de 1979
impressão e acabamento:



Indústria Gráfica e Editora Ltda
Rua Gen. Vitorino, 41 — Porto Alegre — RS
Fones: 25-6126, 25-8079 e 215566

Esta obra traz a marca de grande experiência. Nasceu não de um laboratório fechado, mas da luta ao ar livre, no apalramento com a dureza que o dia a dia da formação dos jovens oferece. Ele representa o primeiro de uma série que deverá compor um COMPLETO MANUAL de formação da juventude franciscana nas diferentes etapas do postulado, do noviciado e da profissão. Trata-se de uma matéria já amplamente debatida pelas Equipes-Pilotos da JUFRA ao longo de 10 anos de trabalho e, por isso, ele representa o resultado de amadurecido processo de pesquisa, em que estiveram empenhados os que acreditam na validade e na oportunidade atual do carisma franciscano secular. Traz um plano de formação, arrojado e desafiante, destinado aos leigos seculares que se sentem destinatários de um verdadeiro apelo à santidade.

Oxalá a Ordem Franciscana Secular do Brasil, integrada por inúmeros irmãos de vida santa e piedade edificante, possa sentir, nos jovens da JUFRA que ela tanto sofreu para "criar", os herdeiros dignos, seguros e eficazes de seu maravilhoso espírito.

Porto Alegre,
04 de outubro de 1979,
Festa de São Francisco.

O Autor



8

F